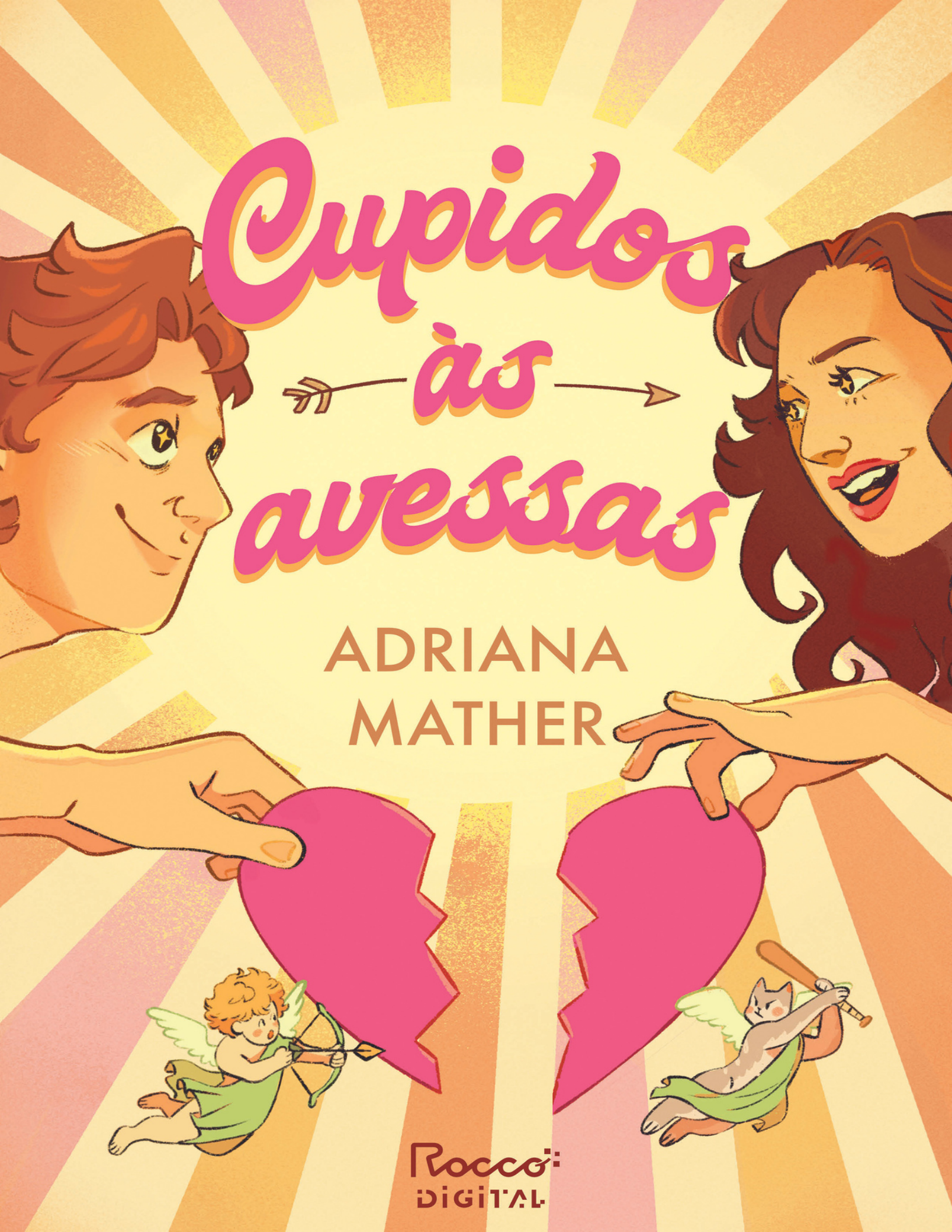
Cupidos às avessas

ADRIANA MATHER



Rocco DIGITAL

ADRIANA MATHER

Cupidos às avessas

Tradução de Isabel Rodrigues

Rocco DIGITAL

Para Candis, minha primeira melhor amiga. Quando tínhamos cinco anos, você empurrou um menino para fora da pista de atletismo da escola porque ele foi malvado comigo. E, no ano seguinte, eu puxei a cadeira de outro menino porque ele tinha batido na sua cabeça com o caderno. Por sorte, nenhuma de nós virou mafiosa, mas tenho certeza de que a gente formaria uma baita dupla num livro de aventura!

E em memória de Smeagle (Swee neste livro) — meu melhor amigo e minha alma gêmea felina. Obrigada não só por ter vivido vinte e dois anos, mas também por ter sido a criaturinha mais incrível e esquisita que já conheci. Você roncava, vivia enfiando a pata no meu café e na minha água, dormia embaixo das cobertas e mordia minhas pernas quando bem entendia. Nunca houve um companheiro de chamego melhor do que você, e ninguém com o coração mais puro que o seu. Vou te amar para sempre.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37

Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Índice

PRÓLOGO

Como não acredito em almas gêmeas e desconfio de que o amor verdadeiro seja apenas uma ideia bonitinha usada para vender filmes e cartões em datas comemorativas, saber que estamos ajudando as pessoas é o que conta.

VERÃO PASSADO

Desço do meu Jeep Wrangler (quer dizer, o Jeep é da Valentine, mas estou fingindo que o carro é meu) no estacionamento do restaurante italiano onde Alice, Valentine e eu viemos há três semanas. Cheguei bem na hora — o namorado dela vive atrasado e a última coisa que eu quero é ser parecido com ele. Embora eu seja sempre bem pontual, ela não sabe disso, porque a real é que ela nem me conhece de verdade.

Alice me vê de longe e, assim que a porta do carro se fecha, vem correndo na minha direção com um sorriso de orelha a orelha e me dá um abraço rápido. Chega a ser difícil acreditar que essa é a mesma garota que conheci há três semanas. Ela era calada, vivia enfiada nuns moletons enormes, sempre de braços cruzados.

Mas agora está radiante; de peito aberto, cabeça erguida.

— Você chegou! — exclama ela, dando um gritinho animado. Dou risada, mas, antes que eu consiga dizer algo, ela já começa a falar. E rápido. — Meu Deus, consegui. Eu já estava decidida, mas lá no fundo achava que ia acabar amarelando, sabe? Mas não, terminei mesmo com ele!

Ela leva a mão à testa, chocada, balançando os cachos loiros para lá e para cá.

Eu me recosto na porta do carro.

— E aí, como ele reagiu?

— Bem como você falou. No início ele ficou confuso. Depois ficou chateado e começou a dizer que era tudo minha culpa. Aí, no final, começou a chorar e prometer que ia mudar. Como você sabia que ele ia...?

Dou de ombros.

— Ele é homem. E eu também. Somos criaturas bem simples.

— Tá bom, pode até ser, mas ele não tem nada a ver com você — diz Alice, aproximando-se tanto de mim que dá para sentir o cheiro cítrico do hidratante dela.

Só que, antes que eu consiga mudar de assunto, ela abraça meu pescoço e me beija. Está de olhos fechados; sei disso porque os meus estão abertos. Também sei exatamente quanto tempo esse beijo vai durar. Três segundos. É aquele típico beijo de agradecimento. Nunca dura muito.

Três... dois... um...

Ela se afasta.

— Obrigada — diz.

Viu?

Ela dá um passo para trás e sinto meu rosto ficar vermelho.

— Não fiz nada — respondo, deixando transparecer na voz um pouco de constrangimento.

— Fez, sim. Eu estava numa situação... complicada e...

— E conseguiu se virar e resolver o problema — completo, dando todo o mérito a ela, não a mim, nem a Valentine, nem às semanas bolando estratégias para ajudá-la. Só a ela.

Ela faz que sim.

— Eu sabia que ele era encrenca. Só que parei de prestar atenção em mim durante tanto tempo que meio que perdi o rumo — explica ela, abrindo os braços e sorrindo. — Mas me conta, o que você enxerga agora quando olha para mim?

Sorrio também.

— Deixa eu pensar... — digo, fazendo um suspense, porque essa é minha parte favorita: o momento em que a paz volta a reinar logo após o término. — Vejo uma pessoa criativa, engraçada, interessante e com um coração bom. —

Agora é Alice que fica vermelha. Desvia o olhar para os meus lábios, sinal de que com certeza está pensando em me beijar novamente, então continuo falando e faço questão de me afastar um pouco. — Fico muito feliz por você, Alice — acrescento, escolhendo as palavras certas para colocar um fim no que estiver acontecendo entre nós.

— Será que também fica feliz... *pela gente*? — pergunta, com um sorrisinho esperançoso.

Não é a primeira vez que alguém acaba querendo algo a mais, só que esse nunca foi meu objetivo. Valentine e eu tentamos ser os amigos de que as pessoas precisam para enxergar a vida com mais clareza. Na maioria das vezes, a gente só precisa acreditar nelas e lembrá-las de que são ótimas. Mas, em algumas situações, essa gentileza acaba sendo confundida com algo mais profundo.

— A questão é que... — digo, deixando o restante da frase no ar.

A verdade é que não tenho mais nada para dizer. Só que ela não sabe disso.

REGRA Nº 13 — Saia assim que concluir o trabalho. Dê o fora antes que as coisas se compliquem.

O silêncio fica mais pesado a cada segundo.

— Chris? — chama ela (na verdade, meu nome é August), mas, como não respondo imediatamente, ela continua: — Que foi? Pode falar.

Balanço a cabeça e repito a mesma coisa que disse para outras duas pessoas neste verão:

— Meu plano era ficar aqui por mais dois meses, mas... — Alice dá um passo para trás, na esperança de que eu não diga o que ela já sabe que vou dizer. — A verdade é que, quando cheguei aqui, odiei tudo. Não via a hora de dar o fora — digo, olhando para ela com um sorriso triste. — Aí... te conheci. E você foi uma amiga maravilhosa. Fez eu me sentir tão à vontade.

Ela suspira de um jeito sonhador e percebo que estou no caminho certo, que vou conseguir fazer o que é preciso sem magoá-la.

— Foi destino. O jeito que a gente vivia se esbarrando por aí — diz ela, e eu assinto. — E agora você está me dizendo que vai embora?

Enfio as mãos no bolso e fico encarando meu All Star.

— Sabe aquela ligação que minha mãe estava esperando? Rolou ontem. Ela conseguiu o emprego, vai dar aula na Indonésia. Vou fazer o último ano lá... —

digo, interrompendo a frase no meio.

— Ah, não — lamenta ela, vindo me abraçar. Faço que sim, a cabeça encostada no cabelo dela. — Até quando você fica aqui?

— A gente vai embora amanhã.

— Amanhã?! — exclama Alice, dando um passo atrás. Olho bem nos seus olhos para ela ver como estou chateado. Ela deixa escapar um suspiro longuíssimo. — Tá bom. Tá bom — diz, e dá para ver que está tentando processar a informação enquanto um monte de emoções passa pelo seu rosto: tristeza, decepção, raiva... E depois... determinação, alegria e empolgação. — Então ainda temos hoje. Vamos ter que aproveitar esta noite ao máximo. Sem contar que a gente vai continuar se falando, né? Tipo, você vai pra Indonésia, não pra Marte.

Acabo sorrindo também só de ver o entusiasmo dela.

— A internet não é das melhores onde a minha mãe vai dar aula... Mas vou me esforçar pra gente continuar se falando.

Abro a boca e fecho logo em seguida, com um sorriso discreto no rosto.

— Que foi? O que você ia dizer?

— Só estava pensando que você é uma garota incrível — respondo, querendo falar para ela tudo que geralmente as pessoas acabam não dizendo umas às outras. Não tem joguinho nenhum. Tudo que digo é de coração. — E que sou muito sortudo por ter tido a oportunidade de passar essas últimas semanas com você. — O rosto dela se ilumina. Depois ela joga a cabeça para trás e sorri, os cachos batendo nas costas. — Até o ar fica com um cheiro diferente quando você está feliz.

Também acabo abrindo um sorriso. Missão dada, missão cumprida. Em poucas palavras, Valentine e eu temos uma fórmula que dá certo. Sempre. Ou pelo menos dava, até eu conhecer Ella.

1
AUGUST

(UM NOME RIDÍCULO QUE MINHA MÃE ESCOLHEU)

As férias de verão — as melhores palavras do mundo — prometem um monte de dias preguiçosos na praia, com sorvete de casquinha na Oficina do Surfe do Tony, ou enrolado na coberta até meio-dia. O fim das aulas do último ano do ensino médio também significa que Valentine (que chamo de Tiny) e eu voltamos oficialmente à ativa, então removemos o banner que dizia "voltamos em breve" da página inicial do nosso site. Em menos de dois dias, o boca a boca (como Tiny adora chamar) já tinha espalhado por aí que estávamos de volta. Depois passamos cinco horas conversando com uma série de pais e melhores amigos angustiados para decidirmos qual seria nosso próximo caso. Agora, temos três semanas para fuçar a vida de outra pessoa e concluir o trabalho.

Tiny tira o chinelo no deque que une o meu quintal e o dela e se senta ao meu lado, balançando os pés sobre a água tranquila. Anunciando o início da noite, as luzes da varanda da casa dela se acendem e os grilos começam a cantar no meio do mato. Iluminada desse jeito, é como se a mansão de Tiny dominasse nosso pedacinho de rio. Perto da dela, a minha humilde casa de ares vitorianos com tinta descascando parece mais um barraco abandonado.

Ela abre um caderno e ajeita uma mecha de seu cabelo, castanho e liso, atrás da orelha. Pela expressão em seu rosto, sei que está se achando o máximo.

— Adivinha quem acabou de falar com os melhores amigos da Katie? — pergunta, arqueando as sobrancelhas. — Eu mesma. Não paravam de elogiar a gente, August. JU-RO. Falaram que nunca tinham visto a Katie tão feliz, que ela está toda empolgada de novo com a faculdade e que está até conversando com os pais na hora do jantar, que nem fazia antes. Ah, e vão escrever uma avaliação maravilhosa sobre a gente no site.

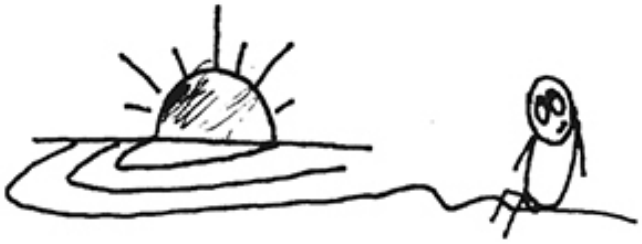
Por aqui, na nossa cidadezinha no litoral de Massachusetts, descolar empregos de verão é moleza. Turistas endinheirados de Boston e Nova York chegam aos montes, lotando casas de temporada, trazendo malas empilhadas nos conversíveis e grana no bolso. Os negócios locais não param de contratar gente. Mas Tiny e eu não estamos tentando arrumar emprego nos restaurantes da orla. Não queremos ser salva-vidas nem estamos atrás de indicações para trabalhar num dos iates do porto. A verdade é que ninguém na cidade sabe o que a gente realmente faz. Nossos amigos acham que estamos há um ano e meio num estágio misterioso na empresa de produção musical do pai de Tiny, em Boston. Já nossa família acha que trabalhamos num bufê. Mas, na real, ganhamos a vida fazendo casais terminarem, e nosso negócio tem o nome mais cafona do mundo: Amor de Verão S.A. — uma mistura dos nossos nomes, August (época de verão no Hemisfério Norte) e Valentine (uma referência a São Valentim, inspiração por trás do Dia dos Namorados).

Tiny (que criou o negócio) adora o nome. E também adora o amor. Ela vê tudo isso como uma forma de ajudar as pessoas a seguirem em frente, colocando um ponto-final nos relacionamentos para que consigam encontrar suas almas gêmeas mais rápido. Já eu gosto do S.A. porque dá um toque profissional a uma empresa que ganha a vida expondo a verdade sobre os relacionamentos para que os envolvidos possam seguir em frente e se recuperar. E, sendo bem sincero, para mim, esse trabalho também tem um lado pessoal. É o tipo de coisa que eu gostaria que alguém tivesse feito pela minha irmã.

— Ótimo — respondo.

Saber que ajudamos Katie traz uma sensação boa, daquelas que te deixa com a cabeça erguida, a postura confiante. Olho para o rio e abro um sorriso, observando as ondinhas refletindo os últimos raios de luz e transformando tudo numa tela em movimento. Sem querer, começo a esboçar um desenho

rápido na minha cabeça — uma mania estranha que pensei ter deixado para trás.



Tiny dá risada.

— Será que dá pra você parar de ser emo por cinco minutos e prestar atenção? Consegui umas informações preciosas sobre nosso próximo caso e preciso que me diga como eu sou genial.

Desvio o olhar da água, fazendo meu desenho imaginário se dissolver nas ondulações, e olho para ela. A alça da blusa branca escorrega do ombro, revelando a parte de cima do biquíni, e vejo que ela está com um sorriso de orelha a orelha, toda empolgada. Um dia desses, comentei (no meio de uma conversa bem otimista sobre o que ela faria para sobreviver a um apocalipse zumbi *e, de quebra*, ainda fazer do mundo um lugar melhor) que na vida passada ela deve ter sido uma árvore de Natal ou fogos de artifício ou qualquer outra coisa bem chamativa e exagerada. Ela respondeu que na *minha* vida passada eu fui Oscar, aquele personagem rabugento de *Vila Sésamo*, só que fazendo arte com objetos aleatórios.

— Nosso próximo caso — repito.

— Isso. Tô tão animada que a gente tá de volta. Esse tempinho que tiramos por causa das provas finais pareceu uma eternidade — desabafa Tiny, entendendo direitinho o que quero dizer só com três palavras. Ela sempre me entendeu, desde que a gente era criança. — Tá preparado para chegar com tudo, desmascarar uns namorados de merda e depois cair no choro dizendo que tem que voltar pro seu emprego de tosquiar saco de ovelha no Canadá?

Dou risada.

— Eu nunca choro. É que às vezes a transformação das pessoas é tão intensa que fico meio emocionado.

Ela fica um tempo me encarando.

— Ah, lógico, porque cair no choro foi a parte mais absurda do que eu disse.

— Tosquiar saco de ovelha é um serviço bem honesto, viu?

— Pra início de conversa, não. Não mesmo — retruca Tiny, abrindo um daqueles sorrisos enormes, acolhedores, o tipo de sorriso que tento replicar quando estou fazendo esses trabalhos, porque, na vida real, o meu não chega nem perto. Sou melhor inventando outras versões de mim mesmo, mas Tiny é o contrário. Sempre foi ela mesma. Ela abre o caderno e continua: — E, antes que eu me esqueça, vou te fazer umas perguntas, então se prepara — anuncia, escondendo a página, como se eu fosse conseguir entender sua letra. — Vamos começar pelo básico, nome completo, data de nascimento, essas coisas.

Apoiando as mãos na madeira, inclino o corpo pra trás e relaxo ao entrar no nosso ritmo de sempre.

— Ella Becker. Nasceu no dia dezoito de agosto numa cidadezinha perto de Boston, bem parecida com a nossa, onde morou a vida toda...

— Deixa só eu corrigir: nenhuma cidade é tão pequena quanto a nossa. — Tiny quer dar o fora daqui desde que descobriu que aviões existem. — Agora, voltando a Ella...

Sorrio, porque nisso a gente concorda: quanto mais longe daqui, melhor.

— O filme favorito dela é *Romeu e Julieta*, aquela versão com o Leonardo DiCaprio. Passa quase todas as tardes num café com os amigos.

Penso nos pais de Ella, com quem conversamos num café a uns vinte quilômetros daqui para evitarmos dar de cara com algum conhecido.

— Ela sempre foi independente e muito determinada — explicou sua mãe enquanto dava uns golinhos no chá de hortelã. — Mas no ano passado mudou completamente.

Tiny começou a folhear as informações que os pais nos deram. Já dava para ver que ela tinha gostado do caso só pelo jeito como começou a reler alguns detalhes.

O pai de Ella apertou os lábios e se empertigou na cadeira. Tinha o cabelo bem rente, estilo militar, mas era só um cara do setor financeiro que gostava de tudo em ordem.

— Tudo começou quando ela conheceu aquele namorado dela, um metido a besta... — disse o pai, e a mãe de Ella tocou o braço dele, que interrompeu o que estava falando. — Enfim, tudo começou por causa dele. Não demorou nem duas

semanas pra ela largar o jornal da escola e virar líder de torcida, tudo por causa do cara, que é jogador de futebol. Depois começou a se candidatar a vagas em faculdades nas quais ela nunca teve interesse, só pra acompanhar as amigas. — Ele se inclinou para a frente. — Estamos vendo listas de faculdades com ela desde o primeiro ano do ensino médio. Ela era doida pra estudar na Europa; é apaixonada por jornalismo de viagem. Agora, mesmo depois de ter passado pra uma faculdade com a qual ela sempre sonhou, em Londres, decidiu ir pra uma em Massachusetts, no meio do nada...

Ele começou a elevar o tom de voz, e a mãe de Ella o cutucou novamente.

Tiny e eu nos entreolhamos, já entendendo tudo.

A mãe de Ella deixou escapar um suspiro.

— Não rejeitamos a faculdade de Londres porque achamos que ela ainda pode mudar de ideia, mas o prazo final para a matrícula é daqui a quatro semanas e ela continua dizendo que não vai. Não sabemos mais a quem recorrer. Precisamos muito de ajuda.

Assenti com a cabeça, e Tiny foi direto até a página de informações no caderno. Mas, antes que ela pudesse explicar como nosso trabalho funciona — como fazemos as pesquisas e a maneira que colocamos o plano em prática —, o pai de Ella a interrompeu:

— Seja lá o quanto vocês estiverem pensando em cobrar, eu pago o triplo — disse. — O que vocês quiserem pra tirar esse cara da vida dela antes que termine o prazo da faculdade.

— Namorado? — pergunta Tiny, encarando o caderno.

— Justin — respondo. — É amigo dos amigos dela, peça-chave no grupinho. Popular. Jogador de futebol. O típico playboy que destrói o jardim da escola com o Porsche do pai e não acontece nada, porque, em vez de fazê-lo assumir a responsabilidade pelos seus atos, os pais inventam que o carro foi roubado. Só pensa no próprio umbigo...

— E no cabelo — interrompe Tiny. — É uma loucura o tempo que ele passa cuidando do cabelo, e as horas que fica tirando selfie para mostrar o cabelo é mais bizarro ainda. — Ela me olha com um sorrisinho travesso. — Infelizmente não é todo mundo que tem a sorte de ter um cabelo partido de lado e com esse movimento natural todo que nem o seu.

Lanço um olhar de advertência para ela, mas isso só faz seu sorriso aumentar. Quando a gente tinha doze anos, cometi o erro de dizer a ela que meu cabelo era a coisa de que eu mais gostava em mim, e ela nunca mais me deixou esquecer disso.

— Quais são os interesses de Ella? — interrompe Tiny, antes que eu consiga me lembrar de alguma situação constrangedora dela para dar o troco.

— Viajar. Quer ser jornalista.

Tiny espera um segundo, mas, como eu não falo mais nada, diz:

— Beleza. Mas você se esqueceu de mencionar que ela tem um blog de astrologia muito popular com o qual é meio obcecada.

Faço uma careta.

— Não esqueci, não.

Tiny revira os olhos.

— August Mariani, você não pode fingir que uma parte importante da vida dela não existe só porque você acha uma bobeira. — Abro a boca, pronto para rebater, mas sei que ela tem razão. — E quanto à reputação social? — continua ela, sem perder o ritmo.

Coço a sobrancelha. Nunca gostei muito dessa parte do trabalho. Sei que é fundamental para conseguir tirar alguém de um relacionamento bosta, mas é justamente o que me incomoda.

— Meio nerd quando era mais nova. Agora é tipo a protagonista de *Meninas malvadas*.

— É, bem popular mesmo — concorda Tiny.

Antes que eu consiga responder, a porta de tela da casinha ao lado da de Tiny bate e sai um cara saradão, sem camisa, com short cáqui e mocassim. É Bentley Cavendish: o típico playboy com um nome que faria aristocratas se sentirem gente como a gente. Também é a única pessoa da nossa idade que mora por essas bandas.

— E aí, Valentine! — diz ele, sorrindo e largando uma caixa térmica na parte dele do deque. — Tem festa lá em casa às nove hoje.

Ele nem se dá ao trabalho de me incluir no convite. Bentley vem aperfeiçoando a arte de me ignorar desde o primeiro ano do ensino médio, quando chamou Tiny para sair e ela recusou. Como não aceitou que a culpa era dele, acabou chegando à conclusão de que o problema era eu.

Tiny dá de ombros.

— Foi mal, hoje é noite de filme — grita ela do outro lado do rio.

Bentley balança a cabeça. Ele sabe bem como são nossas noites de filme. Chegou até a aparecer em algumas na época do ensino fundamental, mas reclamou que a gente não assistia a nada, só conversava e repetia nossas falas favoritas com os atores.

— Me diz que você não vai passar *a primeira sexta-feira do verão* assistindo a um monte de filme velho que você já viu milhares de vezes quando podia passar a noite pulando do deque direto num narval? — retruca ele, apontando para uma caixa cheia de boias em formato de animais.

Tiny ergue as mãos, como quem diz que não tem jeito.

— Isso aí. Mas valeu por convidar a gente.

A gente. É isso que significa ter uma melhor amiga: não tem essa de ficar se exibindo porque ela foi convidada e eu não; até porque não é novidade para ninguém que Valentine é mil vezes mais legal que eu. E também não rola aquele arrependimento disfarçado, como se ela estivesse perdendo uma oportunidade.

Tiny dá as costas para Bentley sem pensar duas vezes.

— Antes de continuar, vamos parar um segundo pra falar sobre a grana que os pais dela ofereceram? — diz ela. — Esse trabalho é *o que estava faltando* pra cobrir as despesas do primeiro ano em Berkeley.

Ela me encara, querendo que eu também sinta toda essa empolgação.

Cursar administração em Berkeley é um SONHO. Mas esse papo todo de despesas não tem nada a ver com ela. Os pais dela bancam tranquilamente os gastos com a faculdade. Tem a ver comigo. E, neste momento, a última coisa que quero fazer é contar para ela que torrei as minhas economias ajudando minha mãe com as contas no ano passado. Mas não tem problema; não preciso contar. Esse trabalho vai me ajudar a me organizar novamente a tempo de pagar as despesas da faculdade.

— A gente só tem quatro semanas pra separar esses dois, August — continua ela, como se eu não tivesse entendido a gravidade da situação.

Concordo com Tiny sobre a parte boa da coisa, mas, para mim, é só mais pressão. Fora que a gente só recebe se o trabalho der certo.

— É maluquice — digo.

— A gente não faz por causa do dinheiro, mas, fala sério, é uma ajudinha e tanto — comenta ela, embora nem precise enfatizar isso; só pegamos casos que valem a pena.

Temos regras (tudo escrito numa das listas de Tiny). Regras que só foram decididas depois de muita discussão, dois anos atrás, quando começamos esse negócio. Tudo para garantir que não pegaríamos casos de amigos com motivos egoístas, pais querendo mandar nos filhos ou, pior, gente babaca e preconceituosa. A ideia nunca foi manipular ninguém, mas colocar tudo em pratos limpos e deixar as pessoas se resolverem por conta própria.

COMO ESCOLHER UM CASO:

1) Os clientes preenchem um formulário on-line explicando por que precisam do nosso serviço;

2) Entrevistamos os casos que se enquadram nos nossos critérios;

3) Fazemos uma pesquisa à parte para nos certificar de que os relacionamentos em questão se encaixam nos pré-requisitos;

4) Selecionamos o caso mais urgente ou o que precise de atenção imediata.

Ella está na etapa número 4. As decisões que tomar nas próximas semanas definirão o rumo da sua vida.

— Que nome você vai usar desta vez? — pergunta Tiny, retornando à parte estratégica da conversa.

Apesar de eu não curtir a parte de ficar analisando as pessoas, até que é divertido (e estranhamente libertador) criar uma nova identidade.

— Holden — respondo, sorrindo.

Ela faz uma expressão de deboche.

— Convencido, hein?

— Com certeza. E, se a cidade dela for que nem a nossa, vou ser só mais um turista cheio da grana com um barco e um bom coração.

Tiny cai na risada.

— Genial. Você deve ter puxado essa esperteza toda de mim.

— E qual vai ser o seu nome?

— Mia — responde ela, sem pensar duas vezes. — O mesmo de sempre. — Ela faz uma pausa para ler umas anotações. — Beleza, *Holden*, vamos começar com aquela tática de *A garota de rosa-shocking*? Te fazer entrar em cena como o mocinho fofo e arrumadinho da história?

— Bom... *acho* que funciona... — começo a dizer.

— Ah, é claro que vai funcionar — diz Tiny, me cortando. — É esquisito esse seu problema de autoconfiança, viu? Você devia dar um jeito nisso. De repente dar um mergulho em cima de um narval com um cara sem camisa, vai que...

Ela deixa o caderno no deque e me olha com aquela carinha inocente, mas não caio nessa. Sei que está tramando alguma coisa. Não demora nem meio segundo para me empurrar, mas eu já estava preparado. Assim que Tiny empurra meu ombro, agarro a cintura dela e caímos juntos.

Ela dá um gritinho, chocada, depois cai com tudo na água gelada e afunda. Mas é só voltar à superfície que já está rindo de novo.

Ela passa a mão no rosto e diz:

— Você não vale nada, August.

Jogo o cabelo molhado para trás.

— Quer dizer Holden?

— *Nossa, Holden*, você é um sonho. E esses músculos, aposto que malha... no seu barco, quando não tá comprando uma ilha e tomando um martíni com o dedo mindinho levantado — diz ela, exagerando nos gestos e expressões.

— Uau. Muito convincente. E se dessa vez a gente trocasse de função? Você vai atrás da Ella e eu cuido de todo esse planejamento estratégico genial.

— Pfff, fala sério — resmunga Tiny, agitando as gotinhas de água ao redor da boca, toda satisfeita por eu tê-la chamado de genial. Apesar de assumir a liderança aqui e ali, ela adora deixar a maior parte do trabalho comigo e se colocar como a mente brilhante por trás de tudo; mas, lá no fundo, é porque acaba se apegando demais aos alvos. Até a palavra *alvos* a incomoda: *São pessoas, August. PESSOAS, com P maiúsculo*, diz. — Se prepara, August — alerta Tiny,

balançando os pés no rio e espirrando água em mim. — Amanhã começa oficialmente o maior caso da nossa carreira.

Sorrio e relaxo, me deixando levar pela água. Não. Tem. Nada. Melhor. Que. O. Verão.

2
VALENTINE

(UM NOME TÃO MARAVILHOSO QUE NEM SEI COMO MEUS PAIS TIVERAM ESSA IDEIA)

Meu tapete de quebra-cabeça está coberto de Post-its roxos com vários detalhes da vida de Ella. Sentada no carpete fofinho cor de creme do meu quarto, me inclino sobre as anotações enquanto mordo a cordinha do meu moletom branco.

Na mesa de cabeceira, o despertador de unicórnio felpudo solta um relincho mágico e eu o desligo sem precisar olhar. Desde que a gente abriu a Amor de Verão, uns anos atrás, coloco o alarme nos dias de trabalho, mas não para me acordar — porque às nove da manhã já estou de pé, dançando e cantando com os passarinhos, como August vive dizendo —, e sim para acordar August, que dormiria tranquilamente até duas da tarde sem se dar conta. Não que ele não consiga colocar seu próprio despertador, mas fica adiando até não poder mais e acaba saindo de casa que nem um monstro do pântano, mas com o cabelo perfeito.

Dou uma última olhada nos meus Post-Its. Alguma coisa nesse caso está me deixando com a pulga atrás da orelha, como se eu estivesse deixando passar alguma informação importante, e isso está me tirando do sério. Vasculho mais uma vez as redes sociais de Ella e confiro todas as minhas anotações, mas não consigo descobrir o que é. Então respiro fundo, enrolo o tapete de quebra-cabeça e o guardo numa ecobag para meus pais não acharem.

Pego minha bolsa e meu uniforme falso de garçonete e saio do quarto pintado de branco e lilás — uma combinação que escolhi aos onze anos e que ainda adoro. Desço para a sala, que parece mais ter saído direto de uma revista de decoração, com seus tons de bege e azul-marinho: os sofás são enormes e o ambiente é cheio de obras de arte maravilhosas (ou pelo menos é o que dizem os amigos dos meus pais). Os prêmios de música que meu pai ganhou, pendurados na parede lá atrás, vivem arrancando suspiros.

Entro na cozinha e vejo meus pais tomando o café da manhã. Ao lado da mesa, há uma janela enorme com vista para o rio. Meu pai está digitando no notebook e minha mãe, resolvendo palavras cruzadas no jornal.

— Bom dia, Valentine — os dois dizem ao mesmo tempo, olhando para mim.

— Bom dia, pais queridos — digo, dando um abraço rápido no meu pai.

Ele não é meu pai biológico, mas foi quem me criou e quem pediu minha mãe em casamento seis meses depois de ela descobrir que a fertilização *in vitro* tinha dado certo. Minha mãe sempre quis ter filhos, mas não sabia se teria um parceiro com quem pudesse dividir esse momento. Ela inclusive vive brincando que meu pai se comportou como se fosse ela quem o engravidou. Aí, quando eu já tinha idade suficiente para entender, ele perguntou se podia me adotar. Topei, mas com uma condição: usar seu sobrenome. Ele chorou. E não que isso faça diferença, mas todo mundo que vê a gente junto acha que temos o mesmo sangue. Apesar de supostamente meu pai biológico ser italiano, e não indiano que nem meu pai adotivo, tenho cabelo escuro e liso, além de olhos escuros com cílios compridos que lembram os dele. Da minha mãe, puxei o nariz pequeno e os lábios em formato de coração.

— Come alguma coisa — diz meu pai, sorrindo e apontando para a mesa. — Sua mãe pediu de novo aquelas rosquinhas gostosas e uns croissants de chocolate quentinhos.

Pego dois de cada para mim e para August e vou até a mesa dar um beijo na minha mãe.

— Eu *sempre* peço rosquinhas gostosas — corrige minha mãe, que é especialista no assunto.

Até o cabelo loiro ela prende num coque em formato de rosquinha. Mas, neste momento, o sorriso dela está meio exagerado. Não leve a mal: meus pais

são felizes, mas esse sorriso está maior do que de costume.

Olho de um para o outro, tentando entender o que está acontecendo.

— No que você está trabalhando aí, hein? — pergunto ao meu pai.

— *Nós dois* estamos trabalhando, na verdade — corrige minha mãe num tom de voz animado. — Estamos organizando a festa da empresa do seu pai.

Abro um sorriso. A festa de trabalho do meu pai é um evento épico que August e eu passamos o ano inteiro esperando, também conhecida como o churrasco chique que organizamos para produtores musicais, executivos importantes e alguns dos principais clientes da empresa. Ou melhor dizendo: é o momento em que nosso quintal se transforma num oceano de tendas e luzinhas brancas. Artistas famosos acabam dando um pulo de limusine na loja country ou na sorveteria artesanal. Depois, a cidade passa um mês sem falar em outra coisa, isso sem contar os sites de fofocas de celebridades.

Mas, enquanto observo minha mãe com a folhinha de palavras cruzadas pela metade ao lado da xícara de café, volto a pensar no caso. A mãe de Ella contou para a gente que todo domingo as duas faziam as palavras cruzadas da *Times* juntas. Hummm. Acho que tive uma ideia. Pego o celular e tiro uma foto rápida das respostas que minha mãe preencheu. Depois passo requeijão nas rosquinhas e as embrulho num guardanapo.

— Vou nessa — digo para eles.

— Mais um bico de bufê? — pergunta meu pai, erguendo os olhos da tela do computador. — Você anda trabalhando muito.

— Isso.

Aponto para minha camisa branca bem passada e a calça preta social como prova. Para ser sincera, eu nem ligaria se eles soubessem da Amor de Verão. Quer dizer, na verdade eles iam me matar por ter passado dois anos mentindo. Mas August liga, e muito. Ele diz que, se meus pais ficarem sabendo, a mãe dele vai acabar descobrindo. O que ele não diz é que a mãe dele ia sacar na mesma hora o verdadeiro motivo por trás do negócio: a irmã de August, Desiree.

Des morreu há dois anos num acidente que August ficou obcecado em analisar de todas as maneiras possíveis, buscando respostas que não existem. Começou a tentar racionalizar a situação, como se entender o que aconteceu fosse diminuir a dor ou trazer a irmã de volta. A análise dele sempre levava ao

mesmo ponto — o namorado de Des, Kyle. Mas isso era antes, quando ele ainda falava sobre ela.

Achei que, depois que parasse com isso, August fosse relaxar e, aos poucos, voltar a ser quem era, mas não foi o que aconteceu. Ele se fechou. Largou o teatro, abandonou os treinos de futebol e deixou de fazer a única coisa que pensei que nunca fosse mudar: vir aqui em casa. Mas bolei um plano para trazer meu melhor amigo de volta, um plano que tinha tudo a ver com a obsessão dele: relacionamentos problemáticos. E foi assim que nasceu a Amor de Verão S.A. O August especialista em términos lembra muito o August de quando Des ainda estava aqui. Só que, no dia a dia, ele continua fechado; não para mim, claro, mas para o mundo. Não consegue mais confiar em ninguém.

— Aproveita, Valentine. Depois avisa que horas vai chegar em casa — diz minha mãe.

Guardo meu café da manhã na bolsa e olho pela janela para o quintal de Bentley, que está lá de novo, sem camisa, fazendo flexões. Por mais que ele seja ridículo, é difícil não admirar a vista. Dou um tchau rápido para meus pais e saio pela porta dos fundos, que dá na varanda. É só a porta fechar que Bentley olha para mim.

Vou direto até ele.

— E aí, Bent — digo, tentando soar como um dos parças dele, andando determinada pela grama. — Flexões insanas, hein, cara.

— E aí, Sharma — responde ele, me chamando pelo sobrenome como se eu fosse um colega do time de futebol. — Tô ligado.

Apesar de ele não ter falado nada engraçado ou perspicaz, sorrio. Ele faz uma pausa no treino para beber água, depois enxuga a testa com o que desconfio que seja o pano de prato da mãe, porque dá para ver que tem uma frase dizendo algo sobre vinho e chocolate serem indispensáveis.

— Nem tenta me impressionar, não — digo, achando graça do pano de prato. — Só queria perguntar se posso pegar seu jornal.

Bentley dá risada.

— Perguntar pra quê, se vai pegar mesmo?

Dou de ombros.

— Pelo menos eu pergunto antes — digo, entendendo a pergunta dele como uma deixa para ir em direção à casa de August.

— Só isso? — pergunta ele, a decepção escancarada no rosto perfeito. — Nem um papo despretensioso enquanto você finge não secar meu tanquinho? Tô me sentindo usado.

Dou risada e nem me preocupo em explicar que ficar de papo-furado só pra olhar o corpo dele seria a definição exata de usar alguém.

— Me manda uma selfie sem camisa — digo, passando pelo quintal da casa dele. — Aí mostro pros meus amigos pra gente ficar dando risadinha.

Bentley solta um suspiro dramático.

— Quem me dera — responde ele, depois volta à posição de flexão e eu me viro. — Te vejo mais tarde no churrasco? — grita enquanto me afasto.

— Talvez — respondo por cima do ombro, mas acho que vai ser difícil agora que estamos com esse caso da Ella.

E, mesmo que eu tenha tempo, duvido muito que vou conseguir convencer o August a ir.

— Então *talvez* eu esteja empolgado — diz ele.

Bentley é assim: fica jogando charme até não aguentar mais, depois engata um namoro de duas semanas com direito a demonstrações exageradas de afeto que deixam todo mundo sem graça e, então, pula para o próximo relacionamento. Ótimo em conquistar, mas péssimo em se comprometer. Bentley e eu estamos nesse joguinho há quatro anos, mas só agora ele tem ficado mais animado, como se tivesse apostado que consegue me beijar antes de eu ir para a faculdade. E, sendo bem honesta, não vejo o menor problema. Caras que nem o Bentley são perfeitos para dar uns pegas no verão. Mas eu nunca vou admitir isso para August; ele ia ficar tão nervoso que acabaria tendo um troço e morrendo.

Subo a escada na lateral da casa de August e abro a janela do segundo andar. Entro no quarto e o encontro com a cabeça enfiada embaixo do travesseiro no meio de uma discussão com seu gato idoso, que está com uma das patas cinza enfiada no pescoço dele, com as garras de fora. Largo minha bolsa no piso de madeira, com aquela satisfação de ter feito uma entrada triunfal.

A escada não foi exatamente minha ideia, mas não dá para negar que foi uma sacada brilhante. No verão antes de começarmos o sétimo ano, maratonamos todas as temporadas de *Dawson's Creek* e fiquei superinspirada.

— É a gente — eu disse, jogada na cama de August e deixando pipoca cair no edredom. — Bota uns turistas e um sotaque de Massachusetts e pronto, é a nossa cidade. Não é meio bizarro? Caramba, e se tiver um monte de pessoas que nem a gente por aí, August? Várias garotas bonitas, espertas e inteligentes com uns caras bobos, sem-noção.

E, apesar de estarmos na Nova Inglaterra e o clima por aqui ser uma caixinha de surpresas, não parei de pensar nisso. Consegui convencer até a mãe de August, que é toda ligada às artes, a construir uma escada conectada à casa para mim, porque, apesar de não ter medo de altura, também não sou nenhuma idiota. Desde então tenho usado a escada feliz da vida, para a tristeza de August.

Ele nem diz oi. Em vez disso, resmunga alguma coisa sobre como as manhãs são injustas.

— Quer que eu dê comida pra ele? — ofereço, apontando para o gato, Swee, mas August não vê o gesto porque ainda está com o rosto enfiado no colchão.

Ele grunhe e tira o travesseiro de cima da cabeça.

— Tá fazendo um complô com meu gato pra me acordar?

— Tá armando pra ganhar o prêmio de preguiçoso mais rabugento do ano? Já são dez e meia.

Ele passa a mão no rosto e olha em volta, ainda grogue de sono. Enquanto meu quarto é todo em cores claras e cheio de móveis novos, o dele é pintado nuns tons meio sombrios de azul, com móveis de madeira escura e abajures antigos. Tem um monte de papéis espalhados pela escrivaninha, onde ele com certeza passou a noite em claro pesquisando sobre a vida de Ella. A estante é abarrotada de livros de não ficção e o casaco favorito dele, aquele de lã cinza-escura com botões de madeira, bem estilo de vô, está jogado na cadeira.

— Exatamente. E a gente só precisa estar no café antes do meio-dia, então... — Ele interrompe a frase quando me vê indo até o armário. — *Tiny* — chama, como se fosse óbvio.

Olho para ele. Ele olha para mim. Estamos num impasse.

Ele arqueia a sobrancelha em sinal de alerta.

— Tá, tá — digo, dando um suspiro exagerado e levantando as mãos, me rendendo. — Escolhe a roupa que quiser. Não tô nem aí. — Faço uma pausa,

mas não consigo me segurar: — Longe de mim ser um obstáculo entre você e seus três looks à James Dean, mas acho que esse caso pede uma coisa mais a cara do Holden.

Pego um par de mocassins da bolsa (roubados do armário do meu pai) e jogo no chão do quarto, fazendo um barulho satisfatório.

Ele encara os sapatos, meio desconfiado, e entra no banheiro para dar uma latinha de ração para Swee. Antes ele alimentava o gato na cozinha, mas, com um bicho de vinte anos que só sai da cama para comer, é mais fácil manter a comida por perto. Ele é o tipo de cara que aguenta o sacrifício de ter o banheiro fedido só para deixar o gato feliz, e isso explica bem por que somos melhores amigos. August adora bancar o racional e inabalável, mas a verdade é que ele é a pessoa mais sensível e atenciosa que eu conheço.

— Estava fazendo umas pesquisas sobre a Ella ontem à noite... — diz ele, por cima do ombro.

— Leonardo DiCaprio. — Dou um gritinho, empolgada demais para deixá-lo concluir a frase.

— Por um momento, achei esquisito você saber o que eu ia falar, mas aí lembrei que você tem acesso à minha janela — comenta ele, com um sorrisinho de lado. Reviro os olhos e nem me dou ao trabalho de dizer que não preciso ficar espionando para estar três passos à frente. Nós dois sabemos muito bem quem é o gênio dessa amizade. — Enfim... — continua ele, indo em direção ao armário. — Assisti de novo *Romeu e Julieta*.

Não vou mentir, tem uma parte de mim que fica contente em saber que August anda estudando o personagem do Romeu. Não é que não goste de uma boa comédia romântica ou, nesse caso, de um dramalhão (???), mas uma vez ele foi escalado para fazer o papel de Romeu no teatro aqui da cidade. Só que, depois que Des morreu, ele desistiu não só da peça, mas da carreira de ator como um todo. Então nunca imaginei que fosse vê-lo mergulhado de novo nesse personagem. Acho que a simples ideia de se apaixonar à primeira vista e estar disposto a morrer por amor deve deixá-lo bem desconfortável. Já eu adoro a ideia de me apaixonar perdidamente.

Uno as mãos na frente do rosto.

— Meu Deus do céu. Por favor, me diz que você quer trocar a estratégia de *A garota de rosa-shocking* por amantes trágicos.

O sorriso dele só confirma o que acabei de falar.

— A mãe da Ella comentou que a filha anda tomando decisões pensando mais nos amigos e no namorado do que nela mesma, né? — Ele faz uma pausa e me seguro para não interromper. — Então, tô pensando em chegar como o amante trágico da história. — Ele faz uma careta ao dizer "amante", e abro um sorriso. — Ou melhor, o amigo trágico. O completo oposto do relacionamento e dos amigos dela. Ela precisa sentir que as coisas de que gosta são importantes e possíveis de conquistar. Tem que ser um pintor, não um jogador de futebol. Um cara que tem de tudo, mas que não está nem aí pra ser ou não ser popular. Deu para entender, né?

Hesito por um momento, sem conseguir acreditar que ele está misturando esse trabalho com arte. Desde que a irmã morreu, August nunca mais encostou num pincel. Não desenha no cantinho das anotações, não faz nem um rabisco. Sinto uma pontinha de esperança e fico com vontade de comentar alguma coisa, mas tenho medo de dar ênfase demais ao assunto e ele acabar mudando de ideia. Então, em vez disso, vasculho a bolsa atrás do meu caderno de arco-íris, onde tenho todas as informações da Amor de Verão S.A.

Acho a página que queria e, sem nem perceber, faço uma dancinha de tanta felicidade. A gente quase nunca usa essa estratégia, mas sempre foi uma das minhas preferidas.

AMANTES TRÁGICOS – *se apresentar como o completo oposto de tudo com que ele ou ela está acostumado(a), fazendo com que ele ou ela fique tão encantado(a) com seu entusiasmo e jeito de encarar a vida que acabe mudando o rumo da própria história.*

August pega um short xadrez e uma camiseta do Johnny Cash do guarda-roupa e calça os mocassins que eu trouxe. Mauricinho o suficiente para convencer, e Johnny Cash o bastante para continuar descolado.

Viva! Assim nasce a estrela Holden.

Viro para fazer carinho na cabeça achatada de Swee enquanto August termina de se arrumar e passa desodorante. Não que ele precise disso. É só passar dos 27 graus que eu já fico exalando aquele cheiro de cebola, mas ele?

No máximo fica com um cheirinho amadeirado mais aconchegante do que desagradável. Injusto para caramba.

— E aí, tá bom? — pergunta ele, abrindo os braços para eu dar uma olhada.

E, vou te contar, ele está incrível. A camisa tem um desbotado perfeito, o xadrez vermelho do short é bem chamativo e o cabelo, bagunçado na medida certa.

— Prontíssimo pra sair espalhando o amor por aí — respondo.

— Ou pra botar um ponto-final num relacionamento ruim.

— Dá na mesma — digo. — O fim de um relacionamento ruim abre espaço pra relações melhores. Pro *amor*. Vai saber, a próxima pessoa que aparecer na vida de Ella pode ser a alma gêmea dela.

— Na verdade, acho que você tá romantizando... — começa ele, no maior estilo palestrinha.

Tampo os ouvidos.

— Nem vem, hoje não vou deixar você estragar o amor. Sem tempo, irmão. — Jogo as chaves do meu Jeep para ele. — Sua vez de dirigir.

Pego a bolsa e saio rápido do quarto, sem dar tempo para ele rebater. Mas, quando chego ao patamar da escada, percebo que ele não está me seguindo. Nem preciso olhar para saber onde parou: na porta do quarto de Des.

Viro a cabeça e encaro o rosto dele, agora completamente apático. Toda a empolgação que estava ali há trinta segundos foi substituída por uma calma fria e impenetrável que costumo chamar de Muralha. Ninguém consegue atravessar a Muralha, nem eu nos meus dias mais inspirados. Ele limpa a maçaneta da porta da irmã com a camisa, mas não chega a entrar no quarto. Pela poeira, dá para ver que faz meses que ninguém vai ali. Lá dentro, as coisas de Des, de dois anos atrás, continuam paradas no tempo, prontas para arrancar lágrimas de quem tiver coragem de entrar.

Chego mais perto de August, mas ele não me olha, só continua ali, quieto, encarando o nada e mergulhado nos próprios pensamentos. Suspiro, não por mim, mas para ver se consigo tirá-lo do transe. Ele nem se mexe, e aquela velha sensação de impotência por ter sido trancada para fora da Muralha começa a pesar. Queria abraçá-lo, dizer que também sinto a falta de Des. Gritar com ele por não confiar em mim para dividir essa dor, dizer que o amor que sinto pelos

dois deveria ser o suficiente. Mas, em vez disso, só fico ali, travada, com os olhos fixos na aquarela com o nome de Des entre girassóis pendurada na porta. August tinha oito anos quando pintou isso para ela. Fico com raiva de mim mesma por nunca saber como conversar sobre isso com ele e por não conseguir integrar a memória dela ao nosso dia a dia, em vez de só nesses momentos isolados e desconfortáveis.

— E aí, Des, o que você vai fazer depois que terminar a faculdade? — perguntei, apontando para os panfletos de faculdade espalhados pela mesinha de cabeceira dela. — Você tem cara de que vai ser chefe de alguma coisa... ou de alguém. Ou os dois. Talvez prefeita?

Tentei imitar a voz séria do meu pai quando me perguntava quais eram meus objetivos, ficando na ponta dos pés para parecer mais alta e madura, mesmo só tendo doze anos.

Des ia de um lado para outro do quarto, colocando uma pulseira prateada cheia de berloques e uma gargantilha preta. Então parou em frente ao espelho da penteadeira, com um batom cor-de-rosa na mão, e se virou para mim. Mesmo que estivesse ocupada ou com pressa, parecia que sempre dava um jeito de arranjar tempo para August e para mim.

— Ajudar pessoas, beleza. Mas política não é a minha praia — respondeu ela, pensativa. — Já pensei em ser veterinária, mas acho que meu coração é mole demais pra isso. Sabe o que eu sempre quis ser, lá no fundo? — Ela inclinou a cabeça, como se estivesse me contando um segredo valioso. — Detetive de relacionamentos.

August ergueu os olhos, refletindo sobre aquela ideia extravagante, provavelmente só para poder fazer perguntas práticas sobre o assunto.

— Isso é um trabalho? Como funciona?

Lá vai ele.

— Pois é, essa é a parte mais legal — disse Des. — Não é um trabalho. Mas devia ser.

— Vamos nessa — diz August, quase sussurrando.

É aquele tipo de sussurro que não abre espaço para nenhuma resposta, deixando claro que ele está de coração partido e que, se for pressionado, vai acabar se despedaçando de vez.

Não comentamos sobre essa conversa que tivemos com Des quando fundamos a Amor de Verão, embora a gente saiba muito bem que ele só abriu a empresa por causa dela e para tentar resolver um erro inexplicável relacionado ao namorado da irmã, algo que August não consegue superar. Sempre evito trazer isso à tona; tenho medo de que, se puxar o assunto cedo demais, nossa empresa também acabe desaparecendo atrás da Muralha.

Sigo August pelo corredor e, por um segundo, dou uma olhada para trás. *Esse é para você, Des*, penso.

3
AUGUST

Tiny está com os pés descalços apoiados no painel, com a lista de informações mais recente de Ella no colo e o braço cheio de pulseiras neon esticado para fora da janela, sentindo o vento. Mesmo quando está dirigindo, o que é raro, tenta equilibrar um dos pés no painel de um jeito meio esquisito. Não ligo de dirigir, ainda mais porque geralmente usamos o Jeep dela, que é mil vezes melhor do que o Volvo amassado de quinze anos que divido com minha mãe quando ela não está trabalhando — ou seja, na maior parte do tempo.

— Quer dar mais uma revisada? — pergunta Tiny, abaixando o volume da música, mas sem tirar os olhos da lista.

Olho para ela enquanto passamos pela placa de boas-vindas à cidade de Ella.

— É a segunda vez que você me pergunta isso em menos de dez minutos.

Tiny levanta a cabeça, como se não tivesse percebido que acabou de repetir a mesma pergunta.

— Esse é o maior caso que a gente já pegou — reforça, como se eu não tivesse entendido. — E temos um prazo inegociável de três semanas e meia. Lembra o desastre que foi o Natal passado? Só pra constar, foi a *única outra vez* que a gente usou o Amantes Trágicos.

Apoio as costas no banco; já estava esperando ela tocar nesse assunto desde que sugeri a estratégia.

— Aquele foi um caso isolado. E não teve nada a ver com a estratégia, mas sim com a nossa falta de experiência. Desde então a gente tem mandado *muito*

bem em todos os casos. Todos.

Ela balança a cabeça como se eu não tivesse entendido nada.

— Nesse caso vamos ter que lidar com um namorado superpopular, o que já é um problemão, e um grupo de amigos que, além de também serem populares, são controladores, o que complica ainda mais as coisas. — Ela faz uma pausa, mas continua com a boca aberta, como se não tivesse terminado de falar. — Sem contar que é normal estar meio enferrujado, principalmente porque tem uns meses que você não anda falando com ninguém além de mim. — Paramos no sinal vermelho e me viro para olhar na direção dela, prestes a comentar como ela não está sendo nada sutil, mas acabo deixando para lá.

— Que foi? — pergunta, os olhos arregalados numa expressão inocente também nada sutil. — Você não anda falando com ninguém mesmo.

Dou de ombros, entendendo que ela quer conversar sobre o fato de eu não estar socializando muito ultimamente, mas esse é um assunto que prefiro evitar. Todo mundo sempre gostou de Tiny. Para falar a verdade, teve uma época que a chamavam tanto para sair que fiquei com medo de que ela entrasse para o grupinho dos populares e acabasse me deixando para trás, mas isso nunca aconteceu. Só que, à medida que a popularidade dela aumentava, a minha ia ladeira abaixo.

— Só estou dizendo que não custava nada ser um pouco mais sociável — comenta ela, como se tivesse lido minha mente e resolvido implicar comigo. — Nem que fosse só um pouquinho, tipo ir à lanchonete no sábado de manhã quando tá todo mundo lá ou dar uma volta no píer numa sexta à noite. Vai que você acaba gostando.

— Acho que não sou tão descolado assim.

Tiny larga o caderno e olha bem no fundo dos meus olhos.

— Na verdade, até que você é bem descolado.

Deixo escapar um suspiro, porque sei exatamente o que esse olhar significa: querendo ou não, não tem como eu escapar dessa conversa.

— Olha, ninguém nunca diria que eu sou descolado. Nunca. Não é como se vivessem cortando a alça da minha mochila ou jogando minha bandeja de almoço no chão, mas também nem lembram que eu existo. Sou só o caladão no fundo da sala. Mas tranquilo, tá de boa.

— É, mas esse cara não é quem você é *de verdade*. Olha só pra você — diz ela, fazendo um gesto para minha roupa. — Quando tem oportunidade, você entra no personagem como ninguém, puxa papo com as meninas e peita os babacas sem nem pensar duas vezes. Sabe o que eu acho, August? Que você tá se escondendo.

Ela segura o caderno com força, e suas bochechas ficam vermelhas. E, apesar de estar falando num tom de voz calmo, a conheço o suficiente para saber que o que ela disse a deixou nervosa, o que acaba também me deixando nervoso. Coço a nuca mesmo sem estar coçando, torcendo para ela mudar de assunto e a gente continuar aproveitando o dia.

— Quando você parou na frente do quarto da Des antes da gente sair... — começa ela, mas para no meio da frase. Ou não. — Des nunca perdia uma oportunidade de conversar... com quem quer que fosse, por qualquer motivo. — Tiny sorri, mas é um daqueles sorrisos tristes. — Antes...

— Não — digo baixinho, interrompendo-a antes que ela comece a falar sobre como eu era antes de Des morrer.

Tiny afasta o cabelo do rosto.

— Desculpa, achei que talvez você quisesse conversar sobre ela.

— É, não, quer dizer, não sei — respondo, me enrolando com as palavras.

Tiny fica em silêncio, esperando que eu continue, mas fico quieto. E, como acontece sempre que Des vem à tona, o clima fica estranho. Ficamos os dois olhando pela janela, vendo a praia lotada e o oceano lá atrás.

Alguns instantes depois, ela volta a atenção para a lista.

— Ah, outra coisa — diz, como se nada tivesse acontecido. — Lembra que a mãe da Ella disse que até um ano atrás as duas viviam fazendo palavras cruzadas? Acho que pode ser um jeito legal de você se aproximar dela — continua, mastigando. — Copiei umas respostas da minha mãe pra você — diz, apontando para um jornal enrolado na bolsa.

— Ah, claro, porque fazer palavras cruzadas é tipo o símbolo universal de "vem ser meu amigo, olha como eu sou legal".

Entro na rua principal da cidade de Ella, cheia de lojas chiques e fachadas elegantes.

— Com certeza — insiste Tiny, enfiando o último pedaço de rosquinha na boca e espalhando um monte de farelo no banco. — É só usar a criatividade.

De repente misturar seu amor por palavras cruzadas com sua fixação por horóscopos...

Ela abre um sorrisinho debochado enquanto a encaro com um olhar de advertência.

Quando estaciono perto do café, Tiny me passa o jornal.

— Vamos fazer o seguinte: se eu estiver errada sobre o lance das palavras cruzadas, o almoço é por minha conta.

Dou um suspiro. Ela sabe que não sou de recusar uma aposta.

— Fechado — digo, enfiando o jornal debaixo do braço.

O celular de Tiny apita e ela dá uma olhada.

— Mensagem da mãe da Ella. Disse que ela acabou de sair de casa com as meninas.

Sei que não preciso me apressar, mas desço do Jeep mesmo assim, pronto para entrar em ação.

— Calma aí! — exclama Tiny assim que boto o pé no chão, puxando um caderninho surrado e colorido da bolsa e abrindo na primeira lista que ela escreveu quando decidimos fundar a Amor de Verão S.A.

REGRAS DO JOGO

1) Se aproxime ~~do alvo~~ da pessoa quando ela estiver em grupo e faça ela se interessar por você sem forçar a barra;

2) Descole um convite para uma festa ou outro evento com os amigos ~~do alvo~~ da pessoa (Sem flertar! Isso só complica as coisas);

3) Ganhe a confiança e crie uma conexão com ~~o alvo~~ a pessoa conversando sobre coisas importantes para ela.

Ela segura o caderno no alto.

— Dá um beijo no caderno pra dar sorte — pede, se inclinando sobre o console do carro.

— De jeito nenhum.

Ela dá de ombros e beija o caderno.

— Tá bom, mas só continuo sendo sua amiga se me trouxer um mocha gelado — grita ela enquanto me afasto.

A calçada está lotada de famílias conversando e pessoas tomando um brunch em mesas ao ar livre. Esse clima típico de sábado é tão bom que me sinto mais confiante só de respirar fundo a maresia.

Desvio de um cachorro peludo e entro no Brisa Café. O som dos sinos na porta se mistura ao cheiro de café, chocolate quente e massa fresca. Dou uma olhada rápida no espaço pequeno e badalado, com as paredes cobertas de madeira e um mosaico de conchas. Quase não tem lugar disponível para sentar, só uns banquinhos perto da janela e uma mesa para quatro.

Dou um sorrisinho enquanto começo a bolar o plano. Deixo o jornal e meu celular na mesa para quatro e vou até o balcão, onde faço o pedido para o atendente, um cara visivelmente desinteressado. Com suspensórios pretos e uma calça justa, ele parece totalmente deslocado no estabelecimento cheio de acessórios náuticos, como se fosse a prova viva de que areia e jeans não têm mesmo nada a ver.

Vou para o lado do balcão onde saem as bebidas, de olho na janela e revisando mentalmente tudo que sei sobre Ella.

— Holden — chama o cara de suspensório, meio de má vontade, enquanto coloca no balcão um mocha gelado e uma xícara de café preto.

Pego as bebidas e olho para a porta, onde vejo três garotas entrando: uma loira cheia de atitude e cabelo curto, que, pelas minhas pesquisas, é Amber, a líder comunicativa do grupinho; a segunda, uma garota alta, chamada Leah, com tranças de boxeadora presas num coque no topo da cabeça, a mais confiante das três; e, por último, Ella, com cabelo castanho ondulado batendo no meio das costas e um ar cansado.

Sigo com as bebidas até a mesa para quatro e pego o celular.

Eu

Elas estão aqui.

Tiny

Tã-tã-tã-tãmmm!!!

E aí, já sacou o golpe de mestre do jornal???

Eu

Sossega aí

Tiny

Nunca

Se (quer dizer, quando) vc perder essa aposta, vai me levar pra almoçar na Lanchonete do Bob. Sossega aí, McBonitão!

Com certeza todo mundo da escola vai estar na Lanchonete do Bob na hora do almoço, já que lá dá para comer batata frita, bancar o modelo, dar um mergulho e bancar o modelo mais um pouco.

Ao contrário do que eu esperava, não ouço os sinos da porta tocarem. Dou uma olhada e vejo as três garotas paradas lá fora. Amber e Leah deixam Ella para trás e seguem adiante pela calçada.

Merda. Regra número um — se aproxime do alvo quando ele estiver em grupo.

Eu

Ella está sozinha.

Tiny

CUIDADO! Lembra o que rolou com o Brad??? Fui falar com ele sozinha, a namorada achou que eu estava dando em cima dele e levei uma semana pra conseguir resolver as coisas.

Olho para a mesa de quatro lugares que peguei e faço cara feia. A ideia era oferecer a mesa para Ella e as amigas, assim conseguiria puxar conversa, mas agora ela pode se sentar tranquilamente num dos bancos perto da janela.

Ella pede uma bebida complicada, solicitando a substituição de um monte de coisa, e fico me perguntando como é que dá para mudar tanto uma bebida

de apenas três ingredientes. Observo-a discretamente, tomando o cuidado de não tirar os olhos do celular.

Eu

O que eu lembro é que Brad tentou te beijar, mas acabou errando e lambendo sua bochecha.

Tiny

Não fala mais comigo, não, tá?

Como eu já imaginava, Ella se aproxima da janela, meio distraída, com o café numa das mãos e a bolsa de praia na outra. Senta, tira o notebook da bolsa, depois a pendura no banco e começa a digitar. Fico ali, tamborilando os dedos na mesa, tentando pensar em um jeito de chamar sua atenção sem parecer que estou dando em cima.

O sino da porta tilinta e entra uma família com duas crianças pequenas, fazendo uma pausa para ver onde podem deixar o carrinho enquanto fazem o pedido.

De volta à função de cavalheiro.

— Pode ficar com a minha mesa — digo alto o suficiente para eles escutarem e num tom de voz animado que me rende acenos de aprovação dos clientes ao redor.

Mas Ella nem repara na minha boa ação. Missão não cumprida.

— Ah, que gentileza, não dá para recusar — responde um dos pais.

Pego minhas bebidas, sorrio para os pais tentando controlar as crianças e vou até o banquinho ao lado do de Ella.

— Tem alguém aqui? — pergunto para Ella, que não desgruda o olho do notebook.

— Ahn-ahn — diz sem erguer o olhar nem dar um sorriso.

Ela se inclina para a frente, a testa franzida de concentração enquanto digita sem parar. Conheço bem essa expressão; é a mesma de Tiny quando está mergulhada nas listas dela, e sei que tudo que eu disser agora vai ser completamente ignorado.

Ouço um barulho de notificação no celular.

Tiny

O que vc tá fazendo aí? Tá achando que ela vai o quê, escorregar do banco e cair no seu colo??? Sabe que só dá certo se vc falar com ela, né?

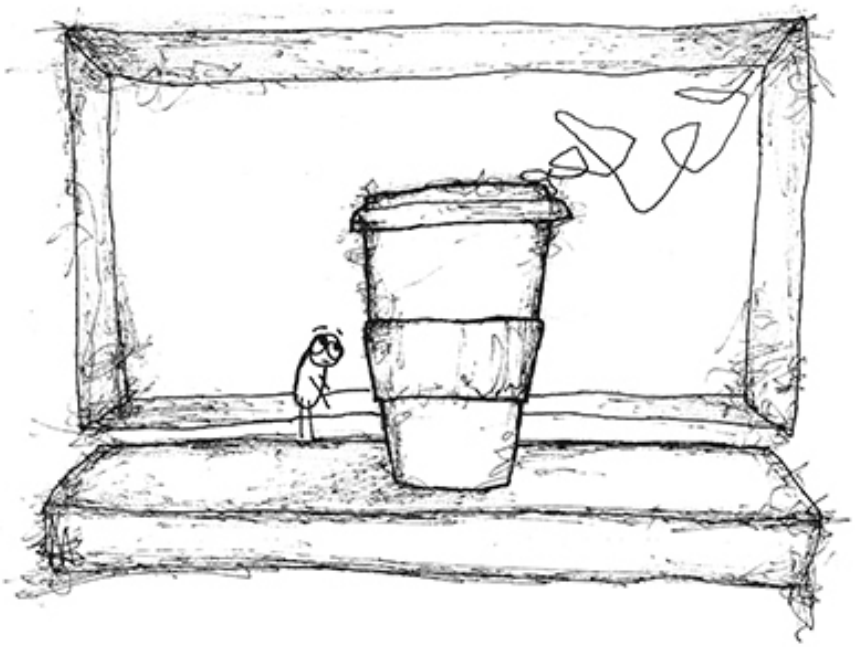
Olho pela janela. Obviamente, lá está Tiny, na loja de discos de vinil do outro lado da rua, digitando no celular e morrendo de rir da própria piada.

Eu

Na verdade, estava pensando em escorregar no colo dela.

Fico ali, com o dedo parado em cima do botão de enviar, não porque mudei de ideia sobre minha resposta sem graça, mas porque o comentário de Tiny me fez perceber que talvez eu precise de algo mais físico. Olho para o jornal e para o meu café. Eu poderia derramar um pouco na bancada, não o suficiente para cair em Ella, só o bastante para puxar uma conversa enquanto limpo a sujeira. Mas, com o notebook dela ali, acaba sendo arriscado. Também podia fazer ela derramar o café em mim, não que seja a melhor das ideias, mas com certeza pode ser um jeito de fazer essa conversa acontecer. Hummm.

Encaro o balcão branquíssimo como se fosse a página vazia de uma prova. As frases *caso mais importante da nossa carreira* e *três semanas e meia* não param de martelar na minha cabeça. Quanto mais me preocupo, mais uma imagem começa a tomar forma na minha mente. Fecho bem os olhos, mas não consigo fazê-la desaparecer.



Ouço outro barulho de notificação no celular, mas não olho; estou concentrado em encontrar o momento certo para falar com Ella. Tiro a tampa do meu copo de café enquanto ela lê alguma coisa na tela do notebook. Não demora muito para também chegar uma notificação no celular dela.

Seguro o café e coloco um pé no chão. E aí, quando ela vira para pegar o celular na bolsa, me levanto. O cotovelo dela acaba acertando meu copo, mas não com a sutileza que imaginei — uma pocinha no chão e uns respingos na minha camisa. O café se espalha por tudo quanto é canto, numa quantidade muito maior do que achei que caberia num copo. Encharca minha camisa e o vestido dela, isso sem contar a bancada, meu rosto, seu rosto e a janela.

Por um instante ficamos congelados, sem saber o que fazer.

— Puta merda — diz ela, se virando rápido para o computador. Por sorte, seu corpo protegeu o aparelho e só tem algumas gotinhas na tela.

Estico a mão para pegar um guardanapo.

— Nossa, desculpa — digo, e falo sério. Não tinha a menor intenção de derramar café nela, muito menos de encharcá-la desse jeito. — Aqui, deixa eu ajudar. — Ofereço um guardanapo, mas ela usa alguns que já tinha pegado.

— Você já fez *mais* do que precisava — diz, e, por um segundo, fico surpreso; me arrependo do jeito que as coisas aconteceram, mas não achei que ela ia reagir assim ao meu pedido de desculpa.

Enxugo o rosto sujo de café.

— Não tô dizendo que não mereci... mas duas pessoas estiveram envolvidas nisso, uma que se mexeu na hora errada e outra com um cotovelo descontrolado. E, mesmo que isso não dê um jeito no estrago, pelo menos o que se mexeu na hora errada pediu desculpa.

— É, e as desculpas não foram aceitas — retruca, voltando a limpar o café das coisas.

Dou risada, não porque a situação é engraçada, mas porque é tudo uma bosta; para falar a verdade, esse com certeza é meu pior primeiro contato com alguém.

— Pilantra — murmura ela.

Aperto a ponte do nariz. Está dando tudo errado, e, se eu não pensar logo numa saída inteligente, não vou ter chance nenhuma de voltar a conversar com ela.

— Escorpiana — rebato, secando o café dos braços.

Agora, sim, ela se vira para mim.

— Como é que é? — pergunta, torcendo o cabelo longo e ondulado para tentar tirar o excesso de café. — *Não sou* de Escorpião. Sou de Leão.

Eu sei quando ela faz aniversário, afinal de contas. Mas, como alguém que entende o que é ser obcecado por detalhes, sabia que ela não hesitaria em me corrigir.

— Então para de agir como se fosse.

Ela fica boquiaberta.

— Eu... — gagueja, mas só solta um: — Aff.

Me seguro para não sorrir.

— Valeu a tentativa, mas suas desculpas não foram aceitas.

— Tá falando sério? — pergunta, como se fosse um absurdo eu ter o direito de existir. — Você é *insuportável* — diz, depois estreita os olhos. — E é de Gêmeos. Só pode ser de Gêmeos.

Por um segundo, dou uma hesitada. Ela acertou em cheio. E sabe disso, porque parece bem satisfeita com a minha reação.

— Tá dizendo isso porque metade de mim é irresistível? — pergunto.

Embora deteste astrologia, entendo um pouco, pelo menos o fato de geminianos terem duas personalidades bem distintas. Dá até para imaginar Tiny comemorando sua vitória por eu ter apelado para isso. Sinto que meu orgulho acabou de sofrer um golpe mortal.

— Nossa... sem palavras — diz ela, e, apesar de não estar sendo simpática, pelo menos não está mais falando naquele tom de voz cortante.

— Ou porque a outra metade é hilária? — insisto. Ela balança a cabeça, sem acreditar que ainda estou tentando ser engraçado. — Olha — começo, querendo amenizar as coisas —, eu sei que, agora, tô longe de ser sua pessoa favorita aqui nesse café. Sei lá, talvez você prefira o rabugento ali de suspensório. — Faço um gesto para o atendente e, mesmo tentando disfarçar, ela acaba abrindo um sorrisinho. — Mas sinto muito mesmo, de verdade, pelo que aconteceu. Queria muito compensar de algum jeit...

Ela me corta:

— Se você tá achando que pode dar em cima de mim depois disso...

Como que absolutamente tudo que não quero que aconteça nesta conversa está acontecendo a mil por hora?

— Ei, calma aí — digo, levantando as mãos. — Fica tranquila que não tô a fim de você. — Ela arregala os olhos e dá para ver que ficou ofendida, mesmo não tendo o menor interesse em mim (engraçado como são as coisas). — Só quis dizer que posso pagar pra lavar o vestido — falo meio sem pensar, mas me arrependo ao ver o estado da roupa. — Ou então te dar um novo.

E, mesmo odiando perder para Tiny, pego o jornal, arranco a página das palavras cruzadas e aceito meu destino: ir almoçar na merda da Lanchonete do Bob.

Escrevo meu telefone no verso e acrescento um:

Desculpa mais uma vez, escorpiana.

Entrego para ela, que franze a testa, ajeitando a bolsa no ombro.

— Não vou te ligar.

— Sem problema — respondo. — Pode mandar mensagem que já tá ótimo.

Ela abre a boca, mas acaba desistindo de falar e fecha logo em seguida, balançando a cabeça. Depois vai embora sem se despedir nem olhar para trás,

mas vejo que encara o bilhete por mais tempo do que o necessário.

Pego o celular, agora lotado de mensagens de Tiny. A última diz apenas: *E se essa estratégia estiver completamente AMALDIÇOADA?!?*

4
VALENTINE

Tem uma placa na frente da Lanchonete do Bob que diz: *Sem camisa, sem sapato, sem comida*. Mas ninguém liga para isso. No verão, o lugar fica lotado de adolescentes de biquíni e toalha que acabaram de sair da praia ou estão indo para lá.

— Me diz que você tem tudo sob controle — digo a August enquanto ele dá uma olhada no celular. Ainda não tem nenhuma mensagem de Ella.

Ele mergulha o queijo-quente no ketchup.

— "Sob controle" não é exatamente o que eu diria — fala ele em um tom tranquilo demais para alguém que acabou de ignorar as regras que estabelecemos com tanto cuidado.

Aponto uma batata frita para ele.

— Juro, August Mariani, é bom você dar um jeito nisso. A gente tem vinte e poucos dias pra resolver esse caso antes que o sonho dela de estudar em Londres vá por água abaixo. Sem contar que, se isso não for resolvido, não vamos ver a cor desse dinheiro.

Ele faz que sim, a testa franzida, e é melhor que seja de preocupação.

Até penso em mencionar a mensalidade altíssima da faculdade de Berkeley só para reforçar meu argumento, mas as palavras ficam entaladas na garganta e meu estômago dá um nó só de pensar que em dois meses vou estar na Califórnia. Faço uma pausa, meio surpresa com minha própria reação. Tenho certeza de poucas coisas neste mundo: que as coisas têm sempre um lado positivo, que eu seria capaz de defender com unhas e dentes um croissant

quentinho de chocolate e que a Universidade da Califórnia em Berkeley é só o começo de uma grande aventura. E, por algum milagre (além de três anos de planejamento intenso), August e eu conseguimos passar. Nós éramos aquelas crianças esquisitas que sempre souberam o que queriam fazer da vida; em vez de sonhar em ser médico ou ator, colecionávamos material de escritório para nossas futuras empresas. Nossa barraquinha de suco de limão não tinha nada de meia-boca; na alta temporada, a gente faturava uma baba vendendo limonada fresca e biscoitinhos caseiros, e ainda tínhamos um serviço de jardinagem, com direito a roupas combinando e tudo, que os adultos achavam fofo demais para conseguir recusar. A faculdade de administração de Berkeley é um sonho que virou realidade. Então por que, meu Deus, por que estou me atrapalhando toda para dizer uma coisa que já repeti mil vezes com tanta empolgação? Por favor, cérebro, colabora, vai.

O pessoal na mesa de trás, com quatro lugares, mas abarrotada de seis colegas de classe nossos, grita e gargalha tão alto que August faz uma careta.

— Bom, sorte sua que consegui descolar um convite pra gente pra uma fogueira que vai rolar hoje à noite lá na cidade da Ella. Dizem que é *a festa* de boas-vindas do verão — comento, dando um gole na minha limonada de framboesa.

August dá um sorrisinho debochado.

— Você passou, o quê, uns dez minutos naquela loja de música? Ficou quase o tempo todo me espionando e mandando mensagem e ainda conseguiu sair de lá com um convite pra *essa festa* de verão?

— Tá impressionado, é? — gracejo, me achando.

— Sim, claro. Muito. Sempre fico — responde.

É isso o que torna ele tão bom no trabalho: não tem medo de elogiar nem de deixar os outros brilharem. E, diferente da maioria das pessoas que conheço, não acha que o sucesso dos outros diminui o dele, algo que aprendeu com Des. Só de pensar nisso imagino como ela ficaria triste de ver o irmão afastando todo mundo hoje em dia. Até cogito falar sobre ela de novo, mas, antes que eu encontre uma brecha, Bentley dá um tapa na ponta da nossa mesa.

Está usando uma roupa de mergulho de manga curta, aberta e dobrada até a cintura.

— Caramba. Primeiro você aparece logo cedo no meu quintal, agora vem atrás de mim na lanchonete. É pra eu ficar constrangido com toda essa atenção? — pergunta ele, sorrindo.

— Depende — respondo. — Tá se achando bonito?

Bentley passa a mão na barriga sarada e estufa o peito.

— Bonito pra cacete — diz.

Abro um sorriso.

— Bent — chama Charlie Atkins, duas mesas à frente. — A gente tá tentando fazer o pedido, cara.

Mas Bentley só acena para os amigos e continua me encarando.

— Que tal uma aula de surfe hoje, hein, Valentine? Oportunidade única de passar a tarde toda curtindo o sol comigo.

Olho pela janela e, ao ver a areia quente e o mar reluzindo, quase caio em tentação.

— Não dá. August e eu temos que trabalhar.

Ele dá de ombros, como se já estivesse esperando por isso, e os amigos o chamam de novo, balançando os cardápios para ele ver que está atrasando o pessoal, que não vê a hora de se entupir com um monte de comida gordurosa.

— Sério, vocês dois são obcecados pelas coisas mais entediantes do mundo — diz, como se estivéssemos acabando com a magia do verão. — Só pra deixar claro, não vou desistir. Nem agora nem nunca.

Depois dá dois tapinhas na mesa para enfatizar.

August revira os olhos e Bentley se afasta sem que os dois troquem uma palavra. Então olha de Bentley para mim como se estivesse tentando entender o que acabou de acontecer.

— Que foi? — pergunto.

— Nada — responde, desviando o olhar e decidindo não dizer o que está pensando.

— Então, a festa... — começo, tentando retomar o assunto de antes.

Ele dá uma mordida no sanduíche.

— Primos? O de sempre?

— Isso. — Engulo um bocado do hambúrguer vegetariano. — Vamos dizer que você tá passando um tempo comigo na nossa casa de verão enquanto sua mãe vai de iate lá pro alto da costa. Aproveito e passo um tempinho com o

namorado da Ella, vejo o que dá pra descobrir. — Faço uma pausa e olho bem para ele. — E você dá um jeito de se dar bem com ela, mesmo que tenha que cantar pra quebrar o gelo.

5
AUGUST

O estacionamento da praia está lotado. O sol se pôs há horas e a festa está a todo vapor. Tiny e eu nos programamos para chegar exatamente nesse horário: não dá para começar o trabalho no início da festa, quando as pessoas ainda estão travadas demais e as coisas acabam não rendendo.

Fecho a porta do motorista no Jeep da Tiny. Tem algumas pessoas em caçambas de picapes, dando um jeito de beber escondido, mas a maioria está na areia, sentada em toalhas ou encostada nas dunas, com aquela fogueira imensa iluminando tudo.

Tiny tira o moletom e pisa descalça na areia, preferindo deixar os chinelos no Jeep do que carregá-los por aí. Já eu continuo com os mesmos mocassins de hoje cedo (a única parte do meu figurino que escapou do café), calça jeans escura e uma camiseta toda manchada de tinta.

A música aumenta à medida que nos aproximamos da festa, e já dá para distinguir as vozes das gargalhadas e o crepitar da lenha do barulho de latinhas sendo abertas. Mas o som mais marcante vem do mar.

— Duas horas — cochicha Tiny, acenando para o namorado de Ella, Justin, que está entretendo os amigos com gestos espalhafatosos.

Tiny suspira como se lidar com caras populares fosse um esporte cansativo, embora ela seja incrível nisso.

— Olha e aprende, ô, desastrado do café — provoca.

Dito e feito: em menos de trinta segundos os três estão completamente vidrados nela.

Continuo andando pela festa, procurando por Ella e desviando das pessoas espalhadas na areia, de pés descalços, barras da calça dobradas e com as mesmas roupas de banho de hoje cedo. Contorno a fogueira e só aí reparo em Ella, Leah e Amber encostadas na torre de salva-vidas.

Vou em direção à água e passo reto pelas garotas, tomando cuidado para não dar nenhuma pista de que as percebi ali. Fico olhando o mar, observando a espuma branca se espalhando depois de uma onda.

— Nem pensar... sem chance — diz Ella atrás de mim, bem enfática; provavelmente já tomou umas.

Não me viro. Só pego uma pedra e jogo na água.

Cinco... quatro... três... dois... um...

Sinto o dedo fino cutucar meu ombro.

— Qual é o seu problema? — pergunta, com um ar confiante.

Aí, sim, me viro e olho para ela como quem não está entendendo nada.

— Te conheço?

Seus olhos se arregalam.

— Nossa.

Abro um sorriso e faço questão de prolongar o silêncio.

— Relaxa, escorpiana. Sei muito bem quem é você. Acho que não vou esquecer tão cedo.

— Digo o mesmo. Mas estava torcendo pra esquecer bem rápido, tipo *nunca mais cruzando com você por aí* — retruca numa frustração que chega a ser dramática, apesar de ter sido ela quem veio falar comigo.

— É só não vir atrás de mim nas festas — digo. — Já resolve tudo.

— Vir atrás de *você* nas festas?

Ela está visivelmente irritada; nunca usei essa tática antes e é algo que faria Tiny me chamar de idiota de todas as formas possíveis, só que, agora, não tenho como conquistar a confiança dela sendo sutil. Além do mais, Ella está na sua zona de conforto, com os amigos de olho, e é mais intensa do que qualquer outro alvo com quem já trabalhamos antes. Se eu der mole, ela vai me devorar. Então, em vez disso, tento chamar sua atenção e torcer para conseguir me enturmar, o que, em grupos de pessoas populares, significa parecer muito confiante. Basicamente finjo ser Tiny e começo a soltar todas as piadas e provocações que passam pela minha cabeça.

— A festa tá acontecendo na *minha cidade* — continua Ella. — Aquelas ali são as *minhas amigas*.

Ela aponta para trás.

Olho para a festa, depois fixo o olhar em Leah e Amber, as duas com um sorrisinho de quem sabe tudo.

— Então acho que a gente vai se ver bastante neste verão, porque agora essa cidade também é minha.

Ela para por um segundo.

— *Não me diz* que você se mudou pra cá.

— Não me mudei — digo, então acrescento: — Mas estou passando uns meses com minha prima. Ela, *sim*, se mudou pra cá. — Ella solta um resmungo de impaciência. — E aí, escorpiana, como a gente vai fazer? Dividimos a cidade? Eu fico com o café, você com a lanchonete?

— De jeito nenhum você vai ficar com o café — rebate. — Eu moro aqui. Você não. Ponto-final. Pode ficar com o banco lá do parque, aquele bem no canto, embaixo das árvores. E só.

— Tá me oferecendo um lugarzinho pra dar uns amassos? — digo, com uma cara surpresa. — Sua mente é bem poluída, hein?

Ela fica vermelha, mas, antes que consiga me atacar, Amber e Leah aparecem.

— Quer dizer que esse é o cara do café — comenta Amber, como se já soubesse. — Achei que você tinha dito que ele era todo mauricinho, todo arrumadinho... — Ela me olha de cima a baixo, uma jogada de poder clássica dos ricos e populares. Quando vê meus pés, faz cara de quem encontrou o que estava procurando. — Mocassins.

Olho para Ella.

— Falou de mim pras suas amigas, é?

Ella faz cara feia.

— Você derramou café em mim. Não tinha como não contar.

— Ah... Descrever minha roupa era uma informação importante, entendi.

Ella dá uma bufada.

Leah cai no riso.

— Nossa, vocês são que nem...

Ela fica olhando de um para o outro.

— Aquela cena de *Harry & Sally*? — sugere Amber, e fico feliz que Ella não esteja ouvindo. Só quero ficar amigo dela, nada mais. A ideia não é me tornar um rival do namorado dela.

Leah faz que sim, achando graça da situação.

— Pois é, bem isso.

— Não tem nada a ver... *Não* — diz Ella, firme, e fico com vontade de dizer a mesma coisa.

— Aposto que o Justin ia achar isso interessante — comenta Amber, com um sorrisinho malicioso.

— O que eu ia achar interessante, hein? — pergunta Justin, vindo por trás de mim, dando a entender que Amber o viu e fez aquele comentário para provocar.

Justin entra na roda. Está com uma camiseta branca, short de basquete e uma expressão meio arrogante.

— *Esse aqui* — diz Ella, meio sem jeito, apontando para mim — é o cara que derramou o café em mim hoje de manhã.

— Tá zoando? — responde ele, dando risada. Ella olha feio para ele. — Ah, espera, foi mal. Não tem graça. A gente odeia ele, né?

Ela dá de ombros, curtindo o fato de que Justin tomou seu partido na mesma hora, e fala:

— É, um pouquinho.

— Foi mal, cara, a gente te odeia um pouco — diz Justin, simpático.

É aquele tipo de cara parceiro de todo mundo, mas pelo menos não me recebeu com um "bate aqui". Dá para ver pelo jeito como o observam que todo mundo gosta dele. E alguma coisa nele me parece familiar.

Como se soubesse que estou precisando de ajuda, Tiny surge ao meu lado.

— Então você já conheceu meu primo — diz para Justin.

— Seu primo? — repete ele, rindo de novo. — Cara, que mundo pequeno. Um ovo. — Percebo que ele faz uma careta e olha para Ella. — Amor, acho que acabei convidando a Mia — ele faz um gesto para Tiny — e nosso inimigo número um pra festa de amanhã. — Ele passa o braço pela cintura de Ella, que se recosta nele. — Está chateada? É só falar que a gente cancela a festa agora mesmo.

Ela dá de ombros, mais por charme do que qualquer outra coisa.

— Ah, não. Sem problema.

— Essa é a minha garota — diz Justin, e dá um beijo na cabeça dela.

Tenho que admitir: o cara é irritante, mas é carismático.

Ella olha para ele como se fosse a coisa mais incrível do mundo, e algo no jeito como o observa me deixa com um bolo na garganta. De repente percebo por que ele parece tão familiar — esse cara lembra a pessoa que mais odeio em todo o universo: o último namorado de Des. *Kyle*. Olho para Tiny e, pelo jeito como ela me encara, dá para ver que também reparou: Justin parece perfeito demais, e Ella, completamente apaixonada. Desvio o olhar, inquieto, com o coração martelando no peito. E, pela primeira vez desde que fundamos a empresa, sinto minha confiança vacilar não só neste caso, mas também na minha capacidade de lidar com tudo isso de maneira racional.

6
VALENTINE

Como um convite, a água gelada do lago brilha à minha frente. Enxugo a testa com o dorso do pulso, olhando rapidamente para o céu azul maravilhoso de onde estou sentada, o lugar de que August e eu mais gostamos — o espacinho no deque que apelidamos de "escritório". Foi aqui que nossas melhores ideias surgiram, como aquele plano nada original de cavar um túnel entre nossas casas quando a gente tinha nove anos, até que acertamos um cano e quase matamos meu pai do coração. Dou chutinhos na água com os pés descalços, observando, cheia de inveja, Bentley com a irmã e o irmão mais novos, que estão há vinte minutos competindo para ver quem dá o melhor mergulho, quem salta mais alto e quem espalha mais água. Mas já estou vestida para a festa, e não tenho tempo para um mergulho.

Sem contar que não quero voltar para casa. Meus pais estão cozinhando e dançando lá dentro. Não é nada muito fora do normal, mas parece que ultimamente a relação deles anda mais intensa. Fico feliz, só não preciso ficar vendo.

Em vez disso, decido vasculhar os perfis de Ella e Justin nas redes sociais. Essa é a minha parte favorita: caçar pistas e descobrir coisas que os pais não sabem. Mas, desta vez, Justin está me deixando com o estômago embrulhado, e não no bom sentido. Eu sabia que estava deixando passar alguma informação importante, mas nunca imaginei que fosse essa semelhança bizarra com Kyle, que por sorte está estudando fora e não voltou para as férias de verão. Não é que Justin se pareça com ele, porque não parece; é mais o jeito como ele

consegue prender a atenção de todo mundo. Aquela sensação de que está vendendo uma coisa boa demais para ser verdade.

Bentley surge na água bem perto dos meus pés, e levo um susto tão grande que quase derrubo o celular na cabeça dele. Ele dá um sorrisinho.

— Mandou bem, Bentley — digo, colocando o celular virado para baixo na madeira, só para o caso de ele querer jogar água em mim.

Ele cruza os braços molhados, chega mais perto do deque e apoia o queixo na madeira, mas não responde.

Um tempinho depois, acabo dando risada.

— Quer falar alguma coisa? — Ele balança a cabeça, espalhando um monte de gotinhas. — Vai ficar aí de boa sem falar nada? — pergunto, mas, como ele só faz que sim, acrescento: — Tá bom, você quem sabe. — Pego o celular de novo, mas é impossível me concentrar com ele me encarando. — Beleza, eu desisto. Qual é a dessa de ficar calado?

Ele dá de ombros.

— Diz que você não pesquisou sobre psicologia reversa no Google — continuo, mas ele só dá de ombros mais uma vez. — Meu Deus, juro que se eu não estivesse preocupada em acabar caindo na água, já tinha te empurrado. — Coloco as mãos na madeira ao lado dos meus joelhos e meu dedo mindinho acaba esbarrando no cotovelo dele. A gente percebe. E todo o silêncio faz com que o esbarrão pareça um acontecimento importante. Ele dá um sorrisinho malicioso. — Nem vem... eu não tava tentando encostar em você — digo, o que soa esquisito, já que sou a única falando.

Seu sorriso só aumenta. Depois ele coloca a mão no peito e dá um suspiro exagerado. Tento disfarçar o sorriso, mas minhas bochechas não colaboram.

O momento dura pouco, porque logo o carro da mãe de August entra na garagem. August está no volante, o que provavelmente significa que ele estava mais uma vez ajudando a mãe a procurar emprego. Ele não comenta nada sobre isso, mas todo mundo sabe. O problema dela com trabalho não é o tipo de coisa que ele mantém atrás da Muralha, mas é um assunto que o deixa de mau humor, principalmente quando alguém na escola comenta.

Volto a olhar para Bentley, que só assente, como se tivesse entendido que nosso projeto de conversa terminou, e se afasta do deque.

7
AUGUST

A porta de tela fecha atrás da minha mãe, que está com sacolas do supermercado na mão e seu portfólio debaixo do braço. O cabelo castanho está preso num coque frouxo no topo da cabeça e a saia azul-marinho vai até o chão. Tiny vive comentando que minha mãe tem um estilo meio *Titanic*, mas, quando diz isso, só consigo pensar que, na verdade, ela parece um navio prestes a colidir num iceberg.

— Tô com um ótimo pressentimento sobre aquela nova diretora da galeria, viu, August — diz minha mãe, toda animada, largando tudo em cima da mesa da cozinha. — Acho que minha sorte está prestes a virar.

Só que sorte e minha mãe são coisas que não se misturam.

— E a varanda dos Gibbons, mãe? Será que o seu Gibbons vai te contratar pra pintar?

— Você tinha que ver, filho, como a diretora da galeria prestou atenção no meu trabalho. Nada a ver com aquele outro cara, de orelha grande, que vivia de cara feia. Essa moça tinha... — Ela gira, fazendo a saia esvoaçar. — Carisma.

Me recosto no balcão.

— Mãe...

— Isso pode mudar tudo pra gente. Você vai ver só.

Dou uma olhada na pilha de contas vencidas atrás do pote de açúcar e passo a mão no pescoço. Não adianta me estressar. No ano passado acabei gritando, mandando ela crescer, mas não mudou nada. Des dizia que nossa mãe é uma pessoa ingênua, uma artista nascida numa época em que não pode ser ela

mesma, e isso até colava quando a gente ainda estava conseguindo dar um jeito nas contas, mas depois que a Des morreu e as despesas do enterro começaram a acumular, a situação ficou tão feia que esse vaivém de trabalho dela começou a não dar mais vazão.

A porta de tela se abre, fazendo um rangido.

— Ah, olha só quem chegou — diz minha mãe, unindo as mãos. — Linda como uma flor nesse vestido cor-de-rosa. Valentine, você parece uma pintura.

— Obrigada, Ruth.

Tiny sorri, radiante. Ela sempre adorou a minha mãe. Todo mundo adora a minha mãe.

— Você devia pintar ela assim, August, exatamente desse jeito, pra guardar uma recordação da infância de vocês dois juntos antes de irem pra faculdade — comenta minha mãe, abrindo uma sacola de supermercado. Me seguro para não fazer uma careta. — Você é tão talentoso — continua ela. — E já faz tanto tempo que não pega num pincel. Seu pai disse a mesma coisa quando falei com ele na semana passada.

Meu pai é o único dessa família (se é que dá para chamar de família) que tem dinheiro, mas não move um dedo para colaborar. Quando eu era mais novo, acabei ouvindo minha mãe e Des conversando na cozinha sobre as contas, preocupadas, e corri para o telefone achando que ele fosse se importar e querer dar uma força pra gente. Mas ele só pediu para falar com a minha mãe e depois sumiu por quatro meses. Desde então, nunca mais pedi nada para ele. Pelo visto está ótimo desse jeito, já que ele só liga duas vezes por ano (no meu aniversário e no Natal), pergunta como estão as coisas na escola e arranja uma desculpa para desligar. Como hoje não é nenhuma dessas datas, não faço ideia do motivo pelo qual ela estava falando com ele. E também não vou perguntar.

— Esquece isso, mãe — digo, tentando manter a calma.

— Nem que seja um esboço rápido. Só pra dar uma ativada na criatividade.

Fixo o olhar na janela e tento ignorar o aperto no peito, com medo de demonstrar como esses comentários me incomodam e acabar admitindo que preciso mesmo de arte. Medo de ela perceber que não consigo tirar isso da cabeça, mesmo depois de jurar que coloquei um ponto-final nessa história. Que esta semana meu cérebro me pegou de surpresa duas vezes e acabei

fazendo um esboço mental. Pensar nisso me deixa agitado; nunca tinha acontecido assim antes, nessa frequência.

Como não respondo, minha mãe ergue os olhos das compras do mercado.

Até que, felizmente, Tiny se intromete:

— Você me conhece. Não aguento ficar nem cinco minutos parada. Nunca que eu conseguiria ficar quieta pra um retrato.

— Mãe, a Tiny e eu vamos dar uma saída. Liga pro seu Gibbons — digo, sem dar brecha para ela dizer mais alguma coisa.

— Eles estão reformando a varanda, né? — pergunta Tiny; porque nossa cidade é *um ovo*. — Minha mãe comentou que os Hershwick estão construindo um solário. Talvez estejam atrás de serviços de pintura.

Olho para Tiny, agradecido pela dica e pela mudança de assunto.

— Solários são tudo de bom — diz minha mãe. — Curam a alma. Como eu adoraria ter um só pra poder pintar.

— *Mãe* — pressiono.

Ela abre um sorriso cansado.

— Vou ligar, meu amor. Não precisa se preocupar.

Depois começa a desempacotar as compras, cantarolando, provavelmente sonhando com o solário que nunca vamos ter.

8
VALENTINE

Ella mora numa casa gigantesca. August acha que a minha casa é enorme, mas na verdade é um imóvel de classe média, reformado, em conceito aberto, e com eletrodomésticos modernos. Já a dela é uma mansão de verdade. Daquelas que fazem você engolir em seco só de olhar, que dão medo de quebrar alguma coisa mesmo que você passe o tempo todo sentado no sofá.

Enquanto andamos pelo caminho de pedras delineado por grama no chão, nos olhamos espantados. Aposto que tem alguém trabalhando aqui só para manter a grama impecavelmente aparada, isso sem contar as árvores plantadas em vasos e podadas em formato de bola, num corte mais bem-feito que o meu.

August e eu contornamos a parte arredondada no fim da entrada e seguimos até a porta da frente, que está entreaberta. Entramos discretamente e seguimos o som de vozes e música até darmos numa sala gigante, em formato circular, cheia de adolescentes jogados em sofás enormes. No fundo do cômodo tem uma parede de vidro com vista para uma área externa com uma piscina imensa.

— Porra.

É tudo que August consegue dizer, e concordo plenamente. Nunca pisamos numa casa dessas antes nem convivemos com ninguém que conhece alguém com uma casa assim. Está lotada de amigos da Ella, todo mundo comendo ou jogando conversa fora.

— Legal, né? — comenta Justin, surgindo atrás da gente e bebendo refrigerante direto do gargalo.

— Mais ou menos do tamanho da casa de hóspedes da minha família, de repente até *um pouquinho* menor — respondo.

Ele ri da minha piada absurda.

— Nesse caso, me lembra de te chamar pra próxima festa.

— Combinado. Só falar com meu assistente.

Sempre achei fácil fazer isso, puxar conversa, fazer as pessoas se sentirem à vontade.

Justin sorri.

— Vem, vou mostrar a casa pra vocês rapidinho.

Nem preciso olhar para a cara de August para adivinhar o que ele vai dizer.

— Banheiro? — pergunta August, com uma tensão quase imperceptível na voz, o tipo de coisa que só eu repararia.

Justin, Kyle. Kyle, Justin. Não chegamos a conversar sobre isso, mas ambos sabemos o que o outro sabe, tipo aquele lance de gêmeos sentirem quando o irmão está em apuros.

Justin indica dois banheiros diferentes.

— Valeu, cara — agradece August e se afasta, de peito estufado e cabeça erguida, com outra camiseta manchada de tinta, transformado mais uma vez em Holden.

— Tranquilo — diz Justin, e é só August sair de vista que ele me olha de cima a baixo. — Veio de biquíni.

Ele dá uma conferida rápida no meu peito e sorri, aprovando.

Arqueio a sobrancelha.

— Pena que você esqueceu a educação em casa.

Ele arregala os olhos por um segundo, mas logo ri.

— Você é engraçada.

— Eu sei.

E você é nojento, penso.

9
AUGUST

O burburinho das conversas acaba me deixando mais confiante — cidade nova, classe social diferente, mas o mesmo clima de festa. Passo pelas portas de vidro que dão na área externa e vejo Ella, Amber e Leah tomando sol em espreguiçadeiras, com os amigos ao redor. Pego uma garrafa de água no cooler e me jogo numa espreguiçadeira do outro lado da piscina, depois coloco os óculos escuros.

Ella me vê, mas faz questão de me ignorar. O verão acabou de começar, mas ela já está bronzeada, mais bronzeada que eu, e olha que passo o dia todo ao ar livre. Dou um gole na água, observando um cara em cima de uma boia gigante de cavalo-marinho e uma garota fazendo graça ao pular de um trampolim. Fico ali, esperando.

Em questão de minutos Justin aparece na beira da piscina e se joga com tudo na boia de cavalo-marinho, derrubando o cara que estava em cima dela. É só juntar uma piscina e um monte de gente querendo pagar de descolada que a competição é inevitável — é quase uma regra, e sempre uso isso a meu favor para fazer o que faço.

O cara do cavalo-marinho se ajeita, rindo, e se joga em cima de Justin. Os dois começam a se embolar, chamando a atenção de todo mundo por perto. Brigas de piscina não costumam durar muito, então um minuto depois eles param para respirar e arranjam outro jeito de competir.

— Bora jogar! — anuncia Justin, num tom de voz mais alto que a música. Depois sai da piscina, pega a toalha na espreguiçadeira de Ella e enxuga o rosto.

— Vamos dar uma animada nisso aqui?

— Bora! — exclama Amber, empolgada, jogando as mãos para o alto.

Vejo Tiny trocando ideia com um pessoal do outro lado da área externa.

— Pilantra — diz Justin, arrancando gargalhadas. — Um jogo amigável de Pilantra, vai, só que na água.

Desvio o olhar para Ella, que me chamou disso ontem, mas ela continua com os olhos fixos em Justin, sem prestar atenção em mim.

— Corrida em grupo. Quem ganhar vira o Rei — continua Justin. — Quem ficar em segundo vira o Duque. E quem perder... é o *Pilantra*. Até a próxima corrida, daqui a, sei lá, uma hora, quem manda é o Rei. Ele pode pedir o que quiser ou fazer todo mundo tomar uns goles. Depois quem manda é o Duque, e por aí vai. O Pilantra é o capacho de todo mundo.

Resumindo, mais um dia no ensino médio.

— Tô dentro — diz o cara do cavalo-marinho, saindo da piscina.

Jogo os óculos escuros na espreguiçadeira, pronto para participar da brincadeira. Como eu disse, competições são um prato cheio. Olho para Tiny, que só balança a cabeça. Ela ama água, mas prefere boiar a entrar numa disputa de velocidade. Não gosta de correr nem em terra firme. Se estiver correndo, pode ter certeza de que alguma coisa muito estranha está rolando.

— Amor? — diz Justin para Ella, que está tranquila tomando sua limonada.

Fico de pé, tiro a camiseta e jogo os sapatos no canto.

— Eu topo — respondo antes que ela diga qualquer coisa.

— Isso aí, cara — diz Justin, dando risada. — Nosso inimigo número um entrou na parada.

Agora, sim, Ella me olha. Me aproximo do pessoal na beira da piscina, onde já tem umas dez pessoas na fila para a corrida.

Amber joga o celular na espreguiçadeira, dá de ombros, sacode o cabelo e ajeita o biquíni vermelho.

— Tô dentro também. — Ela entra na fila, se colocando entre mim e o cara do cavalo-marinho. Depois me observa com um certo interesse. — Você veio — diz, como se estivesse impressionada.

— Não ia perder isso aqui por nada — aponto para Ella, que está vindo na nossa direção. — A escorpiana ali é praticamente minha melhor amiga na cidade.

Amber dá um sorrisinho irônico.

— Você sabe que o nome dela é...

— Meu nome não é da conta dele — rebate Ella, prendendo o cabelo num coque bagunçado e se espremendo ao lado de Amber.

— De repente *não é da conta dele* seja seu nome de verdade, escorpiana, mas não tem o mesmo charme — repondo.

Enquanto Amber dá risada, Ella finge que não ouviu.

— Beleza, vamos nessa — exclama Justin. — A ideia é nadar até o outro lado da piscina e voltar. Quem chegar primeiro na borda ganha. Leah, pode contar pra gente?

Com as tranças batendo nas costas, Leah solta o celular e ergue três dedos.

— Todo mundo pronto?

Ella me encara com uma expressão de desafio, como se estivesse prestes a me destruir.

Mas sei bem o que ela pensa que eu não sei: que ela, Amber e Leah fazem parte do time de natação há quatro anos. Só que eu também me conheço, e, apesar de não ter uma piscina de luxo em casa, passei todos os verões da minha vida nadando no rio.

— Três. Dois. Um. Vai! — grita Leah da espreguiçadeira, e me jogo na água.

O ruído da música e das pessoas desaparece completamente, substituído por aquele barulho familiar da água. E lá vou eu, empurrando a água com os ombros, de olhos abertos. Chego rápido ao outro lado da piscina, mas, na hora de virar, o movimento acaba saindo meio desajeitado. Já o dela é fluido, elegante. Estamos ali, lado a lado, os pés batendo ao mesmo tempo na parede. Quando nos aproximamos da linha de chegada, olho rápido para ela. Está um pouco atrás de mim, mas seguimos na frente dos outros: eu em primeiro, ela em segundo.

Dou uma desacelerada, diminuindo o ritmo de propósito para ela ganhar. Mas em vez de sair da água como uma Rainha vitoriosa pronta para distribuir bebida para todo mundo, ela chega à parede e para, olhando para mim debaixo da água. Por um segundo, fico sem entender o que está acontecendo.

Vai, leva a vitória.

Ainda debaixo da água, faço um gesto em direção à área externa da casa. Só que em vez de receber a brincadeira numa boa, ela me olha irritada, e, assim como no café, meu plano vai para o espaço. Amber bate na parede entre a gente e sai da piscina, nos deixando ali de mãos abanando e encarando um ao outro de cara feia debaixo da água.

Agora é a vez de Ella apontar para a superfície, com os olhos semicerrados, deixando óbvio que percebeu minha tentativa de dar a vitória para ela e recusando, sem pensar duas vezes, minha oferta de paz. Não que isso tenha qualquer importância, até porque metade das pessoas já saiu da piscina. Ela aponta de novo, mais irritada. E, embora eu entenda o que ela quer, não vou sair agora só para ocupar uma posição mediana que ninguém vai nem notar. Não dá, de verdade. Então só balanço a cabeça.

Parece que ela está morrendo de vontade de gritar, o que, debaixo da água e com as bochechas estufadas, é até bonitinho. Depois levanta as mãos como quem diz: *Qual é o seu problema, porra?* Fico me perguntando a mesma coisa: como é que toda vez que tento bolar um plano, ela resolve fazer algo que eu não estava esperando? Já estou até ouvindo o esporro que a Tiny vai me dar.

Vou até o fundo da piscina e fico sentado ali, dando a entender que aquilo não vale a pena e que é melhor ela desistir. Mas ela faz o mesmo: pisa forte no chão e, quando paro para ver, está sentada do meu lado, me mostrando o dedo do meio com as duas mãos. Ficamos nos encarando, até o impasse ser interrompido pela falta de ar.

Ela já está lutando para segurar o fôlego, e sei que não aguento muito mais do que cinco segundos. Ela resiste, mas não adianta, até que nós dois finalmente saímos da água de uma vez por todas, sem ar.

— E lá vem o nosso Pilantra! — exclama Leah. — Ou dois Pilantras? — pergunta, quando nenhum dos dois se mexe para sair da água. — Essa rodada foi empate, com certeza. Vocês estavam quase numa reunião lá embaixo.

O pessoal ao redor grita e cai na risada. Com um olhar fulminante, Ella sai da piscina e vai pisando forte até a espreguiçadeira, onde Justin está sentado tomando limonada. Ele a agarra e dá um beijão nela.

— Olha só quem apareceu... minha Pilantrinha favorita — diz Justin.

Amber dá uma risadinha.

— Daria um cartão perfeito pro Dia dos Namorados.

E assim começa o show de humilhação. Amber (a Rainha) me coloca para trazer toalhas e petiscos para ela e para Leah, além de me fazer reaplicar seu bronzeador duas vezes e ainda exigir que me curve e a elogie sempre que me aproximo dela. Já Justin (o Duque) me transforma em seu garçom pessoal, me fazendo encher seus copos enquanto desfilo de um lado para outro com um sutiã na cabeça. Mas, como eu imaginava, no final da brincadeira todo mundo sabe quem eu sou. Agora, sim, estou dentro. Faço parte do grupo. Fui aceito por todo mundo, quer dizer, menos pela única pessoa que importa.

— Beleza, Pilantras — exclama Amber, olhando animada de mim para Ella. — Hora de registrar o fracasso de vocês.

Lanço um olhar para Ella, que está com uma cueca boxer na cabeça, mas ela nem olha para mim. Já Tiny, lá do outro lado, não tira os olhos de nós dois.

Amber faz um gesto para eu e Ella irmos até a espreguiçadeira de onde ela está reinando. Quando chego perto, Ella me dá as costas. Pela sua postura, dá para ver que estou numa situação ainda pior do que estava logo após a confusão no café. E eu achava que não tinha como piorar.

— Meu último decreto — anuncia Amber, olhando para a gente como se fôssemos seu salgadinho favorito. — Vou tirar uma foto e vocês vão postar no Instagram. E *vai ter* que ficar lá por pelo menos vinte e quatro horas.

Ella faz cara de quem está prestes a matar Amber ou eu, ou os dois juntos.

— Não tenho Instagram — digo.

Tiny acompanha a conversa lá do canto, perto da mesa de petiscos.

— Sério? — pergunta Amber, surpresa. — Tá, então posta em qualquer rede social que você tiver.

— Não tenho nenhuma rede social — falo, esperando sua reação.

Isso sempre acaba acontecendo. Amber arregala os olhos.

— Como assim? Nenhuma? Nada?

— Nada — confirmo.

Leah arqueia a sobrancelha, como se de repente eu tivesse me tornado mais interessante.

— Não sei se acho isso legal ou suspeito.

— Que tal outro castigo? — sugiro, e Ella parece até esperançosa.

— Hummm, sem chance. A foto *tem que* rolar — diz Amber, observando a gente. Um tempo depois, seus olhos se iluminam. — Peraí... — Ela pega a

bolsa, tira de dentro um gloss vermelho bem chamativo e faz sinal para eu curvar a cabeça. — Já que você não vai postar, vou te dar algo... a mais. — Amber não precisa passar nem uma camada do gloss antes de eu entender exatamente aonde ela quer chegar. Não só vou aparecer no Instagram de Ella com um sutiã na cabeça, como também vou estar com um pênis brilhante desenhado na testa.

— Agora, vai, fiquem perto um do outro — diz Amber, posicionando o celular, nitidamente satisfeita com seu trabalho.

Ella cruza os braços enquanto faço a única coisa que dá para fazer: sorrir.

Leah dá uma olhada no relógio bem na hora em que Amber tira as primeiras fotos e faz cara de pena para Ella.

— Acabou o tempo, Amber.

Amber bufa, como se Leah estivesse acabando com a diversão.

— Tá bom. Mas é melhor você postar logo essa foto, viu, El — diz. Depois grita: — Revanche!

Justin ecoa o grito de Amber, e Ella parece aliviada por nossa tortura ter finalmente acabado. Ela nem se mexe para voltar à competição, e eu também não.

Enquanto o pessoal começa a formar uma fila na beira da piscina para a próxima rodada, tiro o sutiã da cabeça e o estendo a Ella.

— É seu? — Ela balança a cabeça, com a cara fechada, e me dá as costas. Pego um guardanapo da mesa de petiscos de Amber e limpo a testa. — O melhor que a gente pode fazer é rir disso, escorpiana. Todo mundo perde de vez em quando. — Ela continua sem me olhar. — Além do mais, a culpa foi sua — acrescento, porque voltei àquela posição chata de ter que provocá-la para conseguir uma resposta.

Ela vira a cabeça para mim.

— *Minha* culpa? Isso é mil por cento culpa *sua*. Pode ter certeza de que eu não precisava que você me deixasse ganhar. — Acabo sorrindo sem querer, porque, por mais brava que ela esteja, também está meio engraçada. — *Que foi?* — rosna ela.

Leah começa a contagem regressiva e logo quinze pessoas pulam na piscina.

— Nada — respondo, fazendo cara de inocente e dando uma tossidinha enquanto aponto para a cueca que nem uma coroa na cabeça dela.

Seus olhos se arregalam e ela arranca a cueca.

— Pelo menos não parece que fui atropelada por uma tonelada de glitter vermelho.

Passo a mão na testa, mas não sai quase nada.

— Esse gloss não sai — diz, dando um sorrisinho bem discreto.

— Quer dizer que eu ainda tô com bolas na testa?

— Bolas imensas — responde ela, segurando o riso.

— Se eu soubesse que era só desenhar bolas na cara pra te fazer sorrir, teria feito isso uma hora atrás.

Ela se esforça para parecer irritada, mas não engana ninguém.

— Não dá pra *acreditar* que você fez isso com a gente. — Ela suspira, a raiva começando a passar. — Eu podia ter ficado de boa com minha limonada, mas, em vez disso, passei meia hora enchendo uma boia gigante de coelho e chamando Amber de Sua Majestade.

— É, mas pensa só nos memes que vão fazer da gente — digo.

Ela fica de queixo caído.

— Eu vou te matar, sério.

Ficamos uns segundos nessa troca de farpas e piadas, sem nunca evoluir para algo amigável.

Até que Justin sai da água, agora como o Rei, e ergue o punho, comemorando.

— Fiquei surpreso de você não ter competido de novo — digo, tentando prolongar a conversa. — Podia ser você ali agora.

— Tô de boa em nunca mais brincar disso. — Ela balança a cabeça. — Onde foi que você aprendeu a nadar daquele jeito?

Sem nem pensar, acabo dizendo:

— Era o único lugar que eu conseguia ficar depois que a minha irmã...

Assim que as palavras escapam, desvio os olhos, chocado e completamente sem graça. Merda, Tiny e aquele papo sobre a Des. Maldita hora que minha cabeça me traiu e resolveu falar a verdade.

— Sinto muito — responde ela, entendendo na mesma hora.

Enxugo a testa de novo.

— Banheiro? — pergunto, mesmo já sabendo onde fica.

Mas, ao passar, ela estende a mão e diz:

— Ella. Meu nome é Ella.

Paro e seguro sua mão.

— Holden.

— Nossa... Holden... Quer dizer que seus pais são daquele tipo, né? — diz ela, se divertindo.

Embora meu nome não seja Holden, me identifico completamente com a situação. *August? Sério?*

— Você não faz ideia.

— Na verdade, faço, sim. Meu nome do meio é Gertrude.

— Putz. Pelo menos é o do meio.

— Ah, é, mas mesmo assim... não faz diferença pra galera da escola se é só o do meio.

— Nisso você tem razão — concordo e, desta vez, quando nossos olhares se encontram, a tensão entre nós desaparece.

Só que a conversa também morre. Porque Justin aparece todo ensopado, levanta Ella e a gira no ar.

— Gata, você tá namorando o Reeeeei! — exclama, e ela cai na gargalhada.

Kyle rodopiou Des no quintal e tascou um beijão nela, a água salgada ainda pingando dos dois depois de vencerem os amigos numa corrida até a boia.

Tiny deixou escapar um suspiro.

— Não vejo a hora de alguém me beijar assim.

— Que nojo — rebati.

Tiny mergulhou a batata no molho enquanto descansávamos na mesa de piquenique, depois de perder feio nas últimas três corridas.

— Mas olha só pra eles. Estão apaixonados.

— A conversa sobre a minha irmã tá maravilhosa, mas...

— Viu a gente, maninho? Vitória esmagadora — disse Des, bagunçando meu cabelo molhado antes de enfiar um salgadinho de creme de cebola na boca.

— Difícil foi não ver, com vocês gritando "Campeão!" e dançando balé no deque — respondi, tentando imitar o jeito dela.

Kyle riu.

— Esse moleque é demais. Como você nunca me contou que seu irmão caçula era tão engraçado?

— Mentira. Eu conto pra todo mundo — retrucou ela, me dando um beijo na bochecha e jogando no lixo qualquer respeito que eu pudesse ter conquistado.

10
VALENTINE

A cesta de mercado na mão de August está transbordando de doces e salgadinhos, mas ainda consigo enfiar um pacote de biscoitos de menta lá dentro. Meus pais foram para um evento de gala em Boston e deixaram dinheiro para a gente pedir comida, o suficiente para comprar pizza e acabar com o estoque de doces do mercado. Provavelmente vão reclamar disso quando chegarem em casa e derem de cara com a gente largado no sofá no meio de um mar de embalagens de guloseimas, mas não me importo.

— Um pacote de mini Kit Kats ou dois grandões? — pergunto.

August e eu nos entreolhamos e respondemos ao mesmo tempo:

— O pacote.

— Agora só falta decidir o sabor do sorvete e pronto — digo, e de repente sou tomada por uma onda de nostalgia. — Cara, vou sentir saudade de comprar doce aqui.

August dá risada.

— Como é que você consegue sentir saudade de uma coisa que a gente tá fazendo agora?

— Tô falando de quando a gente for pra Califórnia — explico, mas ele só dá de ombros. — Ué? Não vai sentir saudade?

— Não muito.

Não sei por quê, mas a resposta dele acaba me irritando.

— Como assim? A gente cresceu nesta cidade. Foi onde a gente aprendeu a nadar, onde começamos todos os nossos projetos. Onde fizemos nossas noites

de filme.

De repente fico incomodada, sem entender de onde essa minha reação surgiu ou por que eu precisava falar com tanta convicção.

Ele me olha, confuso.

— Eu sei. E você vai passar os verões aqui.

Sinto meu estômago embrulhar.

— *Eu?* Você não vai voltar pra casa no verão?

Ele dá de ombros. De novo.

— Não sei.

Meus olhos se arregalam.

— Fui eu que disse que não via a hora de ir embora.

Aponto para mim como se, de algum jeito, esse sentimento só pertencesse a mim.

— É, e eu concordo com você.

Olho para os doces, tentando controlar a ansiedade que está prestes a me dominar. Como que ele tem coragem de jogar toda a nossa infância no lixo desse jeito? Só que, quando volto a olhar para August, ele não está mais me encarando. Está com os olhos fixos no corredor. Quando vejo quem ele está observando, congelo.

Na seção de salgadinhos está Kyle, *o Kyle da Des*, que estava estudando fora, que não voltou para casa em nenhum verão e que, até onde a gente sabia (e torcia), tinha sumido do mapa. E agora está bem ali, pegando um pacote de salgadinho como se tivesse algum direito de fazer isso.

Seguro no braço de August como se dissesse *vamos dar o fora daqui*. Ele não afasta minha mão, mas também não fala nada. Até que Kyle nos vê. E, pelo que parece uma eternidade, ninguém se mexe. Meu coração dispara e sou consumida pela certeza de que não tenho como resolver essa situação.

A raiva atravessa o rosto de August, mas continuamos ali, indecisos, que nem manequins lutando para ganhar vida.

De repente Kyle sai do transe, e sua expressão de surpresa se transforma naquela postura cheia de confiança que a gente achava legal antes de entender o que estava acontecendo.

— Olha só quem apareceu, o pequeno Mariani em carne e osso — diz, num tom que soa íntimo demais.

Ouvi-lo dizer o nome de August só torna tudo ainda mais insuportável, e cogito soltar uns palavrões que fariam as crianças no mercado tamparem os ouvidos. Mas nenhum xingamento parece impactante o suficiente. Então me contento com um comentário vago:

— Vamos deixar pra lá, pode ser?

Lanço para Kyle um olhar que deixa bem claro que quero que ele dê o fora.

Por um segundo, parece que Kyle levou um tapa. Mas ele tenta disfarçar encolhendo os ombros e dando uma risadinha meio sem graça.

— Pelo visto sua namorada continua falando por você, né? — diz, uma provocação que fazia com a gente anos atrás.

Mas ele acaba falando de um jeito esquisito, e August parece passar de furioso para ofendido. Kyle suspira, depois nos dá as costas e vira o corredor, sumindo de vista.

Solto o ar, fazendo um barulho alto.

Mas August continua ali, sem mover um músculo, e dá para ver que está controlando a raiva, como se a qualquer momento fosse partir para cima daquele babaca.

— August? — chamo, hesitante.

Ele aperta os lábios, mas não olha para mim.

— August? — Tento mais uma vez, só que, como ele continua em silêncio, começo a duvidar de mim mesma. Sinto um arrepio de medo; será que ele acha que piorei as coisas? — Espera... Você não tá puto *comigo*, tá?

— Tá tudo bem — mente ele.

— Você sabe que eu só estava tentando te proteger, né?

Mas minhas palavras não soam acolhedoras como eu gostaria; parecem vazias.

— Não preciso que você me proteja.

Ele fala como se fosse uma acusação, e acabo me irritando.

— E qual o problema de querer proteger meu melhor amigo?

— Tiny — diz, e seu tom irritado me faz ficar imediatamente na defensiva.

— Você ficou calado — respondo, baixo. — Era pra eu fazer o quê?

Ele olha para o teto e respira fundo.

— Não vou discutir com você no meio do mercado. — Ele me passa a cesta de guloseimas. — Toma.

Balanço a cabeça.

— No meio do mercado ou não, você nunca quer falar sobre isso. Sou sua melhor amiga e não faço ideia do que tá acontecendo com você.

— Tem razão. Não quero falar sobre isso com você porque você não sabe respeitar limites — diz ele, com raiva e frustrado. — Nem tudo gira em torno de você.

Ele coloca a cesta no chão e sai andando.

Fico encolhida, como se isso pudesse me proteger da dor.

Ele vai embora e não faço nada para impedir.

11
AUGUST

Volto para casa pelo caminho mais longo, andando pela praia e dando uns chutes na areia. Aperto os olhos com a palma da mão, mas não faz diferença.

Kyle. Está. Na. Porra. Da. Minha. Cidade. A qualquer momento posso virar a esquina e dar de cara com aquele sorriso arrogante naquela cara de merda, a expressão típica de quem não sente nem um pingo de remorso.

Meus punhos se fecham conforme a imagem dele parado no corredor vai rapidamente se misturando à de dois anos atrás: ele perto da fita amarela de isolamento policial, com as luzes da viatura iluminando seu rosto e minha irmã já morta. Olho por cima do ombro, como se Kyle tivesse me seguido até a praia. Mas não tem ninguém. Se Tiny passou por aqui, não vi. Também não estava prestando atenção.

A água tranquila vai e volta enquanto tiro o tênis. Arranco a camiseta, jogo a carteira e o celular na areia e mergulho, sentindo o frio da água gelada arrepiar minha pele e me deixar sem fôlego. Depois o ritmo do mar me envolve, me levando com ele.

Nado sem parar, até meus olhos arderem de tanto sal e meus braços parecerem que vão cair. Mas mesmo aqui, o único lugar onde sempre consegui relaxar, começo a perder a cabeça.



Não vou fazer isso com você, penso, decidido, mesmo sem saber se "você" é a minha mente, Kyle ou o desenho que surgiu na água escura à minha frente.

12
VALENTINE

Comédias românticas sempre dão um jeito em tudo, digo para mim mesma, com os pés apoiados na mesa de centro. Mas nem me esbaldar de sorvete e assistir *Missão madrinha de casamento* consegue me fazer esquecer essa sensação esquisita.

Ao meu lado no sofá, o celular vibra e o alcanço embaixo de um monte de pacotes e embalagens.

Sr. Becker

Precisamos conversar sobre por que seu colega está no perfil da minha filha com genitais desenhados na testa. É pra isso que estamos pagando vocês?

Levanto o corpo tão rápido que quase derrubo a pipoca no chão. Merda. Minha vontade é dizer que, primeiro, ele *não está* pagando nada para a gente, não até o plano dar certo, então devia relaxar e dar um tempo. Mas sei que é só a frustração falando mais alto.

Eu

Foi a consequência por August ter perdido uma aposta. Entendo que a foto pode ter sido impactante, mas, acredite, é uma coisa boa. Significa que ele está criando um vínculo com a sua filha.

Será que ele nunca foi jovem, não? Pensando bem, talvez ele sempre tenha sido um cara rabugento de meia-idade. Fico tamborilando os dedos enquanto espero a resposta, mas três minutos se passam e nada. Não sei se ele se acalmou ou continua aborrecido.

Ouço a porta da frente bater e as vozes abafadas dos meus pais ecoarem no corredor, mas não é aquela conversa tranquila de sempre. Eles falam rápido, um cortando o outro, e o tom sério é interrompido abruptamente assim que entram na sala. Viro para trás para olhar para eles, tentando entender se estão brigando. Minha mãe abre um sorriso, mas meu pai continua de cara fechada. Antes estavam num grude só, agora isso? Esse clima estranho só piora minha sensação ruim.

— Valentine — diz minha mãe com uma animação que soa exagerada, só confirmando minha desconfiança. — Cadê o August?

— Não tá aqui — respondo, e na mesma hora me arrependo do tom meio mal-humorado.

Minha mãe olha bem para mim.

— Tá tudo bem, meu amor? Vocês brigaram? — Faço que não com a cabeça. — Não, você não tá bem, ou não, vocês não brigaram? — pergunta ela, tentando entender.

Saio do sofá, de saco cheio por minha resposta não ter feito sentido, mas sem vontade de explicar melhor.

— Não se preocupa.

— Valentine, dá pra falar direito com a sua mãe? — diz meu pai, sério.

— Eu tô falando direito — rebato, só provando que ele tem razão. *Aff, cala a boca, Valentine*. Vou até a porta dos fundos. — Vou lá fora respirar um pouco.

Seguro a maçaneta e encaro meus pais, só para ver se vão falar alguma coisa. Mas eles ficam me olhando com a mesma cara preocupada, o que só piora tudo.

— Que foi? — digo, sem conseguir ficar quieta. — Vocês também estavam brigando e não tô olhando pra vocês desse jeito.

Minha mãe franze o cenho.

— Vai lá respirar um pouco, vai — diz num tom calmo demais, bem do jeito de mãe. — Parece que você tá determinada a espalhar seu mau humor,

mas não vou morder a isca.

Maravilha. Era só o que me faltava. Abro a porta e vou descalça para a varanda. Ela se fecha com um barulho que não chega a ser um estrondo, mas também não é discreto.

Solto um suspiro irritado e jogo as mãos para o alto. Por que eu não podia só dar oi para eles e continuar comendo meu chocolate como qualquer pessoa normal?

— Tá tudo bem? — pergunta alguém, e dou um pulo.

Olho em volta e lá está Bentley, com a silhueta iluminada pelas luzes da casa dele. Mesmo no escuro dá para perceber que ele acabou de sair do banho e está arrumado para sair.

Dou de ombros, sem a menor paciência.

Ele sorri.

— Pô, tô até emocionado que você copiou meu estilo silencioso, mas...

— Não cansa de ficar forçando esse charminho falso, não? — rebato, já no meu limite. — Porque, sério, já deu.

Ele ergue as mãos, como se estivesse se rendendo. Mas, em vez de me provocar, diz apenas:

— Fica tranquila. Seja lá o que for, vai passar. Sempre passa.

Então entra na sua picape velha, estacionada na entrada da garagem.

Fico observando ele se afastar, e a sensação ruim só piora. Não bastava meu humor do cão, ainda tive que engolir o Bentley Cavendish conseguindo ser mais maduro que eu. Que saco.

13
AUGUST

A água pinga do meu cabelo e vai escorrendo pelo peito enquanto caminho a passos pesados pela areia, respirando com dificuldade, a cabeça baixa, exausto demais para pensar.

Pego minhas coisas, já pensando em me arrastar até em casa e desabar na cama, mas meu celular acende, então acabo mudando de ideia e me sentando na areia. É uma mensagem de um número de Massachusetts, e só tem como ser de uma pessoa.

Ella

Oi

Enxugo as mãos na camiseta seca.

Eu

Oi pra você também

Ela responde em menos de um segundo.

Ella

Não vai nem perguntar quem é? Talvez eu seja um maluco.

Eu

Provavelmente é mesmo. Mas sei quem é. Só passei meu número pra você.

Ella

Nossa. Não sei se me sinto lisonjeada ou se você é só um nerd mesmo. Você não conheceu umas cinquenta pessoas hoje?

Um sorriso começa a surgir no meu rosto.

Eu

Os dois? Mas a pergunta que não quer calar é: por que você curte tanto nerds?

Falo na brincadeira, mas, com ela, nunca sei se a piada vai dar certo. Na maioria dos casos, é só demonstrar um pouco de interesse na vida da pessoa que pronto, ela começa a se abrir. Como Tiny vive dizendo, todo mundo quer atenção. Mas com Ella isso não cola. Na verdade, o único jeito é fazer piada e provocar, que nem faço com Valentine.

Ella

Haha. Eu não apostaria nisso.

Eu

Eu tenho a prova: você tá me mandando mensagem.

Ella

Que nada. Só quer dizer que decidi parar de te odiar. Você foi promovido a uma leve antipatia.

Dou risada, e o som me surpreende. Não imaginei que fosse conseguir rir agora.

Eu

Tá bom, eu aceito.

Espero um instante, mas ela não responde mais nada, e talvez seja o cansaço emocional misturado com o mergulho ou a escuridão da praia que acabam me fazendo digitar:

Eu

Pergunta aleatória... mas

Alguma vez você já se sentiu completamente paralisada? Tipo, de choque, indecisão, sei lá?

Ella

Não. Sou leonina.

Eu

Faz sentido.

Ella

Pode rir, mas é verdade. Você é de Gêmeos... quando acontece uma coisa grande ou significativa, suas duas versões ficam divididas, sem saber como reagir. Aí você fica paralisado.

Paro um segundo, não por achar que minha reação no supermercado tenha alguma coisa a ver com astrologia, mas porque, na verdade, até que é uma boa explicação para o que rolou com Kyle. E, sinceramente, nem sei por que estou falando com ela sobre minha vida pessoal em vez da minha vida fictícia como Holden. Vou considerar que é só porque hoje foi um dia estranho.

Ela começa a digitar, para e começa de novo.

Ella

Enfim, não tô mandando mensagem por mim. Amber pediu pra eu te chamar pra festa dela amanhã.

Hoje não é mesmo o meu dia.

Fico encarando o celular, os dedos pairando sobre as teclas. Se responder que sim, ela vai achar que gosto de Amber. Se responder que não, Amber pode

acabar me barrando de qualquer convite futuro.

Segunda regra: Nada de flertar com os amigos do alvo.

Eu

Deixa eu pensar e já, já te respondo.

14
VALENTINE

Doces podem até não consertar o mundo, mas, depois de um dia ruim, um chocolate quentinho é que nem um abraço. Estou sentada no deque (o "escritório" que eu e August dividimos) enquanto mastigo, meio distraída, pensando num jeito de resolver as coisas com ele, até escutar passos atrás de mim.

August se senta ao meu lado com a caneca do Snoopy cheia de café, mas não fala nada. Ficamos uns segundos em silêncio, só encarando a água. Não é como se tivéssemos uma amizade perfeita e sem conflitos. Já passamos por fases em que discutíamos o tempo todo, mas a situação agora é diferente.

— Sobre o que aconteceu ontem... — começo, tentando criar coragem para colocar tudo em pratos limpos. — Sei que...

— Eu fui um babaca — diz ele, e eu o encaro. — Não devia ter virado as costas pra você daquele jeito.

Ele coça a nuca.

— É, não devia mesmo.

— Concordo.

— Certo — respondo, e minha frase morre ali, meu argumento indo por água abaixo. — Isso é a sua cara, sério. Destruir os xingamentos que planejei com o maior cuidado em três frases. Agora como é que eu faço pra te colocar como o vilão da história?

Ele encosta o ombro no meu e, com uma voz irresistivelmente sincera, pergunta:

— Você me perdoa, Tiny?

Solto um suspiro.

— Tenho escolha?

— Depende. Esses xingamentos eram bons mesmo?

— Bons o suficiente pra fazer você se engasgar com o café.

— Então manda ver.

Volto a olhar para a água, pensando melhor.

— Ah, não. Deixa pra próxima.

Ele dá risada e, assim, colocamos um ponto-final no assunto.

— Ella me mandou mensagem — diz, dando um gole no café.

Fico empolgada.

— Sério? E aí, o que ela falou? Coisa boa? Ruim? Só pode ser coisa boa, senão nem teria te mandado nada, né?

Ele me passa o celular, e começo a sorrir enquanto leio a conversa. Pelo menos até chegar à parte em que August pergunta se ela já se sentiu completamente paralisada. Levanto o olhar, surpresa. August está abrindo o coração e falando sobre o que sente para uma garota que mal conhece? Nem comigo ele se abre desse jeito.

— Continua lendo — pede ele, embora já tenha sacado o que estou pensando.

Olho para ele sem entender, depois volto a atenção para o celular. E lá está: Amber.

— Esse lance de amantes trágicos só dá azar — digo, pensando nas informações que tenho sobre ela. — Beleza, vamos lá. Amber: mandona, líder do grupinho da Ella, uma garota que, quando quer, consegue ser bem cruel, além de ser adorada por todo mundo e ter terminado com o namorado, Derek, uns meses atrás.

— Ela ainda tem foto com ele no Instagram — aponta August. — E ele também estava na festa da Ella.

Faço que sim, impressionada. August não é de fazer alarde, mas repara em tudo.

— Verdade. Ou seja, já terminaram, viraram amigos e agora ela tá solteira. Essa aí é que nem tubarão. Podia ser até o apelido dela, ia combinar muito.

August pega o celular de volta e digita para Ella: *Tranquilo eu levar minha prima?*

Ele me olha esperando aprovação e só aperta no botão de enviar quando concordo com a cabeça. Mesmo sendo um gesto pequeno, é uma coisa que faz com que eu me sinta bem. Ele me esperou antes de tomar a decisão. Estamos juntos nessa.

Passo meu celular para ele, com a mensagem do pai de Ella aberta.

— Ah, também tem isso aqui.

Ele lê e olha para mim.

— Uma ligação rápida? — sugere, embora eu saiba que ele não curte conversar com pais ou amigos, então essa tarefa sempre sobra pra mim.

— É, tava pensando nisso. Só pra dar uma tranquilizada nele.

— Concordo — diz.

Clico para ligar.

Mas, nesse meio-tempo, August recebe uma notificação no celular e levanta a tela: é Ella avisando que a festa não vai ser num quintal, nem numa praia. E sim num *barco*. *Daqui a uma hora*. E, se nos atrasarmos, o barco vai embora sem a gente. Nos levantamos de uma vez só, August chega a derramar o café.

— Caiu na caixa postal — digo, encerrando a chamada. — Te encontro no carro em vinte minutos?

— Pode ser — responde, e vamos em direção às nossas casas.

Mas, quando piso na varanda, vejo Bentley pela janela da cozinha dele e paro, me lembrando de como fui grossa com ele.

Só uma passadinha rápida, penso, correndo até lá. Bato três vezes na porta de tela.

— Pode entrar! — grita Bentley, então vou entrando.

A porta dá direto na sala, com um monte de brinquedos dos irmãos gêmeos de sete anos espalhados pelo chão. O sofá azul está meio desbotado, o carpete, gasto, mas tudo limpo. Vou até a cozinha e dou de cara com Bentley de avental, fazendo ovos mexidos com queijo numa frigideira enorme.

Ele arregala os olhos quando me vê.

— Valentine? O que você... Quer dizer... Oi.

— Oi — digo, e, como ele está sem graça, também acabo ficando sem graça, como se estivesse me intrometendo. — Eu só...

Mas, antes que eu consiga dizer qualquer coisa, os gêmeos entram correndo, batendo um no outro com uns tubos grandes de papelão.

— Tô com fooome — diz o irmãozinho, Trevor.

— Tô faminta — concorda Maisie.

Fico olhando para os três. Quer dizer que Bentley cozinha? Sei que a mãe dele trabalha muito, tanto que mal vejo o carro dela na garagem, mas nunca o imaginei como o tipo de cara que fica em casa de avental tomando conta de criança. É totalmente o oposto do jeito descolado que tenta passar.

— Vim te pedir desculpa por ter gritado com você ontem — falo.

Ele dá de ombros.

— Todo mundo tem dias ruins. Não esquenta a cabeça.

Ele está tão tranquilo e estou tão curiosa com esse seu lado mais caseiro que acabo dizendo:

— Quem sabe não posso me redimir? Que tal um almoço?

Ele fica um tempo parado com a espátula na mão, como se tivesse levado um susto. Depois dá um sorrisinho.

— Você quer tipo... sair comigo?

Os gêmeos param de se bater para me olhar.

— Ah... — Sinto minhas bochechas esquentarem. — Pode ser. Isso.

O rosto dele se ilumina inteiro, mas, antes que consiga responder, Trevor o acerta com um tubo de papelão.

Aí os gêmeos começam a cantar:

— Bentley tá *namoraaaando*.

— Enfim, a gente se vê — digo, indo em direção à porta. — Ah, dá uma viradinha aí nesses ovos.

Bentley se vira para a frigideira, onde os ovos estão começando a queimar, e começa a mexer. Saio e, enquanto corro pelo quintal da minha casa, percebo que, de algum jeito maluco, acabei chamando Bentley para sair. *Logo eu*. E logo Bentley, de todos os caras. Hoje está tudo de cabeça para baixo.

15
AUGUST

Dirijo acima do limite de velocidade pela avenida principal da cidade de Ella, o que não é lá tão rápido considerando que o limite aqui é vinte e cinco quilômetros por hora e estou indo a vinte e sete. O silêncio tomou conta do carro desde que passamos pela rua onde Des sofreu o acidente. Desviei o olhar, como sempre faço, e Tiny olhou para mim como se quisesse me perguntar alguma coisa. Mas, por sorte, em vez de tocar mais uma vez nesse assunto, ela só se recostou no banco. Desde então está com os olhos fixos no mar, sentindo a brisa com a mão para fora da janela, sem perceber os momentos que olho para ela. Pelo sorriso discreto no rosto tenho certeza de que, seja lá o que estiver pensando, pelo menos nos últimos vinte minutos não tem nada a ver comigo.

— Tá tudo bem? — pergunto.

— Hã? — diz ela, depois continua, meio distraída: — Tudo, sim, claro. — Antes que eu tenha tempo de comentar qualquer coisa ela se endireita e tira os pés do painel. — Ali — fala, apontando para uma placa que indica o porto.

Viro rapidamente à esquerda e entro numa estradinha de cascalho, depois contorno o pequeno estacionamento e pego uma vaga lá atrás, perto de um monte de juncos. Saímos do carro — eu com outra camiseta respingada de tinta, short, mocassim e um blazer azul-marinho de linho (também do armário do pai de Tiny); e ela com um vestido longo de algodão que deixa a cintura bem-marcada e tem uma fenda na coxa. Nossa roupa é bem despojada, casual, mas certeira: a impressão é de que nem nos esforçamos. Acabo me lembrando

daquela citação de Shakespeare que resume bem minha vida agora: "O mundo é um palco; os homens e as mulheres, meros artistas."

— Quem é essa gente? — pergunta Tiny, olhando para o iate enorme lotado de adolescentes.

— Não faço a menor ideia — respondo. Até tem alguns adolescentes de classe média alta na nossa cidade, mas nada nesse nível. Só que, de alguma forma, não importa onde você esteja, dinheiro e popularidade parecem caminhar sempre juntos. Ou talvez seja só poder e mais poder.

É só a gente pisar no deque que já damos de cara com Amber, toda sorridente, usando um vestido dourado brilhante.

— Impressionante — comento, observando o iate.

— Né? — concorda ela. — Todo ano meus pais alugam pra comemorar o aniversário de casamento. O aluguel vale pro dia inteiro, mas eles só usam à noite. Entãoooo, sabe como é... melhor aproveitar enquanto a gente pode.

Entramos no barco luxuoso e na mesma hora reconheço quase todo mundo da festa de ontem. Tiny e eu damos uma volta no espaço, passando por um pessoal tomando sol e bebendo umas limonadas chiques.

— Curioso ele aparecer por aqui — cochicha Tiny e sigo seu olhar até o ex de Amber. — Ou complicado. Ou os dois? — Derek está largado num sofá numa sala cheia de janelas, trocando uns olhares cheios de segundas intenções com uma garota que é a cara da Amber.

Eu bufo.

— Esses grupinhos de amigos cheios de drama são que nem um campo minado.

— Nem fala — diz Tiny enquanto Justin se joga no sofá ao lado de Derek. — Essa situação aí tá basicamente me implorando pra meter o nariz e investigar. — Então ela sai andando, me deixando sozinho no deque.

Justin ergue os olhos assim que Tiny se aproxima. E, por um instante, seu sorriso convencido lembra tanto o de Kyle que olho de novo, sentindo a raiva esquentar minha pele e meus ombros ficarem tensos. Desvio o olhar, me apoio no guarda-corpo e fico observando a enseada. Quando percebo que não consigo tirar Kyle da cabeça, suspiro pesado, como se pudesse cuspir a sensação direto na água e deixá-la flutuar para longe de mim.

O barco começa a se mexer e resolvo ficar mais um tempo por aqui, até o pessoal entrar no clima da festa, para ver se consigo dar um jeito de falar com Ella. Mas não dá nem dez segundos e o brilho dourado de um tecido surge na minha visão periférica.

— Adoro o mar — diz Amber, encostada no guarda-corpo com uma limonada na mão. — Mas também sou filha da água.

Me viro para ela, que veio direto na minha direção.

— Filha da água?

Ela ri.

— Signo de água. Nasci na água. Nado que nem uma sereia.

— É, deu pra ver — comento, tomando cuidado para manter o tom bem dentro da zona da amizade. — Você acabou com todo mundo na corrida ontem.

— Bem, não *todo mundo* — responde ela, com um canudo na boca. — O Justin ganhou de mim uma vez. E teve *você e a Ella*.

Dou de ombros, sem dar muita importância, mas ela me olha com aquela cara de garota popular pronta para a ação.

— O que rolou pra vocês dois perderem de propósito?

Eu até podia dizer que não rolou nada, mas não ia adiantar.

— Só estava tentando ser educado.

— Ah, sério? *Educado*, é? — provoca. — Ou talvez... você tenha uma quedinha por ela.

É uma afirmação, não uma pergunta. Rio mesmo sem achar graça.

— *Ou* derramei café na garota e achei que ganhar dela na sua própria festa fosse acabar me deixando de fora de todas as outras festas neste verão.

— Hummm — diz ela, e sinto meu pescoço ficar tenso.

Dou um sorriso, mas fico quieto.

Ela fica me observando por um instante.

— A gente se vê por aí, sr. Café — diz antes de sair desfilando. Até o jeito dela sair faz parte do show, como se fosse mais uma chance para as pessoas olharem e ficarem impressionadas. E talvez até eu ficasse, se fosse o Holden de verdade.

Amber se junta a Leah, e eu volto ao que sei fazer de melhor: esperar e observar. A energia está lá em cima, a música no último volume; a festa

rolando solta.

Tiny puxa conversa com Derek e Justin na sala com janelas e, pelo jeito, dá para ver que Justin está tirando-a do sério — mais um motivo para ela preferir que eu tome a frente das atuações. Ainda mais depois do caso do verão passado, quando ela acabou assumindo o comando e teve que lidar com uma garota que tinha uma tarântula de estimação que fugia sempre que ela ia visitar. Foi pesado.

E lá está a Ella, sentada num banco acolchoado trocando ideia com o cara do cavalo-marinho. A conversa deles é rápida, só uns minutos até ele apontar para a mesa de petiscos.

É a minha deixa.

Começo a ir até eles, calculando bem o ritmo para só aparecer quando ele se levantar, deixando Ella sozinha.

— E aí — digo, ocupando o lugar vazio ao seu lado.

— Curtindo a festa da Amber? — pergunta Ella, e suspiro mentalmente com a ênfase que ela dá em *Amber*.

— É, sei lá... sol e mar... tem como não gostar?

— Bom, você tá aí sozinho faz, tipo, uma hora.

— Tava me observando? — pergunto, com um sorriso confiante.

— Por que você é tão insuportável?

— Eu que te pergunto. — E aí sinto de novo aquela energia esquisita na nossa troca de farpas, e penso que deve ser porque ela é simplesmente muito mais afiada nisso do que a maioria das pessoas dos outros casos.

Ela ri.

— A maioria das pessoas não vai pra uma festa pra ficar sozinho.

— Não sou a maioria. E curto ficar na minha. Você nem imagina o que dá pra descobrir só observando.

— Não chega perto do que dá pra descobrir trocando ideia.

— Que nada — rebato, mas ela não parece muito convencida. — Por exemplo, aquele cara com quem você estava conversando agora há pouco — digo, dando uma olhada ao redor — tá a fim daquele outro cara de tênis branco.

Ela arqueia a sobrancelha, intrigada.

— E como é que você sabe disso?

— Porque ele não para de rodeá-lo, puxando assunto com todo mundo por perto — digo.

— Isso não é exatamente uma prova concreta.

— Dá pra ver também pela linguagem corporal dele. Não importa com quem está falando, fica sempre meio virado pro cara em quem está interessado. Mas você conhece ele melhor do que... Tô errado?

Ela me olha como se quisesse me contrariar.

— Não tá errado. — Abro um sorriso. — É, mas também não precisa ficar todo felizinho.

— Feliz que nem você ficou quando adivinhou meu signo? — rebato.

— Esse é o meu *lance*. Signos são comigo mesmo — afirma ela, e sinto um leve alívio por ela estar finalmente falando comigo sobre si mesma, algo que normalmente consigo descobrir em dois minutos de conversa, não em dois dias.

— Ou seja...

— Ou seja, eu escrevo num blog sobre astrologia. — A voz dela se enche de orgulho. — Não adivinhei seu signo, eu deduzi pelo seu comportamento. — Depois solta, com um ar meio irônico: — Que não tem nada a ver com esse jeitão solitário e pensativo.

Eu até riria, mas não tem graça: ela me faz ralar em cada detalhe.

— Na verdade, a ideia é mais observar com uma finalidade — argumento.

Ela me olha e, como não falo mais nada, ela suspira e pergunta:

— Beleza. Vou dar o braço a torcer. Que finalidade é essa? *Por que* você fica observando?

— Eu pinto — falo, mesmo sabendo que, se estivesse sendo sincero, usaria o verbo no passado.

Ela dá uma olhada na minha camiseta respingada de tinta, depois me encara.

— Pinta de verdade ou só faz charminho pra poder usar essa camiseta e se sentir descolado?

Dou risada.

— Pinto desde que consegui segurar um pincel. Minha mãe é pintora. — E, de novo, fico surpreso por estar compartilhando informações reais sobre a minha vida. Talvez tenha sido a alfinetada dela sobre minha camiseta, um

comentário que eu, August, teria feito se a situação fosse ao contrário. Mas, de qualquer forma, a verdade parece ter dado certo, porque ela deixa o sarcasmo de lado.

— Sortudo. Sempre quis saber pintar. Já tentei, acredita? Mas sou horrível. Tipo, tão horrível que dá vergonha alheia. Mesmo assim ficava imaginando como seria viver em Paris, montar meu cavalete no parque, que nem naqueles filmes antigos. — Ela ri. — Que bobagem, né?

Sorrio.

— Não tem nada de bobo. Até soa bem legal, na verdade. — Faço uma pausa. — Devia tentar mais uma vez. No começo todo mundo passa por uns perrengues. — Vejo uma brecha e acrescento: — Com certeza posso te mostrar umas coisas que te fariam ver que você não é tão ruim assim.

Ela me observa atentamente.

— É uma proposta?

— É, sim — digo, disposto a correr o risco de levar um fora, mas torcendo para que isso crie uma abertura para desenvolvermos uma amizade.

Mas logo nessa hora, no pior momento possível, Amber aparece, nos cegando com seu vestido que reflete o sol da tarde.

— Ella e Holden... exatamente quem eu estava procurando — diz, e nos puxa pela mão.

A gente se levanta e Amber nos arrasta até a parte de trás do iate, onde o pessoal está dançando. Ella vai direto para Justin, que já está no meio da galera, e me deixa sozinho com Amber. Até podia falar que não sei dançar, mas sei que ela não ia deixar por isso mesmo. O caminho mais fácil (infelizmente) é entrar na dança e tentar escapar o mais rápido possível.

16
VALENTINE

Sem fôlego de tanto dançar, pego uma garrafinha de água na mesa de comes e bebes. Morro de vontade de rir de August, que sei que odeia uma pista de dança e não tem como competir com os giros animados e os movimentos sensuais de Tubarão. A situação já está rendendo uns olhares tortos de Derek, e imagino que seja exatamente essa a ideia de Amber.

Leah se aproxima de mim, pega uma água e começa a enxugar a testa com um guardanapo. Ela também repara em Amber e August/Holden dançando, mas, diferente de mim, não consegue segurar o riso.

— Parece que ela tá tentando hipnotizá-lo antes de comê-lo vivo — digo, brincando.

— Conhecendo Amber, é isso aí mesmo — concorda Leah, balançando a cabeça. — Coitado. — Aí ela olha para Derek e para a cópia de Amber, me fazendo acreditar que minha teoria estava certa.

Ela bebe a água num só gole e coloca a garrafinha na mesa, indo em direção à pista de dança.

Abro a boca na intenção de continuar a conversa, até ver que ela se afastou. Então mudo de ideia ao ver Justin e Ella se dirigindo à escada que leva ao convés inferior, onde Amber avisou que era proibido ir.

Espero um segundo e vou atrás deles. No topo da escada, tiro o chinelo para não fazer barulho. Enquanto desço, escuto as vozes abafadas de Justin e Ella, mas não consigo entender nada. A escada dá numa sala com um bar e uma TV

enorme na parede, e vou na ponta dos pés até o fundo do cômodo, dando uma espiada pela porta meio fechada que dá no corredor.

Lá na frente vejo Justin encostado no batente do que acho que deve ser um quarto. Os dois estão de mãos dadas, e ele está sorrindo.

— Ninguém nem vai notar que a gente sumiu — diz.

— Pode ter certeza de que a Amber vai notar — responde Ella, rindo. — Ela basicamente ameaçou a gente: se bagunçarmos os quartos, os pais vão confiscar o iate.

Justin faz carinho no dorso da mão dela e a puxa para mais perto.

— Sério que você acha que ela vai ter o trabalho de vir aqui conferir?

— Você não conhece a Amber mesmo, né?

— A gente arruma a cama depois — diz ele, começando a beijar o pescoço dela. — Não tem como ela descobrir.

— Não sei, não — responde Ella, hesitante.

Justin para com os beijos e dá um passo atrás.

— Por que parece que tenho que implorar pra minha namorada querer ficar comigo?

— Não é isso.

— Parece.

— Eu quero ficar com você...

— Só não quer ficar sozinha comigo — rebate ele, deixando de lado a sedução e transparecendo o tom de voz frustrado. Depois solta as mãos dela.

— Para de besteira. A gente vive ficando sozinho — diz Ella, mexendo no colar.

— Ah, claro, quando a gente tá na casa dos seus pais com a regra da porta do quarto aberta — rebate, sarcástico.

Ela toca no braço dele.

— Olha, Justin...

— Tanto faz. Tá tranquilo — diz daquele jeito que dá para ver que não tem nada de tranquilo e se afasta, deixando Ella ali, visivelmente abalada. Mas não tenho tempo para ficar analisando essa atitude babaca porque, se eu não me mexer, ele vai acabar me pegando de olho nos dois.

Correr está fora de cogitação. Subir essa escada sem ser vista é impossível. A única saída é entrar no corredor e quase trombar com ele.

Justin leva um susto.

Dou um gritinho e levo a mão ao peito.

— Nossa, cara, você quase me matou do coração.

— Mia? — diz ele, sem entender nada.

— Foi mal, sei que não era pra gente vir aqui, mas eu estava atrás de um banheiro — digo. — O lá de cima está nojento.

Justin bufa.

— Deve ter sido o Derek. De propósito — diz com aquela voz de bom moço, sem deixar na cara o desprezo com que estava tratando Ella. *Canalha manipulador.* — A Ella vai te mostrar onde fica — fala sem nem olhar para a garota e vai embora.

Me viro para Ella, que está com uma expressão abatida.

— Tá tudo bem? — Ela demora um instante para responder. — Ella?

— Hã? — diz. — Ah, sim. Tudo bem.

17
AUGUST

— Vi o Justin em ação, e nossa... — começa Tiny enquanto se senta no banco do carona do Jeep, puxando a barra do vestido e batendo a porta com força. — Os pais da Ella tinham razão. — Olho para ela na expectativa do que vai dizer a seguir, então dou partida no carro e saio de ré. Ela tira as sandálias e apoia os pés no painel. — Justin até parece bonzinho, mas, entre quatro paredes, não passa de um babaca manipulador. O comportamento clássico de caras que gostam de controlar as pessoas. Nem me surpreende que tenha conseguido fazer com que Ella mudasse a vida inteira por ele. Ele manda bem nisso. Tipo, muito bem.

Mais uma vez, a primeira coisa que passa pela minha cabeça é *Kyle*.

Aperto o volante com um pouco mais de força enquanto saio do estacionamento, e tudo que consigo dizer é:

— Como assim?

— Peguei ele forçando a barra pra ficar com ela, aí, quando ela disse não, começou a culpá-la e foi embora puto. Mas não daquele jeito sem noção que faria ela mostrar o dedo do meio pra ele, sabe? Foi daquele jeito que tenta fazer a pessoa se sentir mal, tipo, "você me magoou de verdade". Daí, nem dez minutos depois, ele já estava puxando ela pra sentar no colo dele, cochichando no ouvido dela, fazendo ela rir. Basicamente pagando de melhor namorado do mundo enquanto a Tubarão não parava de falar sobre o quanto Ella é sortuda. — Ela para um segundo para respirar. — Tipo, a gente já lidou com

namorados controladores antes. Mas nunca com um namorado tão popular que consegue disfarçar o comportamento que nem um golpista.

— Vamos expor esse cara.

— Sim, mas como? — Tiny se mexe no banco. — E se o que eu vi hoje for só a pontinha do iceberg, um pedacinho de um problema muito mais sério, algo que ele já fez com ela de várias outras formas? Será que os amigos vão se preocupar de verdade se a gente contar pra todo mundo que ele tá manipulando ela pra abrir mão da faculdade que passou a vida sonhando em entrar? Duvido. A gente só ia acabar deixando a Ella constrangida e, sei lá, talvez até empurrá-la ainda mais pro lado dele.

Voltando do banheiro, parei na porta do quarto de Des, pronto para bater. Já tinha passado das onze, mas eu sabia que ela não ia ligar. Eu vivia indo pro quarto dela quando não conseguia pegar no sono.

Parei com a mão na maçaneta ao ouvir a voz de Kyle.

— Vem só um pouquinho. Ninguém vai perceber — disse Kyle, e, pelo tom, dava para perceber ele sorrindo.

— Não sei... — respondeu Des, hesitante.

— Vai ser legal. Sua mãe nem vai reparar — falou ele, e era verdade. Depois que meu pai foi embora, numa confusão de muita briga e muito choro, minha mãe se trancava no quarto todo dia depois do jantar e só saía no dia seguinte quando já estávamos na escola.

— Por isso mesmo eu tenho que ficar — respondeu ela. — Minha mãe tá completamente desligada. E se acontecer alguma coisa e eu não estiver em casa?

— Acha mesmo que vai acontecer alguma coisa se você estiver fora por duas horas? — pressionou ele.

— Kyle... — começou ela, o tom de voz firme.

— Des — disse ele, interrompendo-a. — Você está sempre cuidando de todo mundo. Deixa eu cuidar de você, só dessa vez.

Ela não respondeu na mesma hora, então comecei a sentir um bolo na garganta e meu coração começou a bater descontrolado. Entrei em pânico. Não queria que Des saísse, que ficasse lá fora, longe de mim, então bati na porta, sabendo muito bem que minha presença arruinaria o plano.

— E se a gente provocá-lo de alguma forma? — sugere Tiny.

Paro no sinal vermelho e olho para ela.

— Tô ouvindo.

— O que a gente sabe sobre namorados controladores e egoístas? Quando sentem que estão perdendo o controle, ficam agitados e perdem a cabeça — diz ela. — E é aí que acabam se entregando e mostrando os babacas que são de verdade.

— Você quer fazer Justin pensar que está perdendo o controle da Ella? — pergunto. — Na teoria, até acho que pode funcionar, mas tem um monte de pontas soltas aí.

— Sempre tem — rebate ela, a voz cheia de confiança.

— E a gente vai precisar estar bem mais próximo da Ella pra conseguir fazer isso — digo.

— A gente não... *você* — pontua ela. — Se eu tentar me inserir naquele grupinho superfechado pra fazer a Ella confiar mais em mim do que nas amigas, vou ser barrada de todas as formas. Amber não é o tipo de pessoa que compartilha o trono. — Lanço um olhar afiado para ela. — Ou você tem uma ideia melhor?

Abro e fecho as mãos no volante, deixando escapar um suspiro. Não existe nenhuma ideia melhor e ela sabe disso.

— Beleza. Tô dentro.

— Ótimo. Então tá na hora de ligar pro pai da Ella — diz, colocando o telefone no viva-voz. Depois disca e desliga a música do carro.

Desta vez o pai de Ella atende.

— Alô — diz com aquela mesma voz autoritária que me lembro do dia da conversa no café.

— Sr. Becker — diz Tiny com seu tom animado de sempre, um dos motivos pelos quais é ela quem fica com a parte de conversar com pais e amigos preocupados. — É Valentine e August. Estamos ligando pra falar sobre sua preocupação com a foto e pra te dar atualizações.

— Espera aí — responde ele, e não é uma pergunta. Ele retorna depois de uns vinte segundos. — Pode falar.

— Bom, primeiramente — começa Tiny —, temos boas notícias: estamos conseguindo nos aproximar da sua filha. A foto que o senhor viu foi, na verdade, resultado de termos sido convidados pra festa dela.

— O convite nunca foi a questão — retruca. — O problema era a forma como as coisas foram feitas. Mas minha esposa pediu pra deixar pra lá. Então tudo bem. Mas com uma condição: nada de beijo.

Olho para Tiny, que parece tão surpresa quanto eu.

— Com certeza, nada de beijo da nossa parte — confirma Tiny, dando margem para ele entender que, às vezes, são eles que beijam a gente, embora essa nunca seja a nossa intenção.

Ele pigarreia.

— Perfeito. Quero deixar bem claro que não vou pagar por falta de respeito e muito menos pra alguém ficar se agarrando com a minha filha.

— Claro que não! — confirma Tiny. — O objetivo é usar a amizade e a confiança pra abrir os olhos da Ella pra novas possibilidades. Não tem nada a ver com sedução. De jeito nenhum.

— Só garanta que vai conseguir separá-los antes do prazo da faculdade — diz ele, como se tratasse apenas de uma transação comercial, não do futuro da própria filha. Antes de Tiny responder, ele acrescenta: — Preciso ir, tenho outra ligação.

E desliga.

Tiny aperta o botão para encerrar a chamada.

— Nossa. O cara é um amor.

Sigo pela Ocean Avenue, na lentidão do trânsito de fim de semana.

— Autoritário.

— Acha mesmo? Será que ele trata todo mundo assim ou só quem tem o privilégio de trabalhar pra ele?

Olho pra Tiny.

— Dá pra entender por que Ella não conversa sobre a vida dela com os pais.

— Falando sério agora, a gente fez bem em pegar esse caso. Nunca vão conseguir fazer a Ella ouvir coisas como "filha, estou te mandando usar o bom senso e parar de dar ouvidos aos seus amigos". — Sorrio com a imitação que Tiny fez do cara. — Mas, seja lá o que você inventar, não beije Ella — diz.

Balanço a cabeça.

— Você sabe que eu nunca faço isso. Das poucas vezes que aconteceu, foram as pessoas que me beijaram, não o contrário.

— Claro que te beijaram, seu gostosão. Enroscam os dedos no seu cabelo maravilhoso e...

Lanço um olhar pra ela, como quem diz "se liga".

— Beleza, pode estragar minha diversão. Só não deixa isso acontecer.

— Se precisar, finjo desmaio — digo, arrancando uma risada de Tiny.

18
VALENTINE

Meus pais estão no trabalho, August saiu com a mãe para ajudá-la a procurar emprego e lá fora está caindo um toró. Então me sento no sofá e começo a folhear revistas, parando de vez em quando para dar uma olhada na janela respingada de chuva, na expectativa de alguma coisa acontecer.

Recebo uma notificação no celular.

Bentley

Tá trabalhando?

Eu

Quem me dera.

Bentley

Ótimo. Quer dizer que vc tá livre.

Hesito.

Eu

Talvez.

Bentley

Livre talvez pra almoçar comigo?

Acabo dando uma risada.

Eu

Não deu nem 24 horas e vc já tá me cobrando???

Bentley

Lógico.

Roo minha unha pintada de lilás, já sem aquela mesma empolgação de ontem e meio arrependida de ter sugerido esse almoço. Mas furar agora seria muito vacilo, e, pensando bem, até que o momento é bom. Não temos festas nem nada marcado com Ella, e August não tá aqui para pegar no meu pé. Ele nunca foi com a cara de Bentley, o que não é nenhuma surpresa, já que os dois são que nem água e vinho. Mas acho que o que acabou de vez com qualquer simpatia de August por ele foi quando o viu conversando com Kyle no velório de Des. Desde então, August nunca mais deu nem um oi para Bentley.

Eu

Aonde você quer ir?

Bentley

Aqui pra casa?

Eu

Pra ALMOÇAR, Bentley. Não pra gente ficar se pegando.

Bentley

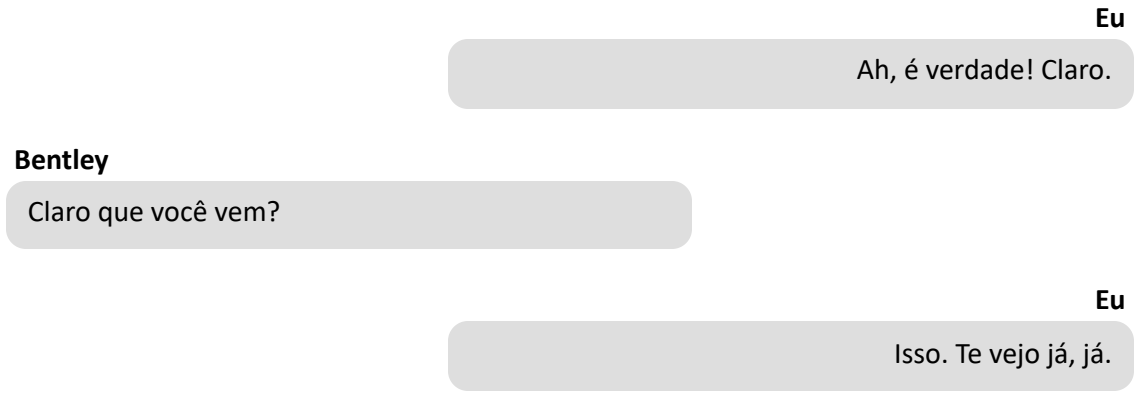
Ufa. Achei que vc fosse querer ir pra cama comigo no primeiro date, e não sou esse tipo de garota.

Balanço a cabeça, sorrindo.

Bentley

Tô de olho aqui nos gêmeos. Não dá pra sair. Mas de repente posso te fazer um queijo-quente?

Sinto as bochechas queimarem ao perceber que ele realmente tem um motivo para querer ficar em casa.



Vou até a porta dos fundos e dou uma olhada no meu short branco e na minha regata cor-de-rosa, pensando no que fazer para me proteger dessa chuva. Até podia pegar um guarda-chuva, mas sempre parece um trambolho para trajetos tão curtos. Então vou para a varanda sem nada mesmo.

Há um cheiro de petricor no ar, uma mistura de grama úmida e maresia vindo do cais, e a chuva não para de cair pesada no telhadinho da varanda. Respiro fundo e saio correndo, com os pés escorregando nos chinelos e o braço levantado para proteger os olhos.

Bato três vezes na porta de Bentley e me imprenso na parede da sua casa pequena, de um azul desbotado, tentando não me molhar.

— E aí — diz ele, abrindo a porta e se afastando para eu entrar rápido.

— E aí — respondo, limpando o rosto molhado com o dorso das mãos e tirando os chinelos encharcados.

Ele abre um sorriso tão largo que acabo olhando meio desconfiada para ele e perguntando:

— Tudo certo?

— Sempre — responde, mas continua ali, sorrindo que nem um bobo.

19
AUGUST

Minha mãe já está no Pizza do Vinnie há meia hora, então das duas, uma: ou Vinnie vai contratá-la ou ela vai sair de lá sem emprego, mas cheia de histórias sobre os dois serem almas gêmeas ou alguma bobagem do tipo.

Seguro o volante com força e fico observando o para-brisa embaçado pela chuva de verão, daquelas que caem do nada e desaparecem na mesma velocidade. Penso no plano de Tiny, de expor Justin fazendo-o achar que perdeu o controle sobre Ella. Isso até pode funcionar, mas todas as maneiras envolvem confiança, o que não é nada fácil, considerando que só agora Ella parou de me odiar.

Pego o celular e abro na conversa com Ella.

Eu

Pergunta: já passei da fase de ser uma leve antipatia pra você? Agora tô querendo ficar numa zona neutra.

Por alguns segundos, nada acontece. Até que recebo uma notificação.

Ella

Quem é que quer ficar no neutro?

Eu

É sempre melhor.

Ella

Melhor é ser amado. Neutro é só neutro.

Eu

Não concordo. É o neutro que abre as portas pra amizade.

Ella

Entendi. Então o que vc quer é amizade, não ficar numa zona neutra.

Eu

Nada disso. Ainda não sei se vc passou no teste.

Ella

Ah, claro! Por isso disse que me ensinaria a pintar... pq tá super indeciso. Acredito, sim, vai nessa.

Dou risada.

Eu

Lógico que não. Eu teria oferecido isso pra qualquer um. Imagina só um mundo cheio de pintores horríveis. Isso, sim, é um pesadelo.

Ella

Ninguém nunca disse isso.

Eu

Já pensou se toda a galera que cria letreiros, estilistas, arquitetos etc. fossem PÉSSIMOS artistas???

Ella

Tá bom, agora vc tá na zona neutra.

Eu

Porque mandei bem no argumento?

Ella

Não ser burro com certeza é uma vantagem nas pessoas que considero neutras.

Fico encarando o celular. A garota é esperta.

Eu

Opa! Te encontro no café em uma hora.

Ella

Peraí. Como é que vc sabia que eu ia estar lá?

Seus pais me contaram que você passa quase todas as tardes lá escrevendo para o blog, e como hoje não tem festa e não é fim de semana...

Eu

Não sabia. É que eu tô indo pra lá.

Ella

O café é meu. Já te falei que vc pode ficar com o banquinho do parque. Entãoooo...

Até penso em responder, mas minha mãe abre a porta do carona.

— Esse Vinnie é tão gente boa — comenta ela, entrando no carro com o cabelo mais cacheado que o normal por causa da chuva. — Sabia que ele tem cinco filhos? Deve ser incrível ter tanta criança correndo pela casa.

Sinto um aperto no peito.

— Então você não conseguiu o emprego — digo, e dou partida no carro.

— Aquele tanto de risada... — continua ela, passando o dedo pela água escorrendo no vidro da janela. Aperto com força o volante do carro e cerro os dentes ao virar a rua, tentando não ligar para o fato de esse já ser o quarto lugar com placa de "estamos contratando" que visitamos. É trabalho fácil. Como que pode não conseguir ser contratado para servir pizza? Isso é possível? — Eu devia ter tido cinco filhos. Cinco é uma boa quantidade. Né? — pergunta.

Não. Você não conseguiu sustentar nem dois, que dirá cinco. Nem um você dá conta direito.

— Pensa só em todos os netos — diz, deixando escapar um suspiro.

— Chega, mãe — rebato, a frustração bem clara na voz enquanto entro na nossa rua. — Só admite logo que não conseguiu o emprego.

Ela olha para as mãos unidas no colo, depois vira o rosto para a janela. Sem toda aquela empolgação, parece frágil, como um prato de porcelana prestes a cair da mesa. Passa uns segundos em silêncio, com os ombros curvados, mexendo inquieta na saia. Já estou arrependido por ter falado daquele jeito.

Respiro fundo.

— Cinco filhos, hein? — digo, olhando para ela com um ar de desculpas enquanto entro na garagem. — Melhor chutar o balde e tentar logo dez.

O sorriso reaparece e, por um instante, ela parece grata por eu não forçá-la a admitir a derrota em voz alta.

— Dez! A gente podia formar nosso próprio time de beisebol!

Dou risada e não faço questão de comentar que somos a família mais improvável de ter um time de beisebol. Estaciono e desligo o motor.

— Pode ir na frente. Vou dar um pulo na Tiny.

20
VALENTINE

A mesa da cozinha de Bentley é pequena e cheia de marcas, e minhas pernas encharcadas grudam no vinil da cadeira enquanto ele prepara os queijos-quentes no fogão. Passo o dedo por um risco manchado de verde na mesa; parece que foi feito com um marca-texto permanente.

— Cadê os gêmeos? — pergunto, meio sem saber o que dizer. Bentley e eu nunca conversamos muito, só umas palavrinhas aqui e ali desde os doze anos.

— Estão com um jogo de tabuleiro novo. Passaram a manhã toda brincando — responde ele, sem virar a cabeça.

Para não ficar parada, me levanto e me recosto na bancada ao lado do fogão.

— Você toma conta deles com frequência?

— É, às vezes — responde.

— Cadê sua mãe?

— Tá no trabalho — diz, desviando o olhar, sem dar maiores explicações.

A conversa morre e ficamos os dois encarando a frigideira. É esquisito: depois de todo o esforço que ele fez para me trazer aqui, pensei que ele fosse puxar assunto. Será que o clima só está esquisito porque estamos na casa dele? Ou será que Bentley, quem diria, está nervoso?

— Onde você aprendeu a cozinhar? — pergunto, tentando mais uma vez quebrar o gelo.

Bentley dá risada.

— Se você acha que fazer queijo-quente é saber cozinhar, então sei direitinho o que fazer pra você na próxima vez em que a gente estiver junto.

— Próxima vez, é?

Ele desvia o olhar para a espátula, levemente corado sob a pele queimada de sol. Só que não dá para saber se é porque ficou sem jeito ou por causa do fogo.

— Aprendi a cozinhar por causa dos gêmeos. Eram bebês esquisitos, esses dois. Não dava pra ficar dando maçã e banana: eles só gostavam de comida gostosa, bem temperada mesmo. São assim até hoje. Devoram comida mexicana e tailandesa como se não fosse nada.

Ele coloca os sanduíches no prato e segura um em cada mão. Tentando ajudar, pego o que está na sua mão esquerda, mas ele me dá o da mão direita e acaba que nós dois pedimos desculpas.

— Aqui. — Ele tenta de novo, e desta vez pego o prato correto.

Antes que eu consiga agradecer, Trevor e Maisie entram correndo na cozinha, aos gritos.

— Calma, calma — diz Bentley.

— O Trevor pegou minha peça e *passou na bunda* — grita Maisie, encarando o irmão com ódio.

— Ela trapaceou! — rebate Trevor.

— Não trapaceei nada! — exclama Maisie. — Quando eu tava quase ganhando ele pegou meu cavalo e enfiou na cueca, bem no meio da bunda!

— Tá bom. Entendi — diz Bentley. — Fim de jogo.

— Quê?! — exclamam os gêmeos ao mesmo tempo.

— O jogo é pra ser divertido. Vocês estão se atacando que nem duas piranhas. Isso não é legal. Então fim de jogo — avisa Bentley com uma voz de adulto que eu nunca tinha ouvido antes, e, de repente, a briga dá uma esfriada e os dois começam a jurar que não foi nada de mais e que estão se divertindo. Ele faz os gêmeos prometerem que vão parar de brigar e entrega um queijo-quente para cada um. Eles pegam os pratos e voltam para o quarto. — Desculpa — diz.

— Não esquenta a cabeça. É legal te ver com eles. Tô surpresa com o quanto você é maduro — confesso.

— Nossa, tá falando sério? — Ele dá uma risadinha. — Acho que você é a primeira pessoa que me diz isso.

Dou de ombros, mesmo sabendo que, se alguém me dissesse que hoje eu estaria na cozinha de Bentley o elogiando, eu com certeza apostaria contra.

— Pois é, você cozinha pra eles, resolve as brigas e... ainda usa avental.

Ele abre um sorriso tão largo que quase toma conta de seu rosto.

— Curtiu o meu avental?

— Ah, até que gostei, sim, um pouco. Não vou mentir.

Ele olha para o próprio peito.

— Putz. Se eu soubesse disso antes... Acho que nunca mais vou tirar esse avental.

O silêncio volta a reinar, e de novo sinto a necessidade de preencher o vazio.

— Sabe, Bentley, talvez, só talvez, você não seja quem eu pensei que fosse — digo, e acrescento: — No bom sentido. — Minha pausa faz tudo parecer intenso demais, e na mesma hora sinto minhas bochechas ficando vermelhas.

— Engraçado — responde ele. — Porque você é exatamente quem eu pensei que fosse. No bom sentido. — Cada palavra carrega o peso de um elogio genuíno.

Nossos olhares se encontram e sinto um frio na barriga; nada de outro mundo, mas com certeza algo que nunca senti antes em relação a Bentley.

Sem saber como responder, acabo me sentando numa das cadeiras de vinil diante da mesa, imaginando que ele vai voltar para o fogão para preparar outro sanduíche, até reparar no saco de pão vazio na bancada.

— Quer dividir comigo? — ofereço, empurrando o prato para ele.

Ele se senta na cadeira ao lado.

— Pode comer.

— Tem pão lá em casa, se quiser — digo.

Agora é ele quem fica vermelho.

— A gente tem comida em casa.

Me mexo na cadeira, vendo que ele entendeu tudo errado.

— Só tava dizendo que se quiser fazer outro queijo-quente e o pão tiver acabado, posso pegar mais lá em casa.

— Tá, mas e aí — diz ele, mudando rápido de assunto —, o que rola entre você e o August?

— Como assim?

Ele se reclina na cadeira, equilibrando-a nos dois pés de trás.

— Tipo, você tá sempre com ele. — Olho para ele meio de lado. — Só tô falando... Não enjoa ficar saindo sempre só com uma pessoa?

Qualquer clima que estivesse rolando entre a gente simplesmente vai por água abaixo.

— Você quer saber se eu enjoo do meu melhor amigo?

— Você tá entendendo errado — diz ele, e tenta se explicar: — O que eu tô dizendo é... pensa no August como um videogame. Você pode amar o jogo, ficar obcecada, até. Mas tem outros jogos por aí. Jogos legais. Melhores. — Ele diz tudo isso numa boa, como se eu não fosse capaz de morrer para defender August.

— Não existe ninguém melhor que o August. Ponto-final — digo.

— Você não tá entendendo o que eu tô querendo dizer.

Me recosto na cadeira.

— Beleza, então me conta, quais são esses jogos melhores? *Você* é um desses jogos?

Ele suspira, como se a culpa fosse minha pela conversa ter tomado esse rumo esquisito.

— Talvez sim. Talvez não. Como é que você vai saber se não tentar jogar? — Ele abre os braços como se fosse um convite. Agora, sim, não tenho como não revirar os olhos. — Relaxa, Valentine. Foi só uma pergunta. Você que tá ficando toda séria.

Respiro fundo.

— Por que você não... Por que você tem que falar essas coisas insuportáveis? É *sempre* a mesma coisa. — Mas o que eu quero mesmo dizer é: *por que você tem que falar essas coisas insuportáveis bem quando estou começando a gostar de você?*

— Isso se chama ter senso de humor — diz ele, como se o problema fosse minha incapacidade de dar risada. — Sei que August não tem, mas achei que você tivesse.

Sei que devia dar o fora daqui, mas estou puta, com aquela raiva aguda que surge quando a gente se decepciona com alguém e dá vontade de castigar a pessoa por ter feito você criar expectativas.

Cruzo os braços.

— Tá bom, Bentley, mudei de ideia. Me mostra aí esse seu joguinho.

Ele coça a nuca.

— É assim que você vai...

— As garotas adoram jogar isso, né?

— Ainda não tive reclamação — responde ele num tom desconfiado.

— Então me mostra. Quero ver o motivo pra todo mundo ficar babando por aí.

Ele arregala os olhos.

— Agora?

— Aqui. E agora.

Ele endireita a postura e passa a mão no cabelo. Depois ficamos um bom tempo nos encarando, até ele começar a se inclinar para a frente. *Puta merda. Ele vai me beijar? Ele não faria uma coisa dessas, né?*

Aí ele para.

— É isso? — pergunto, e rio mais por alívio do que por qualquer outra coisa, só que Bentley fica tenso como se eu tivesse lhe dado um tapa. Depois desvia o olhar. — Já acabou?

— Sim. Totalmente.

Ele olha para baixo, tentando disfarçar a mágoa.

Até que, no silêncio da cozinha naquele clima abafado de verão, me bate um arrependimento e começo a me perguntar como é que as coisas saíram tanto do controle e por que tive de ser tão encrenqueira.

Meu celular apita com uma notificação e a tela se ilumina com uma mensagem de August.

August

Tô na sala da sua casa. Cadê você?

Meu coração dispara, e me levanto. A primeira coisa que passa pela minha cabeça é que não quero ter que explicar a August por que estou aqui. A segunda coisa é me dar conta de como esse pensamento foi horrível.

Bentley olha para o meu celular, depois repara na minha reação automática de querer dar o fora e desvia os olhos.

August

Sei que você leu isso.

Então vou embora. Corro de volta pela grama, me sentindo derrotada e sem rumo, e abro com tudo a porta da varanda.

August sorri, o que pelo menos significa que não me viu saindo da casa de Bentley.

Jogo longe os chinelos encharcados.

— E aí, tudo bem?

Ele dá risada.

— Que cara é essa?

— Que cara?

— Sei lá, parece que seus pais te pegaram bebendo escondido.

— Ih, que besteira — disfarço, sem muita convicção. Passo a mão no cabelo molhado que já está grudando na bochecha.

Ele inclina a cabeça.

— Quer me contar alguma coisa?

Seco os braços, evitando olhá-lo nos olhos.

— Não. Só tava procurando um caderno lá na garagem — minto, mas na mesma hora me arrependo. Tentar disfarçar só piora as coisas, faz parecer que fiz algo errado. E não fiz. Além do mais, eu nunca minto para August. Então mudo de assunto. — E aí, como foi a procura por emprego com a sua mãe?

— Mesma coisa de sempre — diz ele, dando de ombros, já meio resignado.

Abro a boca querendo contar logo toda a verdade, mas as palavras não saem. Sorte a minha que ele está ocupado rolando o feed e nem repara no meu dilema.

— Aqui. — Ele me passa o celular aberto na conversa com Ella.

Desisto de confessar que estava mentindo e mergulho na distração muito bem-vinda de ler o que os dois estão conversando.

— Legal — comento ao terminar, depois pego as chaves na bolsa e jogo para ele. — Vai lá e manda ver na mágica de Melhor Amigo Trágico.

August pega as chaves no ar e, enquanto vai em direção à porta, me jogo no sofá, deixando escapar um suspiro alto. Agarro meu cobertor fofinho e cubro a cabeça, decidida a passar o restante da tarde aqui.

21
AUGUST

A chuva se transformou em uma garoa fina, deixando o clima refrescante. Entro no estabelecimento com um livro na mão e sou recebido pelo aroma acolhedor de café e croissants. Ella já chegou e está sentada no mesmo banquinho perto da janela onde acabei derrubando café nela daquela vez. Assim como antes, está totalmente focada no computador.

Peço um café preto, confiro três vezes se a tampa está bem fechada e me acomodo no banco vazio ao seu lado.

Só que, agora, em vez de me ignorar, ela se vira para mim.

— Opa — diz ela, olhando para o copinho. — Regra dos três metros.

Dou um sorriso.

— Sério que isso existe?

— Ah, com certeza. Existe uma distância de segurança obrigatória pra caras desastrados com café quente na mão.

— E garotas desastradas? — pergunto. — Ou cotovelos, hein? Cotovelos desastrados?

Ela revira os olhos, dando um sorrisinho discreto enquanto o cabelo ondulado bate no ombro bronzeado. Uma mistura de desdém e bom humor, emoções que eu entendo bem mais do que gostaria de admitir.

Ela dá um gole na bebida, cheia de açúcar e espuma, e volta a digitar.

— Apesar do que dizem por aí, as gotas de chuva não têm o formato de lágrimas — comento, puxando um pouco da bagagem de conhecimentos aleatórios que adquiri trabalhando nesses casos.

No verão passado, conheci um cara obcecado por meteorologia.

Ella para de digitar.

— Legal, mas tô tentando trabalhar.

— Elas saem redondas — continuo, mas ela nem me olha.

— Dedos digitando no teclado. Prazo superimportante pro blog.

— E aí, por causa da resistência do ar, quanto mais as gotas caem, mais vão ficando parecidas com jujubas à medida que se aproximam do solo — digo.

— Não é relevante.

— Discordo.

— Você não tem que concordar ou discordar. Nem sabe o que eu tô fazendo.

— Você acabou de falar. Tá escrevendo pro seu blog de astrologia — rebato. — Li ontem à noite. Tinha uma notinha na página inicial dizendo que você tava quase terminando os horóscopos do mês.

Agora, sim, ela se vira para me encarar.

— Não, não vou dar um autógrafo nos seus peitos. Pode ir embora, senhor.

Dou risada.

— Poxa. É assim que os blogueiros famosos tratam os fãs?

Ela volta a prestar atenção no computador.

— Isso aí.

— Então, aquilo que eu tava falando sobre as gotas de chuva... — continuo, até ela me interromper:

— É muito esquisito como você parece uma pessoa normal até abrir a boca e começar a falar. Aí vira uma peste.

Abro um sorriso de quem sabe das coisas.

— Você acha que sabe exatamente o que são gotas de chuva só porque as conhece desde sempre. São previsíveis. Mas aí você descobre que se parecem com jujubas e é como se alguma coisa estivesse errada, chega a ser irritante. Lágrimas são sexy. Jujubas são uma coisa boba. Então você vai lá e faz de conta que essa ideia nunca existiu e continua pensando nas gotas de chuva como lágrimas.

— Quer dizer que a moral da história é negar o formato verdadeiro das gotas de chuva?

— Quando as coisas ou as pessoas, principalmente as pessoas, não são como a gente idealizava nem se comportam do jeito que esperávamos, só ignoramos e continuamos achando que elas são do jeito que eram na nossa cabeça. — Faço uma pausa. — Você mesma disse na introdução do seu blog que escreve tanto sobre o bom quanto sobre o ruim, e que talvez ele não seja pra todo mundo. Que a maioria das pessoas só quer o bom e um ruim mais fácil de engolir. Mas as pessoas não são assim, e você escreve sobre elas. Achei que ia gostar de saber que as gotas de chuva estão do seu lado.

Ela fica um tempo me encarando, os olhos castanhos me analisando.

— Hummm.

— De nada.

— Eu não te agradeci.

— Não, mas esse é o tipo de coisa que você poderia usar nos seus textos.

Ela arqueia a sobrancelha bem-feita.

— Então, além de ter lido meu blog, você também passou um tempo pensando em coisas que podem me ajudar? Por quê?

— Porque sou apaixonado por astrologia.

— Certo.

Ela dá risada e inclina a cabeça. O cabelo bate nas costas e acabo sentindo o cheiro do xampu de baunilha e coco.

— Bom, acho que minha missão aqui está cumprida — digo num tom satisfeito.

— É isso? — rebate ela, se divertindo. — Você veio só pra me contar essa história das gotas de chuva?

— Vim pra pegar um café. — Desço do banco e levanto a caneca, como se fosse uma prova. — A gente se vê por aí — digo, dando as costas.

Três... dois... um...

— Ah, Holden? — chama ela, então paro. — Amanhã a gente vai pro parque de diversão. Você e a Mia podiam ir também.

— Talvez a gente dê uma passada, escorpiana. Quem sabe? — digo, depois vou embora.

22
VALENTINE

— August Anthony Mariani — chamo, me esgueirando pela janela do quarto dele. — Tira essa cuequinha boxer aí e veste uma roupa decente. A gente tem que bolar o plano do parque de diversão.

Ele me encara com olhos semicerrados naquela luz de fim da manhã. Dá para ver que já acordou faz um tempinho, porque não está resmungando no travesseiro, mas o mau humor ainda não passou.

— E desde quando você sabe o tipo de cueca que eu uso? — rebate ele, a voz rouca.

Swee ronca tranquilamente ao seu lado, o corpinho velho e desengonçado do gato todo enfiado embaixo do lençol, como se fosse uma pessoa.

— Eu vivo mexendo nas suas gavetas. Óbvio.

Ele sorri.

— É, faz sentido.

Dou risada.

— Não ia se incomodar, não?

— Se você mexesse nas minhas gavetas? — Ele dá de ombros. — Nada. Confio em você.

Na mesma hora me lembro da conversa que tive com Bentley ontem e me sinto correta de ter defendido August. Se eu pelo menos conseguisse tirar essa conversa da cabeça, seria ótimo.

Tiro meu caderno roxo cintilante da bolsa e me sento na cadeira da escrivaninha de August.

— Bora?

Ele se apoia no cotovelo.

— Não tô dizendo que não quero bolar o plano, mas com certeza vou precisar de um pouco de cafeí...

— Deixa isso comigo. Você dá comida pro Swee. Depois a gente...

Ele me encara por entre os fios bagunçados do cabelo.

— *Tiiiny.*

— Oi?

— Quer me contar alguma coisa?

Meu coração dispara com a pergunta inesperada. Fico desnorteada, como se tivessem acendido uma luz forte na minha cara.

— Hã?

— Das duas, uma: ou alguém batizou seu suco de laranja ou você tá chateada com alguma coisa.

— Ah... — começo, tentando pensar numa resposta que não seja mentira.

Se eu contar o que aconteceu com Bentley, ainda mais sabendo que ele acha que estou chateada, o que nem é o caso, ele vai interpretar tudo errado. Mas, antes de conseguir completar meu raciocínio, escuto uma batida à porta.

— Pode entrar — diz August, e fico muito grata pela interrupção.

A mãe dele abre a porta.

— Não quero atrapalhar, é que ouvi a voz da Valentine e quis vir aqui pra contar as novidades. Oi, meu amor — diz ela para mim.

— Oi, Ruth — respondo, e ela abre um sorriso ainda mais largo.

Os cachos estão presos num coque soltinho no topo da cabeça e ela usa um vestido longo marrom com um cinto da mesma cor. Sempre admirei o estilo dela.

— Novidades? — pergunta August, e dói ver a esperança estampada no seu rosto.

Não importa quantos empregos ela perca ou o pragmatismo com que ele encare tudo; quando o assunto é a mãe, ele ainda acredita que um dia vai acordar e as coisas vão estar completamente diferentes.

— Então... — diz ela, as bochechas coradas. — Consegui um emprego.

— Sério? — pergunta August num entusiasmo quase infantil. — Vinnie mudou de ideia?

— Melhor ainda — responde ela. — É um trabalho de pintura em uma casa.

— Que maravilha, Ruth — digo.

August parece respirar aliviado.

— Quando você começa? A gente precisa buscar algum material?

— Os Kellerman já providenciaram a tinta. Mas vou precisar de umas coisinhas. Mais pincéis, por exemplo, e...

— Os *Kellerman*? — pergunta August, a voz um pouco alta demais, e se senta tão rápido que Swee leva um susto e resmunga.

Kyle Kellerman, minha mente dispara. A lembrança horrível dele no mercado há três dias volta à minha mente, e sinto o estômago embrulhar.

— Pois é, encontrei Nancy Kellerman na padaria hoje cedo e ela me contou que decidiram repaginar as paredes de casa. Falei que podia ajudar e, pelo visto, ela gostou da ideia, porque acabou de ligar pra dizer que o trabalho é meu.

Ela abre os braços num gesto teatral, como se dissesse *Tcharam!*.

August parece ter levado um tapa.

Ruth baixa os braços, a alegria se transforma em confusão.

— August?

Ele não responde de imediato, provavelmente dividido entre querer que a mãe tenha um trabalho e desejar que ela o recuse por uma questão de princípios. Seus ombros desabam.

— É, não, que ótimo — mente ele. — Só tô digerindo a novidade.

Um alarme toca em algum lugar e ela se vira para a porta.

— Bolinho de banana — diz por cima do ombro, já no corredor. — Pra comemorar!

Fico esperando o som de seus passos sumirem escada abaixo.

August se levanta e fecha a porta, a expressão no seu rosto muda como o céu logo antes de uma tempestade.

— Ouviu isso, né? Não é coisa da minha cabeça que agora minha mãe tá trabalhando pra merda da família do *Kyle Kellerman*?

Me inclino para a frente, sentindo a responsabilidade de dizer alguma coisa para aliviar o peso da situação.

— Talvez fosse uma boa você contar pra ela como tá se sentindo — digo, com a voz suave.

Ele me lança um olhar como quem diz "tá brincando, né?".

— Contar o quê? Que o Kyle quase arrastou a Des pra fora de casa naquela noite? Ou que ele a embebedou antes de fazer pressão pra ela entrar no carro?

As luzes da viatura piscavam no escuro, inundando o asfalto de vermelho e azul. A coisa toda era brilhante demais, a sirene extremamente alta para uma rua tão silenciosa à uma da manhã. Por um segundo, achei que estivesse sonhando. August e eu saímos do carro da mãe dele ainda de pijama, aquela sensação de sonolência substituída por uma ansiedade quente e pulsante.

A mãe dele conversava com um policial cuja expressão refletia o peso das palavras dele. Segui August no meio da confusão, o coração martelando no peito, tentando captar fragmentos do que o policial falava: corrida, jovens, acidente trágico.

Mas minha mente não conseguia acompanhar por que lá estava o carro novinho de Kyle preso numa árvore, o mesmo com o qual ele tinha levado a gente para dar um passeio dois dias antes, se gabando de como era rápido... e, apesar disso, Kyle estava na ambulância, os olhos arregalados de choque, a camiseta encharcada de sangue. Mas eu não conseguia encontrar Des. Ela não estava ali.

Foi só aí que percebi o que Kyle estava encarando. Um saco preto em cima de uma maca. E na mesma hora entendi; da mesma forma que, quando você deixa cair um copo, sabe que não tem conserto. Olhei ao redor, desesperada para encontrar alguém que me dissesse que aquilo não era verdade. Mas a mãe de August estava toda curvada, chorando descontroladamente. E August estava ali, paralisado, segurando a fita de segurança com tanta força que dava para ver as juntas dos dedos pálidas.

— Pode te fazer bem botar essas coisas pra fora — respondo, o tom de voz ainda mais gentil.

Ele balança a cabeça e começa a andar de um lado para outro.

— Honestamente, que diferença ia fazer tentar provar pra ela que a gente deixou alguma coisa sobre Kyle escapar? Não quero que minha mãe fique que nem eu, carregando essa culpa.

Fico sem fôlego, o coração acelera.

— August, não é sua...

Ele se vira tão rápido que acabo me encolhendo.

— Não diz "culpa", Tiny. Nem pensa nisso — pede ele, firme, e sinto o rosto esquentar.

Durante meses após a morte de Des, as pessoas repetiam que aquela tinha sido uma tragédia sem sentido, que ninguém era culpado. Foi aí que ele parou de falar com todo mundo, até mesmo comigo.

Olho rápido para as minhas mãos.

— Olha, com certeza tem outros trabalhos por aí. A gente só precisa achar.

Ele esfrega os olhos.

— A gente já tentou em três cidades diferentes, até nos lugares onde ela já trabalhou e foi demitida. Fui à casa dos Gibbons e dos Hershwick pra saber se estão precisando de algum reparo, mas disseram que preferem chamar um empreiteiro. Não tem outro trabalho. — Ele joga o celular na cama. — Sério, eu odeio dinheiro. Odeio mesmo, *muito*.

Penso em perguntar se o pai dele poderia dar uma força. Mas já fiz isso antes, quando ele ficou sabendo que a Universidade de Berkeley negou a bolsa por conta da renda do pai. Cheguei a dizer a August que tinha certeza de que o pai iria ajudar, e ele passou os dez minutos seguintes o xingando de babaca e dizendo que o pai já tem preocupação demais com sua segunda família.

— Talvez eu pudesse... — começo, mas ele me corta.

Sua expressão fica mais sombria, até ele desviar os olhos.

— Sei que tá tentando ajudar, mas isso não é problema seu. É meu — diz, e já sei que a Muralha foi erguida e a conversa, encerrada.

23
AUGUST

Luzes coloridas iluminam o antigo haras; a música nos envolve num ritmo constante e os gritos felizes das pessoas na montanha-russa não deixam a menor dúvida: isso aqui é o pesadelo de qualquer introvertido.

Tiny se lambuza de algodão-doce.

— *Adoro* parques de diversão. E comida de parque de diversão. E as brincadeiras. E...

— Essa confusão superfaturada em neon?

Ela enfia outro pedaço de algodão-doce na boca.

— Reclamão.

— Otimista.

— Olha lá.

Com o dedo todo melado, ela aponta para uma barraquinha com um letreiro que diz "Estoure o Balão", onde Ella e Leah estão jogando dardos. Derek e a cópia de Amber estão na barraca ao lado tentando acertar uma cesta.

— Chegaram os primos favoritos da galera — solta Justin enquanto a gente se aproxima, dando um toca aqui em Tiny e me cumprimentando com um soquinho.

É só me ver que os olhos de Amber se iluminam.

Ella e Leah terminam o jogo e entram na roda.

— Chegaram na hora certa — comenta Amber.

Ela tira um cantil da bolsa, dá um gole e me oferece.

Levanto as mãos.

— Tô dirigindo.

Amber revira os olhos.

— Que chato.

Depois estende o cantil a Tiny, que simula uma golada. Ela atua tão bem que quase me convence, mas sei que não passa de cena: não tem como a gente fazer esse trabalho bêbado.

— Acho que queimei minha garganta com isso — diz Tiny antes de passar o cantil para Justin.

— É uísque — responde Amber com um sorrisinho malicioso. — Meu pai compra caixas e caixas. Nem repara quando pego um pouco.

Sei que ela disse isso como se fosse algo bom, mas levanto as sobrancelhas. Minha mãe também não perceberia se eu pegasse bebida de casa, mas não vejo isso como uma coisa positiva. Amber, Leah e Tiny começam a bater papo, e me distraio prestando atenção em Justin e Ella.

— Isso aí! — exclama Justin depois de um gole. — Quer, amor? — pergunta, oferecendo o cantil.

— Não posso — responde Ella.

— *Não pode?* — repete com uma leve tensão na voz, como se essa não fosse a primeira vez que conversam sobre isso.

— Tenho que terminar o texto do blog de manhã — explica ela, e ele resmunga alguma coisa.

— Beleza, mas agora você tá aqui comigo. Esquece o blog.

Ele estende o cantil novamente para ela, sem nem disfarçar que está colocando um obstáculo em outra coisa importante para Ella.

— Justin, eu não vou conseguir escrever se eu...

Ele envolve a cintura dela com os braços e a puxa para mais perto.

— Só um golinho, vai. Não custa nada. Por mim.

Igual ao Kyle. Minha mão se contrai e relaxa automaticamente.

Ella solta um suspiro e acaba concordando.

— Só um gole. Nada mais.

Ele sorri, passa o cantil para ela e só aí solta a cintura dela. Ella dá um gole e estende o cantil a Leah.

— Hora de arrebentar todo mundo no basquete — grita Justin.

Amber me encara e encosta em meu braço.

— Tava pensando... quem será que vai conseguir aquele ursão pra mim? — Ela aponta para os prêmios da barraca de basquete e me lança um olhar provocante. — Agora eu sei.

Sorrio, como se pedisse desculpas.

— Acho que você teria mais sorte com a Mia. Ela manda muito melhor nesses jogos do que eu.

Tiny/Mia dá um sorrisinho. Ela adora um elogio, mesmo que seja por algo bobo como jogos de parques de diversão.

— É verdade. Ele é péssimo.

— Que tal a gente dar um pulo na roda-gigante? — sugere Ella para Justin.

Ele hesita. Mas, antes que possa responder, Tiny se intromete:

— Quem tá a fim de fazer uma aposta amigável em quem vai ganhar o jogo de basquete? Cinco reais, de repente?

— Tô dentro — diz Justin, ignorando completamente a sugestão de Ella de ir para a roda-gigante.

— Eu também — responde Leah.

Por um instante, Ella parece decepcionada. Já é a segunda vez em três minutos que o cara colocou os próprios desejos na frente dos dela. Egoísta de merda.

Justin a levanta e faz um showzinho girando-a no ar.

— Vou conseguir aquele urso pra você, amor.

— Owwwn, que fofo — diz Amber.

Todo mundo vai para a barraca de basquete, e Justin e Tiny já sacam o dinheiro da aposta.

— E aí, como tá o blog? — pergunto para Ella, que está meio para trás.

— Melhor agora que não tem ninguém falando no meu ouvido — diz, abrindo um sorriso brincalhão. — Mas ainda tenho um dia cheio de trabalho amanhã.

— Bom, se precisar de ajuda, é só chamar — ofereço.

Agora, sim, ela dá risada.

— Sério mesmo que você acha que consegue escrever pro meu blog? Obrigada, mas não.

— Nem um pouco. Mas, como você sabe, sou ótimo em trocar ideias, e também não mando tão mal na hora de comprar café.

Ela me olha meio de lado.

— E por que você abriria mão do seu dia só pra ficar batendo papo sobre ideias pro blog comigo?

— Porque você é interessante e o que você criou também — digo, sem rodeios, e, apesar de não ser nenhum fã de astrologia, estou falando sério.

Ela se parece muito com Tiny e comigo, o tanto que é focada, sem contar que tem uma dedicação incrível de se ver. Ela deve ter sentido a sinceridade do que eu disse, porque, mesmo que não demonstre muito, seus olhos se iluminam ao receber o elogio.

Justin e Tiny vibram ao fazer os primeiros arremessos. Mas Amber não para de olhar na nossa direção. E sinto que, se não agir rápido, ela vai acabar se aproximando e estragando a oportunidade que Tiny me deu.

— Me faz um favor? — peço, olhando ao redor do parque de diversão. — Pede pra Mia me mandar mensagem quando parar de bancar a durona?

— Você vai embora? — pergunta Ella, acompanhando meu olhar pela multidão.

— Vou dar um pulo na roda-gigante — digo, começando a me afastar.

É assim que faço meu trabalho: não mando ninguém fazer nada, pelo contrário, dou escolhas às pessoas e deixo-as decidirem por conta própria.

Passo por apenas três barraquinhas até ouvi-la chamando:

— Peraí — diz, vindo até mim. — Posso ir com você?

— Claro.

Caminhamos por alguns segundos lado a lado no meio do tumulto do parque, minhas mãos nos bolsos da calça e ela prendendo o cabelo comprido num rabo de cavalo. O cheiro de coco do xampu volta a me envolver e me faz lembrar da praia: protetor solar, pele quente de sol.

— Posso te perguntar uma coisa? — digo.

— Depende.

— Você vai pra qual faculdade?

Ela dá uma risadinha sem muita vontade.

— Quer dizer que essa é sua pergunta mais importante? O que vai ser do meu futuro?

— Bom, é — respondo enquanto entramos na fila da roda-gigante. — Reparei que você leva seu blog bem a sério, então fiquei me perguntando.

Ela está perto o suficiente para eu conseguir ver um punhado de sardas espalhadas na bochecha esquerda, quase como se fosse uma constelação.

— Quero ser jornalista de viagem. Quero muito — responde ela.

— Jornalista de viagem... — reflito, embora já soubesse disso. — Vai fazer faculdade fora do país, então?

Ela aperta os lábios e os ombros se retraem discretamente.

— Engraçado... antes meu objetivo era esse mesmo.

— Antes?

Ela hesita.

— Eu passei pra Faculdade de Economia de Londres. Eles têm um dos melhores cursos do mundo. Mas não quero ficar tão longe de casa, sabe? — diz, como se quisesse minha aprovação.

Como se precisasse da minha aprovação.

— Quer continuar perto da sua família? — pergunto, embora saiba que esse não é o motivo.

— Tá brincando? Meus pais iam achar o máximo se eu fosse pra Londres. — Ela faz uma pausa. — E o Globo de Shakespeare, então? Nossa. Eu iria pro teatro, sei lá, toda semana.

Estava prestes a continuar com as perguntas sobre faculdade, mas ela acabou prendendo minha atenção, então mudo de assunto.

— Você curte teatro?

— Amo — responde ela. — Sei que todo mundo fala que ama Shakespeare e que não tem nada de original nisso, mas amo de verdade. *Romeu e Julieta* é a história de amor mais perfeita que existe. Em todas as versões. Até aquelas peças toscas de colégio em que dá pra ver que os atores não fazem a menor ideia do que estão falando. Mas minha versão favorita é aquele filme maravilhoso com o Leonardo DiCaprio.

Esse é um tema que levo bem a sério, e eu, August, não consigo resistir a falar o que penso de verdade sobre isso.

— Concordo totalmente com você sobre Shakespeare. Tipo, o cara incorporou mais de duzentas palavras à língua inglesa. Mas *Romeu e Julieta* não me desce muito. Os dois acabam morrendo no final.

Ela balança a cabeça como se eu tivesse entendido tudo errado, mexendo o rabo de cavalo para lá e para cá.

— A história é sobre duas pessoas que se amam tanto que literalmente não conseguem viver num mundo onde o outro não exista. É lindo.

De certa forma até invejo ela e Tiny pela maneira como enxergam o mundo, como um lugar cheio de amor.

— Se Londres tem um dos melhores cursos de jornalismo *e ainda tem* Shakespeare, por que você não vai?

Ela abaixa a cabeça e passa a mão no braço.

— É que o Justin e eu decidimos ir pra Universidade de Boston pra ele poder estagiar na empresa do pai nos últimos dois anos de faculdade.

Olho para ela como se não estivesse entendendo.

— Que foi?

— Nada.

— Esse olhar aí não foi à toa. Você tava me julgando — rebate ela.

— Não tava — digo e faço uma pausa, mas o fato de ela estar insegura só mostra que, de algum jeito, existe uma pontinha de dúvida. E lido bem com dúvidas. — Só nunca te vi como o tipo de pessoa que abre mão da faculdade dos sonhos por causa de um namorado.

Ela arregala os olhos.

— Eu não sou esse tipo de pessoa.

— Beleza — digo, mas meu tom de voz me entrega.

— Não foi isso que aconteceu — insiste ela, mais firme, e dá para ver que está tentando convencer tanto a mim quanto a si mesma.

Des era decidida e confiante como Ella, mas esse é o problema de caras intensos e controladores que nem Kyle e Justin: vão lentamente desgastando e mudando quem você é. Depois, quando todos os seus amigos passam a idolatrar os caras, é fácil acabar se perdendo.

A fila anda.

Ella dá uma olhada na multidão, parecendo meio arrependida de ter vindo para cá. Então decido mudar o rumo da conversa.

— Quem é sua melhor amiga?

Ela me olha como quem diz "tá zoando, né?".

— Primeiro me pergunta sobre o meu futuro, agora quer saber quem é minha melhor amiga? Tem certeza de que você não é um tiozão de quarenta e

cinco anos? — questiona ela, mas pelo menos não está mais encarando a multidão como se quisesse dar o fora daqui.

Abro um sorriso.

— Porque sou maduro demais?

— Não foi um elogio.

— Você me acha diferente. Por mim, de boa.

— Eu te acho um ridículo, isso, sim — diz ela, mas de um jeito que me faz até gostar da palavra.

— Ingressos — resmunga um cara meio mal-humorado, e entregamos os nossos.

Na maioria das vezes, só por educação, eu me ofereço para pagar. Mas Ella acabaria me olhando torto, como se eu tivesse transformado isso numa espécie de encontro romântico. E essa não é a minha intenção.

Enquanto o cara dos ingressos trava a barra no nosso colo, nos acomodamos no banco de metal.

— Você não me respondeu — digo bem na hora em que o assento começa a se mexer.

Ela desvia o olhar para o assento balançando acima da gente, como se estivesse reunindo forças para lidar comigo. Mas sua expressão está bem-humorada. Uma mistura de desprezo com diversão.

— Você sabe quem são minhas melhores amigas. Leah e Amber.

— Há quanto tempo vocês se conhecem?

— Desde que a gente tinha cinco anos — responde, tranquilamente. — E você, quem é seu melhor amigo?

— Que pergunta mais esquisita — brinco, fingindo surpresa enquanto subimos mais. — Sério que você não tem quarenta e cinco anos?

— Rá, rá! Engraçadinho.

— Mia — respondo.

— Peraí. Sua melhor amiga é a sua prima?

— Isso.

— Vocês cresceram juntos?

— Crescemos. A gente era vizinho — solto, deixando escapar uma verdade que estava fora do roteiro. Mas de vez em quando Tiny e eu fazemos isso

mesmo: misturamos verdade com ficção só para fazer as coisas fluírem. — Tô sempre na casa dela.

— Que nem agora, nesse verão?

— Exatamente.

— E seus pais? — pergunta enquanto subimos ainda mais.

— Não tem muito o que contar. Não temos nada a ver.

— E sua irmã? — questiona ela, e sinto como se meu coração fosse parar. Nunca mencionei Des em nenhum caso antes, muito menos falei sobre ela que nem aquele dia na piscina. Ella deve ter percebido que fiquei sem graça, porque nem me espera abrir a boca. — Desculpa, não precisa responder...

— Não, tranquilo — minto, e desta vez o assento se movimenta sem interrupções. — É só que... falar dela não é muito o meu forte.

Outra verdade.

Ella fica me observando, e de repente este banco ao ar livre começa a parecer apertado demais. Mas em vez de ficar sem jeito ou mandar aquelas frases prontas, ela só diz:

— Eu entendo. — E, por alguns segundos, ficamos em silêncio, encarando as luzes do parque. — Perdi minha avó há um ano e meio. — Agora sou eu que olho para ela. Como é que eu não sabia disso? Os pais dela nunca comentaram nada. Nas redes sociais, nenhuma pista do assunto. — Engraçado — continua ela, passando os dedos finos pela barra de metal. — Quando você me perguntou quem era a minha melhor amiga, ela foi a primeira pessoa que passou pela minha cabeça. Meio idiota, né? Sua melhor amiga ser sua avó que nem tá mais aqui.

Ela me encara com uma expressão que eu nunca tinha visto antes. Não é a garota popular ou engraçadinha de sempre; é um lado mais vulnerável, mais sincero, como se estivesse me confiando algo valioso e torcendo para eu não estragar.

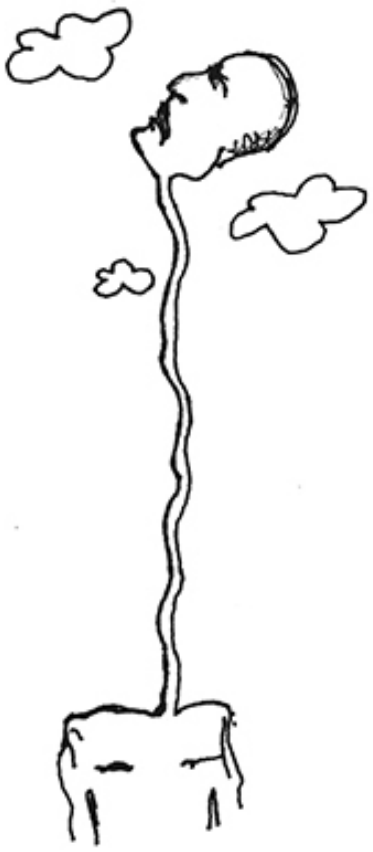
— Não tem nada de idiota — digo, após uma pausa. — Você ainda conversa com ela? Tipo...

— Sei o que você quer dizer — responde ela, e dá para sentir o alívio na sua voz. — Falo sempre com ela, sim. E você? Conversa com a sua irmã?

— Converso — admito. — Às vezes mais do que eu gostaria.

Logo me vêm à mente aqueles desenhos que eu rabiscava para Des junto de um bilhete ou escondia em algum livro quando ela não estava olhando. Ela adorava quando encontrava um, ficava toda empolgada. Dizia que eram o nosso segredo e vivia falando que eram os melhores presentes de todos. É por isso que agora odeio esses desenhos, até mesmo os imaginários, porque toda vez que penso em um, sou lembrado de que não tenho mais a quem entregá-los.

De um jeito torturante, minha mente começa a fazer justamente o que eu mais gostaria de evitar.



A solidão não é um lugar, é um sentimento — digo para as nuvens, mas ninguém responde.

— É como se, quando acontece uma coisa boa, ela fosse a primeira pessoa que passa pela sua cabeça? — fala Ella, e é um alívio ter algo para me distrair

dos meus pensamentos. — Ou, sei lá, quando acontece algo ruim, você precisasse de um conselho dela?

Sua voz dá uma vacilada no final e sinto um bolo na minha garganta.

— Minha irmã era quatro anos mais velha que eu — digo. — Às vezes fazia mais o papel de mãe do que minha mãe de verdade.

E estamos de volta àquele silêncio pesado, com o assento se mexendo lentamente. Ela encara as mãos segurando a barra, depois olha para mim.

— Será que com o tempo fica mais fácil?

— Não — respondo, e ela suspira como se tivesse escutado o que precisava, como se alguém finalmente tivesse dito a verdade.

Por um instante ficamos ali, só encarando um ao outro.

— Foi minha avó, na verdade, quem me incentivou a criar o blog de astrologia — conta, num tom que demonstra o significado que isso tem para ela. — Quando eu era criança, ela fez meu mapa astral, e passava horas e horas me explicando cada detalhe.

Fico feliz, de um jeito meio esquisito, que ela esteja se abrindo comigo.

— Ela parece ter sido uma avó incrível.

— Era, sim, de verdade. Fazia tudo ficar divertido. E sempre me ouvia. Meus pais... nem tanto. Tipo, não me leva a mal, eles se importam comigo e tudo, mas nunca tinham tempo pra mim igual minha avó.

Por um momento August passa à frente de Holden, e acabo oferecendo um pedaço do meu mundo em troca do dela.

— Foi minha mãe quem me ensinou a pintar. Ela é boa. Muito boa. E, quando eu mostrava uma pintura pra ela, ela começava a falar de técnica, me ensinava uma habilidade nova. Des nunca ligou pra isso.

Embora eu tenha escolhido conscientemente contar algo verdadeiro, o som do nome de Des me pegou de surpresa.

— Des... — diz ela, como se reconhecesse o nome da minha irmã como uma peça frágil do meu coração. — Nome bonito. — Tudo que consigo fazer é assentir. Ella se recosta no banco, relaxando no assento. — Às vezes a gente só precisa de alguém que escute. — Aperto os lábios. Sei que devia estar falando, concordando com ela, mas não confio em mim mesmo. — Putz — continua ela, como se tivesse acabado de perceber que fomos longe demais. Então,

começa a tentar nos trazer de volta. — Sério que a gente tá tendo uma conversa profunda numa roda-gigante? Tem como ser mais cafona que isso?

— Uma conversa profunda num caiaque debaixo do céu estrelado? — sugiro, brincando, feliz por estar de volta a um território mais seguro.

Só que, em vez de dar risada, ela me observa como se estivesse me vendo pela primeira vez.

— Puta merda, você é um romântico de carteirinha.

— *Quê?* — engasgo, o August dentro de mim foi totalmente pego de surpresa.

Ela ri.

— Você é mesmo. Fica aí dizendo que não entende *Romeu e Julieta*, mas nunca que um cara que não fosse romântico pensaria num negócio desses.

— Erradíssimo — rebato, e nem sei por que resolvo discutir.

E daí se ela acha que Holden é um romântico de carteirinha?

— É? Então por que você tá ficando vermelho?

— Tá calor — digo.

— Sei.

Coço a sobrancelha.

— Mas e aí, essa roda-gigante demora quanto tempo mesmo?

Ela dá risada e acabo rindo também. Mesmo fazendo de conta que quero dar o fora, não ligaria de passar mais uns minutos aqui.

24
VALENTINE

Vejo Ella e August voltando enquanto recolho meus prêmios, os dois estão rindo. Só que é mais do que isso. Não estão flertando, mas o jeito como se aproximam um do outro me passa uma sensação familiar. E, embora seja exatamente isso que a gente faz — criar confiança para fazer com que a pessoa veja as coisas sob novas perspectivas —, de alguma maneira sinto que o que está rolando é diferente.

— Então quer dizer que você é craque no basquete — comenta Justin, me dando mais cinco reais.

— Te avisei que ia levar todo seu dinheiro — respondo. — Posso até não ser craque, mas sempre falo a verdade.

— Eles voltaram — anuncia Leah, falando de August e Ella. — Tá na hora de a gente ir no Minhocão!

Alguns gritam, concordando, e, que nem amebas ambulantes, vamos todos em direção ao brinquedo onde, na quarta série, Charlie Atkins passou mal e acabou sujando não só ele, mas Bentley também.

Meu celular vibra novamente, e fico surpresa com o tanto de mensagens que foi pouco a pouco se acumulando durante o dia.

Bentley

Desculpa

Valentine? A gente pode conversar?

Eu sou muito ruim em pedir desculpa por mensagem.
Mas tô arrependido mesmo, de verdade.

A real é que... você me deixa nervoso.

Nervoso no bom sentido.

Não que isso seja uma desculpa.

Viu o que eu disse sobre ser ruim em pedir desculpa
por mensagem?

Meu dedo fica ali, pairando sobre as teclas, mas não consigo pensar em nenhuma resposta, pelo menos em nenhuma que pareça certa. Meu coração dispara, e enfio o celular de volta no bolso. Esse negócio todo é ridículo. Não gosto de Bentley desse jeito. Então por que estou dando tanta importância para isso? Tenho mais é que aceitar o pedido de desculpa dele e seguir em frente.

Ella se aproxima de Justin enquanto August e eu ficamos para trás no grupo, perto o suficiente para ouvir o que estão falando, mas não o bastante para invadir o espaço dos dois.

— Onde você tava? — Justin pergunta a Ella.

Ela dá de ombros.

— Na roda-gigante.

— Sozinha?

De repente August me encara como se tivesse me pegado no flagra. Devolvo o olhar, agora totalmente convencida de que algo fora do comum aconteceu naquela roda-gigante.

25
AUGUST

Eu sabia que Tiny estava arranjando uma desculpa para eu conversar sozinho com Ella — já usamos estratégias parecidas antes —, mas não parei para pensar que a intenção dela pudesse ser desestabilizar o controle de Justin sobre a namorada. Tiny acabou de me usar como isca? Olho bem para o rosto dela e na mesma hora tenho certeza. Não sei se fico surpreso ou revoltado, tanto por não ter reparado quanto por ela não ter me avisado antes.

— Eu tava com o Holden — explica Ella enquanto andamos pelo parque.

— É, te vi correndo atrás dele — rebate ele num tom afiado.

Quando se dá conta da mesma coisa que eu, Ella fica toda vermelha. Justin está com ciúme. Ela disfarça o constrangimento com uma risada.

— Se você sabia onde eu tava, por que perguntou?

— Não posso fazer perguntas pra minha namorada? — questiona ele, como se fosse ela quem estivesse tornando a situação esquisita.

— Pode, claro. É que não tem nada de mais.

— Talvez — responde, meio que colocando um ponto-final no assunto.

Tiny me olha com um sorrisinho satisfeito, e franzo o cenho. Ella toca o braço de Justin, mas ele a afasta.

— Você tá chateado?

— Devia estar chateado?

— Não, não devia — responde ela, com firmeza.

— Beleza, então tranquilo — conclui Justin num tom que indica claramente o oposto. — Vamos esquecer isso. — Ele se inclina e dá um

tapinha no cotovelo da Tubarão. — Tá com aquele uísque aí?

Amber tira o cantil da bolsa e Justin vai para o seu lado, deixando Ella sozinha.

E a expressão magoada de Ella me incomoda. Além de sentir uma antipatia profunda por Justin, também não sei se curti muito a jogada de Tiny. Reduzo o ritmo e acabamos ficando um pouco mais afastados do grupo.

— Você podia ter me avisado — cochicho para minha melhor amiga, mas ela só dá de ombros.

— Te falei o que a gente precisava fazer. Isso foi só o pontapé inicial — diz ela, a voz baixa, abafada pela multidão. — Sei o que está te preocupando, mas minha intenção não é te colocar como o rival da história nem fazer a gente ser expulso do grupo. Não vamos repetir isso. A ideia era ser uma estratégia que funcionasse bem pra duas coisas: te dar um tempo pra formar um vínculo com ela e, ao mesmo tempo, expor quem ele realmente é. — Só então Tiny me encara, meio desconfiada. — A menos que você tenha perdido a linha e dado em cima dela, aí, sim, com certeza seria um proble...

— *Lógico* que não dei em cima dela — interrompo, irritado por ela ter cogitado um negócio desses. — Você sabe que eu não faria isso.

— Então tudo certo, não tem com o que a gente se preocupar — responde, mas o incômodo continua ali, que nem um fiapinho na camiseta que pinica quando você se mexe, mas some toda vez que você tenta encontrar.

26
VALENTINE

Estou aqui deitada sob meu edredom branco fofinho, relendo pela milésima vez as mensagens de Bentley. E, de novo, fico com os dedos suspensos sobre as teclas, indecisa. Digito "Não esquenta", e então apago tudo. Aí digito "Era questão de tempo mesmo", e apago mais uma vez. Por fim suspiro, frustrada, e jogo o celular na cama.

— Por que tô me preocupando com isso? — pergunto para mim mesma, cobrindo os olhos com as mãos.

August é quem pensa demais; *eu* sou a que deixa as coisas rolarem. E, no fundo, a situação toda é bem simples: achei que fosse acabar beijando Bentley, mas ele não presta. *Tranquilo*.

Tiro as mãos do rosto e encaro minha penteadeira, com meu caderno novo em cima. Trabalhar. É exatamente disso que preciso para distrair a cabeça. Fico de pé e dou uma olhada no meu reflexo no espelho da penteadeira.

— Para de pirar — falo, os olhos fixos no espelho. — Só relaxa.

O adesivo da Universidade de Berkeley no canto do espelho chama a minha atenção. *Califórnia*, penso, e mais uma vez sinto um bolo na garganta. Fico um bom tempo parada, sentindo uma incerteza e um incômodo gigantesco com a minha reação. Aí arranco o adesivo do espelho e o enfio na gaveta, não para sempre, só até passar essa sensação esquisita. Mas minha aflição acaba sendo interrompida por um barulho alto na janela.

Viro a cabeça tão rápido que o quarto chega a rodar. Vejo a hora no despertador: 23h47. Por um segundo, acho que pode ter sido minha

imaginação. Aí, *pim*. Corro até a janela, pensando em tudo que pode fazer barulho à noite.

Assim que puxo a cortina, uma pedrinha bate no vidro, me assustando pela terceira vez. Mas não é nenhum monstro, é só Bentley no gramado que separa as nossas casas. Quando vejo ele de pijama com aquele cabelo bagunçado, fico furiosa. Abro com tudo a janela e coloco a cabeça para fora.

— Que merda é essa, Bentley? Já tá tarde — digo, meio cochichando, meio gritando.

— A gente pode conversar? — pergunta ele, em alto e bom som.

Faço sinal para ele ficar quieto.

— A gente pode conversar? — insiste Bentley, desta vez mais baixo, mas não baixo o suficiente.

Fico com vontade de dizer não, só que mais alguns minutos assim meus pais vão acabar acordando. Estendo a mão pedindo para ele esperar e fecho a janela. Pego meu robe lilás curto de trás da porta e visto por cima do pijama.

Desço os degraus de carpete na ponta dos pés e sigo na passadeira até chegar à porta da frente, que nem um ladrão de histórias em quadrinhos. De jeito nenhum vou lá para o fundo: o quarto dos meus pais fica nessa direção, e o do August também. Coloco o chinelo e saio, sentindo a diferença entre o clima fresquinho de ar-condicionado e a umidade quente com cheiro de maresia e grama molhada.

Meus chinelos fazem barulho enquanto vou andando pelo caminho de pedra, e, apesar dos grilos cantando e do ruído da água, parece que estão em alto-falante neste nosso cantinho adormecido.

Dou a volta pela casa até ver Bentley esperando no gramado. Faço sinal para ele me seguir, depois vou apressada até as cercas vivas que separam meu quintal da rua.

Olho para ele, e a grama fresca faz cócegas nos meus pés.

— O que que te deu para ficar jogando pedrinha na minha janela? Isso aqui não é um filme dos anos noventa, não.

Ele sorri que nem um menino levado.

— Mas você desceu.

— É, desci. Mas isso não vem ao caso. — Ainda estou irritada e nem sei direito por quê. Ele fica me encarando. — Você disse que queria falar comigo,

né? Então vai, desembucha — digo, a voz tomada pela frustração.

— Queria pedir desculpa.

— De madrugada?

— É.

— A luz do meu quarto tava apagada.

— Reparei que você tava digitando — diz ele. — Os três pontinhos apareciam direto, mas você não mandava nada. Achei melhor vir falar com você pessoalmente.

Coloco o cabelo atrás da orelha e desvio o olhar, torcendo para que, no escuro, ele não perceba meu constrangimento. Então me dou conta de que o que ele disse significa que também estava com os olhos pregados na nossa conversa. Acontece que isso é romântico demais para mim e Bentley.

— Fiquei nervoso naquele dia — explica ele.

— É, você falou. Não esquenta. Era questão de tempo mesmo — digo, tentando encaixar as duas mensagens que escrevi e acabei descartando. Ele me olha como se não concordasse. — Tipo... a gente não tem nada a ver — prossigo, explicando melhor.

— Mas não tem nada de errado nisso. É por isso que eu gosto de você — diz ele, e dá para ver que é sincero.

Solto uma risadinha nervosa.

— Bentley, vamos combinar, você fala isso pra todo mundo.

— Não falo, não.

— Fala, sim. E tá tudo bem. Você adora ficar jogando charme.

— Adoro mesmo. Mas isso não muda o fato de eu gostar de você — confessa ele, a voz mais uma vez cheia de sinceridade.

E, por algum motivo, isso só serve pra que eu fique mais irritada, então coloco as mãos na cintura.

— Legal. Acabou?

— Você tá irritada.

— Longe disso.

— Tá franzindo a testa.

— Tô não.

— Me diz como eu posso melhorar as coisas.

Controlo a vontade de empurrá-lo.

— Sério, o que é pra eu responder?

— Me manda lavar seu Jeep à mão, sei lá, e aí você me perdoa.

Respiro fundo, ainda não me sentindo pronta para desistir do tom de voz irritado.

— Esquece esse lance de castigo. Eu te perdoo.

— Então topa me ver outra vez?

Encaro Bentley com a camiseta do Superman e a calça xadrez que o fazem parecer inocente. Fico uns bons cinco segundos fazendo isso, mas ele não volta atrás nem diz que é brincadeira.

— Não é melhor parar enquanto a gente tá bem?

— Aí que tá: não estamos bem.

Esfrego o olho, tentando listar uns mil motivos por que essa história daria errado. Mas, em vez disso, digo apenas:

— Promete não ficar zoando meu melhor amigo?

— Prometo.

— E promete não ficar me enrolando com essas frases de efeito?

— Juro de coração — responde, fazendo um gesto no peito.

— Tá bom. Topo sair com você outra vez.

Ele abre um sorriso tão largo que preciso apertar os dentes para não acabar sorrindo também.

— Amanhã? — pergunta ele. — Pode ser?

Arregalo os olhos. Esse garoto não tem jeito mesmo.

— Tá brincando, né?

— Valentine, tô há três anos e meio esperando você me dizer sim. Não vou desperdiçar nem mais um dia.

De repente, minha irritação é substituída por uma sensação estranha que também não consigo entender. Aperto meu roupão, apesar de nem estar frio.

— Ah — gaguejo. — Beleza.

— Beleza — repete ele, sorrindo de novo.

Balanço a cabeça.

— Agora vai deitar, Bentley Cavendish — digo, mas acabamos ficando mais uns segundos ali antes de cada um ir para o seu lado.

27
VALENTINE

August e eu estamos sentados em frente à mesa de piquenique do quintal dele, cercados por um café da manhã enorme preparado pela minha mãe, que anda meio grudenta desde a briga daquele dia.

Tomo um gole do suco de laranja fresco, sentindo a boca pinicar com o contraste do doce com o ácido.

— Percebeu alguma coisa esquisita nos meus pais ultimamente?

August tira os olhos do sanduíche.

— Esquisita como?

— Sei lá, tipo, apaixonadinhos demais? — pergunto, torcendo para ele entender o que estou falando.

— Você tá preocupada porque seus pais estão apaixonados demais?

Reviro os olhos e apoio os cotovelos na mesa de piquenique.

— Eles estão... estranhos. Brigaram um dia desses, mas não queriam que eu soubesse.

— Não entendi — diz ele naquele tom de voz tão pragmático que chega a ser irritante. — Eles estão felizes demais ou de menos?

— As duas coisas? — respondo.

Sei que parece idiota, mas é verdade.

— Não reparei.

— É, vai ver não é nada — concordo, desviando a atenção para o meu caderno. — *Enfim*... E o Justin, hein? O cara é um babaca mesmo. E a

Tubarão, putz, a fã número um. Chega a peidar purpurina quando começa a falar dele.

Ele ri da minha piada, limpando gema de ovo do canto da boca depois de uma mordida exageradamente grande. Minha mãe vive falando que adora cozinhar para o August porque ele come tudo feliz da vida. Diz que é normal para um jovem de dezoito anos, mas a real é que sei que era Des quem cozinhava quando a mãe deles esquecia ou estava concentrada demais numa pintura.

— Desde que você não faça a gente ser expulso do grupo porque Justin acha que tô dando em cima da namorada dele... — pontua August, claramente ainda meio magoado com o que aconteceu ontem.

— Juro de coração que não vou fazer isso — respondo, me contorcendo por dentro ao imitar o gesto que Bentley fez ontem à noite. — Não colocaria a gente em nenhuma furada. Isso sem contar que o pai da Ella ia fazer picadinho da gente. — Ele faz que sim, como se estivesse aliviado por estarmos de acordo. — E é por esse motivo que... — Empurro meu caderno para ele, aberto numa lista chamada "Plano infalível da Tiny para destruir relacionamentos". — A gente vai fazer *isso aqui* acontecer.

Ele deixa o sanduíche de lado e joga as migalhas na grama, lendo meu passo a passo cheio de tópicos e subtópicos.

— Quando foi que você escreveu isso?

Abro um sorrisinho, empolgada ao ouvir sua voz surpresa.

— Ontem, tarde da noite. A ideia surgiu do nada, tipo um estalo, depois de ver Justin agir daquele jeito.

Uno as pontas dos dedos e as beijo, que nem um chef de cozinha. August fica encarando a lista.

— Isso aqui tá... bem bom.

— Claro que tá — digo, dando uma mordida na minha rosquinha recheada de requeijão.

O dedo dele para ao lado do terceiro passo: "Falar umas verdades pro Justin por ficar pressionando a Ella."

— Mas também é arriscado — diz ele, meio hesitante e não tão animado quanto eu estava esperando.

— August, a gente tem pouco mais de duas semanas pra resolver isso. A gente precisa ser ousado e sair da caixinha. *Isso aqui* é sair da caixinha — digo, apontando para o plano.

— Totalmente.

— Cadê o "Tiny, você é o máximo" ou "Cacete, essa é a melhor ideia que você já teve"? — Pego meu caderno de volta. — Seu entusiasmo chega a ser insuportável.

— É uma boa ideia, sim — concorda ele, como se estivesse cedendo. — Uma ótima ideia, na verdade. É só que... se der errado, você sabe que vão acabar odiando a gente, né?

Dou uma risada.

— Então não vamos deixar dar errado.

Ele desvia o olhar e começa a apertar os lábios. Aí, de repente, tudo se encaixa.

— Meu. Deus. Do. Céu — digo, alongando cada palavra. — Isso é épico. — Ele me olha torto. — Eu te vi mesmo todo desconcertado ontem à noite. — Aponto para o rosto de August. — Aquele olhar, o jeito como você ficou puto com o Justin. Só nunca achei que...

Ele muda de posição na cadeira.

— Não faço a menor ideia do que você tá falando.

Abro um sorrisinho.

— Você, meu amigo, *tá a fim* da Ella.

August se engasga com o café.

— De jeito nenhum...

— Tá, sim. Você gosta da Ella. Não tá com medo de a galera odiar a gente, até porque você nunca ligou pra isso, tá é com medo de que a *Ella* acabe *te* odiando.

Ele volta àquela cara de paisagem de sempre.

— Você comeu tanto açúcar que tá delirando.

Mas só consigo ficar olhando para ele, chocada.

— É sério isso? Chegou o Dia de São Nunca? O inferno virou um resort chique de ski?

— *Tiny* — dispara August, me olhando feio.

Então volta a comer o sanduíche como se nada tivesse acontecido. Solto um daqueles suspiros bem exagerados e apoio a bochecha na mão.

— Deixando a paixonite de lado, Holden McApaixonadinho, será que você consegue chamar a Ella pra sair hoje pra gente colocar o plano em prática?

Ele me olha como se tivesse acabado de levar um tapa.

— Em hipótese alguma eu atenderia por esse nome.

— Vou entender como um sim — digo, ainda olhando para ele como se nunca o tivesse visto antes.

Juro, nunca imaginei que ele fosse ter uma quedinha por ninguém. Até a palavra *quedinha* soa meio ridícula quando se trata de August.

Bem na hora o celular dele vibra. O nome de Ella surge na tela e nós dois tentamos pegar o aparelho ao mesmo tempo. Só que ele é mais rápido e me lança um olhar como quem diz "se liga".

Isso nunca vai perder a graça.

Ele desbloqueia a tela.

Ella

E aí, que mais?

Olho para ele, tentando entender.

— Ela quer dizer pro blog dela — explica. — Tipo, se eu tenho uma metáfora legal ou uma historinha mais profunda. Falei que podia ajudar.

Penso um pouco.

— Hummm, e se for um fato curioso? Você podia contar pra ela que, se uma pessoa ficasse com o ombro colado no da outra, a população mundial inteira caberia em Los Angeles... ou pelo menos é o que diz a *National Geographic*. — August fica me olhando, intrigado. — Conselhos de astrologia sempre têm a ver com perspectiva, certo? — continuo, assumindo minha melhor voz de palestrante. — Compactar a raça humana nos mostra como a gente é pequeno, como temos uma visão limitada das coisas.

— Gostei — diz ele, começando a digitar.

Ella

Vou roubar essa ideia com certeza.

Ponto para mim.

Ella

Só pra saber... você tem alguma teoria sobre o desconhecido?

August

O desconhecido?

Ella

É, tipo aquele medo do que a gente não conhece ou de situações que fogem do nosso controle... esse tipo de coisa.

Desta vez August não olha para mim. Só começa a digitar.

August

Tem uma frase que você ia curtir. Aguenta aí.

Ele faz uma pesquisa rápida no Google e volta para a conversa.

August

Onde encontrar couro suficiente

Para cobrir a terra inteira?

Sendo que o couro usado na sola dos sapatos

Já é suficiente para cobrir a terra inteira.

Assim como acontece com objetos externos

Que eu não consigo controlar;

Controlar a minha mente é o mesmo que controlar

todas as outras

O que mais precisa ser controlado? — Shantideva

A ideia é que todas as preocupações, toda a ansiedade, surgem de uma mistura de duas coisas: as circunstâncias externas e os pensamentos internos.

Lógico que a gente não consegue controlar o mundo lá fora, mas se conseguirmos controlar a nossa mente, a gente não precisa disso.

Ella

Sério?

August

Não gostou?

Ella

Gostei, não. Amei! Só quero saber como você sabia disso.

August

Eu leio muito.

Aí aparece aquele balãozinho indicando que ela está digitando alguma coisa. Mas some e só reaparece uns segundos depois.

Ella

Queria ter te conhecido depois que a minha vó... Ia adorar ter alguém pra ler comigo.

Ele hesita.

August

Eu também.

Encaro August com os olhos arregalados, dividida entre o choque e a surpresa. Sei que são só duas palavras, mas foi a coisa mais sincera que o vi falando sobre a morte de Des em todos esses anos, e ele falou isso por mensagem para uma garota que mal conhece. Parte de mim fica aliviada ao pensar que talvez ele finalmente esteja pronto, que já está mesmo na hora de derrubar a Muralha. Mas outra parte fica meio magoada por ele não ter decidido se abrir comigo, mesmo que eu saiba que, no fim das contas, não faz diferença.

Pelo visto August percebeu alguma coisa na minha expressão, porque pergunta:

— Que houve?

Disfarço com uma piadinha.

— Bela dissertação, hein, professor.

Ele dá de ombros.

— É da redação que fiz pra entrar na Berkeley, lembra?

— Ah. Verdade — respondo rápido demais, e, tentando dar um jeito no climão, acrescento: — É uma ótima redação.

Mas acabo só piorando as coisas. Ele me lança um olhar como se tivesse entendido tudo.

— Você tá mentindo.

— Não tô, não — digo. — Só não tava esperando que você fosse tocar nesse assunto.

— Não tava esperando que eu fosse tocar no assunto da minha redação? — pergunta, como se não fizesse a menor ideia do que eu estou falando.

— Não, é que, tipo, eu tinha me esquecido completamente dessas redações.

Ele olha bem nos meus olhos.

— Tiny, você já leu essas redações mais de cem vezes. Não tem como você ter esquecido.

Filho da mãe.

— Virou fiscal de memória, é?

Mas ele não ri.

— Tá rolando alguma coisa que eu deva saber?

Mas não posso contar, até porque o que eu ia dizer? Que estou começando a me questionar sobre a faculdade que passamos anos ralando para entrar e

comemoramos por um mês quando conseguimos, porque agora tudo isso parece distante para caramba? A mesma faculdade que escolhi e defendi tanto?

— Tiny? — pressiona ele.

— Não. Não tá rolando nada. Só ando muito estressada com a mudança.

Por um instante parece que ele quer discutir, mas acaba mudando de ideia e olha para a tela do celular, que tem uma nova mensagem de Ella.

Ella

Fico te devendo uma. Você me ajudou muito.

August

Imagina, relaxa.

Ella

Sério mesmo. Tava nadando, nadando, sem chegar a lugar nenhum por aqui.
#bateuaressacadouísque

— Ou talvez você devesse dar um pé na bunda do seu namorado que te força a beber quando você não tá a fim, né? — comento, contente em mudar de assunto.

Ella

Assim que terminar vou dar um pulo na minha creperia favorita. Posso te oferecer um crepe como forma de agradecimento?

De repente August levanta a cabeça e olhamos um para o outro. Dou um soquinho no ar. Ela está o chamando para sair: um grande avanço, algo de que a gente estava desesperadamente precisando para conseguir fazer o caso ir para a frente.

August

Combinado.

Enquanto observo August, meu celular vibra com uma mensagem de Bentley. Dou uma espiada no aparelho embaixo da mesa, fora do campo de visão de August.

Bentley

E aí, tá pensando em fazer o quê?

Eu

De repente a gente pode pegar uma praia mais tarde? Ainda não sei a hora, mas a gente vai se falando.

Bentley

Boraaaaa!

Quando levanto a cabeça, August está com os olhos fixos em mim.

— Alguma coisa interessante?

Por um segundo, isso me irrita. Quer dizer que ele pode compartilhar coisas pessoais com Ella e eu não posso compartilhar com Bentley seja lá o que for?

— Não, nada de mais.

— Porque ultimamente você anda meio obcecada com seu celular — comenta, depois dá um gole no café. — Você ficou olhando a cada cinco minutos quando a gente tava no parque.

Um formigamento começa a tomar forma no meu peito, mas tento disfarçar.

— Vai ver nós dois temos nossos segredos.

Assim que essas palavras escapam, me arrependo do que disse. Bentley não é um segredo. Des não é um segredo. A Muralha tem que cair, não ser fortalecida. Mas ele só arqueia a sobrancelha e não me pede mais explicações.

28
AUGUST

A creperia da cidade de Ella tem um clima praiano, como se fosse uma lojinha de interior, com a varanda cheia de cadeiras de praia para os que estão sujos de areia. Enquanto o sol se põe, subo os degraus e abro a porta. Ella está sentada perto da janela, digitando rápido no celular.

Pigarreio.

Ela ergue os olhos e, quando percebe minha presença, abre um sorriso. Não sei por quê, mas isso me pega de surpresa. Ela nunca me recebeu com um sorriso antes, e é uma sensação boa, tão boa que acabo desviando o olhar e colocando a mão no bolso. Enquanto isso, me lembro da voz de Tiny me provocando, dizendo que tenho uma quedinha por ela, o que não é verdade. Gosto dela, sim, mas como amiga, não romanticamente; a gente só se entende de um jeito que eu não esperava.

Ella guarda o celular na bolsa e dá uma risadinha.

— Não precisa ficar tão nervoso, não é um encontro romântico.

Maravilha. Estou ficando vermelho e não tem nada que eu possa fazer para evitar.

— Claro — digo, tentando disfarçar meu constrangimento. — Nunca imaginei que fosse outra coisa.

Ela solta um suspiro.

— Exatamente. Ótimo. Falei pra Leah que você nunca que ia pensar que eu tava te chamando pra sair com segundas intenções.

Agora faz sentido o jeito como ela estava digitando. Coço a sobrancelha.

— Então... quer dizer que você gosta de crepe?

Ela dá risada.

— Nem vem com essa de que fui eu quem criou climão, viu?

— E não criou?

— Nem um pouco. A gente é amigo. Amigos comem crepe juntos. Só isso.

Sorrio sem querer ao ouvir ela admitindo que somos amigos. Mas Ella deve ter interpretado meu sorriso de outra forma, porque diz:

— E não fica sorrindo pra mim desse jeito, não. Só olha o cardápio. Nutella com morango. Banana com mel. Sorri pra essas coisas.

Faço o que ela manda: me concentro no cardápio escrito a giz num quadro, depois a acompanho até o balcão. Apesar da minha falta de jeito, vejo que tem uma brecha aqui para puxar assunto sobre o relacionamento dela.

— Falando no Justin... — começo.

Ela me lança um olhar meio atravessado.

— Zero delicadeza, hein.

— Poxa. Até diria que o Justin é delicado, sim.

Ela ri de leve.

— Não tô falando do Justin. Tô falando de você.

— Tipo, ele é bem popular — continuo.

Ela estreita os olhos.

— E daí?

— E você também é.

Agora ela se vira para mim, já nem tentando mais fingir que está prestando atenção no cardápio.

— E?

Dou de ombros.

— E nada — digo, tranquilamente, mas sei que ela não vai engolir isso. — Só faz sentido.

Ela analisa meu rosto, ou o que dá para ver de lado.

— Porque eu sou superficial?

— De jeito nenhum. — Olho nos olhos dela. — Na verdade, é o oposto. — Ela arqueia a sobrancelha, meio sem saber se deve encarar isso como uma ofensa. — Mas gente popular sempre namora gente popular. É um fato — comento.

— Não tô com o Justin porque ele é popular — rebate ela, como se precisasse que eu soubesse disso.

Mas também dá para ver que está tentando entender seus próprios motivos, e é exatamente essa a ideia: fazê-la refletir. Tiny vive dizendo que tudo que a gente faz nesses casos é segurar um espelho de frente para a pessoa, e que é o próprio reflexo que faz elas mudarem.

— Não disse isso — digo, concordando com ela.

— Mas deu a entender.

— Só tô dizendo que a popularidade deixa as pessoas atraentes de um jeito diferente. E nem tô falando da parte física. Gente popular não é julgada da mesma forma, até as maldades viram piada... por aí vai.

— Acho que é o contrário — discorda ela. — Pra mim, a vida dessas pessoas é observada como se estivesse debaixo de uma lupa, e por isso elas acabam sendo ainda mais julgadas.

Balanço a cabeça.

— Estão mais no holofote e são mais observadas, sim, concordo. Mas, por outro lado, os defeitos passam batido. Não tô dizendo que isso é sempre negativo, só acaba distorcendo a perspectiva das coisas.

Uma garota de cabelo roxo atrás do balcão pergunta se já queremos fazer o nosso pedido. Na mesma hora Ella desvia o foco, então deixo o assunto morrer. Não estou tentando convencê-la de nada: a intenção é plantar na cabeça dela a ideia de que talvez Justin não seja tão perfeito quanto parece.

Fazemos os pedidos à garota e ela nos dá um número. Ella escolhe uma mesinha perto da janela, com vista para a varanda.

— Esse lugar existe desde sempre — diz, mudando de assunto. — Eu vinha aqui com a minha mãe antes até de aprender a andar. — Sento-me de frente para ela na mesa rústica de madeira. — Não mudou nada.

— A nostalgia é um negócio engraçado.

Ela inclina a cabeça enquanto se ajeita na cadeira.

— Como assim?

— Uma vez eu li que a nostalgia faz a gente sentir que a vida tem mais sentido. Tinha alguma coisa a ver com aumentar a conexão e o valor das coisas — explico.

Mas não conto que geralmente Tiny e eu usamos a nostalgia como uma ferramenta nos nossos casos. Para falar a verdade, teria escolhido conhecê-la aqui se soubesse que este lugar existia.

— Faz sentido — diz ela. — Vai ver é por isso que gosto tanto daqui.

— Você é próxima da sua mãe?

Ela dá um suspiro e começa a girar um anel dourado no dedo indicador.

— Era. Quer dizer, sei lá. Acho que ainda sou? É que... ultimamente as coisas andam meio diferentes.

— Diferentes como?

— Quer saber de verdade?

— Se não quisesse, não teria perguntado.

Ela balança a cabeça, como se não soubesse direito o que pensar de mim.

— Sério, Holden, você não é nada como eu estava imaginando. Você é inteligente. E até que é legal.

Dou risada.

— Ficou surpresa por eu ser legal?

Ela acaba rindo também.

— Retiro o que eu disse. Você não é legal. Mas é *autêntico*, e isso é uma coisa rara.

Por um segundo, sinto a culpa pesar. Se ela soubesse que só perguntei sobre sua mãe porque Tiny e eu conversamos sobre isso hoje à tarde, não estaria me elogiando. Mas afasto logo esse pensamento. Se alguém tivesse feito isso pela Des, ela ainda estaria aqui.

Ella revira os olhos ao perceber minha demora em responder.

— Você manda mal demais em papo-furado.

Eu (o August de verdade) sorrio ao ouvir isso.

— Acho que essa é a coisa mais verdadeira que você já disse.

— Já te vi com a Amber. Não vou mentir: chega a ser doloroso.

Apoio os cotovelos na mesa.

— Bom, se é pra ser sincero... Quando você me disse que a Amber queria que eu fosse na festa dela, fiquei meio receoso. Mas, quando cheguei e ela não parava de encostar no meu braço, achei, sei lá, que ela fosse me engolir que nem um louva-a-deus.

Ela dá uma gargalhada genuína que ilumina seu rosto de um jeito que ainda não tinha visto.

— Amber é a rainha de ficar tocando nas pessoas, e só piora quando tá bebendo ou dando em cima de alguém. A Leah fica maluca com isso.

— Tô do lado da Leah.

A garota de cabelo roxo aparece na nossa mesa e entrega os crepes e as limonadas, depois pega nosso número de volta.

— Amber acha que você tá a fim dela — comenta Ella, se divertindo. — Acha que você só é tímido demais pra admitir.

— Puta merda. Quer dizer, fico lisonjeado... Mas a Amber não faz mesmo o meu tipo.

— Quer dizer que você não curte loiras sedutoras e fatais? Tem certeza de que não tá morto?

— Bobeira, né?

— Super — concorda ela. — Mas agora fiquei curiosa. Se você não curte a Amber, então qual é seu tipo de garota?

— Hum... — digo, passando a mão pela nuca. — Acho que gosto de gente que me surpreenda.

— Você vai ter que explicar melhor.

— Então — começo, depois faço uma pausa, tentando realmente refletir sobre a resposta. Ninguém me pergunta isso desde que eu era pré-adolescente. Na época, Tiny disse que gostava de loiros e que mesmo que ela desse uma chance pra qualquer um porque a personalidade contava muito mais, era simplesmente obcecada por cabelo loiro, dourado e brilhante. Eu só respondi que gostava de garotas inteligentes. — Já conheci muitas Ambers. Consigo até adivinhar o que ela vai fazer e quando. Mas prefiro não saber. Gosto mesmo quando sou pego de surpresa.

Ella não responde logo com uma brincadeira ou outra pergunta. Em vez disso, só arqueia a sobrancelha.

— Acho bom você não estar se referindo a quando eu te disse que você não é como eu imaginava. Eu *não estava* dando em cima de você — diz, me encarando com firmeza, o garfo apontado na minha direção.

Arregalo os olhos e me apresso para corrigir o que disse.

— Não foi o que eu quis dizer. Não falei que você gostava de caras surpreendentes; disse que *eu* gosto de garotas que surpreendem.

Dá para ver que ela ficou sem graça, e tenho a sensação de que esse encontro está predestinado a ser meio esquisito e que a culpa é de Tiny por ter colocado minhoca na minha cabeça.

— Ok, beleza, tá bom — responde ela, cortando um pedaço do crepe. — Porque não gosto mesmo. Adoro caras previsíveis e chatos.

Dou risada.

— Sem problema.

— O que a gente tava falando antes disso mesmo? — prossegue ela. — Ah, é, você me perguntou sobre a minha mãe — diz, mudando não apenas de assunto, mas também o tom da conversa.

Faço que sim, me ajeitando na cadeira.

— Você não precisa...

— Claro que não. Mas eu quero — diz, dando uma mordida. — É que, sei lá, eu e minha mãe não conversamos tanto mais. Tipo, a gente até conversa, mas não sobre coisas sérias de verdade. Sempre que tocamos num assunto mais pesado, acabamos discutindo. Então, com o tempo, começamos a evitar falar sobre certas coisas. — Ela balança a cabeça. — Chega a ser engraçado, porque passo o dia dando conselhos sobre temas muito pessoais no meu blog de astrologia, e mesmo assim eu...

Ela faz uma pausa, como se estivesse procurando a palavra certa.

— Não reflete sobre seus próprios problemas? — sugiro.

— Nunca — concorda. — Mas não sei se você se identifica com isso. Você sempre leva a conversa pra coisas mais pessoais, mais verdadeiras.

— Eu? — digo, meio surpreso. — De jeito nenhum. — Ela me lança um olhar firme. Continuo: — Não, é sério. Sou muito melhor em falar dos problemas dos outros do que dos meus.

E cá estou eu de novo soltando as verdades da minha versão August. Ela apoia os cotovelos na mesa.

— Vai, Holden, me fala. Me conta alguma coisa que você evita encarar de frente. — Não respondo na mesma hora, mas ela continua com os olhos fixos em mim, firme e forte. Agora, sim, entendo por que nunca deixei minha personalidade transparecer nos outros casos: porque ficar contando sobre

problemas inventados é moleza, não gera ansiedade. — Vamos fazer o seguinte: eu vou primeiro.

Ela limpa a boca com um guardanapo. Merda. A gente vai mesmo fazer isso.

— Então, lembra quando eu te disse que minha avó era minha melhor amiga? Acontece que acabei não conseguindo tirar isso da cabeça. Fico me perguntando: o que será que tem de errado na minha relação com a Amber e a Leah pra eu preferir minha avó, mesmo que ela já tenha morrido? — confessa, mexendo o garfo para lá e para cá. — Nós três somos amigas desde o fundamental. Mas tivemos uma briga logo antes de minha avó morrer. E, sendo bem honesta, acho que a gente nunca voltou a ser o que era antes. Alguma coisa mudou e não faço ideia do que seja nem como resolver isso.

Fico mais uma vez surpreso. Por que os pais dela não contaram para a gente sobre a avó ou sobre esse conflito com as amigas? Perder o grupo de amigos e, logo depois, o familiar mais próximo é devastador, e imagino que isso tenha alterado profundamente a visão de Ella sobre o mundo e sobre si mesma.

— Sinceramente, não sei como você aguentou. Não sei se conseguiria me recuperar de uma briga com a Mia acontecendo junto à perda da Des — digo. E falo sério, eu ficaria completamente perdido.

Ela aperta os lábios e faz que sim, depois baixa levemente a cabeça, revelando mais uma vez a constelação de sardas na maçã do rosto.

— Sua vez — diz ela, em vez de continuar falando sobre como foi difícil.

E mais uma vez me dou conta de como a gente é parecido. Ela fica esperando. Mas não respondo na mesma hora. Porque sinto que devo a ela uma resposta sincera.

Ella nunca vai ficar sabendo disso, porque só vou continuar na sua vida por mais umas semanas, mas ela está fazendo por mim o que eu geralmente faço pelos outros: criando um espaço seguro para explorar cada camada e conseguir acessar o que está escondido lá embaixo. Respiro fundo.

— Lembra quando me ofereci pra te ensinar a pintar? — pergunto, a voz baixa.

— Lembro.

Olho para as minhas mãos, o coração disparado.

— Não pinto nada desde a morte da minha irmã.

Ela congela, a xícara a meio caminho da boca.

— Nada?

— Nad... — digo e me interrompo, hesitando só de pensar nos desenhos imaginários.

— O quê?

— Não. Nada.

Me ajeito na cadeira, sem querer admitir a existência desses desenhos até mesmo pra mim. Ela fica um bom tempo me observando, depois assente, como se enxergasse além do que estou dizendo. E talvez enxergue mesmo, porque diz:

— Depois que a minha avó morreu, passei um ano odiando astrologia. Não conseguia nem olhar pra coisas relacionadas a isso sem começar a chorar.

Fito os olhos dela.

— Eu te entendo.

— Sei que entende. Acho que você entende muitas coisas sobre mim — afirma Ella.

E ficamos assim, um encarando o outro, por um bom tempo. Tanto tempo que sinto um pulsar nas têmporas. Ela dá um gole na limonada. Ainda estou meio fora de órbita quando Ella pergunta:

— Então aquilo de me ensinar a pintar não era de verdade?

— Olha, sendo bem honesto... — Faço uma pausa para refletir. — Quando ofereci, falei sério, mas isso foi antes de você saber o significado disso pra mim. Eu me sinto meio... não sei. Meio...

— Vulnerável? — tenta ela.

— Ia dizer constrangido, mas sim — admito, deixando escapar um suspiro pesado.

Ela me encara, pensativa.

— Olha, sabe de uma coisa? Eu não tinha a menor intenção de aceitar sua oferta. Mas acabei de mudar de ideia — fala. Hesito, dividido entre um *não* categórico de August e um *sim* necessário de Holden. Merda. — Amanhã. Lá em casa — sugere.

Depois dá uma mordida no crepe como se já estivesse tudo combinado.

E, pela primeira vez desde que fundamos a Amor de Verão, estou uma pilha de nervos. Era para eu servir de apoio para Ella, ser alguém com quem ela pudesse desabafar, alguém que a fizesse questionar seus padrões de pensamento.

Como que, de repente, é ela quem está questionando os meus próprios padrões? Não sei como reagir, e com certeza não quero ir por esse caminho. Mas qual é a alternativa? Dizer a Tiny que sinto muito, mas vou abrir mão da grana importante para a faculdade que esse trabalho pode dar para a gente e abandonar o caso? E, mesmo que eu estivesse disposto a abrir mão dos planos de faculdade, o que não é o caso, nunca largaria Ella agora, ainda mais sabendo o que sei. Mesmo que esse caso dê errado, mesmo que ela acabe me odiando, quero que veja quem Justin realmente é e escolha por conta própria. De vez em quando, todo mundo precisa de alguém em quem possa confiar, alguém que seja honesto e diga quando exageramos ou erramos — ou, no caso de Ella, alguém que a ajude a tomar decisões pensando nas necessidades dela, não nas dos outros. Sou pago para fazer esse trabalho, sim, mas não faço pelo dinheiro. Faço porque é o que a Des faria, e porque eu gostaria que alguém tivesse feito isso pela minha irmã.

29
VALENTINE

Enquanto ando em direção à praia, o sol já está quase se pondo, com umas nuvens fofas e imensas pairando lá no alto, prometendo um pôr do sol maravilhosamente romântico no meu encontro com Bentley. Puta merda, August, não dava para marcar com Ella uma hora mais cedo?

Quando chego à beira da praia, tiro a sandália e amarro meu moletom branco na cintura do vestido longo que estou usando. Começo a caminhar pela areia e passo pelas dunas, até chegar em uma parte praticamente vazia da praia. Só tem um pessoal jogando bolinha para seus cachorros, umas famílias guardando suas coisas e Bentley, que está perto do mar, com a barra da calça dobrada e a água batendo nos tornozelos.

Ele se vira quando me aproximo, a luz reflete no seu cabelo loiro queimado de sol.

— E aí? — diz ele, todo nervoso.

— E aí? — devolvo, também meio sem jeito.

Ele sai da água e se junta a mim na areia quente.

— Você veio mesmo.

Dou risada e largo as sandálias.

— Achou que eu não vinha, é?

— Talvez?

— E correr o risco de você voltar a jogar pedrinha na minha janela de madrugada? Nem ferrando.

— Não me arrependo de nada. — Ele mantém o olhar fixo no meu e dá um sorrisinho esperançoso. — Foi o que te trouxe aqui.

Agora entendo por que as garotas se derretem por ele. É bom ser olhada desse jeito. Muito bom.

— Quer andar um pouco? — pergunto, já não achando mais que o pôr do sol seja um problema.

— Claro, bora — responde ele.

Começamos a caminhar lentamente pela areia.

— O que você fez hoje? — pergunto.

— Surfei um pouco antes de os gêmeos acordarem, depois tomei conta deles e agora tô aqui.

— Tá pensando em arrumar um trabalho nesse verão?

Não faço ideia de como fugir dessas perguntas tão genéricas. A gente se conhece desde criança; mora a poucos metros um do outro. Mas, mesmo assim, tudo que sei sobre Bentley são umas lembranças de infância e uns detalhes superficiais.

— Daria tudo pra trabalhar na Oficina do Surfe — diz ele.

— E por que não trabalha? — Ele dá de ombros. — Não te deram resposta?

— Não consigo trabalhar lá, só isso.

— Mas tentou, pelo menos? — pergunto. — Todo mundo sabe que você surfa bem, aposto que te contratariam na mesma hora. — Ele balança a cabeça, mas continua sem dar explicações. — É isso, então?

— Acho que sim.

Dou um suspiro e, sendo eu mesma, ponho o dedo na ferida.

— Você sabe que a gente é péssimo nisso de ficar conversando, né? Você é pior ainda, com essas respostas vagas, mas, convenhamos, os dois são um desastre. Como a gente pode dar um jeito nisso?

— Desculpa — diz ele, sem entrar na brincadeira. — Tudo bem se a gente não falar da minha família?

Isso me pega desprevenida.

— Mas a gente não tava falando da sua família, tava?

— Não, quer dizer... — Ele joga o cabelo para trás. — E aí, fez o que hoje?

Fico olhando para ele, meio sem saber o que dizer. Essa é uma das conversas mais esquisitas que já tive, o que é uma loucura, ainda mais considerando que

meu melhor amigo é o August.

— Tá, peraí — digo, parando de andar.

Ele para também.

— Val...

— Calma aí. — Ergo a mão. — Deixa eu falar antes que a gente tenha a caminhada no pôr do sol mais constrangedora de todos os tempos, o que seria uma catástrofe, sério. — Ele olha em direção ao mar, depois de volta para mim. — Por que a gente sempre vai de feliz e tranquilo pra... isso? — Faço um gesto para o espaço entre nós. — Tô confusa.

Ele esfrega a nuca bronzeada.

— Não tem nada a ver com você.

— Parece que tem, sim. É como se a qualquer momento eu fosse dizer algo errado e a gente fosse voltar pra aquela briga na cozinha.

— Eu só... — Ele deixa o braço pender na lateral do corpo. — Só não queria te dizer que não posso arranjar um emprego normal porque minha mãe não tem como pagar uma creche pras crianças. — Agora estou bem mais confusa do que um minuto atrás. Ele ergue as mãos. — Não queria que você pensasse que sou um zé-ninguém.

— Quê? — pergunto, engasgada. — Isso *não te faz* um zé-ninguém. Faz de você um irmão mais velho incrível.

— Seus pais moram naquela casona. E são tão bacanas. Você é... perfeita. Não queria vacilar.

Se há um segundo achei que estava perdida, ele acabou de complicar ainda mais a situação.

— Nossa, Bentley. Não sei se te acho um amor ou se tô ofendida. Você acabou de me chamar de perfeita, o que não é verdade, mas beleza. Se eu fosse perfeita, você acha que eu te julgaria desse jeito?

— Provavelmente não — admite ele.

— Não tem nada de provavelmente. Eu nunca pensaria que você é inferior por causa disso, e, se pensasse, não sei que motivo teria para gostar de mim. Então, por favor, nunca mais me subestime desse jeito. — Só que, em vez de pedir desculpa, ele abre um sorriso. — Que foi?

— Achei que você não tivesse como ficar mais bonita — responde ele, e não sei se aceito o elogio ou faço cara feia para ele entender bem o que acabei de

dizer.

— Espero que você só esteja dizendo isso por causa da minha honestidade, não porque quer me pegar.

Ele sorri mais ainda.

— Tô dizendo isso porque você é confiante.

— Tá, tá bom — respondo. — Obrigada.

Agora ele começa a rir.

— Se lembra daquela vez quando a gente tinha sete anos e Charlie Atkins me deixou preso no campo de beisebol e enfiou grama suja de lama dentro da minha calça?

Abro um sorriso. Tinha me esquecido disso, na verdade.

— Eu dei um chute no saco dele.

— Deu mesmo. Disse que ia arrastar ele pela cueca do Batman pelo parquinho inteiro.

Caio na risada.

— Eu disse isso, né?

— Acho que metade da turma ficou a fim de você naquele dia.

— Só porque apareci e te tirei da enrascada? — pergunto, tentando trazer um pouco de humor ao elogio, porque agora parece mais verdadeiro e estou meio sem saber como lidar.

— Exatamente.

— Engraçado, porque agora Charlie dá três de mim e vocês são melhores amigos — digo quando voltamos a caminhar pela praia, dessa vez sem aquela conversa desconfortável.

— Acho que você ainda conseguiria dar um jeito nele, viu.

Ele se aproxima e toca meu braço. Flexiono meus músculos inexistentes.

— Ah, com certeza. Você tinha que malhar comigo. — Olho para o braço definido dele. — Podia te ensinar uma coisa ou outra.

— Pronto — diz ele, e, antes que eu perceba o que está acontecendo, Bentley coloca uma das mãos nas minhas costas, a outra atrás dos joelhos e me pega no colo. — Você é mais leve que meus pesos normais, mas bem mais bonita.

Dou risada.

— Não foi o que eu quis dizer, você sabe. — Mas ele não faz o menor esforço em me colocar de volta no chão. — Bentley.

— Valentine?

Sinto o braço quente dele nas minhas costas, e dá para sentir o cheiro de protetor solar e da água salgada pingando do cabelo. Embora eu nunca tenha me visto como o tipo de pessoa que curte caras com ombros largos, de perto até que Bentley é charmoso com essa pele bronzeada e os lábios em forma de coração.

— Tá planejando me carregar pelo resto da caminhada, é? — pergunto e, lá no fundo, estou adorando.

— Nada, te solto já, já — diz ele, dando um passo na direção do mar.

Sem nem pensar, acabo envolvendo meus braços ao redor do pescoço dele.

— Você não teria coragem.

— Não teria? — provoca Bentley

Ele dá mais um passo, a água já batendo na canela.

— Bentley Cavendish, juro que vou te matar.

— Quê? Não consegui ouvir com esse barulho da onda vindo.

Viro a cabeça para o mar e vejo que ele tem razão: tem uma onda enorme vindo na nossa direção e, embora ela não consiga nos derrubar, vai nos deixar ensopados.

Ele se mantém firme e eu fecho os olhos, me preparando para o impacto. Mas no último segundo ele dá três passos para trás e, apesar de a onda não pegar a gente, a espuma acaba molhando meus pés.

Bentley dá uma risadinha e me coloca de volta na areia seca. Tiro os braços do pescoço dele e o acerto bem no peito.

— Você é um idiota.

— Posso até ser... mas pelo menos te fiz sorrir.

— Pode ter certeza que eu não tava sorrindo — rebato, mas suspeito de que estava, sim.

Um sorrisinho começa a se formar na boca dele.

— Diz a garota que há dois minutos tava se chamando de honesta.

Arregalo os olhos.

— Nossa, sério. Agora quero te bater de novo.

Ele dá um passo à frente, depois pega minha mão e a coloca no peito dele.

— Pode bater, eu te ajudo.

Balanço a cabeça, mas perdi totalmente meu senso de lógica, como uma nuvem que se afasta sem destino. Sob meus dedos, o coração dele dispara, e o meu acelera no mesmo ritmo.

Os olhos dele, de um azul claríssimo, ficam gentis de um jeito que eu nem sabia que era possível.

— Você me desafiou a te beijar aquele dia, na cozinha.

— Errado: eu te desafiei a me mostrar qual era o seu joguinho.

— E eu não mostrei. Sabe por quê?

Quero responder, mas minha cabeça dá um nó. Estou neste exato momento literalmente tocando o peitoral *lindíssimo* de Bentley Cavendish, acabei de descobrir que ele não é o babaca superficial que achei que fosse e meu estômago está revirando de um jeito que me deixa toda arrepiada.

— Porque sempre fui a fim de você — prossegue ele, a voz inesperadamente baixa. — E queria que nosso primeiro beijo fosse especial.

— Especial? — Engulo em seco, sem mexer um músculo, sem mandá-lo parar de se aproximar de mim.

Para falar a verdade, acho que sou eu que estou me inclinando em direção a ele.

— Especial — repete ele, estendendo a mão com cuidado até a minha cintura. — Queria que você entendesse que, quando eu te beijasse, ia significar alguma coisa.

O calor da mão dele atravessa o tecido do vestido e seus dedos começam a pressionar de leve a minha pele.

— Então prova — digo quase num sussurro, e ele sorri com aquele ar de malícia.

Bentley desliza a mão da minha cintura até a lombar, me puxa com delicadeza para ele, e, quando nossos corpos se encontram, sinto algo intenso, como se tivesse engolido o sol e ele estivesse me aquecendo por dentro. Bentley faz uma pausa, nossa respiração sincroniza e os lábios quase se tocam. A expressão dele muda, como se me perguntasse se está tudo bem. Balanço a cabeça quase imperceptivelmente, fazendo que sim, não só querendo que ele me beije, mas precisando disso.

Acho que ele entende, porque solta um suspiro de alívio enquanto sua outra mão desliza até o meu pescoço e se enrosca no meu cabelo. Quando ele inclina a cabeça, seu abdômen se contrai e, assim que seus lábios se aproximam dos meus, eu me adianto e pressiono a boca na dele. Ele é delicado, só que, ao brincar com a minha boca, sinto meu corpo ficando todo tenso, mas de um jeito gostoso. Enfio as mãos no cabelo dele e fico na ponta dos pés, me aproximando mais ainda, mesmo que já não tenha mais nenhum espaço entre nós. Minha euforia arranca dele um som baixo e discreto, que ressoa em mim como uma música no último volume. E, de repente, é exatamente isso que eu quero: o gosto dos seus beijos ensolarados e suas mãos firmes pressionando as minhas costas.

Ficamos assim por um bom tempo, aprendendo um sobre o outro, conhecendo nosso ritmo. E, quando o sol finalmente se põe e vemos que é hora de ir embora, passo os dedos nos seus lábios como se pudesse levar a sensação deles comigo para casa.

30
AUGUST

Depois que Des se foi, passei semanas acampado no quarto dela com minhas tintas e meu caderno. O travesseiro ainda tinha seu cheiro; em cima da cadeira da penteadeira havia uma pilha de roupas que ela estava escolhendo na noite anterior e seu diário estava fechado na mesinha de cabeceira, como se ela não se importasse com o fato de que o irmão mais novo pudesse lê-lo. Então nunca li. Parecia invasivo demais, como se a qualquer momento ela fosse entrar pela porta e ficar decepcionada comigo.

Passei todas aquelas semanas em silêncio. Desenhava e pintava ela sem parar, passava horas revendo seus álbuns de fotos e chorava até sentir o rosto doer. Quando achei que o peso de a perder fosse me destruir, fechei a porta, deixando para trás meu material de pintura e um pedaço do meu coração que sabia que nunca conseguiria recuperar.

— E aí, o que vocês vão aprontar hoje à noite, hein? — perguntou Des, entrando no meu quarto e se apoiando no batente da porta.

Tiny e eu estávamos de pijama relaxando na cama enquanto dividíamos o último punhado de doces que conseguimos no Halloween.

Tiny segurou uma pilha de DVDs.

— É noite de filme.

— Então acho que foi uma boa ideia eu ter feito pipoca — disse ela, tirando não só um, mas dois sacos de pipoca com bastante manteiga de trás das costas e jogando para a gente.

Estavam quentes e cheiravam a manteiga.

— Valeu, Des — agradeci, e falava sério, não era só sobre a pipoca.

Significava que ela tinha se dado ao trabalho de prestar atenção na minha vida, de se preocupar com detalhes bobos, como a noite de filme. Eu tinha certeza de que sempre podia contar com ela.

— Imagina — falou ela, feliz por a gente estar feliz. — Façam um esforcinho aí pra não explodir de tanto comer.

— Hummmm — disse Tiny, já abrindo seu saco de pipoca, mesmo que ainda nem tivéssemos decidido o filme.

Des caiu na gargalhada.

Desde então, a porta do quarto de Des se transformou numa barreira que não sei direito como ultrapassar, um lembrete daquelas semanas em que me senti totalmente sem rumo. Limpo a maçaneta com a barra da camiseta, mesmo que nem precise.



Agora que não estou mais imerso no momento com Ella, não acredito que aceitei ensiná-la a pintar. E, assim como um tubarão sente o cheiro de sangue, minha mente começa a zombar da minha decisão e a fazer esboços. É tudo tão rápido que nem dá tempo de interromper.

A porta de tela lá embaixo faz barulho ao se fechar e me viro, aliviado por desviar o olhar da porta do quarto de Des.

— Mãe? — chamo, depois dou uma olhada no celular.

São 11h47, cedo demais para ela já ter voltado do trabalho na casa dos Kellerman. Desço a escada, meio torcendo para ela ter se demitido, meio preocupado de ela ter sido mandada embora.

— August? — responde ela, de macacão de pintor, assim que apareço na escada. — Não vou ficar. Só tô dando um pulinho pra buscar umas ferramentas.

— Ah, sim — digo, decepcionado com ambas as possibilidades.

Ela abre o armário e se inclina para dentro. Passo por ela e vou para a cozinha. Pego uma caneca velha, tipo de lanchonete, e despejo o restante do café morno.

Minha mãe pega uma lona de dentro do armário.

— Sabia que o Kyle vai passar o verão aqui na cidade?

Ela me olha, hesitante. Congelo enquanto dou o primeiro gole no café.

— Sabia.

— Você nem comentou nada quando te contei do trabalho — diz ela. Coloco a caneca na bancada, já arrependido de ter vindo para a cozinha. — Quer conversar sobre isso? — prossegue, franzindo a testa numa expressão meio indecisa.

Nunca conversamos sobre Kyle; é um dos vários acordos silenciosos que fizemos nos últimos dois anos. Não menciono o ano que ela passou trancada no quarto depois que meu pai foi embora, e ela não menciona Kyle nem nada que tenha relação com o acidente.

Ela fica ali, a lona apoiada nos braços, enquanto espera que eu diga alguma coisa. Depois fecha a porta do armário com o pé.

— Não — digo, e, ao contrário do dela, meu tom de voz é firme.

— August — diz, gentil.

— Tô sem tempo pra isso, mãe. — Deixo meu café na bancada e vou em direção à porta. —Tiny e eu temos que trabalhar.

Saio de casa antes de ela responder.

31
VALENTINE

Enquanto observo a casa de Bentley pela janela, estou jogada no sofá, com uma perna embaixo do cobertor e um livro lido até a metade aberto no peito. Não é como se eu nunca tivesse experimentado beijos bons antes. Já fomos a uma quantidade absurda de festas desde que fundamos a Amor de Verão, e, como August gosta de dizer, sou que nem um ímã para atrair aquele tipo bem específico de caras sensíveis — mas não aqueles com quem dá para engatar um namoro fixo, só os para curtir. Acontece que raramente me envolvo com gente da nossa cidade. É pequena demais, todo mundo se conhece. Não importa quem você escolha, no final sempre conhece alguém com quem a pessoa já saiu antes. E Bentley? Digamos que ele já pegou metade da nossa escola. Dá para ver mesmo pelo jeito como ele beija... Foi tão bom que ainda não consegui tirar da cabeça. Tipo, tudo bem, não tem nada de mais. Ele é gostoso. Carismático. É o candidato perfeito para um casinho de verão. *Simples. Despretensioso. Divertido...* Toco meus lábios. *Que gosto bom. Minhas pernas ficam bambas. Sinto um frio na barriga. E tudo que eu mais quero é repetir. Afff! Não! Que merda, cérebro, se controla.*

August abre a porta e me sento tão rápido que parece que ele me pegou de calcinha. Mas está tão distraído que nem repara; parece irritado de verdade.

— Pode me emprestar a chave do carro? — pergunta, o olhar distante, e dá para ver que está com a cabeça em outro lugar.

Como ele acabou de sair de casa e sou sua única amiga, chuto que tem alguma coisa a ver com a mãe dele. Ajeito a postura e sento no sofá.

— Ah, oi pra você também.

— Foi mal — diz ele de cabeça baixa.

Não explica nada, e também não peço nenhuma satisfação. Ele solta um suspiro, deixando seus pensamentos de lado.

— E aí, seu encontro com a Ella na creperia... Conta tudo.

Embora tenha falado sobre isso por mensagem, a gente não teve tempo de conversar pessoalmente porque, depois daquela caminhada ao pôr do sol com Bentley, pedi comida tailandesa com a minha mãe e ficamos assistindo a comédias românticas enquanto meu pai estava na mesa da cozinha organizando alguns detalhes finais para a festa do trabalho dele.

August se senta ao meu lado no sofá.

— Já te contei tudo praticamente. A amizade tá indo bem...

— Tá conquistando a confiança dela?

— É, acho que a gente tá chegando lá, sim — responde ele.

— Maravilha. Continua assim, plantando sementinhas sobre o Justin, pra ver se você consegue influenciar as decisões dela. De repente tá na hora de começar a levantar a autoestima dela, sabe, fazer ela perceber que tem muito mais por aí do que o Justin e aquele jeitão controlador dele. Fazê-la voltar a ficar empolgada com os próprios sonhos.

— Já tô cuidando disso — diz ele, meio abatido. — Vou ensiná-la a pintar hoje.

Meu cérebro entra em pane.

— Quê? *Como assim?*

Ele tenta dar de ombros, mas acaba só parecendo desconfortável.

— Fez sentido com a coisa da camiseta manchada de tinta — diz, como se meu choque tivesse alguma coisa a ver com a estratégia dele, e não com a ideia de pintar em si.

— Nossa.

Por um segundo fico furiosa. Ele não pintou nada nos últimos dois anos e agora de repente vai ensinar Ella a pintar? Sei que a gente construiu essa característica no personagem dele, mas nunca pensei que ele fosse usar isso como alguma coisa além de um traço maneiro da sua personalidade.

— Não é nada de mais — afirma ele, mas nós dois sabemos que não é bem assim.

— Claro que é — retruco, tentando passar por cima do que senti e focar no fato de que ele está dando um passo enorme. — Tô feliz por você. O que foi que te deu esse empurrão?

— Não sei.

— Ella? — sugiro.

Ele fica em silêncio por um instante.

— Não sei — repete, coçando o ombro por baixo da manga da camiseta. — Sei lá, acho que ela tem um jeito meio esquisito de me desafiar.

Do nada, pego ranço de Ella. Quer dizer que é *ela* quem o desafia? Tá, e o que eu andei fazendo nesses últimos anos? Ah, isso, montando *um negócio inteiro* para ajudá-lo a lidar com as coisas. Fora que, da última vez que desafiei August a pintar, ele ficou sem falar comigo por dois dias.

— Tá tudo bem? — pergunta ele, e só então percebo que estou de cara feia.

Relaxo a mandíbula. *Para de ser uma amiga de bosta, Tiny. Isso não tem nada a ver com você.*

— Tudo, tava viajando. Mas e aí, como eu posso ajudar? Do que você precisa? — pergunto, mas ele segue parado, olhando pela janela como se a qualquer momento fosse se jogar na água e desaparecer no rio abaixo do deque.

E só aí tenho um estalo. Essa história não tem a ver com Ella ou comigo ou com qualquer outra coisa relacionada a nós duas.

— Só preciso do Jeep emprestado.

— Tem certeza? Não é melhor levar algum material? — pergunto, tentando aliviar sua expressão preocupada. — Porque, tipo, se ela acha que você é pintor, talvez espere que você apareça com seu pincel favorito, algo assim.

— Eu contei pra ela que não pinto desde que a Des se foi.

Mas só essa frase já me faz voltar ao papel da amiga ciumenta. E, como sei que não posso deixar isso transparecer na minha cara, grito mentalmente: *Ahhh! Vou acabar com você, August Mariani!* Depois respiro fundo e volto ao normal.

— Você se abre bastante com essa garota, hein.

— Um pouco.

— Não acha que isso pode acabar interferindo no caso? — questiono.

Mas sei que, apesar de ser uma preocupação genuína, não é lá o comentário mais solidário do mundo. Ele franze ainda mais as sobrancelhas.

— Não sei, acho que não. Espero que não.

— Olha, não esquenta a cabeça. A gente manda bem nisso, não manda? — digo, tentando suavizar as coisas.

— Manda, sim, claro — responde ele, desviando o olhar. — Acho que vou nessa.

Pego a chave do carro na bolsa e entrego para ele, que se apressa em direção à porta.

Assim que August vai embora, me jogo com tudo de volta no sofá. Lembro a mim mesma que somos um time; que estamos trabalhando pelo mesmo objetivo. É ridículo se estressar. Mas por que ser a pessoa madura da situação sempre parece um tapa na cara?

Pego o celular e abro na conversa com Bentley, só para me distrair um pouco.

Eu

Quer dar um pulo aqui depois que terminar de tomar conta dos gêmeos?

Não demora nem dois segundos para chegar a resposta.

Bentley

QUERO.

Um arrepiozinho aconchegante percorre meu peito. Ainda estou pensando no que responder quando alguém abre a porta da frente. Só que, desta vez, não me levanto.

— Já voltou? Viu que eu tava certa e que é melhor levar mesmo sua cor favorita, vermelho-apaixonado? — digo, tentando dar uma descontraída na situação.

— Apaixonado por quem? — pergunta minha mãe, e mais uma vez pulo como se alguém tivesse entornado gelo dentro da minha camiseta.

— Ah, nada. Achei que fosse o August — respondo, baixo.

Minha mãe coloca uma sacola de compras na mesinha de correspondência.

— August tá namorando, é? — pergunta, como se fosse uma boa surpresa.

— Ah... — Tento inventar uma resposta decente, que não tenha nada a ver com o trabalho sobre o qual venho mentindo há dois anos. Mas, quando ela olha para mim, esqueço tudo sobre a Amor de Verão, porque reparo que seu nariz e suas bochechas estão vermelhos. — Você estava *chorando*?

— Chorando? — repete ela, passando as mãos pelo rosto como se estivesse dando uma conferida. — Ah, não é nada de mais. Só umas fotos antigas que me deixaram meio emocionada. Não precisa se preocupar.

Fico de pé e olho desconfiada para a sacola de compras. Minha mãe não é de chorar: não chora vendo filmes, em chás de bebê nem em casamentos. Para falar a verdade, a única vez que a vi chorando foi quando o pai dela morreu.

— Que fotos?

— Umas fotos que acabei de revelar no Estúdio do Sal. Estava dando uma olhada nelas no carro antes de entrar — responde, depois desvia o olhar e tira as sapatilhas. — Mas, então, quem é essa pessoa com quem o August tá namorando?

— Você nunca chora.

Ela ri.

— Todo mundo chora, Valentine, até eu.

Ela me olha ansiosa para saber sobre August, o que só me deixa mais nervosa.

— É recente — digo, tentando parecer despreocupada. — Ele nem admite que tá gostando dela.

Ela se aproxima, como se essa fosse uma fofoca das boas.

— É por isso que ele pegou seu carro emprestado? Ele tá indo ver a menina?

Meu estômago embrulha. Mentir para conseguir fazer nossas missões é uma coisa, mas mentir para os meus pais já é outra história. Me acostumei a nunca mencionar na frente deles nada que pudesse gerar questionamentos, justamente para não ter que mentir. Quando perguntam sobre o lance do bufê, dou de ombros e digo algo do tipo: "É só trabalho, nada de mais. É bom ganhar dinheiro." Eles acham que trabalho para uma empresa grande de Boston que atende de norte a sul do litoral. É o tipo de empresa respeitável o suficiente para que eles fiquem tranquilos, mas, ao mesmo tempo, nada muito interessante a ponto de despertar qualquer curiosidade.

— O negócio tá sério então, né? — continua ela, esperando uma resposta.

— Hum... Você sabe que o August é na dele. Acho que ele ia ficar sem graça se eu te contasse.

Ela pensa um pouco, depois faz que sim.

— Tá bom. Se um dia ficar sério, vou adorar conhecer... — diz, estendendo a mão.

— Ella — digo, e de repente me sinto superesquisita de ter contado a verdade.

— Ella — repete minha mãe, e me jogo de volta no sofá, sentindo a culpa me corroer por dentro.

32
AUGUST

A casa de Ella parece ainda mais imponente sem os carros e todos aqueles convidados. Estaciono num círculo no fim da longa entrada da garagem, meio na expectativa de ser recebido por um mordomo de fraque.

Desço do Jeep da Tiny e vou andando até a porta da casa, olhando cauteloso para aquele monte de pedra branca. Gente rica demais me deixa nervoso. Mansões me dão a sensação de que meus tênis são feitos de casca de banana.

O toque da campainha parece um sino de igreja, e num instante uma mulher de uniforme aparece para atender. Ela me guia para dentro da casa, passando pela sala redonda até chegar à área externa, onde fica a piscina e onde Ella está tomando sol numa espreguiçadeira.

— Ah, e aí? — diz, se sentando e colocando os óculos escuros por cima do cabelo molhado, como a protagonista de um filme dos anos oitenta.

Ela está com um maiô preto simples, daqueles bem práticos para nadar, mas a pele macia das pernas e dos braços faz com que seja difícil desviar os olhos.

Mulheres são lindas, às vezes de um jeito que tira o fôlego e faz o coração disparar: a linha que vai do pescoço à clavícula, as mãos macias, muito mais que as minhas. O cabelo cheiroso, as curvas do corpo. Mas, embora eu reconheça a beleza delas, parece que nunca consigo me conectar de verdade, pelo menos não o suficiente para pegar em suas mãos ou perguntar se posso beijá-las. Não como Tiny, que, quando namora com alguém, se entrega completamente e acaba até se perdendo de si mesma. Não é que eu não queira

me perder, só não sei como fazer isso. Ou talvez não queira deixar as coisas rolarem. Bem, de uma forma ou de outra, romance nunca foi o meu forte. É como se, de alguma maneira, a essência da coisa estivesse sempre fora do meu alcance.

— E aí? — digo, me enrolando um pouco e ficando vermelho. Ela se levanta, depois coloca um vestido preto esvoaçante e me encara com um sorrisinho. — Que foi? — pergunto na maior inocência, e sei que ela deve estar pensando que estou sem graça porque ela é linda, e é verdade.

Mas também consigo ver como isso é idiota. Vivo numa cidade litorânea. Passei a vida vendo garotas atraentes usando muito menos roupa que isso.

— Essa cara aí — diz ela.

Pigarreio.

— Sua casa é um pouco intimidadora.

Ela solta uma risada.

— Não é sua mãe que tá viajando de iate? Com certeza sua casa não deve ficar muito atrás.

Dou de ombros.

— Não é como a sua.

Ela fica um segundo me observando.

— Sabe de uma coisa, Holden? Você é seu próprio gato.

— Meu próprio gato?

— É, tipo... você tem uma lógica própria — explica ela, me entregando uma garrafa de água. — Gatos sempre fizeram mais sentido pra mim. São mais complexos.

Sorrio.

— Eu tenho um gato de vinte anos, concordo totalmente com você.

— Tinha certeza de que você era do time que curte gatos.

— É a minha maior qualidade.

Ela também acaba sorrindo, e mais uma vez ficamos com o olhar fixo um no outro.

— Então, pintar... — diz ela, depois pigarreia e faz um gesto para o canto da área externa, onde já tem um cavalete montado na sombra. — Vamos nessa?

— Claro — digo, tentando disfarçar o nervosismo.

— Relaxa — responde ela, como se soubesse o que eu estou sentindo. — Acredite, tô bem mais nervosa que você.

— Não tem com o que se preocupar — digo para nós dois enquanto andamos pelo piso de madeira clara.

Ela se senta numa cadeira em frente ao cavalete.

— Você só diz isso porque ainda não me viu em ação. Eu sou péssima. Vou te mostrar agora e passar o resto da vida morrendo de vergonha.

Faço que sim e, de alguma maneira, sua preocupação acaba acalmando a minha. É difícil tranquilizar alguém se você mesmo estiver nervoso. Então deixo meus sentimentos de lado por um instante e foco nos dela.

— Quando eu era criança, minha mãe vivia dizendo que não existem pintores ruins, só artistas que não sabem como se expressar.

Ela sorri.

— E você acredita nisso?

— Pra ser bem sincero... acredito, sim — afirmo, imaginando a cara de surpresa de Tiny ao me ver concordando com algo tão otimista. — Na arte, acho que não existe isso de certo e errado. É uma das coisas de que eu mais gosto.

Só percebo que falei no presente depois que a frase saiu da minha boca. Resolvo deixar para lá. Me distraio olhando a mesa de vime cheia de materiais que ela separou. Pego um estojo simples de aquarela e encho um copinho plástico de água. Chega a ser desconcertante voltar a mexer com tintas, como se eu estivesse tocando uma parte do meu corpo que estava adormecida há anos.

— Então, primeiro — começo, colocando as aquarelas numa mesinha próxima a Ella — você tem que decidir o que vai pintar. O ideal é que seja uma coisa que tenha a ver com você, mas não precisa ser complexo demais nem cheio de detalhes.

Ela coça o cotovelo.

— Beleza... — diz, depois olha ao redor do quintal. — Que tal a piscina? Eu sempre amei ficar na água.

— Perfeito.

— É isso, então? É só pintar a água?

— É só pintar a água.

Ela me olha como se eu estivesse quebrando o trato de ajudá-la a pintar, mas também não me pede ajuda. Escolhe um pincel, mergulha na água e depois na tinta azul. Ella encara o quadro como se ele fosse mordê-la. Levanta o pincel, mas, após um instante, acaba hesitando e colocando-o de volta onde estava.

O tempo passa e ela solta um suspiro.

— Você disse que minha casa é intimidadora. Eu diria que esse quadro é muito mais.

— Ótimo.

Ela me lança um olhar cheio de acusação.

— Ótimo?

— Você tá abrindo o coração — digo, indicando a tela. — Isso é tudo que você precisa fazer.

— Abrindo o coração? Quero mais é te acertar com esse pincel.

Dou risada.

— Tá bom, então me conta... o que esse quadro tem de tão intimidador?

— Sei lá, tá em branco.

— E isso é intimidante?

— Não é que seja *intimidante*. É que... — Ela bufa, frustrada. — Tá tudo nas minhas mãos. É uma pressão enorme.

— Prefere então que eu te diga o que fazer? — pergunto, deixando subentendida uma provocação sobre o namorado dela, sobre os amigos dela e até sobre seus pais, na esperança de que isso gere algum tipo de reação.

— Nossa. Que babaca. Eu preferiria que você me *ensinasse*, que foi o que você disse que ia fazer lá atrás.

— É, mas não tenho como te ensinar antes de você pelo menos tentar sozinha. Quem diz que pode ensinar alguém a pintar só está querendo que você faça do jeito deles, não do seu.

Ficamos uns instantes encarando um ao outro, e dá para sentir a frustração dela no ar.

— Tá. Tanto faz. — Ela faz uns traços rápidos com o pincel. — Pronto, uma piscina. Tá feliz?

— Não sei, você tá?

— Meu Deus do céu. Esse é o seu talento? Enlouquecer as pessoas?

Dou um sorrisinho.

— Talvez. Mas com certeza não é o que eu estou tentando fazer com você.

Ela revira os olhos e observa o quadro. Um minuto depois, relaxa os ombros. Então olha para a piscina e para a tela mais uma vez, mergulhando o pincel na tinta verde. Desta vez, quando começa a pintar, realmente parece que está se esforçando. Podia ter levantado e desistido, mas não jogou a toalha, e admiro isso nela.

Ficamos assim por um tempo, com Ella precisando olhar cada vez menos para a piscina até se esquecer completamente do visual e se deixar levar pelas cores. Desiste da ideia de pintar um retângulo com linhas azuis e começa a espalhar azuis, verdes e brancos pela tela, criando um pedaço mais claro de água no meio que vai escurecendo nas bordas. Só então percebo o que ela está fazendo.

— Você tá pintando como você enxerga a água quando você está lá embaixo, né? — pergunto, olhando para ela com outros olhos.

— Isso, tô, sim. — A frustração desapareceu e deu lugar a um tom de voz mais leve, como se ela finalmente estivesse sendo compreendida. — É como me sinto quando estou submersa.

— Nossa. Eu... Olha, tô impressionado.

Ela dá risada.

— Ah, eu sei que não tá muito bom, mas...

— Discordo. Acho sua perspectiva incrível, na verdade.

Ela arqueia a sobrancelha.

— E eu aqui achando que você não fosse do tipo de cara que diz as coisas só pra agradar.

— Não sou mesmo — digo, e olho bem nos seus olhos para ela ver que estou falando sério. — Não falo pela técnica. Você é iniciante. É mais pelo sentimento. Você conseguiu captar um pouco da paz de estar embaixo da água, e fez isso logo de cara.

Ela olha rapidamente para baixo, depois volta a me encarar como se não estivesse convencida.

— Sério?

— Sério. E se você faz isso numa tela em branco... Nossa, sei lá, você pode mudar o mundo.

Quase consigo ouvir Tiny aplaudindo e dizendo "Uma salva de palmas, Holden". Só que não é nenhuma cantada pronta. Eu (August) estou falando sério.

Ella tenta conter o sorriso, mas acaba desistindo.

— Cara, você não vale nada. Por que você tem sempre que dizer a coisa certa?

Agora sou eu que começo a sorrir.

— Acho que você é a primeira pessoa que me diz isso — comento, levando a garrafa de água à boca.

— Difícil de acreditar. Aposto que as garotas vivem te dizendo isso. Aliás, por que você não tem namorada?

Acabo me engasgando com a água. Ela não fez a pergunta de um jeito sutil. Pelo contrário, foi direto ao ponto.

— Ah, humm... — digo, secando a boca com o dorso da mão.

Ela sorri, e um canto dos lábios rosados de sol se curva para cima.

— Isso tá interessante, viu?

— Que bom que você está gostando.

— Você não me respondeu.

Suspiro. Não tem como dizer não para essa garota.

— A real é que... não sou muito bom em me conectar com as pessoas, seja com amigos ou o que for.

Percebo que estava agora mesmo pensando nisso, e ela conseguiu extrair a preocupação da minha cabeça do mesmo jeito que eu faço nos casos em que trabalho. Só que ela fez isso sem nem tentar.

Ela arqueia a sobrancelha como se não acreditasse.

— Sentir atração é moleza — digo, deixando escapar um suspiro. — Agora, me conectar de verdade, aí a coisa fica complicada.

Ela fica em silêncio por um segundo.

— Nossa, então você admite?

Coço o ombro, mais surpreso do que ela.

— É, acho que sim.

— Hum — responde, e se inclina para trás na cadeira. — E o que te trouxe aqui? Conexão ou atração?

Se eu estivesse bebendo água, ia acabar me engasgando de novo. Não é que esse tipo de conversa nunca aconteça nos nossos casos, mas as perguntas nunca são tão diretas. Então faço o de sempre, desvio do assunto com um:

— Você tem namorado.

Só que as palavras soam meio esquisitas e acho que ela percebe.

Ela relaxa na cadeira, e uma alça do seu vestido preto escorrega pelo ombro.

— Esse não é o ponto.

Apesar do meu esforço, acabo olhando para a alça. E engulo em seco. Que nem um idiota.

— Você adora colocar as pessoas contra a parede, né?

Ela dá de ombros.

— Futura jornalista.

Me inclino para a frente, apoio os cotovelos nos joelhos e desvio o olhar para poder organizar meus pensamentos.

Ela solta uma risadinha.

— Vamos fazer o seguinte: conversa comigo sobre pintura, então.

— O que você quer saber? — pergunto, voltando a olhar para ela.

É estranho me sentir aliviado por estar conversando sobre pintura.

— Aquilo que você ia me contar na creperia, mas acabou não contando — diz, e minha sensação de alívio vai para o espaço. Penso um pouco e mordo o lábio inferior. E, para minha surpresa, ela suspira e diz: — Desculpa.

Olho para cima, encontrando seus olhos.

— Calma, por quê?

— É só que... — Ela balança a cabeça, e seu cabelo comprido cheio de ondas bate no braço bronzeado. — Estava fazendo aquilo que sempre faço quando tô nervosa. Começo a fazer perguntas diretas, colocar as pessoas contra a parede... Não devia ter feito isso.

— E por que você está nervosa? — pergunto antes mesmo de decidir se devia ou não perguntar.

Porque já não sei mais onde August termina e Holden começa; na verdade, essa linha já desapareceu completamente. Ela encolhe os ombros, depois relaxa e começa a girar um anel fino nos dedos. Percebo que nunca reparei em como suas mãos são delicadas. Se colocasse nossas mãos lado a lado, as minhas pareceriam gigantescas.

— Não sei, de verdade — responde ela. — Talvez tenha a ver com eu estar pintando? Ou talvez com as coisas que a gente conversou? Fico com a sensação de que nossas conversas são sempre profundas, e aí fico pensando se eu já... — Ela olha para além do quintal, para as árvores balançando com o vento quente de verão. — Deixa pra lá.

Só que agora eu quero saber.

— Você fica pensando se tem estado... meio anestesiada? — pergunto, não porque eu ache que esteja certo, mas porque sei como é.

— Sim — diz ela, aliviada. — Anestesiada. Anestesiada demais.

Dessa vez, quando ficamos em silêncio, nenhum dos dois desvia o olhar. Ficamos nos encarando por tanto tempo que mais parece que o outro é um espelho, um de que precisávamos desesperadamente, mas nunca soubemos que estávamos procurando. Acho que até me esqueço de respirar.

De repente me escuto falando, contando para ela coisas que nunca disse em voz alta, e o que me surpreende de verdade é que eu realmente quero contar tudo.

— Eu não só pintava. Também desenhava — digo, só para ver qual é a sensação. — Também deixei isso de lado depois que a Des morreu. — Ela espera, agora sem me pressionar. — Mas o que ninguém sabe é que... na minha cabeça, ainda faço uns desenhos — conto, olhando para minhas mãos.

— Na sua cabeça?

Ela se inclina para a frente, como se estivesse genuinamente interessada. Ergo os olhos.

— É como se, às vezes, eu estivesse tão concentrado em resolver um problema que começo a rabiscar na superfície à minha frente. Céu, mar, o que for. Acho que é um jeito de processar as coisas, uma conversa comigo mesmo. Mas, sendo bem sincero, eu odeio fazer isso.

— Por quê? — pergunta ela, surpresa.

— Porque eu deixei tudo isso pra trás, sabe? Porque parece que tô falhando. E não consigo parar. Mesmo que eu feche os olhos, os rabiscos continuam.

— Isso não é fracassar — afirma ela, com tanta certeza que quase acredito.

— E também porque... — digo, soltando um suspiro pesado. — Eu tinha mania de deixar uns desenhos pra minha irmã. Escondia no meio das coisas

dela, tipo no diário, embaixo do travesseiro. E ela... — Balanço a cabeça. — Isso deve soar meio ridículo.

De repente Ella toca meu joelho e começa a fazer carinho.

— Nem um pouco — diz, a voz calma.

Então vou em frente, meio inseguro, mas encorajado pelo toque dela.

— Sempre que a Des encontrava um desenho, ela comemorava. Fazia um escândalo dizendo que amava aqueles rabiscos. Desenhar agora, sem ter ninguém para quem dar os desenhos, sei lá, me deixa irritado.

Ela fica um instante em silêncio, mas não tira a mão do meu joelho. Não tenho certeza do que isso diz sobre mim, mas fico feliz que ela não tenha tirado. Esse toque suave mais parece um abraço, e eu nem sabia que precisava tanto disso. Fico com vontade de colocar meus dedos sobre os dela, fazer carinho na palma macia da sua mão, mas sei que não posso fazer isso. Então fico parado, me sentindo ao mesmo tempo vulnerável pelo que acabei de compartilhar e protegido pela sua presença.

Ela abre um sorriso discreto para mim e tira a mão do meu joelho. Digo a mim mesmo que é melhor assim.

— Tá tudo bem ficar irritado — diz. — Ninguém fala isso pra gente. Ficam dizendo que tá tudo bem ficar triste, ou calado, ou preocupado, mas ninguém quer lidar de verdade com a raiva. É um sentimento pesado demais, imprevisível demais. Mas como pode ser errado sentir raiva porque alguém que você ama se foi? Como não acabar culpando o mundo inteiro por isso?

Faço que sim ao ouvir ela dizer coisas que já passaram tantas vezes pela minha cabeça.

Ella afasta umas mechas de cabelo da testa.

— Lembra quando eu te disse que passei a odiar astrologia depois que a minha avó morreu? Quase todas as noites eu ia até a janela porque não conseguia respirar. Depois deitava na sacada do quarto, chorando até ficar ofegante. Teria gritado até pras estrelas se achasse que isso fosse fazer alguma diferença. — Um vislumbre de tristeza passa pelo seu rosto, e fico observando-a, esperando que continue. Ela ergue as mãos. — Pode acreditar, eu entendo completamente por que você queria deixar sua arte pra trás. Eu também pensava que, se pudesse simplesmente esquecer esse lance de astrologia, esse assunto me magoaria menos. Por um tempo até funcionou, mas depois

começou a não dar mais certo. Teve uma hora em que, quando ficava distraída, começava a desenhar constelações nas margens dos cadernos, a adivinhar o signo das pessoas. A pior parte era quando eu percebia o que tinha feito. Parecia que tinha sido atropelada por um caminhão de culpa.

— Sei bem como é — respondo com firmeza, concordando com tudo que ela disse, principalmente com a parte do caminhão de culpa.

Ella volta a mexer no anel, depois continua:

— Aí, uma noite, quando achei que tava finalmente conseguindo superar, senti como se não tivesse nenhum ar no meu quarto. De novo. Fui pra sacada, mas não adiantou. Achei que fosse sufocar. — Ela deixa as mãos caírem no colo. — Não sei bem por quê, mas comecei a dizer os signos em voz alta. Falei o mapa astral inteiro da minha avó, depois o meu. E sei que parece maluquice, mas ouvi a voz dela falando junto comigo. — Ela faz uma pausa. — Nem acredito que tô te contando isso.

— Fico feliz que você tenha contado.

— Agora, toda vez que vou mexer em algo de astrologia, ouço ela me dizendo pra olhar com mais atenção, me aconselhando a julgar menos, a confiar mais em mim. — Ela deixa escapar um suspiro. — Então talvez, e nem tô dizendo que tenho razão, mas talvez sua situação com os desenhos seja parecida, como se fosse uma carta de amor à sua irmã. Vai ver não é um fracasso, mas uma oportunidade de se reconectar com ela. — As palavras *carta de amor à sua irmã* me atingem em cheio. Meu coração dispara e preciso desviar o olhar para ela não perceber o impacto que isso tem em mim. — Nunca contei essa história da sacada pra ninguém — murmura ela.

Volto a encará-la.

— Também nunca contei essa história dos desenhos pra ninguém.

— Nem pra Mia?

Balanço a cabeça.

— Como eu disse antes, não sou bom nesse tipo de coisa.

— Pois é, eu sempre achei que fosse. Mas, quanto mais a gente conversa, mais eu vejo que tava errada — confessa Ella.

Não sei por quê, mas essa confissão acaba mexendo comigo: a gente pode passar todos os dias mergulhado nos nossos próprios pensamentos e, mesmo assim, não se conhecer de verdade.

— Aquilo que você falou aquele dia sobre popularidade... — continua ela, depois olha em direção à piscina. — Me deixou chateada.

— Você sabe que eu...

— Me deixou chateada porque é verdade — completa, passando por cima da minha tentativa de argumentar. — E não só sobre o Justin, sobre mim também. — Abro a boca para dizer algo, mas ela me interrompe. — Chiu. Senão vou acabar perdendo a coragem. — Fico olhando atentamente para ela, impressionado com sua determinação, mesmo que ela esteja me mandando ficar quieto. — Sabe isso que eu acabei de te dizer sobre se sentir perdido? Então... ser popular foi meio que minha forma de tapar esse buraco. Você tá cem por cento certo quando diz que, quando se é popular, as pessoas não te julgam da mesma forma. E eu não queria ninguém me julgando; na verdade, não queria nem que me enxergassem. Te contei que minhas amigas e eu tivemos uma discussão. Mas não contei que começar a namorar com o Justin foi minha forma de resolver esse problema. Foi isso que solidificou a nossa popularidade. Quando ele se interessou por mim, aí minha popularidade subiu de vez. Acho que foi o jeito que encontrei pra me esconder mesmo estando na frente de todo mundo.

Por um segundo, fico sem palavras com a coragem dela. Sei como é difícil olhar para dentro e encarar as partes feias e imperfeitas da gente, mas admitir isso para outra pessoa é algo quase impossível de se fazer.

— Nossa... eu... — Ela se retrai e percebo, num instante terrível, que ela acha que estou gaguejando porque estou julgando suas atitudes. Me corrijo. — Você deve ser a garota mais incrível que eu já conheci. — Maravilha. Agora fui longe demais e estou me sentindo um babaca. Ela parece tão chocada quanto eu. — Desculpa, só quis dizer que... — Tento colocar a cabeça em ordem. Geralmente essa parte do trabalho é tranquilíssima para mim: ideias certas na hora certa e pronto, as pessoas tomam decisões melhores. Mas a conexão que Ella e eu formamos com relação ao luto é genuína, e não tenho nenhum manual de instruções para isso, nenhuma frase de efeito que a ajude a repensar seu relacionamento. Então, sem saber o que dizer, acabo mais uma vez escolhendo a verdade. — Quis dizer que... queria ser corajoso como você.

Sua expressão se suaviza e vejo um sorrisinho tomando forma.

— Olha, eu te acho muito corajoso. Você tá me ensinando a pintar. Tá falando de assuntos que te deixam desconfortável. São passos importantes.

Suas palavras me atingem profundamente e, lá no fundo, sinto que desejo muito sua aprovação. É o primeiro caso de trabalho em que me bate um arrependimento por não poder conversar com Ella simplesmente como eu sou, além de uma culpa por saber que, se contar a verdade, posso magoá-la.

— Ella...

Coço a testa.

— Conexão — diz ela, e olho bem nos seus olhos. — Eu te perguntei o que te trouxe aqui, conexão ou atração... foi uma pergunta bem injusta. Mas, agora, pode deixar que eu mesma respondo: tô me conectando com você. E, pra ser honesta, você é o cara mais surpreendente que já conheci.

Na mesma hora me lembro do que falei para ela na creperia, que meu tipo são garotas surpreendentes. Sinto um calor subir rápido para as minhas bochechas e não consigo controlar. E então, no pior momento possível, ouço um cara tossir. Levanto da cadeira num pulo.

— Pai? — chama Ella, também ficando de pé, e nós dois ficamos apavorados ao perceber que muito provavelmente seu pai escutou a última parte do que ela disse. — O que você tá fazendo aqui?

— Esqueci uns papéis — diz ele, alternando o olhar entre nós dois. — E você, o que tá fazendo?

— Holden, esse é o meu pai. Pai, Holden — apresenta Ella, fazendo um gesto entre nós, mas sem olhar diretamente para mim.

Já cansei de fazer isso; sei bem como é me apresentar novamente para pais, lembro a mim mesmo, mas saber disso não melhora em nada essa sensação de estar em queda livre.

— Oi, sr. Becker — digo, estendendo a mão. — Prazer em conhecer o senhor.

Ele aperta minha mão.

— Imagino que vocês sejam amigos, certo? — pergunta, dirigindo-se à filha.

Ella dá risada.

— Pai, você tá bem estranho.

Pais nunca são bons nisso, ainda mais quando já estão irritados com obscenidades desenhadas na testa e conversas sobre estar se sentindo atraído ou conectado.

Ele me olha de cima a baixo.

— Holden, é isso?

— Isso mesmo, senhor.

Ele me observa com cara de poucos amigos.

Ella passa o cabelo por cima do ombro e o enrola.

— Se continuar olhando desse jeito pra ele, acho que não vai aguentar muito tempo sendo meu amigo, não.

Mas o pai de Ella não faz o menor esforço para suavizar a expressão.

— Por mim, problema nenhum.

Engulo em seco.

Ella franze o cenho.

— Deixaram um recado pra você mais cedo. Uma ligação de Londres, eu acho? Parecia urgente.

Seja lá o que isso signifique, acaba gerando o efeito desejado: chamar a atenção dele. Os dois trocam umas frases breves que não consigo acompanhar porque estou nervoso demais mandando mensagem para Tiny.

O pai dela sai sem nem se despedir.

Ella me olha, sem graça.

— Desculpa — diz, mas é óbvio que nosso tempo acabou.

Nenhum dos dois sabe direito o que dizer sobre a conversa que tivemos, o pai dela ou essa sensação esquisita de que compartilhamos coisas demais um com o outro. Então me despeço e repasso toda a conversa mentalmente no caminho de volta para casa.

33
VALENTINE

Eu

E aí, novidades??? Tô doida pra gente começar a bolar os próximos passos.

August

Ainda tô na rua com a minha mãe. Resolvendo umas coisas. Dá um pulo lá em casa quando eu chegar?

Deitada na cama, dou uma olhada no relógio: 19h05. Bentley está vindo para cá. Mas vai ser coisa rápida.

Eu

Claro. Só me avisa que apareço na sua janela que nem um ninja com meu caderno mágico.

Mas, antes que ele possa responder, alguém bate à porta, e eu deixo o celular de lado.

— Valentine? — chama minha mãe.

— Pode entrar!

Ela abre e lá está Bentley, recém-saído do banho, com uma camiseta branca e um short jeans surrado.

— Tem visita pra você — diz ela, a sobrancelha arqueada como se estivesse achando toda a situação interessantíssima.

Deslizo do meu edredom fofinho até o carpete.

— Oi — digo para Bentley, mas agora minha mãe arqueia as duas sobrancelhas, se divertindo. Então acrescento: — Mãe, tá tranquilo.

— Tá me expulsando, é?

— *Mãe*.

Ela ergue as mãos num gesto de rendição e volta para o corredor.

O cheiro amadeirado do sabonete e da pasta de dente mentolada invade o quarto enquanto Bentley se aproxima e se senta na ponta da cama.

Ele abre um sorrisinho.

— É esquisito eu já estar com saudade de você?

Dou risada e me sento ao lado dele com um pé dobrado embaixo do joelho.

— Tá com saudade nada.

— Tô, sim — responde, e não sei se gosto do friozinho na barriga que isso me dá.

Ele é tipo aquela sobremesa impossível de resistir, mesmo quando você já está empanturrada. Dou um empurrãozinho nele com o ombro.

— Você não consegue ficar sem soltar uma dessas, né?

— Essas verdades? — rebate, piscando que nem uma princesa da Disney.

— Essas cantadas — corrijo.

— E se eu te contar que não consegui parar de pensar no nosso beijo?

Só que, desta vez, ele fala com mais intensidade, e dá para sentir que é sincero.

Das duas, uma: ou ele manja muito desse tipo de joguinho ou realmente se apaixona rápido demais, o que explicaria as várias ex-namoradas. Uma pena que se apaixonar rápido não seja garantia de que as coisas vão durar. Não que eu esteja atrás de algo sério com ele.

— Eu diria que é uma bela de uma cantada.

Ele me encara, tentando me decifrar.

— Então, me diz... você conseguiu?

— Consegui o quê? — pergunto, fingindo inocência, embora saiba muito bem do que ele está falando.

— Tirar nosso beijo da cabeça?

— Ah, tipo... — Faço uma pausa, como se ainda precisasse pensar. — Eu estaria mentindo se dissesse que consegui.

Aí ele fica todo sorridente.

— Então quer dizer que você também tava com saudade.

— Juro — digo, rindo —, você não tem jeito.

Ele toca de leve na minha mão apoiada na coxa e começa a passar os dedos pela curva da minha palma. Só esse toque quase imperceptível já me deixa com calor.

— Fazer o quê? Eu sei muito bem o que eu quero.

Ah, maravilha, agora eu tô confusa.

— Tá... Mas essa certeza muda a cada duas semanas. Entãããão...

Nem sei por que estou discutindo. Mas tem alguma coisa nesse espaço tão pequeno entre a gente, sem contar o cabelo dele, ainda molhado e queimado de sol, caindo na testa, que está me deixando com os pensamentos todos embaralhados. Preciso me segurar para não o atirar na cama.

— E isso te incomoda? — questiona ele, como se fosse algo realmente importante.

Mas não sei como responder. Será que me incomoda? É o último verão antes da faculdade. Se fosse pra gente ter alguma coisa, não seria nada sério. E eu também sou de me apaixonar rápido. Tenho mesmo como reclamar dele sem ser injusta?

Dou de ombros.

— E se eu te disser, de coração, que pra mim isso não é um lance que vai durar só duas semanas? — prossegue Bentley, e a parte romântica e cheia de expectativas da minha cabeça se empolga com a ideia, mesmo sabendo que não é algo real ou possível de acontecer.

Dou um sorriso.

— Aí eu diria que você manda muito bem nisso. Tem talento de verdade.

— Então é o seguinte — diz ele, levando a palma da minha mão até a sua boca e dando um beijo. Acabo deixando escapar um suspiro, e dá para ver que ele fica satisfeito com a minha reação. — Vamos fazer um trato, aqui e agora, de que daqui em diante vamos ser 100% honestos um com o outro.

Apoio os cotovelos na cama, reclinando as costas.

— Ninguém é 100% honesto. E se eu te perguntar algo que você não quer responder ou que acabe te deixando desconfortável?

Ele me imita e se deita ao meu lado, a cabeça apoiada na mão.

— Vou dar meu jeito e te responder mesmo assim.

Olho bem nos olhos dele, fisgada pela curiosidade.

— Tô até com vontade de aceitar, viu? Que nem um experimento social.

— Vai em frente... a não ser que você esteja com medo.

Arqueio a sobrancelha.

— De jeito nenhum. Tô dentro.

— Legal — diz ele, jogando para trás o cabelo que caiu de novo na testa. Fico morrendo de vontade de ajeitar. — Agora me faz uma pergunta.

Fico bem de frente para ele.

— Hummm. Deixa eu ver — digo, já indo direto para uma pergunta que ele vai odiar. — Qual foi a maior vergonha que você já passou?

Ele solta um resmungo.

— Putz. Sério?

Sorrio, me achando.

— Ué, foi você quem deu a ideia.

Ele ri.

— É, mas se eu te contar você nunca mais vai querer me dar um beijo.

— Se estiver com *medo* — digo, toda contente por ter feito a pergunta certa logo de cara —, a gente pode desistir desse trato agora, sem problema.

Ele estende a mão.

— Peraí, não falei que não ia responder. — Mas, mesmo assim, ele não responde imediatamente. Uns segundos depois, balança a cabeça como se não estivesse acreditando e diz: — Tá bom, lá vai. — Ele passa a mão no rosto, tentando se preparar. — Eu me caguei nas calças.

Gargalho tanto que quase me engasgo.

— Não é possível.

— É sério. Comi uns negócios esquisitos antes do treino de futebol. Erro de principiante. Quando minha barriga começou a fazer barulho, corri pro vestiário, mas foi só eu tirar a calça que... pá. Tomei um banho e meti o pé. O técnico ficou puto por eu ter sumido, mas é uma regra universal: se você se caga na rua, tem o direito de ir pra casa se esconder.

Tá difícil controlar o riso, não tem como segurar.

— Nossa, cara. Isso aí acaba com a reputação de qualquer um.

— Você não tem ideia. Tô me abrindo de verdade com você, Valentine. De verdade, mesmo. — Fico até surpresa que ele tenha sido sincero assim comigo.

Os amigos zoariam ele para sempre se soubessem dessa história. — Beleza, minha vez — diz, e meu estômago se revira de tanto nervoso. Ele me encara. — Você sentiu alguma coisa ontem quando a gente se beijou?

Aí, pronto, meu coração dispara.

— Tipo o quê? — pergunto, enrolando.

— Você sabe do que eu tô falando — diz, tão seguro de si que nem parece que acabou de contar uma história da vez em que cagou nas calças.

Meu celular vibra ao meu lado na cama, mas estou tão concentrada na pergunta dele que nem olho.

— Ah... é. Foi legal.

Ele arqueia a sobrancelha.

— Legal? Só isso?

Pressiono os lábios, e então acabo cedendo:

— Tá bom, foi mais do que legal. Foi perfeito, na verdade, de dar frio na barriga, de deixar as pernas bambas. Ainda não consegui tirar esse beijo da cabeça. Feliz agora?

A surpresa estampada no rosto dele me deixa satisfeita.

— Muito — responde. — Mas também tô aliviado. Sei lá o que eu faria se o melhor beijo da minha vida fosse só mais ou menos pra você.

O olhar dele vai dos meus olhos para a minha boca, e meus lábios se separam como se estivessem me traindo.

— Você é insuportável — digo, quase num sussurro.

Mas ele só abre um sorrisinho.

— Acho que acabamos de chegar à conclusão de que eu não tenho nada de insuportável.

Ele toca minha bochecha, carinhoso, depois leva os dedos quentes e calejados até a minha boca.

— Minha vez — digo, com dificuldade de me concentrar em qualquer coisa além do toque dele. — Do que você mais gosta em si mesmo?

Ele abaixa a mão.

— Fora ter conseguido te deixar toda vermelha?

— É, fora isso...

— Beleza, deixa eu ver — diz, pensativo. — Acho que meu talento pra fazer as pessoas dormirem.

Inclino a cabeça.

— Como assim?

— Consigo fazer os gêmeos dormirem em menos de dez minutos. Sempre dá certo.

Fico olhando para ele. A coisa de que ele mais gosta em si mesmo é uma habilidade típica de pai, o tipo de coisa que só devia passar pela sua cabeça daqui a uns quinze anos.

— Tá falando sério?

— Tô — confirma Bentley. — Quando minha mãe começou a me deixar com eles, a hora de dormir era um pesadelo. Fiquei um tempão tendo que lidar com briga, choro... Era um caos. Eu detestava. Agora acho o máximo.

— Como é que você nunca me contou isso antes? — pergunto, curiosa com esse lado dele que eu nem sabia que existia.

Ele dá um sorrisinho.

— Até outro dia você mal falava comigo.

Coloco o cabelo atrás da orelha.

— Verdade. Mas você conta essas coisas pro Charlie ou pra Cassie ou sei lá quem mais? — questiono, me referindo à sua ex, que é meio mala, apesar de ser uma figura indispensável no grupinho de amigos dele.

— Que nada — responde, simples assim. Fico pensando em como nunca reparei em como Bentley compartimenta cada parte da vida. Acho que nunca parei para prestar atenção. — Me conta uma coisa sobre você que ninguém sabe — pede ele, quebrando o silêncio e entrelaçando os dedos nos meus.

A primeira coisa que passa pela minha cabeça é a Amor de Verão, mas esse segredo não é só meu, então não posso contar. Já a segunda é algo que eu gostaria que não fosse verdade.

— Te contei que me caguei na rua — diz ele. — Seja lá o que for, não tem como ser tão ruim, vai.

Olho para Bentley tentando desesperadamente pensar em alguma coisa, mas o mesmo pensamento, aquele que venho há um tempo tentando ignorar, fica rodando na minha cabeça. Então fecho os olhos e acabo soltando tudo de uma vez:

— Não sei se quero ir pra Berkeley daqui a dois meses.

Mas, quando abro os olhos, ele está com aquela cara de quem não entendeu nada.

— Tá pensando em adiar?

— Não. Tô pensando em não ir mesmo e ponto-final — digo, sentindo que estou tirando um peso das costas. Fico chocada com a sensação de liberdade que dizer isso me dá. — O lance é que o August e eu *sempre* tivemos esse plano de estudar lá. Passamos o ensino médio inteiro ralando pra conseguir todas as notas e atividades extracurriculares necessárias. É *o* plano, tipo, nosso sonho.

— E por que você mudou de ideia?

— Não sei. Eu... — Minha voz vai ficando mais baixa, e a vergonha me deixa vermelha. — Meio que odeio a ideia de morar tão longe de casa.

Fico me sentindo meio boba, como se fosse uma fraqueza admitir isso.

Ele faz que sim.

— Eu entendo, faz todo sentido.

— Faz mesmo? — pergunto, meio insegura, mas ao mesmo tempo precisando desesperadamente que ele concorde comigo.

— Pode até soar meio brega, mas eu adoro esta cidade.

Só que a resposta dele não serve de consolo. Na verdade, só reforça o que está me incomodando. Caras como Bentley nunca saem daqui. São gatos, populares no ensino médio, não esquentam a cabeça com faculdade e acabam se casando aos dezenove anos com a capitã das líderes de torcida. Aí, quando você esbarra com eles no mercado dez anos depois, só consegue agradecer a todos os deuses por ter dado o fora. Desvio o olhar, me sentindo imediatamente culpada por prever esse futuro horrível para ele.

Meu celular vibra de novo, só que dessa vez solto a mão de Bentley para alcançar o aparelho jogado no edredom.

August

Tô indo aí.

Sinto uma descarga de adrenalina e na mesma hora me sento na cama. Era para *eu* ir para a casa de August, não ele vir para a *minha*. Será que perdi a noção do tempo? Ou ele entendeu errado a minha mensagem? De relance, vejo Bentley se sentar também ao perceber que estou incomodada.

— Que houve? — pergunta.

Sinto meu estômago embrulhar. Por que, meu Deus, fui inventar de fazer esse tal de pacto de honestidade? Sou uma idiota mesmo, com I maiúsculo. Então acabo dizendo a única coisa verdadeira que consigo:

— Desculpa mesmo, mas o August e eu temos que trabalhar.

— Tá me expulsando?

Respiro fundo.

— A gente pode marcar pra outro dia?

Só que, antes que Bentley consiga dizer qualquer coisa, a porta do meu quarto se abre e me levanto tão rápido que parece que alguém me deu um chute.

August para na mesma hora, e dá para ver que sacou o clima tenso no ar. Mas também, convenhamos, estava na cara.

Bentley dá uma travada, como se estivesse pensando em como sair dessa. Mas no fim só manda um:

— Te vejo amanhã, Valentine.

Depois vai em direção à porta. Só que, apesar do alívio gigantesco por ele estar indo embora e eu ser poupada de lidar com uma conversa entre os dois, Bentley acabou dizendo exatamente o que vai deixar August com uma pulga atrás da orelha.

— Ah, beleza — digo, arrumando o cabelo e dando um tchauzinho meio desajeitado.

Depois que a porta se fecha, August e eu ficamos um instante em silêncio.

— O que foi isso? — pergunta, desconfiado.

— Bentley? Ah, não é nada de mais.

Só que é exatamente o que as pessoas dizem quando *é, sim,* algo de mais.

— Quer que eu mande ele dar o fora? — pergunta.

Agora sou eu que estou chocada. August não é de arranjar confusão. Dou uma coçada na testa.

— Já te disse que não é nada de mais.

Ele me olha da cabeça aos pés, e é difícil não ficar meio desconfortável.

— Perdi alguma coisa? Vocês estão... *ficando*?

— Por que você acha isso? — disparo, apressada.

Mais fácil eu tatuar "sim, tenho um segredo" na testa.

Ele me encara como se eu tivesse duas cabeças.

— Porque ele não entra no seu quarto desde que a gente tinha doze anos e se despediu falando que te vê amanhã.

O quarto começa a girar.

— Então, a real é que o Bentley tá precisando de uma mãozinha com os irmãos. A mãe dele mal para em casa. Você sabe como é.

Na mesma hora me odeio pelo que acabei de falar, por ter mentido e apelado para a empatia de August.

— Ah, sim — diz, depois pensa um pouco. — Desculpa. — Ele se joga na minha cama. — Não quis bancar o superprotetor nem nada.

Dou de ombros, aliviada por ele ter deixado para lá, mas, ao mesmo tempo, meio querendo que ele tivesse me confrontado. Não sei se tenho coragem de abrir o jogo, ainda mais depois de ter feito esse drama todo. Lá no fundo, fico querendo que ele perceba o que está acontecendo só para colocarmos logo tudo em pratos limpos.

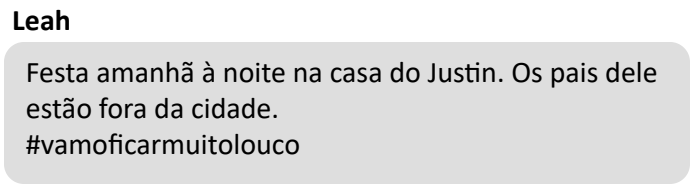
— Até que gosto de você assim, todo superprotetor. Tipo amor de irmão, sabe?

— Bentley é um galinha. Perco a cabeça só de pensar nele te enrolando.

Ele se recosta, cruzando as mãos atrás da cabeça.

— Com certeza — concordo, me juntando a ele na cama.

Agora já era: tô me sentindo a maior palhaça da face da Terra. Mas, antes que eu comece a me torturar pensando nisso, recebo uma notificação no celular.



Fico animada e já viro a tela para August.

— Perfeito pro nosso plano.

— É — responde ele, sem o menor entusiasmo.

— O mais doido é que, no início da semana, eu diria que a gente corria o risco de não terminar esse caso a tempo. — Pego meu caderno na mesa de

cabeceira. — Mas os últimos dias foram um divisor de águas. Você deu a volta por cima.

August parece estar com a cabeça longe.

— August? — chamo, ao vê-lo em silêncio.

— Oi?

— Você tá viajando.

— Nada. Tô de boa — diz, apontando para o caderno. — Vamos focar no plano de amanhã à noite.

Não consigo deixar de franzir o cenho. A Muralha de August é o tipo de coisa com a qual acabei aprendendo a lidar ao longo dos anos. Acontece que, da semana passada para cá, estou com a sensação de que tem alguma coisa completamente nova se metendo entre a gente. E não faço ideia do que seja ou de como agir para dar um jeito nisso.

34
AUGUST

A manhã e a tarde passam numa boa, com Tiny e eu nadando perto do deque e pedindo um monte de comida da Lanchonete do Bob. Passei o dia todo trocando mensagens com Ella, o que acabou me deixando animado. Então lembro que tudo isso é só um caso, que Ella nem sabe qual é meu nome de verdade e, no fim, a empolgação se torna uma sensação desconfortável.

Agora, esticados nas cadeiras de vime do quintal de Tiny, começamos a finalizar a conversa sobre os próximos passos, com cada um dando uma opinião aqui, outra ali. Tiny e eu estamos acostumados a ficar em silêncio. Somos mais família do que amigos.

Escutamos uma porta de tela se fechar e nos viramos para ver de onde vem o barulho. É Bentley entrando no quintal da casa dele, pegando pesos. Não tira os olhos da varanda de Tiny, mas não como sempre fez, tentando chamar a atenção dela. Dessa vez, é mais como se estivesse frustrado. Tiny, por outro lado, está olhando para tudo, menos para ele.

— Você não tinha que ajudar o Bentley com os gêmeos hoje? — pergunto, tentando entender o que está acontecendo.

— Tá tentando me enxotar, né? — rebate, o tom de voz animado.

Mas dá para ver que está ansiosa pelo jeito como fica puxando a barra da blusa.

— Nunca.

— Ainda bem.

Ficamos em silêncio mais uma vez.

— Acha mesmo que vai dar certo? — pergunto.

— Meu plano? Acho, sim. — Ela puxa as pernas para cima da almofada. — Pode ter certeza de que o Justin vai pressionar a Ella a fazer alguma coisa hoje — diz, conferindo uma picada de mosquito no joelho. — Só preciso estar no lugar certo, na hora certa. Aí, quando ele começar a se comportar que nem um babaca, é só eu falar umas verdades na cara dele.

— Isso — digo, meio inseguro.

Tiny olha para mim.

— Se estiver preocupado com alguma coisa, agora é a hora de falar.

Eu hesito.

— Sabe que, se a Ella ficar do lado dele, a gente já era, né?

— É por isso que quem vai falar as verdades na cara dele sou eu, não você. Mesmo que eles fiquem putos, preocupação de amiga é moleza de lidar. Agora, um amigo novo falando mal do namorado da garota? A gente ia ser excluído na hora.

Faço que sim, tentando não pensar nas mil maneiras com que esse plano pode acabar fazendo Ella me odiar e, ao mesmo tempo, odiando esquentar tanto a cabeça com isso.

— Sei que a Ella anda se abrindo mais com você, e isso é ótimo — diz Tiny. — Mas, sendo bem sincera, isso aí só dá mais razão pra gente sacudir a poeira das coisas, colocar umas setas neon apontando pro comportamento podre do Justin e, quem sabe, fechar essa história com chave de ouro — argumenta Tiny.

Estico os braços acima da cabeça e me recosto na cadeira de vime.

— Que foi, hein? Do nada começou a ficar com o pé atrás? — pressiona ela. — Dois dias atrás você achava a ideia genial.

— E é genial — digo, encarando o rio com os olhos semicerrados.

— Então pronto, maravilha. Tá combinado — responde, se ajeitando na cadeira e dando uma olhada para Bentley. — Então... Acho que tá na hora de ir lá ajudar ele.

— Beleza, acho que preciso tomar um banho — digo, me levantando e descendo a escada até o gramado.

Antes de me virar, olho de cara feia para Bentley. Mesmo que Tiny diga que só está quebrando o galho dele, não gosto da ideia dos dois passando tempo

juntos: não duvido que ele tente alguma coisa e não quero parar na cadeia por matar meu vizinho.

— Mais tarde te ajudo a escolher a roupa! — grita Tiny.

Balanço a cabeça, já entrando no meu quintal.

Na cozinha de casa, sinto uma vontade absurda de olhar pela janela para observar Tiny, que está lá conversando com Bentley no quintal da casa dele. Não dá para ouvir o que estão dizendo, mas a vejo de braços cruzados, nitidamente desconfortável. Bentley mal olha na cara dela.

Alguma coisa nessa cena me deixa com uma pulga atrás da orelha. Não que eu me importe com o fato de eles estarem sem graça, mas o que rolou para ficarem tão constrangidos?

35
VALENTINE

Quando entro no quintal de Bentley, ele nem olha na minha cara. Continua pegando peso, os olhos fixos no rio.

— E aí? — digo, sentindo as batatas fritas que comi mais cedo embrulhando o estômago.

— Não tô precisando de ajuda nenhuma com os gêmeos. Pode ir lá ficar com o August — solta ele, direto ao ponto. Sinto que levei um soco na barriga. — Você ouviu?

— Ouvi.

A culpa pesa dentro de mim, que já estava meio embrulhada. Toda explicação que passa pela minha cabeça soa patética. Então fico parada, de braços cruzados, como se eles pudessem me proteger da minha falta de bom senso.

— Eu quero passar um tempo com você. Você sabe disso, não sabe? — digo.

— Tá de boa. Preciso malhar mesmo.

— Tá chateado? — pergunto, embora ele pareça mais calmo do que nunca.

— Nada.

— Você não tá nem olhando na minha cara.

Passo o dedo pelos fios que escapam do meu rabo de cavalo.

Aí, sim, ele me encara, e seu olhar de filhotinho magoado só piora tudo.

— Olha só, Valentine. Eu gosto de você. Já sabe disso. E quero passar um tempo contigo... nem imagina quanto. Mas se continuar inventando história

porque tá sem graça de ficar comigo, prefiro ficar na minha. Poxa, ontem mesmo a gente fez aquele pacto de honestidade.

— Com você, sim... mas não com o August — disparo, e assim que as palavras saem da minha boca percebo como essa justificativa soa horrível. — Não que eu ache certo mentir pro August. Só que... é complicado.

Ele põe os pesos no chão e passa uma toalha no rosto.

— Você que manda.

— Mando no quê?

— Em tudo.

Bentley joga a toalha no ombro. Como fico em silêncio, ele suspira e segue em direção à porta de casa.

Tenho vontade de correr atrás dele, pedir desculpa, admitir que fui uma otária, mas só fico parada olhando, cheia de dúvida, enquanto ele vai embora. Eu podia escolher o caminho mais fácil: permitir que Bentley se afaste e deixar por isso mesmo. Certo? Certo. Então por que continuo surtando aqui no quintal da casa dele?

Dou meia-volta e começo a ir para casa, tentando não pensar nessa conversa. Mas é quase impossível, minha mente simplesmente não me dá sossego.

Já dentro de casa, onde ninguém consegue me ver, aperto as têmporas e me deixo cair contra a porta fechada. É uma situação de merda, e só tem um jeito de sair dessa. Uma solução bem irritante, que envolve admitir para o August que menti.

36
VALENTINE

Fico olhando para os carrões estacionados dos dois lados da rua mais impecável que já vi. A casa de Justin pode até não ser tão imensa quanto a de Ella, mas ainda é absurda comparada às casas de pessoas normais: uma mansão de três andares, com tijolinhos à vista e janelas escuras, que, quando você olha, imagina ser a casa de um senador importante que bebe conhaque com o dedo mindinho levantado.

— Esse caso é uma loucura — sussurro para August enquanto seguimos até a porta da frente. — Já sabia que essa cidade era cheia de gente rica, mas parece que todo mundo vive naquelas cenas de festa de filmes dos anos oitenta. Tudo doido, ninguém esquenta a cabeça com nada. Pra mim, tá sendo praticamente umas minifférias da nossa vida real.

August dá de ombros.

— Sei lá, não é a minha praia.

Começo a rir de como ele é previsível.

— Eu sei, essa loucura aqui não é a praia de ninguém. Só disse isso pra gente dar uma desestressada. E, sério, pode reclamar à vontade, mas nós dois sabemos muito bem que você tá *adorando* esse caso.

Arqueio as sobrancelhas, só para o caso de ele não ter entendido. Mas ele continua com uma expressão neutra. Vai ver estou errada sobre ele estar a fim de Ella, mas algo me diz que não.

E, já que estamos falando de péssimas escolhas amorosas, resolvo puxar assunto sobre Bentley.

— Falando em paixonites secretas, tem uma coisa que...

Mas sou interrompida por Derek e aquela garota que é a cara da Amber.

— Faaaala, galera. — Ele dá um tapinha no ombro de August. — Se preparem, as festas do Justin são *de outro mundo*.

Então deixo para ter essa conversa mais tarde, depois que (se tudo der certo) a gente desmascarar Justin.

Assim que Derek abre a porta, a música, que não dava para ouvir antes, explode com tudo. Diferente da festa classuda de Amber ou da festa na piscina de Ella, esta aqui é outro nível. A sala está lotada de gente dançando, isso sem contar o deque e o jardim, que parece não ter fim.

Dou um sorriso feliz da vida. É a bagunça perfeita para fazer o meu plano funcionar.

— Cozinha! — grita Derek por cima da música, e a gente vai se esgueirando pela multidão para conseguir segui-lo.

Depois ele pega copos de plástico e uma garrafa de tequila da bancada de mármore brilhante e começa a servir doses generosas. Tenta distribuir uma para cada, mas eu e August pegamos cerveja: dá tranquilamente para beber devagar ou, se for o caso, nem beber.

— Pra gente dançar pelado na mesa de centro mais tarde — declara Derek, brindando.

Dou risada, apesar de saber que, vindo dele, não é apenas uma brincadeira.

— Festa lendária é festa lendária, né?

Ele e a cópia de Amber erguem os copos e todos brindamos enquanto Amber, Ella e Leah entram no cômodo.

— Olha só, os primos chegaram — exclama Leah. — *Agora, sim*, a festa vai começar.

Tubarão, como era de se esperar, dá um beijo na bochecha de August, tão perto da boca que chega a encostar no canto. Depois dá uma olhadinha para Derek só para ter certeza de que ele viu. Já eu desvio o olhar para Ella, que parece meio desconfortável.

Derek solta um resmungo.

— Olha, cara, é meu dever como parceiro te avisar pra tomar cuidado — diz para August, obviamente alfinetando Amber. — Essa aí tem garras afiadas.

Amber morde o lábio inferior e joga o cabelo para o lado.

— Ciúme não combina com você, D.

Derek puxa a garota que está com ele para mais perto.

— Faz o que você quiser com quem você quiser, Amber. Tô fora.

Ela abre a boca para rebater, mas Justin chega e acaba a interrompendo.

— Isso aí, irmão! — exclama Justin, cumprimentando Derek com um soquinho. — Sabia que ia te encontrar metido com as bebidas.

Ele passa os braços ao redor de Ella; dá para ver que já está bêbado.

— Que tal uma brincadeira com bebida, hein? — propõe Amber.

— Você sabe que eu topo sempre — responde Justin, animado.

— Jogo da Moeda? — sugere Leah.

— Se a gente fosse sem graça, beleza — retruca Tubarão com um brilho malicioso nos olhos. — Mas prefiro uma coisa mais picante. Verdade ou Desafio.

August e eu nos entreolhamos. Esse jogo é perfeito para causar confusão, mas também é bem arriscado.

— As regras são as seguintes... — começa Amber, fazendo uma pausa enquanto Justin distribui as cervejas.

A garota que está com Derek reclama no ouvido dele, mas ele balança a cabeça e diz:

— É só um jogo, pra que esse drama?

Ela pega a bebida e sai, deixando-o sozinho.

— Como eu estava dizendo... — continua Amber. — Todo mundo bebe quando escolherem verdade ou desafio, e todo mundo bebe quando cumprirem a tarefa. Leah, você começa.

— Minha vez, é? — diz Leah, fitando os olhos de cada um. — Justin, verdade ou desafio?

Ele dá um sorrisinho.

— Verdade.

— Todo mundo bebe — reforça Amber.

Leah pensa um pouco.

— Qual foi a coisa mais constrangedora que já aconteceu com você em um encontro? — pergunta, e Amber e Derek não conseguem segurar o riso.

— Porra, Leah, já começou pegando pesado? — Justin dá um gole na cerveja. — A coisa mais constrangedora? Moleza. Minha mãe entrou no quarto

sem bater enquanto eu estava com uma pessoa na cama. — Derek ri enquanto toma cerveja. — Parecia coisa de filme, juro pra vocês — continua Justin. — Ela tava com bobes no cabelo e começou a berrar. Levantei tão rápido que prendi a perna no cobertor e caí de cara no chão. Fiquei lá, pelado, tentando esconder meu negócio enquanto minha mãe tapava o rosto e chorava até não aguentar mais. Depois disso ela passou dois dias sem olhar na minha cara.

Mesmo contando uma história constrangedora, ele exala carisma: sorriso de orelha a orelha, olhos azuis que conquistam qualquer um. E todo mundo olha para ele como se fosse uma espécie de deus. É só eu ver a cara fechada de August que entendo exatamente o que ele está pensando. *Igualzinho a Kyle*.

— Como é que eu nunca fiquei sabendo disso? — pergunta Ella quando as risadas diminuem.

Justin dá de ombros.

— Ué, você nunca perguntou.

— Quem era a garota? — questiona Amber antes de Ella ter a chance de rebater.

— Valeu a tentativa, mas essa não era a pergunta.

— É? E será que a resposta é tão interessante assim? — provoca Amber.

— Beleza, Amber, verdade ou desafio? — diz Justin, interrompendo a curiosidade dela.

— Hummmm, verdade — responde, e todo mundo bebe.

— Melhor e pior beijo da sua vida.

Ela começa a rir.

— Nossa, difícil. — Depois fica sustentando o olhar de Justin de um jeito que chega a me deixar desconfortável. — Mas diria que o melhor foi...

Olho dela para Justin. Tem meio que um clima de flerte na interação deles, que vai além do comportamento típico de Amber. Dá para ver pelo jeito como ela arrasta as palavras, a forma como volta e meia ele olha para os lábios dela. Não é nenhuma grande surpresa que os dois estejam flertando, é bem o jeito deles. Mas é vacilo fazer isso na frente da Ella, mesmo que discretamente. E acho que Ella percebeu, porque reparo que está encolhendo os ombros.

No fim das contas, Amber desvia o olhar para August e diz:

— O Holden com certeza é um dos candidatos.

Lanço um olhar acusatório para August na mesma hora, mas ele parece tão chocado quanto eu.

— Mas a gente nunca se beijou — diz.

— Adoraria dar um jeito nisso — rebate Amber num tom malicioso, e logo percebemos que ela acabou de tirar uma com a cara dele. — Agora, o pior? Fácil. Derek.

Derek resmunga.

— E ainda pergunta por que terminei contigo.

Amber retruca, mas não estou mais prestando atenção. Só consigo pensar em Amber e Justin. Será que estavam flertando mesmo ou foi só uma troca de olhares comum?

— Minha vez — diz ela. — Ella, verdade ou desafio?

— Desafio.

— Que tal... — Amber toca o lábio, exibindo as unhas feitas. — Você dar um beijo de língua num dos caras aqui da roda? — Ella vira para Justin na mesma hora. — Tirando o seu namorado — acrescenta Amber, com um sorrisinho malicioso.

— Eita, porra — exclama Derek.

Ella olha furiosa para Amber.

— É sério isso?

— Larga de ser santinha, El — diz Amber. — É só um beijo. Se não significa nada, qual o problema?

Que golpe baixo.

Imediatamente Ella olha para August, mas logo desvia o olhar, como se tivesse ficado sem graça por ele ter sido o primeiro a passar pela sua cabeça. Depois foca em Derek, chega a dar um passo em direção a ele.

— Pelo amor de Deus, Amber, não tem como eu beijar o melhor amigo do Justin, que ainda por cima é seu ex. É esquisito demais.

— Poxa, El. Preciso provar que *sou bom* depois das mentiras da Amber sobre meu beijo — argumenta Derek.

— Nem pensar. Desisti no momento em que você falou *sou bom* — diz Ella, virando-se mais uma vez para August.

Ela vai se aproximando dele, e dá para ver que está nervosa. Todo mundo percebe. Enquanto isso, Justin está com cara de poucos amigos. Para piorar

tudo, Ella está enrolando. Só fica olhando para o August, como se não soubesse direito o que fazer, mexendo na lata de cerveja. E, a cada segundo, parece que Justin só fica mais puto.

— Que agonia. Beija ele logo — diz Amber.

Sinto o estômago embrulhar.

Ella dá um selinho em August. Sem maldade nenhuma, mas o problema é que ela ficou toda vermelha. Olho para Justin, e dá para ver que está nervoso. Tá tudo bem, penso comigo mesma, a gente ainda vai conseguir sair dessa. Ella só precisa dizer "verdade ou desafio" e distrair o pessoal. Agora.

— Não vi língua nenhuma aí — solta Amber, e minha esperança murcha na mesma hora.

— *Próxima* — diz Justin.

Mas Tubarão não deixa barato.

— Olha, Justin, eu adoraria ir pra próxima, mas ela não completou o desafio. E regras são regras.

August e eu nos entreolhamos novamente, dessa vez sabendo que o negócio ficou feio.

— É só um jogo — apazigua Leah, tentando acalmar os ânimos.

— Chega, Amber — dispara Ella, ríspida.

Amber arqueia a sobrancelha, como se estivesse pronta para a briga.

— Nossa. Que exagero, hein? — diz, com um sorrisinho dissimulado. — Não sabia que beijar o Holden era tão importante.

Justin lança um olhar fulminante para Ella.

— *Não é* tão importante — responde.

Amber dá de ombros.

— Vai saber. Fiquei sabendo que vocês *se encontraram* lá na creperia.

Por um segundo, todo mundo fica imóvel. A tensão só aumenta, e todo mundo, menos Amber, parece querer estar em qualquer lugar, menos aqui.

— Não foi o que eu... — começa Leah, mas Ella interrompe.

— Tá falando sério, Amber? Tá tentando arrumar confusão? Justin sabe que saí com o Holden.

— Então por que *eu* não fiquei sabendo? — pergunta Amber, como se fosse a vítima da história. — Achei até que tivesse entendido errado, porque você

nunca sai com cara nenhum sem me contar. A menos que esteja se sentindo *culpada*, né.

Está todo mundo olhando para Ella, e a versão distorcida da verdade está pairando sobre a garota como uma nuvem carregada. Justin parece estar a um triz de perder a paciência.

— Primeiro, você não tá nem aí pro Holden — solta Ella, furiosa. — Só tá fazendo esse joguinho com ele porque ainda tá a fim do Derek. Segundo, eu só não te contei porque você adora arranjar confusão. — Ela faz um gesto em direção ao restante do grupo. — Como agora.

Amber estreita os olhos.

— Tá nervosa, é? Pra que ficar se defendendo tanto só porque alguém insinuou que você gosta do Holden... a menos que seja verdade.

— Já deu. Não vou entrar nessa com você — diz Ella, dando as costas para o grupo e saindo irritada.

Mas, assim que ela passa pela porta da cozinha, Justin segura seu braço, fazendo-a parar.

Ele franze as sobrancelhas, visivelmente tenso.

— O que tá rolando aqui?

— Não tá rolando nada — responde Ella. — E aqui não é lugar pra falar sobre isso.

— Engraçado, é exatamente aqui onde eu quero falar sobre isso — dispara Justin.

— A Amber só tá...

— A Amber é a Amber. E daí? Mas já parou pra pensar em como eu fico nessa história? Com você toda sem graça por ter beijado outro cara? — solta ele, furioso.

— Sem graça... — começa Ella, quase explodindo. — Foi só um *selinho*.

— E, até agora, você não negou que *gosta* do Holden.

Por um segundo, Ella fica sem reação. Justin balança a cabeça.

— Quer saber? Foda-se. Beija quem você quiser. Por mim, tanto faz.

E sai andando. Derek pega umas cervejas e vai atrás do amigo.

Ella segue na direção contrária, a expressão oscilando entre raiva e vergonha.

— Tá feliz agora? — diz Leah para Amber, com nojo, e sai da cozinha atrás de Ella.

Amber põe a mão no peito como se tivesse sido ferida, depois sai do cômodo, deixando August e eu sozinhos num silêncio perplexo.

Pela expressão confusa no rosto dele, sei que está tão perdido quanto eu.

— Que merda foi essa?

— Amber, lógico — digo, irritada por não ter previsto isso. — Temos que dar um jeito nessa situação logo. *Não dá* pra deixar todo mundo pensando que a Ella gosta de você ou, pior, que é recíproco. A gente tá quase sendo chutado desse grupo e empurrando Ella mais ainda pros braços do Justin. — August franze o cenho, mas fica em silêncio. Então eu tomo as rédeas da situação. — Olha, sei que é uma droga, mas você precisa ficar longe dela hoje. Talvez até por mais tempo. Nem pensa em olhar pro lado dela quando Justin estiver por perto, senão tudo vai pro espaço. Agora a gente tem que resolver as coisas com o grupo. — Lanço um olhar firme para ter certeza de que August está entendendo a gravidade da situação, mas ele ainda parece estar com a cabeça longe. — Tá ouvindo? É um alerta vermelho.

Mas ele só responde, distante:

— Tô.

37
AUGUST

Passamos a hora seguinte tentando dar um jeito no estrago que o joguinho manipulador de Amber causou. Faço as pazes com Justin durante uma partida de *beer pong* e infelizmente acabo bebendo junto com ele. Tiny tenta convencer Ella de que ela não fez nada de errado e, enquanto isso, Amber não fala uma palavra nem tenta se desculpar. Ella foge a todo custo de qualquer contato visual comigo. As coisas ainda estão bem longe de serem resolvidas, mas pelo menos eles deram uma trégua na briga e, pelo visto, voltaram ao clima de festa.

Estou com Tiny na fila interminável do banheiro e, enquanto observo as dez garotas na nossa frente, me arrependo de ter tomado aquela cerveja.

— Tô quase indo me aliviar no mato.

— Holden McPaixão, se você colocar seu piu-piu pra fora nessa festa, seja lá por quê, eu mesma faço questão de dar um chute nessa sua bunda — diz Tiny.

Dou risada, apesar de a noite estar uma merda.

— Vou subir. Quer vir também?

Tiny hesita, os olhos fixos em Leah, que está indo para a sala, onde estão os petiscos.

— O banheiro vai ter que esperar. — Sem nem olhar na minha direção, ela acrescenta: — Aguenta uns minutinhos depois de ir no banheiro antes de vir falar comigo e com a Leah, tá?

— Me manda uma mensagem — digo, e seguimos em direções opostas.

Subo a escada, desviando das pessoas espalhadas nela. Ainda dá para ouvir a música, mas bem mais baixa. Apesar de ter uma galera por aqui, o clima está

mais tranquilo. No primeiro quarto em que entro vejo quatro garotas na cama e nenhum banheiro. E o segundo está trancado.

Vou até a terceira porta, mas, antes mesmo de pegar na maçaneta, ela se abre.

— Ah — diz Ella, parecendo surpresa e sem saber como reagir.

— Desculpa — falo sem pensar, e não só por tê-la assustado. — Estava atrás de um banheiro.

— Fica à vontade — responde, depois abre a porta, mas não sai da frente.

Fico inquieto. Não devia estar aqui falando com ela, ainda mais sozinho, pelo menos não se eu quiser apaziguar as coisas. Mas também não vou expulsá-la nem a deixar achar que fez alguma coisa errada. Porque não fez. E eu também não fiz. Ella podia muito bem ter seguido as regras de Amber e ter me dado um beijo de língua, mas não deu, porque não é esse tipo de pessoa. Gosto de conversar com ela, lógico, mas isso também não é nenhum crime.

— Desculpa também... — diz Ella, parecendo meio insegura. — Por aquele drama todo.

— Não precisa se desculpar.

Não suporto a ideia de agir como se a gente tivesse culpa de alguma coisa só porque Amber mandou.

— A Amber só... Deixa pra lá, não é nada de mais.

Ela não está olhando para mim, mas também não está indo embora. E mais uma vez fico entre a cruz e a espada: por um lado, sei que devia colocar um ponto-final na conversa. Por outro, quero reconfortá-la.

— Você merece coisa melhor do que a Amber e... — Paro de falar antes de pronunciar o nome de Justin, surpreso com a minha sinceridade, mas jogando a culpa na cerveja. Isso com certeza não está de acordo com a estratégia de Tiny nem com qualquer tática que a gente já tenha utilizado antes. Este é August, e não é apropriado. — Foi mal, escorpiana. Acabei indo longe demais. Vou no banheiro — digo, com o coração quase saindo pela boca.

Ela me encara por um segundo, mas logo desvia o olhar e repete:

— Fica à vontade — diz, apontando para o banheiro.

Antes de eu me virar, ouço Justin falando com aquela voz arrastada de quem bebeu umas:

— Gaaata, te achei.

Entro no banheiro já imaginando Tiny me dando uma bronca por quase ter estragado tudo. A real é que nem sei por que fiz isso, a não ser que talvez eu me importe demais, mas nunca vou admitir. Porque Justin lembra Kyle, porque talvez Ella tenha me ajudado mais do que consegui ajudá-la, e quero retribuir a gentileza. Porque talvez, lá no fundo, eu entenda por que Tiny sempre quer que eu assuma o papel principal nos casos: é difícil para cacete quando você se apega.

Uso rapidamente o banheiro, lavo as mãos, jogo uma água no rosto e fico um bom tempo me encarando no espelho. Mas, quando já estou voltando para o corredor, escuto por trás da porta as vozes de Ella e Justin e paro na mesma hora.

— Você tá com gosto de tequila — diz Ella.

— Derek — responde Justin, como se fosse uma explicação razoável. — Quer um pouco?

Ela dá risada.

— Hoje não. Mais cedo ou mais tarde eu *vou ter* que voltar pra casa. E meus pais vão ficar irritados se eu chegar lá tropeçando.

— Fala que vai dormir na casa da Leah. E fica aqui. Meus pais não estão em casa mesmo.

Eles ficam em silêncio.

— Tenho que acordar cedo pra escrever — diz ela, insegura, quase como se soubesse que a desculpa não vai colar.

— Você pode ficar um dia sem escrever.

— Não dá. Tenho prazo.

— Esse blog é uma babaquice. — Os dois ficam novamente em silêncio. — Que cara é essa? Relaxa. Você tem um blog de *astrologia*, não tá salvando a vida de ninguém, não.

Fico revoltado na mesma hora. Tudo bem que até umas semanas atrás eu achava astrologia uma palhaçada, mas é importante para Ella. Era o que ela compartilhava com a avó; devia ser importante para todo mundo que está ao lado dela.

— É bem escroto você dizer isso, e você sabe — rebate ela.

— Sabe o que é mais escroto? Você nunca me colocar como prioridade — desfere ele.

Fiquei diante da porta rachada de Des, com a mão pronta para bater. Depois que o meu pai saiu de casa, só dava boa-noite para a minha mãe de vez em quando, mas nunca deixava de dar para Des. Isso acabou se tornando importante de um jeito que eu não esperava, como se ela fosse meu ponto de equilíbrio, a certeza de que o mundo ainda era um bom lugar. Mas, antes de eu bater, ela começou a falar.

— Não tem como — disse. — De repente no fim de semana.

— Você não tem como ficar cuidando de todo mundo o tempo todo, Des — soltou Kyle.

Revirei os olhos. Ultimamente tudo girava em torno de Kyle. Ele estava começando a me irritar.

— Olha quem fala — respondeu minha irmã, e dava para ouvir o sorriso na voz dela.

— Toma mais um gole de cerveja. — Ele fez uma pausa, depois continuou: — Vamos fazer o seguinte: você sai por uma hora. Só uma horinha. Nada de mais.

— Tenho que trabalhar amanhã — disse Des.

— Eu te acordo.

Des deu risada.

— Tá bom que eu vou cair nessa. — Mais uma pausa. — Que foi?

— Nada. Já te disse isso antes. Eu sempre fico por último. Você nunca me coloca como prioridade.

— Kyle — ela falou de um jeito que dava para perceber que ele tinha conseguido apelar para sua sensibilidade. — Eu não te deixo por último. É que o August...

— Tá lá com a amiga dele. Tá ótimo.

— É, mas...

— Mas nada. Você não é a mãe dele, Des. August já é adolescente, deixou de ser um bebê. Para de tratar ele assim.

O que ele disse me tirou do sério na mesma hora, principalmente porque era verdade. Eu sabia que me apoiava demais na Des, que ela tinha assumido mais responsabilidades do que devia comigo, com as contas de casa, com nossa mãe, e tudo isso enquanto fazia faculdade. Mas quem ele pensava que era para ficar dando palpite? Mesmo assim, abaixei a mão: não queria provar que ele estava certo

sobre eu ser um peso para a minha irmã. E pela primeira vez em muito tempo fui para o meu quarto sem dar boa-noite para ela.

Naquela época, eu não sabia que nunca mais teria a oportunidade de dar boa-noite para a minha irmã.

— Tá brincando, né? Eu sempre te coloco em primeiro lugar — rebate Ella, e a lembrança da noite em que perdi minha irmã me atinge como um soco. Digito uma mensagem rápida para Tiny, pedindo para ela vir aqui desmascarar Justin. *Agora*. — Larguei o jornal da escola e virei líder de torcida só pra gente poder passar mais tempo juntos... — prossegue, mas Justin a interrompe.

— Tá de sacanagem? — explode Justin, como se ela não estivesse falando coisa com coisa. — É pra eu me sentir culpado por querer ficar com a minha namorada? Você sabe muito bem que o futebol toma boa parte do meu tempo.

— Ah, claro, quando é o futebol, tudo bem. Mas quando é meu blog ou a faculdade que eu quero fazer...

Por um segundo, tenho uma ponta de esperança de que ela diga que a partir de agora vai escolher a si mesma.

— Então vai, termina comigo — diz Justin como se fosse um desafio, e sou tomado por uma raiva completamente irracional. Essa é a pior maneira de manipular uma pessoa. Mando outra mensagem para Tiny, pressionando as teclas com força. — Se tô sendo um obstáculo entre você e uma faculdade de merda em Londres, vamos terminar de uma vez, porque não quero me apaixonar por alguém que sei que não vai ficar comigo.

Agora ele vem falar em paixão? Otário. A voz de Tiny ressoa na minha cabeça, dizendo que amar significa querer o melhor para a outra pessoa, mesmo que não seja o melhor para você. Dou uma olhada nas minhas mensagens para Tiny, mas nada de resposta.

— Não seja ridículo. Você sabe que eu quero ficar com você.

Dá para perceber a culpa pesando na voz dela.

— Então prova — desafia Justin. — Prova passando a noite aqui comigo.

— Justin... — diz Ella, e sua voz vai ficando cada vez mais distante, como se estivessem indo até o quarto dele. Preciso abrir um pouco a porta do banheiro para continuar escutando. — Eu quero, mas... não hoje.

— Então acho que já tenho a minha resposta.

— Espera — pede ela, e dá para sentir o desconforto em sua voz.

— Tô começando a ver que você não é quem eu pensava que fosse — solta ele, como se ela não passasse de uma decepção.

Respiro fundo. Que comentário mais bosta.

— Como é que você tem coragem de...

— É só escolher, Ella. Vai passar a noite comigo ou vai embora? — Eles ficam em silêncio por um instante, depois ele acrescenta, num tom de voz mais carinhoso: — Olha, El, só quero que as coisas deem certo pra gente. Vamos fazer dar certo?

Sinto um aperto no peito e a frustração toma conta de mim, pesada como uma tempestade. Combinamos que Tiny ia intervir entre Ella e Justin, mas aqui estou eu mais uma vez, me sentindo como aquele moleque parado atrás da porta, sem saber o que fazer. E não vou cometer o mesmo erro duas vezes.

Dou uma última olhada no celular, mas ainda não recebi nenhuma resposta de Tiny, então abro totalmente a porta do banheiro e vou para o corredor.

Minha boca abre antes que eu consiga me controlar:

— Cara, deixa ela em paz.

Ella me encara, os olhos arregalados.

Justin se vira.

— Como é que é?

38
VALENTINE

Leah se apoia na enorme mesa de jantar e dá uma olhada nos petiscos. A parte de trás da camiseta dela está toda molhada.

— Guerrinha de água? — pergunto.

Ela dá risada.

— Ah, uns idiotas ligaram os irrigadores lá fora e estão fazendo as almofadas das espreguiçadeiras de escorrega.

Abro um sorriso.

— Faz sentido — comento. Leah afunda numa cadeira de madeira e pega uma vasilha com pastinha de legumes. Pego uma garrafa de água com gás e abro. — Que noite esquisita, hein?

Ela dá de ombros.

— É, mais ou menos. Mas nem me surpreendo.

— Não se surpreende com o quê?

— Com nada — diz, mastigando uma cenoura com molho tártaro.

— Amber e Ella?

— Ah, faz meses que as duas vivem se alfinetando. Só que agora aconteceu na frente de todo mundo.

Pego um punhado de salgadinhos, pensando no que dizer.

— Deve ser tenso pra você ficar no meio.

— Cara, você não faz ideia — responde Leah. — A Amber consegue ser insuportável. Insuportável, *de verdade*. Mas isso não é novidade pra ninguém. Nem é tão chocante quanto a Ella fez parecer.

— Será que não foi porque a Amber quis meter o bedelho no relacionamento da Ella com o Justin?

Leah pensa um pouco.

— É, acho que ela estava querendo chamar a atenção dele.

Enquanto mastigo o salgadinho, penso em como esticar mais a conversa.

— Não sei se eu devia te dizer isso... Sei lá, acho que não é da minha conta, mas... Ah, deixa pra lá.

Leah abre uma garrafa de água e ri.

— Você não pode começar a falar um negócio desses e me deixar na curiosidade. É cruel.

Regra universal: fofoca é um negócio irresistível. Acabo rindo também.

— É que... Ah, reparei em Amber e Justin trocando uns olhares. Sabe aqueles olhares de quando você tá a fim de alguém?

Leah hesita, depois olha ao redor da sala como se estivesse pensando se deve ou não me contar alguma coisa. Mas só diz:

— É, eu vi.

Meu celular vibra, mas estou tão concentrada na conversa com Leah que nem olho.

— Você não parece nem um pouco surpresa — pressiono.

— Sei lá — rebate, mas dá para ver que ela tem, sim, uma opinião sobre o assunto.

— A Amber é sempre assim? Gosta de flertar com as pessoas? — pergunto, como se não fosse nada de mais.

Leah pensa um pouco.

— Sim, mas de forma seletiva.

— Seletiva com o Justin, você quer dizer?

— Eu... olha, sabe de uma coisa? — Ela ri. — Tô meio bêbada pra ficar falando disso.

Só que o jeito como ela fugiu do assunto já me diz muita coisa.

Meu celular vibra de novo, e dessa vez dou uma olhada. É uma mensagem de August. Na verdade três mensagens, mas não são para perguntar se já pode vir aqui falar com a gente. Dou uma desculpa rápida para Leah e subo correndo a escada.

Dou de cara com Justin e August se encarando no corredor.

— Eu falei pra deixar ela em paz — diz August, e meu estômago embrulha de vez.

— Vaza daqui, irmão — rebate Justin.

E sei que, se August insistir, a coisa vai ficar feia. Talvez já esteja. O que foi que eu perdi?

— Se você parar de manipular sua namorada, vazo numa boa, agora mesmo — solta August.

Se eu já estava chocada antes, agora estou quase tendo um troço.

A expressão dele é séria, passa confiança. August é um cara alto, tem o corpo definido de tanto nadar, mas não é do tipo que fica levantando peso, como Bentley, nem do tipo que joga futebol, como Justin. Mesmo assim eu apostaria nele sem nem pensar duas vezes. Acontece que não quero fazer aposta alguma. Que merda ele está fazendo?

Justin fica vermelho de raiva, mas, antes que ele possa responder, eu me coloco rapidamente entre os dois.

— Ah, achei vocês — digo num tom de voz alto e alegre, como se não tivesse reparado na tensão pairando no ar. — Justin, não sei se é grave, mas alguém ligou os irrigadores lá fora e tem uma galera brincando de escorrega com as almofadas das espreguiçadeiras.

Ele olha para mim, para August e de novo para mim, como se estivesse pensando o que deve fazer.

— Mas não estão perto do jardim, estão? — pergunta Ella, mais enfática do que o necessário, e percebo que ela está tentando me dar uma força. — Justin, sua mãe vai te matar.

Coloco mais pilha para intensificar a preocupação:

— Acho que vi alguém arrancando um pedaço da roseira, mas não sei direito — respondo, improvisando.

— Tá zoando? — diz Justin; dá para ver a raiva transbordando.

Faço que não com a cabeça. Ele vai em direção à escada, passando por August e dando um empurrão nele com o ombro. Quando Ella vai atrás, August fica com a expressão completamente abatida.

Fico olhando para ele, dividida entre a vontade de socá-lo e o desejo de consolá-lo. Sei que esse caso está sendo difícil, mas August tem um autocontrole impressionante. Se ele se meteu é porque Justin devia estar sendo

tão babaca que ele não conseguiu se segurar. Mas também significa que está mais emocionalmente envolvido nisso do que eu imaginava. O que exatamente está acontecendo com o meu melhor amigo?

— Foi muito grave? — pergunto quando todos já estão longe o bastante.

— O quê? — pergunta ele, claramente chateado.

— Você e o Justin — questiono de novo, sem conseguir disfarçar a frustração por ele ter prejudicado nosso plano.

— Ele estava sendo um escroto, um manipulador de merda — dispara ele e, pelo tom de voz, dá para ver que está colocando Justin no mesmo nível de Kyle.

— Aí você partiu pra cima dele? Não dava pra distrair o Justin ou dar uma acalmada na situação? Porque, cara, se meter no relacionamento deles faz parecer que você tá tentando ficar com a Ella. Depois de tudo que aconteceu hoje, essa foi a pior estratégia de todas.

— Eu precisava falar — rebate August. — Você não viu como ele estava.

— Eu vi aquele dia no barco, lembra? Era pra você ter me esperado.

— Você não respondeu minha mensagem.

Hesito um pouco.

— Ah, então agora a culpa é minha?

— Não — diz, mas dá para sentir a tensão no ar. — Tá dizendo que eu sou culpado?

Ficamos nos encarando, e é óbvio que um está jogando a culpa no outro. August está se envolvendo demais no caso; gosta mais de Ella do que seria sensato. E, se não segurar a onda, a situação vai sair do controle. Talvez já tenha saído.

39
AUGUST

Fiz merda. Uma merda enorme. Não tenho uma desculpa razoável para ter feito o que fiz, só sei que acabei deixando minhas emoções tomarem conta. Estou perdido... Dar importância a esse caso só está prejudicando meu trabalho e diminuindo minhas chances de ajudar Ella.

Deitado na cama, jogo o cabelo para trás e descanso a mão atrás da cabeça.

Não importa quantas vezes eu tente racionalizar a situação: esse caso mexe pessoalmente comigo. Sim, em parte por causa de Des, só que esse não é o único motivo. Sei que Tiny acha que estou a fim de Ella, mas não estou. Quando você fica a fim de alguém, sente aquela coisa leve, o coração acelera, rola uma troca de olhares. Você comemora quando esbarra sem querer o joelho na pessoa por baixo da mesa, e, no final, no máximo, deixa escapar um suspiro exagerado.

Mas o que significa quando você quer se tornar um ser humano melhor por causa da outra pessoa? Quando tem vontade de contar seus pensamentos e encarar conversas difíceis? O que significa quando você sente as tristezas da pessoa e quer que ela compartilhe da sua felicidade?

Merda.

Dou mais uma olhada na minha conversa com Ella, que parou de repente, e sinto o bolo na garganta se intensificar ainda mais. Pode ser que eu tenha estragado tudo. De uma vez por todas. E sei que mandar uma mensagem para ela agora é a pior coisa que eu poderia fazer. Um passo em falso pode ser o suficiente para destruir algo tão delicado quanto uma nova amizade.

Amizade. É isso que Ella e eu temos? Ela é minha amiga? Passo as mãos pelo rosto. Sei que tem algo de errado, mas não tenho coragem de encarar a situação.

Suspiro observando os livros empilhados na mesa de cabeceira e meu gato idoso aninhado no meu braço. Tenho tudo de que preciso para ser feliz. E mesmo assim... que dia de merda.

Estou aceitando tudo que não posso controlar... mas é melhor enfiar tudo numa caixa e esconder no fundo da minha cabeça, porque acho que desse jeito vai ser mais fácil.



40
VALENTINE

Já é superesquisito ver August na fossa por causa de uma garota. Agora, vê-lo na fossa por causa de uma garota que é a peça principal do maior caso que a gente já teve me deixa preocupada. Não sei o que ele espera que aconteça. Não tem como ele ficar com Ella. A garota acha que ele é um pintor playboyzinho chamado Holden, e que a mãe dele está viajando de iate. Não há uma maneira de sair dessa sem explicar nosso trabalho para ela, o que com certeza a faria nunca mais olhar na cara dele.

Por falar em gente na deprê, dou uma olhada na minha conversa com Bentley. Nada de novo. Mandei uma mensagem ontem enquanto estava na festa, mas ele não respondeu. Dou umas batidinhas com minha caneta roxa nos lábios, depois a enfio na espiral do caderno. Saio da cama pensando em ir até a janela, mas mudo de ideia e, em vez disso, acabo resolvendo descer a escada.

Vou para a cozinha, onde tem uma janela enorme que dá para a casa dele. Os gêmeos estão nadando e a mãe está de olho, mas nada de Bentley. Na verdade, a picape dele nem está na garagem. Aí me lembro: hoje é domingo.

— Tá espiando a casa do vizinho de novo?

Levo um susto.

— *De novo?* Eu não fico olhando pra casa do Bentley.

— Ah, entendi. Tá só garantindo a segurança do bairro, né? — diz ela, abrindo um sorrisinho. — Desculpa.

Faço uma careta e retruco:

— Você nem sabe do que tá falando.

Mas o sorrisinho dela continua firme e forte.

— O que é que a sua mãe não sabe? — pergunta meu pai, entrando na cozinha.

— Nada — respondo.

Ele olha de mim para a minha mãe, depois de novo para mim.

— Ah, é aquele assunto da quedinha pelo vizinho que você não quer que eu comente.

— Prem! — exclama minha mãe.

— Pai! — digo ao mesmo tempo.

Ele levanta as mãos, se fazendo de desentendido.

— Vou só pegar um negócio na geladeira. Alguém quer chá gelado?

Olho desconfiada para a minha mãe.

Ela pega dois copos no armário e coloca na bancada para meu pai servir o chá, depois dá um beijo na bochecha dele.

— Somos seus pais, meu amor. De vez em quando a gente fala de você.

Meu pai pega a jarra da geladeira e dá um sorrisinho todo bobo para a minha mãe. Eca. O que está acontecendo com esses dois, hein? Quente, frio, quente de novo.

— Mas, já que a gente tocou no assunto, você não acha que esse tal de Bentley é meio... Como vocês chamam mesmo? Galinha? — pergunta meu pai, usando a expressão mais constrangedora possível.

— É, não. Não vamos entrar nesse assunto — respondo, me perguntando se dá para morrer de constrangimento por ouvir seu pai falando sobre a sua vida amorosa. — A gente pode conversar sobre qualquer outra coisa. Qualquer coisa mesmo.

Minha mãe parece achar graça, mas pelo visto meu pai ainda está pensando em prolongar o assunto e me deixar traumatizada pelo resto da vida.

— Chama ele pra festa do seu pai no domingo — sugere minha mãe. — Acho que ele ia ficar bem de roupa de festa.

Por um instante fico empolgada com a ideia, mas logo penso em August e no fato de ainda não ter contado a ele sobre como me sinto. Perdi a oportunidade ontem à noite com toda aquela confusão.

— É, acho que seria legal — digo.

Meus pais vão para a sala com os chás gelados, e eu corro de volta para o quarto para trocar de roupa, animada com a ideia de usar a festa como desculpa para fazer as pazes. Nem mando mensagem para Bentley: num dia bonito desse, sei exatamente onde ele deve estar.



Jogo meu chinelo na areia quente e na mesma hora percebo que já estou com marquinhas nos pés por conta das tiras: um clássico do verão que faz eu sentir como se um pedacinho do sol fosse só meu. Ajeito o biquíni por baixo do vestido de algodão e sigo confiante pela praia, me dando conta de que, num domingo à tarde, não existe nenhum lugar no mundo mais lotado do que esse.

Desvio de cangas e famílias com caixas térmicas e caminho em direção à torre de salva-vidas, onde há três pranchas apoiadas. A maior parte do pessoal do colégio está aqui pegando sol ou curtindo as ondas. Quando alguns me dão um "oi" meio preguiçoso por baixo dos óculos escuros, me bate um medo de que Bentley volte a agir daquele jeito prepotente, me tratando que nem uma maluca que fica correndo atrás dele e me ignorando na frente dos amigos.

Vejo-o saindo do mar com a prancha debaixo do braço, o abdômen sarado brilhando. Crio coragem e vou até lá, ignorando o estômago embrulhado de ansiedade.

— E aí? — digo, me aproximando da areia molhada.

Mas é Charlie quem me vê primeiro.

— E aí, Valentine, há quanto tempo não te vejo num rolê — diz ele. Bentley parece não estar entendendo nada. — Ela tá te procurando, idiota — acrescenta Charlie, e sinto minhas bochechas esquentarem. — Olha só, tá até ficando vermelha — continua, dando uma risadinha. — Que cheiro é esse? Será que o amor tá no ar?

— Cala a boca, cara — diz Bentley sem tirar os olhos de mim, e fico aliviada.

Não preciso de Charlie Atkins me fazendo sentir mais palhaça do que já estou.

— Se liga nessa troca de olhares. Sedução total — continua Charlie, arqueando a sobrancelha para a gente.

— Chega, irmão, rala daqui — fala Bentley, afastando o amigo, que felizmente vai embora, mas não sem antes fazer barulhos de beijo e dar uma risadinha.

E mais uma vez eu me pergunto por que achei que seria uma boa ideia vir resolver as coisas na praia.

Bentley coloca a prancha na areia e sobe aquele cheiro da cera de coco. Só que ele não diz nada. E, infelizmente, depois da cena que Charlie fez, metade da praia está de olho em nós dois.

— Será que a gente pode ir pra outro lugar? — pergunto.

— Tô surfando — rebate ele, distante.

Finco os pés na areia, evitando os olhares curiosos, incluindo de Cassie, sua ex, aquela típica garota popular e fofoqueira.

— Entendi — digo, meio confusa.

No fundo, não quero admitir que gosto dele mais do que pensava. E com certeza não quero fazer isso na frente de todos os meus colegas de escola.

Ele espera eu falar alguma coisa, mas, como fico em silêncio, vai em direção à prancha.

— Espera — digo.

— Esperar o quê?

— Vim pedir desculpa — começo, e ele fica me encarando. — Sei que não sou a pessoa mais fácil de lidar.

Tenho consciência de que essa é só a pontinha do iceberg. Parece que peguei a Síndrome do Silêncio Constrangedor de August Mariani.

— O que você quer dizer é que você tava com vergonha de sair comigo — corrige Bentley.

Acabo me encolhendo. Porque ele tem razão. Porque nunca achei que fosse acabar gostando de um cara que surfa, joga futebol e fica se achando por causa de quantos abdominais consegue fazer, mas que não passa de um aluno mediano na escola. Ele é basicamente o oposto do meu tipo.

— Não tava...

— Só não mente, vai — rebate ele, e na mesma hora me arrependo daquele acordo que fizemos.

Essa história de honestidade é um saco. Só um eremita pra dizer que isso é uma virtude.

— Tá bom, você tem razão, eu não queria que o August descobrisse — admito. — É complicado.

— Não só o August. Vi como você ficou quando percebeu que tava todo mundo prestando atenção na gente.

Ele faz um gesto em direção ao pessoal da escola na areia. Fico olhando para Bentley, que, na verdade, é bem mais observador do que eu imaginava.

— É porque é uma conversa pessoal — explico.

Nossa, eu estou sendo muito babaca.

— Pedir desculpa porque você *não é a pessoa mais fácil de lidar* se encaixa na categoria de conversa pessoal? — pergunta ele, repetindo minha desculpa esfarrapada.

Uma brisa vem do mar, fazendo uma mecha de cabelo cair no meu rosto, mas logo a coloco atrás da orelha.

— Você tá sendo...

Mas, quando vejo que vou terminar a frase com *injusto*, paro de falar. Ele tensiona a mandíbula.

— Se tem alguém precisando esconder alguma coisa aqui, sou eu, pra disfarçar que você tem vergonha de mim. Não o contrário. Acho que tá na hora de eu entender a indireta.

Fico mexendo na alça do biquíni, enrolando e desenrolando, me sentindo uma imbecil.

— É isso, então? Vai simplesmente parar de falar comigo?

— Fala sério, Tiny. Se a gente trocasse de lugar, você ainda ia dizer pra eu continuar correndo atrás de uma garota que age como se sair comigo fosse um favor?

Nossa. Essa doeu.

Era disso que ele tinha medo quando me contou que cuidava dos irmãos: que eu julgasse, achasse que ele não é bom o suficiente. E, lógico, apesar de eu ter dado aquela lição de moral dizendo que não era esse tipo de pessoa, olha só onde estou: escondendo-o de August e morrendo de vergonha por estar na frente de todo mundo da escola.

Bentley vai novamente em direção à prancha e sei que, se ele for embora, já era.

— Beleza, então. Honestidade, né? — digo enquanto ele coloca a prancha debaixo do braço, já voltando para o mar. — Você não faz o meu tipo. Eu não quero gostar de você.

Ele morde os lábios.

— Beleza. Agora que a gente já resolveu isso...

— Espera, não terminei — digo, mas ele já está me dando as costas. — Nem pensa em sair com essa prancha, Bentley Cavendish. Tá sendo difícil pra mim, e não quero falar com pressa por medo de você ir embora, porque vou acabar me embolando. E eu quero... Quero muito falar direito tudo que tô sentindo. — Ele me encara, arqueando a sobrancelha. — Como eu tava dizendo, não quero gostar de você. Você complicou a minha vida de todos os jeitos possíveis. Acontece que, não sei por quê, mas não consigo te tirar da cabeça. Fico lendo suas mensagens mil vezes por dia. Você é carinhoso e atencioso de um jeito que eu nunca tinha imaginado. E quando você me beijou... Putz. Parecia que as minhas pernas iam derreter, sério.

Aí, pela primeira vez desde que começamos essa conversa, a expressão dele dá uma suavizada.

— É?

— É. E o pior de tudo é que não é só porque você é ridiculamente bonito — digo, fazendo um gesto em direção ao peito dele —, mas porque, estranhamente, você é um cara legal. Fico tentando me convencer de que só quero te dar uns pegas, mas acho que não é isso. Você diz que gosta de mim há muito tempo, e, mesmo que eu tenha demorado para me dar conta, também gosto *muito* de você. Uma parte de mim quer se esconder, lógico. Mas não pelos motivos que você tá achando. E, sim, porque admitir que gosto de você me deixa vulnerável de um jeito que não tô acostumada. E meio que te odeio por isso. — Ele vai ficando cada vez mais alegre. — Bom saber que pelo menos um de nós tá achando graça — comento.

— Um de nós não tá achando graça. Um de nós tá feliz pra cacete.

Tento sustentar a cara de brava, mas é impossível com ele sorrindo desse jeito.

— Mas vou logo te avisando, Bentley: se isso for um joguinho e você estiver brincando com os meus sentimentos, se prepara, porque vou te dar um soco.

— Esse é seu jeito de me pedir pra te beijar?

Olho bem nos olhos dele.

— Esse é meu jeito de te avisar que não tô de brincadeira e não gosto de joguinhos.

Mas, antes que eu consiga dizer mais alguma coisa, ele me pega e me coloca em cima do ombro, depois começa a correr pela praia, pulando por cima de pernas e caixas térmicas, gritando:

— Vitória!

Por mais que essa palhaçada toda seja exatamente do que eu tinha medo, também é o que faz Bentley ser quem ele é. Dou risada até as bochechas doerem.

Quando ele finalmente me põe no chão, estamos os dois sem fôlego. E, quando ele se inclina para me beijar, faço o mesmo e colo meu corpo na sua pele toda queimada de sol. E aqui na areia, na frente de todo mundo, a gente se beija de um jeito que me deixa com frio na barriga e o coração disparado, enquanto nossos colegas riem e batem palmas.

E é assim que curtimos o restante da tarde: rindo, nadando e beijando. Bentley chega até a me dar uma aula de surfe que acaba sendo muito mais divertida do que eu imaginava, principalmente a parte em que ele fica segurando minha cintura para me ensinar a me equilibrar na prancha.

Recebemos uns olhares curiosos e dá para ouvir as pessoas cochichando. Mas a gente não está nem aí. A única pessoa que eu não consigo ignorar é Cassie, que a cada vinte minutos me olha como se quisesse me matar.

— Qual é a dela? — pergunto a Bentley enquanto faço um gesto de cabeça na direção da garota, depois de mais uma revirada de olhos e uma cara feia.

Ele sacode a canga de listras azuis e brancas e estica o tecido na areia.

— Cassie? Nada de mais.

— A cara dela diz outra coisa — insisto, arqueando a sobrancelha.

Deito de costas na canga, o cabelo ainda salgado da água do mar e a pele arrepiada por causa das ondas geladas. Ele se deita de bruços ao meu lado e se apoia nos cotovelos.

— A gente é só amigo. Pode ficar tranquila.

— Tá — digo, aceitando a resposta. — Estava pensando... o que você acha de ir lá em casa no domingo? Meu pai vai dar aquela festa que ele dá todo ano.

Não preciso explicar que é a festa na qual um monte de gente famosa invade meu quintal para comer petiscos enquanto desfila para lá e para cá com tênis branquíssimos. Com toda a atenção que esse evento já recebeu de revistas e sites de fofoca, todo mundo por aqui já ouviu falar dele.

— Tá me convidando pra ir com você? — pergunta, um sorrisinho se formando.

— Tô, sim — respondo, surpresa com a forma como as coisas estão fluindo.

Não sei por quê, mas achava que passar mais de dez minutos com Bentley seria um prato cheio para momentos constrangedores e conversas artificiais. Mas não está sendo nada disso. Está tudo tão leve. Tão tranquilo.

— Beleza, porque eu com certeza tô dentro.

Charlie solta uma gargalhada escandalosa umas cangas adiante, gritando que acabou de jogar uma jujuba pelo nariz direto numa latinha de refrigerante.

— Mas o Charlie não tá convidado — digo, só para deixar claro.

— Tá brincando, né? Eu não convido ele nem pras festas de aniversário dos meus irmãos. Zero maturidade — explica ele, e acabo caindo na gargalhada. — Então quer dizer que seus pais vão estar lá...

— Vão, claro. Tem algum problema?

— Problema, não, é só que... parece meio importante.

Olho de lado para ele.

— Você é meu vizinho. Já viu meus pais umas mil vezes.

— Eu sei — diz, com uma carinha tão nervosa que chega a ser fofo. Dou um sorriso. — Mas nunca fui apresentado como a pessoa que tá com você. É diferente.

— Se eu fosse você, me preocuparia mais com o August — digo, tentando parecer descontraída.

Mas Bentley não acha graça.

— Certo — responde. — Porque vocês dois trabalham pro seu pai.

E aí, de repente, eu também não acho mais graça. Bentley não sabe sobre a Amor de Verão. Ninguém sabe. Apesar de ter certeza de que não seria o fim do mundo se ele descobrisse, contar significaria trair a confiança de August. Mas, se eu não contar e Bentley acabar perguntando sobre o tal estágio na indústria

musical que inventei, meu pai, além de não entender nada, também vai ficar furioso por eu ter mentido. Como é que não pensei nisso antes?

41
AUGUST

As garras de Swee estão me arranhando, mas ele está tão confortável que fico com pena de incomodar.

— O dia tá uma merda — conto para ele, que responde com um ronronar.

Meu celular apita e pego ele tão rápido da mesa de cabeceira que acabo derrubando meu livro e perdendo a página em que estava. Swee fica me encarando, meio com cara de sono, meio indignado. Mas é só uma mensagem da minha mãe.

Mãe

Oi, meu amor, posso te pedir um favorzão? Traz aqui na casa dos Kellerman meu estojo de pincéis de detalhamento? Estão na mesa da cozinha.

Fico encarando a tela, sentindo um mal-estar só de pensar em passar na casa dos Kellerman. Estou feliz que minha mãe tenha arrumado um trabalho e não me incomodo de ajudar, mas ela é adulta. Se esqueceu os pincéis em casa, ela que volte para pegar.

Mas, em vez de responder, abro minha conversa com Tiny.

Eu

Tá aí? Tô precisando de uma ajuda.

Penso em ir de carro até a casa dos Kellerman e pedir a Tiny que deixe os pincéis na varanda. Em dois minutos resolvo o problema. Enquanto ela não responde, olho pela janela e percebo que o Jeep não está na garagem. Mas nosso carro está aqui, então minha mãe foi a pé para o trabalho hoje.

— Droga — digo para mim mesmo, já me levantando.

Apesar de querer desesperadamente dizer *não* para a minha mãe, sei que não vou conseguir fazer isso.



A casa branca em estilo colonial dos Kellerman, com uma varanda enorme e um jardim impecável, continua com aquele aspecto esnobe de sempre. Dá para ver que minha mãe avançou no trabalho de pintura da fachada, mas fico me perguntando se era mesmo necessário ou se só a chamaram por pena.

Sentado no nosso Volvo antigo, tento pela terceira vez ligar para a minha mãe, mas ela não atende. Seguro o volante com força.

— Sério, mãe?

Fico encarando a porta da casa dos Kellerman, pensando no que fazer. Não sei se Kyle está em casa ou se ele tem um carro esportivo e exagerado na garagem. Um carro parecido com o que ele levou eu e Tiny para darmos uma volta no meu aniversário de quinze anos, fazendo manobras malucas no estacionamento do supermercado enquanto a gente morria de rir, segurando firme o estofado. Um carro parecido com o que ele usava para fazer aquelas corridas na rua sem saída perto do campo de futebol. Parecido com o que matou a minha irmã.

Bato no volante, frustrado, e de repente decido sair do carro. Caminho com pressa pela calçada de tijolos, com o coração tão disparado que preciso ajeitar a camiseta. Subo os três degraus da varanda e coloco os pincéis numa mesinha, batendo com tanta força que chega a fazer barulho. Faço questão de não olhar pela janela.

Mas, assim que me viro, um carro estaciona na entrada da garagem, perto de onde parei. Para piorar meu dia que já está uma merda, Kyle desce do banco do carona.

A raiva e o desespero borbulham com tanta força dentro de mim que quase tropeço no último degrau.

Não olha para ele, ordeno a mim mesmo.

Acelero o passo, mas não é suficiente. Kyle já se despediu do amigo e está bem na minha frente.

Mantenho os olhos fixos no meu carro velho, tentando ignorar a presença dele. Até ele parar bem na frente do carro.

— August? — chama Kyle, e meu nome soa estranho quando sai da boca dele.

Agarrei a fita de isolamento com tanta força que minhas unhas inexistentes começaram a machucar minhas mãos. Fiquei ali sem conseguir me mexer, os olhos fixos no carro amarelo: o capô amassado numa árvore em frente ao campo de futebol, as portas abertas e as janelas quebradas. Não sabia quanto tempo tinha se passado desde que eu chegara ali. Horas? Minutos?

— August — disse Kyle, dessa vez usando meu nome de verdade, algo que nunca tinha feito antes. Ele só me chamava de Pequeno Mariani. Seu tom de voz estava pesado, exausto. — August, me desculpa — continuou, e imediatamente comecei a odiá-lo.

Por falar meu nome. Por ter aquele carro. Por ter nascido. Foi só quando ele tocou meu ombro que me mexi. Quem tinha dado a ele o direito de me tocar?

— Escuta — tentou mais uma vez; dava para sentir a culpa na sua voz. — Só quero te falar que...

— Não. — A minha voz saiu baixa, mas firme, e, antes que ele começasse a me dar uma desculpa que eu não ia aceitar, o interrompi no meio da frase. — Eu te vi mais cedo. No quarto da Des. Sei que isso tudo é culpa sua.

Ele engoliu em seco e desviou os olhos, mas, antes que tomasse coragem para dizer qualquer outra coisa, Tiny apareceu e me deu um abraço apertado.

— Sinto muito, August... Sinto muito, mesmo — dizia ela sem parar, soluçando, encostando a bochecha molhada na minha camiseta.

Mas eu não chorei. Fiquei em silêncio. E, com toda certeza, não aceitei o que tinha acontecido. Estava paralisado, como se a morte de Des tivesse apagado todo o brilho do mundo. A sensação de que estava tudo fora do lugar me esmagava, arruinando qualquer chance de acreditar que as coisas pudessem ser boas novamente.

De repente uma fúria insuportável me invade e começo a suar, como se a raiva estivesse saindo pelos meus poros. Tudo que eu sempre tive vontade de dizer na cara dele explode de uma vez só na minha cabeça. Olho para ele, mas logo desvio o olhar, com as mãos cerradas.

Passo por Kyle e ele faz a última coisa que eu imaginava: me chama e segura meu braço. Sinto tanta raiva que chego a ficar cego.

Antes de conseguir raciocinar direito ou me convencer de que não vale a pena me estressar, dou meia-volta, com os ombros tensos, e acerto o punho na cara dele. Com força.

Ele cambaleia para trás e leva a mão à bochecha.

— Qual foi, cara? — diz, me encarando com o olho que escapou do soco.

Por uma fração de segundo, me sinto aliviado. Me sinto bem. Ele merece isso e coisa muito pior. Mas logo depois o alívio desaparece. Fico me sentindo bobo, vulnerável, como se estivesse outra vez diante daquela fita amarela de isolamento, vendo minha irmã ser levada em um saco preto, sem poder fazer nada enquanto a pessoa mais importante da minha vida partia para sempre.



Desvio o olhar de Kyle, sentindo as bochechas queimando e os olhos ardendo, e entro no carro. Passo o caminho todo de volta para casa com as mãos cravadas no volante e com um bolo na garganta.

— Chega — digo para mim mesmo. — Me deixa em paz, porra!

Mas não adianta. Em vez disso, um desenho carregado de lembranças invade minha mente. Não é cheio de raiva e destruição, e sim de memórias mais delicadas: a roseira que Des plantou com a minha mãe quando eu nasci, o som da sua risada, a água salgada pingando do cabelo dela num fim de tarde quente no deque. Fico com o coração apertado, e meus lábios articulam palavras que nem sei direito como pronunciar. *Preciso de você, Des. Como é que você pôde me abandonar?*

42
VALENTINE

Enquanto atravesso meu quintal na luz do entardecer, sacudo o cabelo molhado ainda com o cheiro delicioso do xampu de jasmim que usei no banho. Deixei August sozinho por tempo suficiente para ele se recuperar do que rolou ontem, mas agora está na hora de voltar ao trabalho. Ah, e também está na hora de contar a ele sobre Bentley, antes que eu perca a coragem. Ainda estou nas nuvens com a lembrança do braço de Bentley na minha cintura enquanto a gente estava deitado na canga. Torço para que isso me dê um pouco mais de confiança.

Entro pela janela aberta do quarto de August, que está inclinado sobre a escrivaninha cercado de um monte de livros. Quando digo "oi", ele só me cumprimenta de volta, sem nem olhar na minha direção.

Fico um tempo o observando, pensando em como agir. Encontrar August lendo não é nenhuma novidade, mas vê-lo rodeado de tantos livros que daria para construir uma fortaleza? Aí já é outra história. Até penso em deixar o assunto para depois, mas acabaria correndo o risco de ele descobrir tudo por conta própria, o que pioraria muito as coisas e faria Bentley se convencer de que eu tenho mesmo vergonha dele.

Ah, que se dane.

— Eu gosto do Bentley. — Por um segundo o silêncio toma conta do quarto, e aproveito para continuar falando antes que a gente comece uma discussão: — Passei o dia todo com ele na praia. Já imagino o que você vai falar, sei que acha que ele não passa de um babaca mulherengo que curte

esporte e tal, mas, acredita em mim, ele é muito diferente. Toma conta dos irmãos, é atencioso, sensível... Acredite se quiser, mas ele é bem maduro quando precisa. Sei que é complicado e que você tem seus motivos pra não gostar dele, mas tenta dar uma chance...

Mas é só August virar a cadeira que paro de falar. O jeito como ele me olha, com uma mistura de mágoa e frustração, faz com que eu me arrependa imediatamente de não ter esperado ele estar de bom humor para falar sobre isso.

— Como assim você gosta dele? — pergunta, e, apesar de estar com a voz controlada, é difícil encarar a expressão no seu rosto.

— Eu tô a fim dele — respondo, começando a perder a confiança.

— Por causa de um dia na praia?

Faço uma careta.

— Não. A gente tem conversado por mensagem. E já saí umas vezes com ele. Não te contei porque achei que não fosse nada de mais.

Ele franze a testa.

— Se não era nada de mais, por que você mentiu?

— Sei lá, na verdade acho que só omiti. — Não sei por que eu disse isso, acho que o fato de ele estar calado me deixa nervosa. — Beleza. Eu menti. Que merda. Desculpa. Não queria que você ficasse chateado comigo.

— Então aquele dia que eu encontrei com ele na sua casa?...

— A gente já estava saindo.

— E quando você disse que precisava ajudar ele a tomar conta dos irmãos?

— Era mentira — confesso, com o rabo entre as pernas. Ele se recosta na cadeira e o silêncio volta a reinar. Pigarreio. — Não vai falar mais nada?

Mas ele nem se mexe. Parece uma estátua intimidadora que exala reprovação.

— O que você quer que eu fale?

Levanto as mãos.

— Sei lá. Que você tá chateado por eu ter mentido ou que você acha o Bentley um bosta? Qualquer coisa. Aí a gente discute e se resolve.

— Tô chateado porque você mentiu. E acho o Bentley um bosta.

Respiro fundo.

— Tá bom. Tudo bem. Olha, sei que mentir foi péssimo e que devia ter confiado em você. Era pra eu ter te contado que estava confusa e...

— Tiny — diz ele, o tom de voz cortante.

Paro no meio da frase.

— Quê?

— Vai pra casa.

— Como assim? — pergunto, chocada. — Você nunca me mandou embora.

— Não tô a fim de passar por isso.

Não resolver as coisas é uma das piores sensações que existem, e eu não consigo aceitar que é isso que ele quer.

— Isso o quê, discutir? Nem eu, e é por isso que quero resolver as coisas. A gente ainda tem que pensar em como vamos resolver aquele caso e...

— Tô falando sério. *Não quero você aqui*.

Golpe mortal. Levo a mão ao peito. Ele já ficou irritado comigo antes e já discutimos muito. Mas ele nunca disse que não me queria por perto.

— Você quer mesmo que eu vá embora? — pergunto, quase sussurrando.

Mas ele já se virou novamente para a escrivaninha sem nem levantar os olhos do livro.

— Quero.

Então, relutante, saio pela janela e desço a escada, com os olhos marejados e o coração apertado. Não consigo entender como tudo deu tão errado.

43
AUGUST

A porta lá embaixo faz um barulho e um segundo depois minha mãe me chama. Meu estômago se contorce de um jeito que me deixa enjoado. Olho para a janela pensando em ir atrás de Tiny, já que, pelo visto, a conversa com ela vai ser menos complicada. Mas, antes que eu consiga tomar uma decisão, minha mãe já está de pé na porta do quarto.

— August?

Ela me encara com uma decepção que só piora as coisas. Sua expressão oscila entre tristeza e preocupação.

— Tá precisando de alguma coisa? — pergunto.

Ou ela vai tocar no assunto do soco ou vai deixar quieto. Para ser bem sincero, não sei se ela tem coragem. A conversa mais séria que tivemos nesses últimos anos foi quando ela me pediu para retornar a ligação do meu pai e eu respondi que não fazia sentido.

— O que eu preciso é entender. — Como não falo nada, ela continua: — O que aconteceu hoje lá na casa dos Kellerman?

— Não aconteceu nada — respondo, indiferente.

— Então me explica por que o Kyle entrou em casa com o olho roxo e me disse pra te perguntar sobre isso? — questiona, com aquele tom típico de mãe que há muito tempo eu não escutava.

Mas, em vez de responder, pergunto apenas:

— Você foi demitida?

Porque a real é que essa é a única coisa que eu quero saber, a consequência que estou temendo há duas horas. Ela franze o cenho.

— Não. O Kyle não comentou nada sobre você pros pais dele. — Então quer dizer que eu tenho que me sentir grato? De jeito nenhum. — Pelo visto foi você quem deu um soco nele, né, August?

Ela me observa com tanta decepção que quase perco a paciência e pergunto o que achava que ia acontecer quando me mandou ir lá mais cedo.

O sangue sobe para o meu rosto.

— Ele tá vivo. Vai ficar bem.

Mas minha voz soa mais insegura do que eu gostaria. Sua expressão preocupada me faz desviar os olhos.

— Você não é assim. Não é de bater em ninguém. Me ajuda a entender o que está acontecendo com você, porque não sei mais o que pensar. Ele te falou alguma coisa? Fez alguma coisa? — pergunta. Balanço a cabeça enquanto encaro a barriga careca do meu gato, atrás de qualquer coisa que me prenda à realidade. — Então quer dizer que você bateu nele sem mais nem menos? Não acredito — prossegue ela, mas continuo olhando para baixo. — Me responde, August.

— Não sei o que você quer que eu diga.

— Qualquer coisa. Me diz o que você tá sentindo. — Mas, como não falo nada, ela só suspira. — *Me ajuda* a te entender — pede minha mãe. *Não tem como você me entender*, penso. Balanço de novo a cabeça e ela relaxa os ombros, exausta. — Então acho que não tenho outra opção a não ser de te colocar de castigo.

Olho para ela na mesma hora.

— Você não pode me colocar de castigo. Tenho que trabalhar.

— Então é do trabalho pra casa, da casa pro trabalho. E quero ver um relatório do seu chefe com o horário do seu expediente.

Levanto, me sentindo encurralado.

— Relatório com o horário do meu expediente? Você não sabe nem com o que eu trabalho. — E nem quero que saiba, mas esse não é o caso. Mesmo que eu trabalhasse num bufê, ela só saberia que trabalho muito. — A única coisa que importa pra você é que, quando a coisa aperta, sou eu quem pago a conta pra luz não ser cortada. É só por minha causa que a gente ainda não perdeu

essa casa. Não dá pra de repente você decidir virar uma mãe preocupada; não é o tipo de coisa que se faz só quando dá na telha. E ninguém põe de castigo um filho que tá prestes a ir pra faculdade. Há dois anos isso podia até funcionar. Agora simplesmente não cola mais.

O olhar de sofrimento dela faz com que eu me arrependa do que disse, mesmo que seja tudo verdade. De repente, tudo que eu mais quero é sair. Ficar longe do Kyle, da Tiny, da minha mãe. Qualquer lugar, menos aqui.

Pego o celular e passo por ela. Todo o papo sobre tentar me entender e, depois, me colocar de castigo morre na mesma hora, e ela não tenta me impedir.

44
VALENTINE

Já se passaram quatro dias e nem uma palavra de August. Desde a morte de Des, nunca ficamos tanto tempo sem nos falar. E está doendo. Minha mãe insiste em dizer que ele vai voltar a falar comigo, e Bentley dá aquela desculpa de que, às vezes, garotos precisam de espaço. Mas não consigo deixar de me sentir estranha, como se tivesse perdido meu coração ou meus pulmões, uma coisa tão essencial que é simplesmente impossível sobreviver sem.

Espio pela janela da sala a escada que dá no quarto de August. Mas nem penso em ir até lá, não depois de ele ter me botado para fora. Então pego o celular e começo a olhar minha conversa com Leah, Amber e Ella, só para me distrair. Acontece que todas dizem basicamente a mesma coisa; está todo mundo se fazendo de desentendido. Descobri que os surfistas do quintal fizeram uma zona muito maior do que eu tinha contado: acabaram com o jardim da mãe de Justin (com direito a muito barulho), a polícia apareceu e os pais dele acabaram voltando mais cedo da viagem. Resultado: os pais de algumas pessoas do grupo (incluindo os de Ella) cancelaram o cartão de crédito ou tiraram o carro dos filhos.

Mandei um print da notícia para August, junto com um "Ainda bem que a gente saiu logo, senão meus pais iam me matar. E ainda bem que a Leah ainda tá falando comigo!", mas ele não respondeu.

Dou uma olhada na casa de August, toda iluminada pela luz do fim da tarde, e atravesso o quintal em direção à garagem de Bentley, que está me esperando encostado na picape velha. Ele abre um sorriso e na mesma hora minha frustração com August se desfaz que nem um bando de passarinhos voando assustados. Retribuo o sorriso.

— Nossa, que linda — diz Bentley, abrindo a porta do carona.

Ele me estende a mão e eu aceito, sentindo o cheiro gostoso do seu sabonete amadeirado. Levanto um pouco a barra do vestido comprido de algodão (que, apesar de ser bem informal, cai como uma luva) e entro no carro.

Ele dá a volta e, quando se senta no banco do motorista, abre um sorriso ainda maior.

— Que foi? — pergunto enquanto ele dá a partida.

— Nada, é só... Isso é muito legal.

Tiro as sandálias e apoio os pés no painel.

— Tomar sorvete é sempre algo legal. É tipo a coisa mais legal de se fazer.

Nem sei por que falei isso. Sei que ele não estava se referindo a tomar sorvete.

Saímos da rua tranquila onde moramos e vamos para o centro, um trajeto de cinco minutos entre casinhas de praia, lojas de tijolinho e o porto. O vento bagunça meu cabelo, mas não me dou ao trabalho de arrumá-lo. É uma daquelas tardes quentes e de baixa umidade em que a maresia está impregnada no ar. Coloco o braço para fora da janela e minhas pulseiras neon refletem o restinho de luz.

— Adoro essa cidade — diz Bentley quando passamos pela Oficina do Surfe.

Fico um pouco mexida. Passei a vida toda ouvindo isso das pessoas. Os moradores daqui, que mal pensam em faculdade e muito menos em viajar por aí, fazem de tudo para nunca sair da cidade. Os turistas, que ficam quarenta e oito horas rasgando elogios para esse lugar e logo depois embarcam rumo ao próximo destino romântico sem nem olhar para trás. Sempre senti que não me encaixava em nenhum desses perfis. E é exatamente por isso que não consigo entender meu problema repentino com a Califórnia.

— Aham.

Não consigo dizer mais nada. Bentley estaciona na rua principal, em frente à galeria de arte. Tiro os pés do painel e coloco as sandálias.

— Fiquei pensando no que você falou sobre Berkeley — comenta, como se soubesse o que estou pensando. — E meio que dei uma pesquisada. Parece uma faculdade legal.

— Você o quê? — digo, me virando para ele com uma irritação que nem sei de onde vem.

— Achei que podia te ajudar, sei lá, a fazer uma lista de prós e contras.

— Pode ser — respondo, interrompendo o papo e torcendo para ele deixar o assunto de lado.

Falar sobre isso só faz com que tudo pareça mais real, e estou me esforçando para fingir que não é. Antes que ele diga mais alguma coisa, abro a porta, desço do carro e fecho a porta.

Bentley se aproxima de mim na calçada.

— Só pensei em te ajudar a entender melhor como você se sente sobre isso, sabe? — insiste, como se eu não tivesse entendido o que ele queria dizer.

— Qual sabor você vai querer? — pergunto, tentando me afastar da picape.

Mas ele não cai nessa e fica parado.

— Tudo bem — diz. — Ou não. Só pensei que podia te ajudar com sua indecisão.

Fico tensa. Não quero que ele me veja como uma pessoa indecisa. Pior ainda: tenho medo de que ele esteja certo.

— Você não entenderia.

Ele para na mesma hora, e eu também.

— O que eu não entenderia?

— Você nunca quis sair daqui. Você não é... — Mas na mesma hora sei que não devia nem ter começado a frase, e que isso só pode terminar com um comentário cruel. Fico olhando para as minhas sandálias por mais tempo do que o normal. — Não tem importância, sério.

— Tem, sim. É importante pra você — rebate ele num tom tão compreensivo que quase acredito que isso aqui é mais do que só um casinho de verão.

— Seguindo esse raciocínio, não seria melhor pra você se eu ficasse aqui? A gente ia se ver mais.

Ele balança a cabeça, como se eu tivesse entendido tudo errado.

— Não quero que você abra mão de coisas importantes por minha causa.

Por um segundo, fico sem saber o que dizer. Aí tento fazer mais uma piada.

— Então acho que esse é um péssimo momento pra eu te contar que só quero o seu corpo, né? — Mas ele não ri. Em vez disso, desvia o olhar. — Foi uma piada.

De repente sinto que os papéis se inverteram e sou Bentley lá na cozinha da casa dele, no nosso primeiro encontro, tentando bancar a engraçadinha da maneira mais esquisita do mundo.

— Só pra deixar as coisas bem claras aqui: eu sou ambicioso, sim. Tem muita coisa sobre mim que você não sabe.

Me encolho. Me sinto mal em ouvi-lo responder à frase ofensiva que nem cheguei a terminar.

— Não foi o que eu quis dizer — argumento. Ele olha bem para mim. — De verdade. Não foi. Você é um monte de coisas, Bentley Cavendish, e tenho certeza de que ambicioso é uma delas. Aceita um sorvete como pedido de desculpa, de repente até uma humilhaçãozinha? — ofereço, encostada na picape, me sentindo péssima.

— Vai tentar roubar minha ideia de encontro, é? De jeito nenhum.

— Me desculpa, de verdade — digo, pegando na mão quente dele.

— Não se preocupa — responde, passando o polegar pelo dorso da minha mão.

— Você tinha que ficar pelo menos um pouquinho bravo comigo.

Ele sorri.

— Vai ter que aprender a conviver com a culpa.

Olho bem para Bentley, que, além de ter pesquisado sobre a minha faculdade, também está sendo bem mais gentil do que eu seria na situação contrária.

— Sabe de uma coisa? Acho que você é mais do que um cara legal. Você é incrível.

Ele põe a mão no peito, dramático.

— Ainda tinha dúvidas?

— É, mas tô começando a achar que essa sua pose de quem não tá nem aí não passa de fachada.

Puxo sua mão e, com isso, acabo fazendo com que ele chegue mais perto de mim. Mas Bentley não faz o menor esforço para resistir.

— Como você ousa atacar minha reputação? — responde com um sorrisinho discreto, tão perto de mim que sinto frio na barriga.

— É sério — rebato. — Você tinha que deixar esse Bentley aí aparecer mais vezes. Gosto muito dele.

— *Muito*, é? Diria que tá totalmente caidinha por ele? — provoca, colocando as mãos na minha cintura.

Aquele cheiro amadeirado toma conta de tudo.

— Pra ser sincera? Tô, sim.

Ele abre um sorriso que me faz derreter.

Passo as mãos ao redor do seu pescoço, puxando-o para mais perto, até a gente estar grudado. Aí ele se inclina para me beijar, e sinto seu sorriso nos meus lábios e o metal frio da picape nas minhas costas. Ele dá uma mordidinha no meu lábio inferior e me deixa toda arrepiada, sem fôlego. Quando ele afasta a boca, já o puxo de volta.

— Porra — murmura, como se não acreditasse que eu sou de verdade.

Dou uma risada e abro a porta do carona atrás de mim. Depois ele me levanta e me põe no banco. Eu o puxo para dentro porque, para falar a verdade, até estava com vontade de tomar sorvete, mas não chega nem perto da minha vontade de beijá-lo.

45
VALENTINE

Cinco dias. Chega. Já deu. Bato o copo de suco de laranja na bancada e vou pisando firme até a casa de August. Tudo que tenho é a cabeça erguida e uma caneca térmica de café. Quando chego, vou logo subindo a escada que dá na janela do quarto dele.

Ele está dormindo, mas o chacoalho sem a menor pena.

— Pode ir acordando, August Mariani. Acorda e fala comigo.

Ele fica uns segundos me olhando como se não tivesse a menor ideia de quem eu sou ou onde estamos. Swee também dá uma piscadinha, com o pelo todo bagunçado no alto da cabeça. Coloco a caneca de café na cara de August e, mesmo arqueando a sobrancelha, ele aceita.

— Você e eu — digo, apontando para ele. — Chega de briga. *Acabou*.

— Se a gente não vai mais brigar, por que você tá gritando? — pergunta com aquela voz de sono.

Em seguida, ele se senta na cama.

— Olha, me desculpa. Fui uma idiota. Quebrei a confiança que você tinha em mim. Mas não vou passar nem mais um dia longe do meu melhor amigo. Então, se tiver alguma coisa pra dizer, fale agora ou cale-se para sempre.

Ele fica um instante em silêncio, aí passa a mão pelo cabelo bagunçado (igualzinho ao pelo de Swee) e faz aquela típica cara pensativa. Então diz, baixinho:

— Você mentiu pra mim, Tiny.

A dor que vejo nos olhos dele me quebra. Me sento na cama, perdendo na mesma hora a energia para continuar discutindo.

— Você não faz ideia de como eu me arrependo.

Ele assente.

— É que você... — Ele para e olha para Swee, tentando encontrar as palavras certas. — Você é a única pessoa em que eu posso confiar. Se você mente pra mim... aí não tenho ninguém.

Isso me destrói. Fico com o coração em frangalhos.

— Vou reconquistar sua confiança. Prometo — digo com a voz pesada.

— Tiny, tá tudo bem — diz August, dando um suspiro.

Vindo dele, isso é o máximo de carinho que vou conseguir.

— Não tá tudo bem. Eu te magoei.

Ele passa a mão na nuca.

— Não foi só você, não. Eu tava num dia horrível.

Lá no fundo eu já sabia que aquela tarde seria um péssimo momento para contar o que estava acontecendo. Mas achei que ele só tivesse discutido com a mãe.

— Me conta mais sobre esse dia horrível.

— Eu meio que dei um soco no Kyle.

Arregalo os olhos.

— *Quê?*

Ele me encara, mas não consegue manter o contato visual por muito tempo.

— Minha mãe me pediu pra deixar uns pincéis lá na casa dos Kellerman.

— *Quê?* — repito, chocada. A mãe do August é muito sem noção às vezes. — Era pra você ter me ligado.

— Eu liguei.

De novo aquela sensação horrível. Ele me ligou e eu não atendi porque estava na praia com Bentley. O que, aliás, foi a primeira coisa que eu disse naquela tarde, assim que cheguei aqui. Duplo vacilo.

— Desculpa de novo — digo, sem graça. Ele dá de ombros, não como se não ligasse, mas como se já tivesse superado. — Aí o Kyle estava lá?

Ele faz que sim e dá um gole no café.

— Chegou quando eu estava de saída. Juro pra você, não sei o que aconteceu. Acho que ele queria mesmo falar comigo, tentou me parar e pegou

no meu braço. — Dá para visualizar direitinho a cena. Toda a tensão acumulada explodindo no momento em que Kyle encostou nele. — Enfim. Um dia de merda. Aí minha mãe chegou em casa e tentou me botar de castigo como se eu tivesse dez anos.

Arregalo os olhos de novo. Isso não é *nada* bom. A gente tem menos de uma semana para resolver aquele caso.

Ele deve ter visto a preocupação estampada na minha cara, porque continua:

— Mas duvido que ela leve isso a sério. Dei uma bronca nela.

Fico mal ao perceber como August está se sentindo culpado. Mesmo quando tem razão, ele sempre se martiriza depois de discutir com a mãe. Não é à toa que passou esse tempo todo na dele: levou pancada de todos os lados, principalmente de si mesmo.

— Ela foi demitida? — pergunto. Ele faz que não. — Ah, menos mal. — Só que parece uma vitória minúscula quando se leva em conta tudo o que está acontecendo. Cogito perguntar mais sobre Kyle, mas a expressão incerta de August me dá a entender que é melhor deixar para depois. Em vez disso, comento: — A festa do meu pai é daqui a dois dias.

— Você não faz ideia de como eu tô precisando disso — diz ele, respirando fundo.

Mordo os lábios.

— Então, falando nisso... — começo, mas logo me interrompo ao ver que esse é, mais uma vez, o pior momento para falar sobre isso. Só que, depois da briga por causa da minha falta de comunicação, não vou mais ficar empurrando com a barriga. — Esse ano não vai ser só a gente.

Na mesma hora ele entende tudo e solta um resmungo.

— Tá falando sério?

Ergo as mãos.

— Eu sei o que você tá pensando. Mas, juro, você tá enganado sobre o Bentley.

— E se ele for exatamente o que eu acho?

Faço que sim, porque já esperava que ele fosse dizer isso.

— Olha, dá uma chance pra ele. É só isso que peço. Não tô dizendo que vocês têm que virar melhores amigos nem nada, mas, se você passar um tempo

com ele, acho que pode se surpreender.

August me olha desconfiado.

— Beleza, mas o que você tá querendo dizer? Vocês tão namorando?

Meu coração acelera.

— É. Tipo isso. — Fico mexendo na ponta do edredom amarrotado dele. — Só que o Bentley ir na festa nem é o maior dos problemas. — Ele me olha de canto, como se não tivesse certeza de que quer mesmo saber. Tenho um pouco de dificuldade de olhar nos olhos dele. — Quando o convidei, nem passou pela minha cabeça que ele não sabe qual é o nosso trabalho de verdade.

August olha para o teto e balança a cabeça.

— Puta merda, Tiny.

— Desculpa... de novo.

Ele solta os ombros, resignado.

— Você já contou pra ele?

Faço que não.

— Queria falar com você primeiro.

E, apesar de August não parecer contente, pelo visto o que eu disse teve algum impacto.

Antes que ele consiga responder qualquer coisa, seu celular vibra na mesa de cabeceira. A gente olha ao mesmo tempo e, quando vejo o nome de Ella, meu coração explode de alegria. Talvez as coisas não estejam tão ruins quanto pareciam. Talvez a gente ainda consiga dar um jeito.

August me encara, e dá para ver que ele também sente uma pontinha de esperança. Sua expressão dá uma suavizada.

— Beleza... por mais que eu odeie admitir, é infinitamente melhor o Bentley saber do que correr o risco de ele abrir a boca sobre o estágio falso na frente dos seus pais — admite. — Era pra gente ter resolvido isso no ano passado, contado pra todo mundo a mesma história do bufê.

Isso me pega. Onde a gente estava com a cabeça achando que dava para manter a história sobre não só um, mas *dois* empregos falsos? É ridículo. August pega o celular e abre a mensagem. Chego mais perto para ler também.

Ella

O que você costumava pintar, quando ainda pintava?

Olhamos um para o outro.

— A Ella resolveu entrar em contato com *você* — digo. — E não foi pra te xingar. Esse é o melhor cenário possível. Tipo, o melhor.

Os dedos de August pairam sobre o teclado e ele respira fundo, como se estivesse há dias prendendo o fôlego.

August

Retratos, geralmente.

Dou um sorriso triste ao ler a resposta. Ele adorava capturar as pessoas em momentos comuns do dia a dia. Paisagens, como a mãe dele gosta de pintar, ou esses estilos modernos com linhas retas e respingos de tinta nunca foram a praia dele. Sua arte era simples, cheia de sentimento.

Ella

Você tem saudade?

August

Sim e não.

Ella

Mais sim do que não?

August

É, talvez...

Ella

Acha que um dia vai tentar de novo?

August

Antes eu achava que nunca mais ia pensar nisso.

Ella

Alguma coisa fez você mudar de ideia?

Ele hesita por um momento.

August

Não sei se é uma boa ideia ser sincero nessa resposta.

Por um momento, fico chocada, porque ele está sendo sincero de verdade. Dá para ver pela incerteza nos seus olhos. Realmente cogitou voltar a pintar. E só está pensando nisso por causa de Ella, que está ajudando August a enfrentar uma de suas maiores travas. Mas como é que pode? Ela não estava lá em todos os momentos difíceis, não comprou ingressos para museus de arte que ele ignorou. Não ficou ao seu lado quando ele passava horas e horas no deque olhando para o nada. Não bolou planos malucos para tirar ele de trás da Muralha nem montou um negócio só para ajudá-lo a seguir em frente. Tudo que ela faz é... existir. E, por mais que isso pareça ser o suficiente, também é injusto para caramba.

Só que, em vez de responder à mensagem, ela liga para ele.

Quando vê o nome na tela, ele sai tão rápido da cama que parece até que perdeu a hora para uma prova final.

— Ah, oi — diz. — Peraí, Ella. — Ele se vira para mim enquanto aperta o celular contra o peito. — Mia, pode me dar um segundo?

Meu choque só aumenta. É sério que ele está me pedindo para sair do quarto? Para atender uma ligação que tem a ver com *o caso em que a gente está trabalhando*? Mas, como acabei de sair de uma encrenca com ele, prefiro deixar para lá.

46
AUGUST

— Então — diz Ella, toda satisfeita — quer dizer que *eu* te fiz mudar de ideia sobre voltar a pintar?

Sinto um aperto no peito. Começo a andar pelas bordas desgastadas do tapete oriental do meu quarto. Holden ou August? August ou Holden? Se responder como Holden, vou precisar usar palavras que criem uma certa distância e nos coloquem de volta na zona da amizade, fazendo de conta que não reparei no tom esperançoso na voz dela. Quero responder como Holden, preciso responder como Holden, mas, seja lá por quê, não consigo.

— Acho que você já sabe a resposta.

— Não vem com esse papinho, não, geminiano — diz ela, rindo.

— Conta como papinho se é verdade, escorpiana? — rebato, sendo o mais honesto possível.

— Deixa eu usar sua palavra favorita: talvez. — Dá para ver que ela está se divertindo, e fazer ela se divertir acabou se transformando em um prazer inédito para mim. — Mas, antes de você bolar uma resposta espertinha, eu queria... ver como você tá depois daquele dia.

Congelo, ficando nervoso de repente.

— Ver como eu tô em que sentido?

— Ah, depois daquela briga idiota de macho que você arrumou.

Solto o ar. Apesar de ela falar num tom de voz acusatório, não chega a ser aquela raiva do tipo "nunca mais olha na minha cara". Fico tão aliviado que até me sento na cama.

— Acho que, em vez de "idiota", você quis dizer "bem-intencionada", né? — pergunto, tentando deixar a conversa descontraída e torcendo para ela entender.

— Não, quis dizer "idiota" mesmo, porque não preciso que você fique me defendendo. Idiota porque você tirou meu namorado do sério. E idiota porque você quase acabou com a nossa amizade.

Ela está irritada, mas, em vez de me dar um gelo, está tentando resolver as coisas. É estranho que eu esteja com vontade de abraçá-la por isso?

— Em primeiro lugar, ninguém precisa de outra pessoa pra se defender — digo, tentando ser o mais sincero possível. Sinto que devo isso a ela; sempre tive a sensação de que devia isso a ela. — A gente faz isso porque se importa, mesmo quando mete os pés pelas mãos, como eu fiz. Segundo, o Justin merecia ser tirado do sério. Disso eu não me arrependo. E, terceiro, você tá certa. Não era minha intenção. Desculpa.

Ela fica quieta por uns segundos.

— Tá pedindo desculpa?

— Tô. Eu errei. E, pra ser bem sincero, faz dias que tô remoendo isso.

Ela solta um "hummm" que dá a entender que aceitou a minha resposta.

— Você disse que não teve a intenção de quase acabar com a nossa amizade. Então o que você queria?

Respiro fundo.

— Nada que eu queira admitir agora — digo, como August de novo. — Mas acho que o Justin não te merece.

Meu coração dispara assim que as palavras saem da minha boca. Nunca usamos essa abordagem em um caso antes. Nunca fui tão direto. Nem imagino o que Tiny diria se estivesse escutando.

Por um segundo, Ella fica em silêncio. Não diz que já sabe disso ou que entendi tudo errado. Também não tenta me convencer de que Justin é melhor do que parece. Na verdade, só diz:

— Não é você quem decide isso.

— Tem razão — admito. — Mas e o que você decidiu?

O silêncio toma conta da conversa mais uma vez. Começo a suar frio. Odeio me preocupar tanto com o que ela vai dizer. Por fim, ela acaba soltando:

— Não sei.

Não soa frustrada, só insegura. E, pela primeira vez desde o início desse caso, noto uma rachadura que me mostra que ela já não está mais tão certa quanto antes sobre Justin.

— Sei lá, talvez eu consiga te ajudar a desembolar esse nó — sugiro, e já é tarde demais quando percebo como isso soa esquisito.

Dou um tapa na testa, soltando um gemido silencioso de frustração.

— Nossa, não — responde ela, rindo.

Ainda bem. Então entro na brincadeira.

— Dizem por aí que sou um bom ouvinte — comento, mantendo o clima descontraído.

Acho que me sinto um pouco mais leve agora que sei que ela não tem tanta certeza em relação ao Justin. Mas não faço ideia se quem está comemorando isso é o August ou o Holden.

— Ah, pode apostar — rebate ela, sarcástica.

Sorrio.

— O que você quer dizer com isso, hein?

— Você sabe muito bem.

E aí começo a sorrir que nem um idiota pro celular.

— Tá de papinho pra cima de mim, escorpiana?

— Só um pouquinho — confessa ela, me fazendo sentir um frio insano na barriga. Cara, o que eu estou fazendo? Sei que devia parar com isso, mas não estou conseguindo me controlar. Eu, August Mariani, estou doido para fazer essa garota sorrir. Quero ver ela gargalhando, ficando corada por baixo daquela constelação de sardas. Mal estou me reconhecendo. Como demoro para responder, ela diz logo: — Enfim, vamos mudar de assunto.

Obedeço.

— A Mia comentou comigo que você tá proibida de pegar o carro. Isso ainda tá de pé?

— Por quê?

— Porque quero te ver — respondo, me recostando na janela e olhando para o quintal, estou tão esperançoso que quase não me aguento.

— Amanhã — diz ela, e uma felicidade inesperada me invade.

— Amanhã tá ótimo — concordo.

Ela ri.

— Ótimo pra quê?

— Tem uma loja de arte que eu adoro em Fairfield. Pensei que você talvez quisesse dar uma passada lá comigo.

Ela hesita.

— Loja de arte, é? Vai comprar tinta?

— Talvez.

— Então *talvez* eu vá — diz, e dá para ouvir o sorriso na sua voz. — Enfim, vou nessa. A vida sem carro por aqui tá uma loucura.

— Bom, pelo menos ficar em casa é bom pra escrever.

— É verdade.

— Me manda mensagem se precisar de ideias — ofereço.

Ela não diz que vai, mas também não diz que não vai. Nos despedimos rapidamente e logo depois me jogo na cama ao lado de Swee, sorrindo que nem um bobo.

47
VALENTINE

Mesmo que isso me deixe aborrecida, conversar com a Ella acabou dando certo: August saiu da cama e voltou a ser mais ele mesmo, quase como era antes de Des morrer. Amanhã vai a uma loja de arte, e não é qualquer loja: é a que sempre ia com a irmã no aniversário dele. Sentada na beira do deque, faço pequenos círculos na água com os pés. A barra do meu vestido florido balança nas coxas, soprada pela brisa salgada do mar. August se inclina para trás, as mãos espalmadas na madeira quente, e observa o horizonte com os olhos semicerrados sob o sol forte da tarde.

— Interessante — comenta ele depois que conto a conversa que tive com Leah na festa, sobre Amber e Justin flertarem.

— Tive muito tempo pra pensar enquanto a gente não estava se falando — explico. — E, olha só, acabei bolando um plano B que, mesmo o caso estando por um fio, pode dar certo.

August passa a mão na nuca.

— Desculpa, Tiny. Juro que nunca tive a intenção de prejudicar nosso caso. É a última coisa que eu queria.

Balanço o pé na água, jogando para o alto gotinhas brilhantes que nem vaga-lumes.

— Ah, eu sei, Holden McPaixão. Não tô jogando isso na sua cara pra você se sentir culpado. Só tô falando porque sou uma fênix que renasce das cinzas e dá um jeito nas coisas mesmo quando parece que tá tudo perdido.

August dá risada.

— Se todo mundo tivesse a sua confiança, Tiny, a gente viveria num lugar bem melhor.

Sorrio para ele e jogo o cabelo por cima do ombro, toda dramática.

— Né?

— Tá, me conta qual é esse plano B revolucionário. Tem a ver com desmascarar a Amber e o Justin?

— Com. Toda. A. Certeza — respondo, empolgada com a confiança dele em mim. — Presta atenção: a gente já sabe que a Ella anda cheia de dúvidas sobre o namoro com o Justin. Se fizermos tudo direitinho, temos uma boa chance de que eles acabem terminando logo. E é exatamente disso que a gente precisa agora. O relógio tá correndo.

— E o que eu tenho que fazer? — pergunta August mesmo antes de ouvir o plano.

Apoio meu caderno no colo e olho bem para ele.

— Na real, agora sou eu que vou ter que agir. Até pensei em te deixar no comando, mas, se não der certo, vai parecer muito conectado com sua treta com o Justin.

— Tem razão — diz ele. — Me conta qual é o plano.

Começo a explicar tudo, e a gente passa as horas seguintes conversando sobre estratégias, discutindo os detalhes e se empanturrando de comida indiana na minha casa. Durante o jantar, meus pais são meio ríspidos um com o outro, como se estivessem tentando disfarçar uma briga. Cutuco August por baixo da mesa só para ver se ele reparou em como os dois estão esquisitos, mas ele parece não entender. Talvez só estejam estressados por causa da festa do meu pai. Eles têm trabalhado para caramba ultimamente.

Quando August vai para casa, mando uma mensagem para Bentley.

Eu

Tá a fim de vir aqui em casa?

Ele responde na mesma hora com um “Sempre”, que é uma das coisas de que mais gosto em Bentley: ele não demora a me responder só para parecer descolado. Está sempre empolgado de verdade.

Meus pais já estão no quarto assistindo a um filme, então envio uma mensagem só para avisar que Bentley está vindo. Então pego meu short jeans favorito e um moletom branco confortável e troco de roupa num piscar de olhos. Mesmo assim, Bentley acaba batendo à porta do quarto bem na hora em que estou terminando de vestir o moletom.

— Oi — diz.

Ele me dá um beijo que me deixa toda arrepiada. Vou até a porta do quarto. Essa é outra coisa que adoro no Bentley: uma vez perguntei por que ele nunca fecha a porta, aí ele riu e disse que prefere que essa seja uma escolha minha e que não quer que eu me sinta pressionada nunca.

— E aí, como estavam os gêmeos hoje? — pergunto enquanto fecho a porta, fazendo um barulhinho satisfatório.

Este foi o primeiro dia da semana em que não fui lá brincar com eles. É meio estranho, mas os dois me fazem lembrar de August e eu. Vivem na mesma sintonia (tanto que é até um pouco irritante), mas também brigam o tempo todo.

— Na mesma. Engraçados, meio descontrolados... sabe como é — responde, se sentando na beirada da cama. — E o August?

— Tá bem, por incrível que pareça — digo, parada bem na frente dos joelhos dele. — Mas, né, recebeu uma mensagem da garota que ele tá a fim, então...

Bentley estende a mão e entrelaça os dedos nos meus, me puxando um pouco mais para perto. Ele arqueia a sobrancelha.

— August *tá a fim* de uma pessoa? Como assim? Nem lembro qual foi a última vez que o vi conversando com alguém que não fosse você.

— Então... Você é bom de guardar segredo? — pergunto.

Na minha cabeça, não tem hora melhor do que agora.

— Ótimo — responde ele, me olhando com curiosidade. — Conta aí.

Afasto o cabelo macio dele da testa, adorando a textura suave entre os dedos.

— Pois é... Você já deve ter ouvido por aí que o August e eu trabalhamos pro meu pai, né?

Bentley se aproxima mais um pouco.

— Tá brincando? E vocês não trabalham pra ele?

Faço que não.

— É meio complicado. Tipo, todo mundo na escola acha que a gente trabalha pro meu pai e meus pais acham que a gente trabalha num bufê. E eles têm que continuar acreditando nisso, porque, se descobrirem que tô mentindo, eu tô ferrada.

— Beleza, mas agora eu preciso saber que segredo maluco é esse que fez vocês inventarem duas profissões diferentes. — Ele me encara. — Não tão metidos com droga, não, né?

Começo a rir.

— Nós dois seríamos os piores traficantes do mundo, pode ter certeza.

— Então o que é?

É esquisito falar sobre a Amor de Verão, porque, por muito tempo, esse foi um assunto só meu e do August.

— A gente tem uma empresa... — Faço uma pausa. — De desfazer casais.

Ele pisca, como se não tivesse entendido direito.

— Peraí... Vocês fazem o quê?

— A gente faz casais terminarem...

— Por dinheiro?

— É.

Ele olha para mim, a expressão alternando entre descrença e confusão.

— Tá de brincadeira.

— Juro. Pais e amigos entram em contato com a gente pra acabar com os relacionamentos ruins de pessoas próximas. Aí a gente inventa personagens, bola um monte de estratégias e o August é quem põe tudo em prática.

Ele me olha como se isso fosse uma pegadinha.

— Tá dizendo que o August tem uma vida paralela onde ele socializa de verdade?

— Mais que isso. Ele se livra de namorados idiotas e às vezes tem até gente que se apaixona por ele... Não que esse seja o objetivo. August é tipo um Romeu moderno — explico. Por um instante Bentley fica quieto, como se estivesse tentando absorver tudo que acabei de falar. Tento decifrar o que está se passando na cabeça dele. — Sei que vocês não se dão muito bem, mas você precisa me prometer que vai tentar ficar de boa com ele na festa do meu pai. O

August é uma pessoa maravilhosa, na verdade, a melhor. Sem contar que os meus pais iam me matar se eu causasse escândalo na festa.

— Sem problema — diz Bentley, e quero acreditar que todo mundo vai se dar bem sem ficar aquele clima estranho.

Vejo uma oportunidade de falar de August de uma maneira mais real, só para Bentley entender o cara incrível que ele é. Então conto um pouco sobre Des, sobre por que fundamos a empresa e por que esse caso é tão importante. Quando termino, tudo que ele diz é:

— Certo.

— Só isso? — pergunto, olhando para ele. — Depois de tudo que te contei, você só diz isso?

— O que você quer que eu diga? — responde, meio abatido.

Demoro um segundo para entender o porquê disso.

— Peraí... Você não tá com ciúme do August, né?

— Não é ciúme. É que é legal o jeito que você fala dele. Ele tem sorte.

Aí percebo que talvez esteja rolando, sim, um ciuminho, mas não como eu tinha imaginado. Talvez Bentley não tenha ninguém que o elogie tanto assim. Sei que, além de mim, August não tem. Quem sabe os dois tenham mais em comum do que pensam.

Bentley desvia o olhar, percebendo que estou enxergando mais do que ele gostaria. Dou um sorriso travesso e volto a passar os dedos pelo cabelo dele. Nunca vou me enjoar da adrenalina que sinto ao tocá-lo.

— Deixa eu ver se entendi direito: você tá dizendo que quer ser admirado por mim? — provoco, me inclinando para a frente até não sobrar mais nenhum espaço entre nós, e ele me envolve com os braços. — *Acho* que posso fazer isso.

Ele me levanta e me joga na cama. Dou um gritinho quando minhas costas atingem o edredom.

— Nossa, Bentley Cavengato... Olha esses músculos — digo numa voz exagerada. — Você deve levantar muito peso sem camisa no quintal... o tempo todo.

Ele se inclina sobre mim com um cotovelo apoiado na cama.

— Só faço isso por causa da vista — diz, abrindo um sorrisinho. — É que tenho uma vizinha gata que tô há um tempo tentando chamar a atenção.

Dou risada.

— Para de ser bobo. Você levanta peso lá fora desde que eu me entendo por gente.

— Exatamente — responde ele, tão perto que seu hálito chega a fazer cosquinha no meu rosto.

Meu coração dispara.

— Papo-furado — digo, sorrindo.

Ele passa o polegar pelo meu lábio inferior.

— É verdade — rebate, com os olhos tão fixos nos meus que fico sem fôlego.

Ele chega mais perto e sinto seu peso me pressionando suavemente enquanto sua boca vai descendo para o meu pescoço, me enchendo de beijos. Passo as pernas em volta de sua cintura. Ele pega meu joelho e começa a pressioná-lo contra o próprio corpo enquanto passa a mão quente pela parte externa da minha coxa.

Aí ele vai beijando meu pescoço, minhas bochechas, até chegar nas pálpebras. Mas, quando chega na minha boca, escuto vozes altas no corredor. Nos afastamos de repente, com meu coração descontrolado.

— Não foi o que aconteceu e você sabe disso — diz minha mãe, irritada.

Uma porta bate e logo depois as vozes param.

Eu me sento, chocada. Meus pais nunca brigaram na minha frente. Nunca.

— O que você acha que foi isso? — questiono, com um tom que deixa bem claro que é uma pergunta importante.

Bentley também se senta.

— Uma briga?

— Exato. Finalmente — digo, determinada, e saio da cama.

Bentley me olha como se não tivesse entendido nada.

— Finalmente?

— Tô há um tempão falando pro August que tá rolando alguma coisa com os meus pais, e ele sempre diz que não percebeu nada. Mas você escutou, não escutou? *Aquilo* foi uma briga — digo, apontando para a porta fechada.

— É — concorda ele, me observando. — Quer conversar sobre isso?

A pergunta me pega de surpresa. Apesar de tudo que já descobri sobre Bentley, interromper um amasso para conversar sobre os problemas da minha

família não era algo que eu imaginava que pudesse acontecer. Faço que sim. Não vou mais fugir de conversas sobre assuntos pessoais com ele.

— O lance é o seguinte: meus pais não brigam quase nunca, e, quando brigam, tomam o maior cuidado pra não discutir na minha frente. Aí, uma vez, peguei minha mãe chorando por causa de umas fotos antigas, depois eles começaram a trocar umas farpas e do nada ficaram de tanto amorzinho que achei exagerado até pros dois. Agora isso. — Faço um gesto em direção ao corredor. — Estão discutindo na frente de todo mundo e batendo portas *mesmo sabendo que você tá aqui*.

— Será que não tão tentando resolver alguma coisa? — sugere ele.

— Tipo o quê?

Ele coça a nuca.

— Não sei se é o que tá acontecendo aqui, mas o pai de uma amiga teve um caso e os pais dela começaram a fazer terapia de casal. Ela me disse que eles têm altos e baixos. Vivem brigando e fazendo as pazes.

— Hum — digo, sem saber direito como reagir.

A primeira coisa que passa pela minha cabeça é: *Impossível meus pais estarem fazendo terapia de casal. Mais impossível ainda um deles ter tido um caso.* Mas a segunda coisa é: *Puta merda, e se for isso?*

48
AUGUST

Estaciono o Jeep de Tiny em frente à casa de Ella e dou uma olhada rápida na minha versão Holden no retrovisor. Ella aparece antes que eu consiga desligar o carro, falando alguma coisa por cima do ombro enquanto sai de casa.

Estico o braço sobre o banco do carona para abrir a porta, e, assim que ela entra, sou recompensado com um sorriso.

— Vamos logo, antes que meus pais comecem com mais uma daquelas conversas em família sobre ações e consequências — diz, e o ar fica tomado pelo seu cheiro de coco.

— Pelo visto passar o dia em casa tem sido divertido, hein? — comento, olhando rapidamente para ela enquanto saio da garagem.

Ella está com uma trança que bate no meio das costas e um vestido sem alça que realça a pele macia dos ombros. As marcas de biquíni contornam seu pescoço e a clavícula. Engulo em seco, sem conseguir acreditar em como essa garota é linda, e chego à conclusão de que é melhor não olhar mais para ela pelo resto da tarde. Ou, se for preciso, nunca mais.

— Você não faz ideia — responde. Depois fica um instante em silêncio antes de continuar: — Tipo, não me leva a mal, é bom saber que meus pais se importam comigo. Os pais da Amber não colocaram ela de castigo, mas também nem se deram ao trabalho de buscá-la na delegacia. Só mandaram o irmão mais velho, que é um bosta e fez ela ficar lá duas horas esperando porque estava num rolê com os amigos.

— Parece a minha mãe — digo, respondendo novamente como August, e por um segundo me sinto meio esquisito por me identificar com Amber dessa maneira.

— Sério?! — exclama Ella, virando para mim. — E seu pai?

— Largou a minha mãe quando eu tinha onze anos — digo, indo direto ao ponto.

Ela fica um tempo me observando.

— E vocês ainda se veem?

— Não. Nunca. Ele abandonou a gente numa situação bem complicada. Nem deu as caras lá em casa no primeiro ano.

Apoio as costas no banco do carro.

Meu pai me deu um beijo na testa, o casaco apoiado no braço. Só disse um "até já". Nada de "eu te amo, meu filho, você não tem culpa de nada". Nada de "não se preocupa, vai ficar tudo bem". Nada de explicações. Nada para me reconfortar.

Des passou o braço pelos meus ombros e me puxou para perto. Meu pai olhou para trás uma vez, já parado na porta, mas, quando viu Des e eu abraçados, só baixou o olhar e foi embora.

Corri para a janela e escancarei a cortina. Tinha certeza de que ele não estava partindo para valer. Eu sabia que ele e minha mãe brigavam. Viviam brigando, mas ele não ia abandonar a gente. Não de verdade.

Assim que meu pai deu partida no carro, minha mãe começou a chorar.

— Mãe — chamou Des.

Minha irmã não parecia triste, só irritada. Mamãe balançou a cabeça.

— Desculpa — disse, subindo a escada.

Quando o carro entrou na pista, com o porta-malas e o banco de trás abarrotados, um bolo na garganta me deixou sem ar.

Abri a porta de casa e comecei a correr atrás do carro.

— Pai! — gritei. — Pai, espera! — Ele me ouviu. Estava com a janela aberta. Mas não se deu ao trabalho de parar. Então gritei mais alto. Corri mais depressa. — Paaaaai!

Des segurou meu braço.

— Ele já foi, maninho. Sinto muito.

Dei um jeito de me desvencilhar dela.

— Não foi nada! — gritei. Mas, quando olhei de novo para nossa rua tranquila, não consegui mais ver o carro dele. — Ele vai voltar. Você ouviu o que ele disse.

— É.

Foi tudo que ela respondeu. Virei as costas para Des e para a dúvida que ouvi em sua voz e voltei para casa, os ombros pesados.

Mas ouvi seus passos logo atrás de mim e, num piscar de olhos, ela estava do meu lado. Em silêncio, sem me forçar a conversar sobre o que tinha acontecido, só caminhou comigo de volta para casa.

Quando a porta se fechou, ela disse:

— Vou fazer chocolate quente. Quer? — Fiz que não, olhando para a escada e depois para os meus pés. Não dava para ir para o quarto sem passar pelo da minha mãe, onde certamente ela estaria chorando. Des seguiu meu olhar e propôs: — Com marshmallow. E panqueca de banana com gotas de chocolate.

Olhei para ela, franzindo o cenho.

— Eu sei o que você tá tentando fazer.

— O quê? Café da manhã? Com certeza. Ai, meu Deus. Esqueci que tem creme de leite! Vou fazer chantilly também. A gente pode fazer carinhas com gotas de chocolate.

— Isso é coisa de criança de sete anos. Você tem quinze anos.

— Não tô nem aí. Vou fazer carinhas na minha panqueca — disse, começando a pegar os ingredientes do armário.

Ela pegou o saco de gotas de chocolate e abriu, me oferecendo um punhado.

Voltei a olhar para a escada, depois para Des. Como não peguei, ela enfiou um monte na boca.

— Hummmmm! — exclamou, revirando os olhos. — Acho que vou ficar com o saco todo só pra mim.

Arregalei os olhos.

— Peraí — disse, me aproximando.

— Que foi? — perguntou, a boca cheia de chocolate.

— Acho que tô com um pouco de fome — admiti.

— Ah, é?

— De repente eu posso te ajudar com a panqueca.

Des abriu um sorriso de orelha a orelha e o bolo na garganta foi dando uma aliviada. Ela colocou um punhado de gotas de chocolate na minha mão e disse:

— Vai lá, maninho, pega a cumbuca. Vamos fazer um banquete de chocolate!

E, embora as coisas estivessem dando muito errado, percebi que, no fim das contas, ia ficar tudo bem, porque eu ainda tinha Des.

Ella demora um pouco para responder, então olho discretamente para ela.

— Sinto muito. Deve ter sido muito difícil — diz, com um vinco de preocupação na testa.

Abro e fecho a boca. Meu pai é a última coisa de que quero falar nesse encontro tão aguardado. E só vai piorar se a gente começar a falar do Kyle.

Dou de ombros, como se não tivesse importância.

Ela me observa, tentando decidir se é uma boa hora para fazer outra pergunta. Suspira.

— Chega de falar sobre os nossos pais. Pais são um saco — diz, e concordo plenamente. — Vamos falar sobre algo mais interessante. Tipo... Você já se apaixonou? — indaga. Minha risada me pega de surpresa, e ela abre um sorriso. — Que foi? É engraçado?

— Não tava esperando.

— Que ótimo — rebate, e fico me perguntando se ela se lembrou daquela conversa em que afirmei que me sentia atraído por garotas que me pegavam de surpresa. — Quando você não espera pela pergunta, é mais provável que a resposta seja sincera.

— Quer ouvir a verdade? É meio constrangedor.

— Melhor ainda — diz, com um sorrisinho satisfeito.

Dou risada, mas de mim mesmo, porque não acredito que vou confessar um negócio desses.

— A última namorada que eu tive foi na sétima série. Eu dei um bracelete da amizade de presente pra ela e a gente deu as mãos duas vezes.

— Impossível — rebate. — Você é atraente e carismático, não acredito que nunca namorou. No primeiro dia a Amber já queria te agarrar.

Ao ouvir isso, fico corado e sinto um frio na barriga.

— Acho que você não me enxerga do jeito que a maioria das pessoas enxerga — digo, mais uma vez como August. — No dia a dia acabo sendo bem caladão.

Ela me olha de lado, como se não estivesse convencida.

— Tô tentando acreditar, mas tá difícil. Tipo, tudo bem, você é introspectivo, mas faz parte do seu jeitinho artístico.

Não consigo evitar um sorriso, que ela retribui.

— Vamos lá — começo, tentando de novo. — Não curto muito coisas casuais. Não sou daquelas pessoas que têm amigos de fachada ou ficam com alguém por duas semanas e depois agem como se nada tivesse acontecido. Tudo bem que eu nunca tive um relacionamento sério, mas acho que é só porque quero algo verdadeiro.

Percebo a ironia que é falar sobre a importância de coisas verdadeiras quando ela não sabe nem meu nome de verdade.

— Hummm — diz ela, refletindo. — Entendo. Na verdade, até que a gente é parecido. Também não sou de ficar por ficar. Justin é o único cara que namorei no ensino médio. — Quando menciona Justin, sua expressão fica mais tensa. Mas ela não dá mais explicações. Em vez disso, desliga o ar-condicionado e abre a janela. — Ar fresco é bem melhor.

Depois abre uma playlist no celular e coloca para tocar. Seguimos assim por um tempo: música, vento no rosto e Ella cantando. Quando paramos no estacionamento da loja de arte, fico meio triste de já ter chegado e penso em pegar o caminho mais longo na volta para casa.

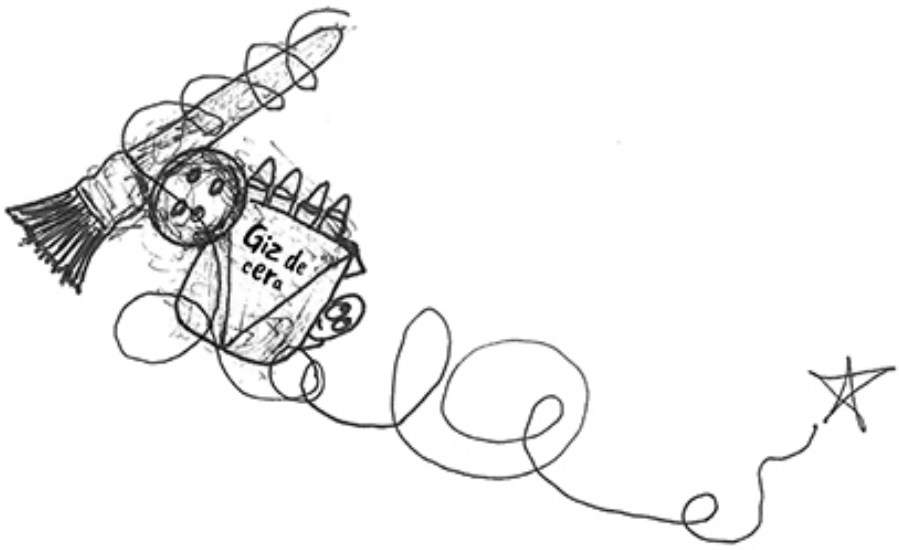
Ella desce do Jeep no asfalto quente, e a acompanho. O fato de estarmos andando lado a lado não me passa despercebido. A sensação de caminharmos juntos é até um pouco desconfortável: reparo em como ela contrai a boca quando tenta prender o riso, em como torce o cabelo sobre o ombro quando está insegura. Quando abro a porta da loja, ela sorri de um jeito que me deixa com vontade de fazê-la sorrir de novo.

A loja tem o mesmo cheiro de que eu me lembrava: uma mistura de tela nova com aquele cheiro forte de produto para limpar pincéis. As prateleiras são uma explosão de cores, como um cenário inspirado em Willy Wonka, cheias de papéis, tintas e tecidos.

Quase dá para sentir Des segurando minha mão e me puxando pelos corredores, toda empolgada com os materiais de artesanato, procurando algo para enfeitar a mochila ou fazer um patch para a calça jeans. Des nunca pintou nada. Não se interessava por arte como eu e minha mãe; na verdade, vivia

brincando que não servia nem pra rabiscar. Mesmo assim, se achava a rainha do glitter: se desse para deixar um negócio brilhando, era com ela mesmo.

A nostalgia me envolve que nem uma neblina, e um desenho começa a tomar forma na minha cabeça, me chamando.



Quando viro, vejo Ella me observando como se já estivesse há um tempo fazendo isso, com uma expressão curiosa no rosto.

— Tava desenhando, né? — pergunta, e me lembro do que ela falou, que esses desenhos eram meu jeito de me conectar com minha irmã. Embora essa ideia ainda me deixe desconfortável, já não parece mais tão absurda como era alguns dias atrás.

Passo a mão na nuca.

— É, um pouco — admito. — Esse lugar...

— É especial? — diz, e fico surpreso com como ela me entende bem.

— Minha irmã vinha aqui comigo sempre no meu aniversário. A gente tinha um jogo... — Fico meio sem graça de contar isso para ela, mas também não consigo me controlar, exatamente como acontece com os desenhos. — Cada um escolhia duas coisas e tínhamos que criar algo com os quatro itens. O pior tinha que lavar a louça por uma semana ou...

— Pagar o jantar? — sugere.

Faço que não.

— Eu era novo demais pra isso, mas...

— Não. — Ela me interrompe. — Quis dizer que, na *nossa vez* de jogar, quem perder paga a conta do jantar.

Fico imóvel por um segundo, tentando entender o que ela disse. Quer jogar comigo o jogo da minha irmã? Fico feliz, uma sensação que não estava esperando, e arqueio a sobrancelha.

— Tá tentando me convencer a jantar com você, escorpiana?

Ela ri, mas seus olhos imploram por um desafio.

— Se você não se acha tão criativo...

— Criatividade é o menor dos meus problemas — rebato, e, não sei como, mas parece que ficamos ainda mais próximos, como se o ar entre a gente estivesse energizado.

Ela faz um gesto de desprezo e abre um sorriso de quem sabe o que está fazendo, depois dá de ombros.

— Se você estiver com medo de perder... Tranquilo.

Dou risada.

— Fechado, escorpiana.

Ela parece satisfeita.

— Eu escolho primeiro — fala e sai andando. Observo o vestido azul balançando nas pernas bronzeadas, como se ela fosse dona do lugar. Quase tropeço na tentativa de acompanhá-la. Assim que Ella vê a prateleira com materiais de bordado, não pensa duas vezes e pega um kit arco-íris cheio de linhas coloridas. Depois ergue o pacote com um sorriso convencido estampado no rosto. — Toma essa, Holden.

— Sabia que no ensino fundamental me chamavam de rei das pulseirinhas de amizade? Sem brincadeira.

— Para de graça — diz ela, rindo, enquanto a guio até o fundo da loja para a seção de materiais de costura. Pego um saco de alfinetes de fralda, e ela fica encarando o pacote como se, do nada, eu tivesse lançado um desafio. — Ah, é? Quero ver se você sabe costurar mesmo — provoca e pega um saco de retalhos.

— Não sei — respondo. — Por isso que peguei os alfinetes. Você tá deixando o jogo fácil demais.

Abro um sorriso vitorioso e vou até a seção de bijuterias, onde pego um saco de joias com ar vintage (as favoritas de Des).

Ela olha de mim para o saco, depois para mim outra vez. E, por mais que tente disfarçar, acaba sorrindo.

— Acho que eu te odeio.

— Tá tranquilo, escorpiana, porque eu gosto de você. E não ligo de ralar um pouco pra ganhar sua admiração.

Assim que digo isso, sei que é verdade. Mas também sei que era melhor não ter falado nada. Já consigo até ouvir a bronca de Tiny.

Por sorte, ela parece ter levado isso na brincadeira, como sempre.

— Quer dizer que agora você tá falando de admiração, é? Não era você que tava tentando ficar em cima do muro?

— As regras mudaram.

Ella abre a boca para responder, mas, antes que diga qualquer coisa, alguém chama:

— Jonah? — Meu coração dispara tanto que preciso tossir. — O que você tá fazendo aqui? — continua aquela voz familiar e nitidamente confusa.

Entro em pânico. Meu sangue parece ferver e minha visão começa a ficar turva. Nem dou tempo para a garota continuar falando, já interrompo com um:

— Oi, Daisy. — Finalmente caio na real. Isso nunca aconteceu antes. Tiny e eu sempre organizamos as localizações dos casos justamente para evitar esse tipo de situação. — Caramba, quanto tempo.

— Um ano — diz, me olhando como se ainda não acreditasse que sou de carne e osso. — Não era pra você estar na Índia?

Passo a mão na têmpora, meu coração está acelerado que nem uma britadeira.

— A organização da minha mãe perdeu o financiamento. Uma merda. Tem um mês que a gente voltou.

Ella olha de mim para Daisy.

— Jonah? — pergunta, arqueando desconfiada a sobrancelha.

O desespero começa a tomar conta, ameaçando derreter meu cérebro.

— Meu nome do meio — digo, virando para Daisy. — Será que a gente pode...

— Peraí, quer dizer que Jonah é seu nome *do meio*? — pergunta Daisy, me interrompendo.

— Daisy, será que a gente pode trocar uma palavrinha?

Faço um gesto para ela me acompanhar pelo corredor, para longe de Ella.

Felizmente Daisy me acompanha, embora ainda pareça meio confusa. E, mesmo que Ella tenha nos dado espaço para conversar, agora tem um clima de desconfiança entre a gente que antes simplesmente não existia.

Minha vida é uma bosta.

49
VALENTINE

Seguir a picape do Justin no Jaguar preto e elegante da minha mãe faz eu me sentir uma mistura de detetive particular genial e perseguidora maluca. Ele já deu um pulo na lavanderia, um lugar típico de alunos de escolas particulares e trabalhadores de meia-idade, e agora está parando na rua principal, perto do café que Ella adora.

Estaciono numa vaga mais atrás e deixo o carro ligado, porque acho que ele só está indo pegar algo para beber. Mas, em vez de entrar na cafeteria, vai para um restaurante com a área externa lotada de gente comendo. Ele pega um cardápio e fala alguma coisa para a garçonete, mas ela não arranja uma mesa para acomodá-lo.

Era exatamente a oportunidade que eu estava esperando. Pego o celular e abro minha conversa com Amber.

Eu

E aí, tá ocupada? Tá a fim de almoçar?

Não hesito nem por um segundo nem fico ansiosa. Nessa parte eu mando bem. E, para minha sorte, ela responde na mesma hora.

Amber

Tô no carro. Indo pra praia. Onde você tá pensando em ir?

Olho para o restaurante e digito o nome.

Eu

Pensei no Le Petite Chat.

Amber

Beleza. Te vejo em cinco minutos.

Desligo o motor e pego umas moedinhas no console para pagar o estacionamento. Pego meu celular pré-pago, algo que August e eu raramente usamos, mas que já quebrou nosso galho em casos anteriores, enfio na bolsa e vou em direção a Justin.

Deixo que ele me veja primeiro. Ele acena.

— Ah, oi! — cumprimento, levantando os óculos escuros e sorrindo como quem diz "que bom te encontrar aqui".

— Vai almoçar? — pergunta, me estendendo o cardápio.

— Vou, sim — digo, pegando o cardápio. Mas, antes de abrir, faço uma pausa, como se tivesse acabado de ter uma ideia. — Quer almoçar comigo?

Não faço aquela coisa educada de oferecer a ele uma desculpa, acrescentando "se estiver com tempo" ou algo do tipo. Só dou um sorriso e fico esperando. Ele retribui.

— Eu ia pedir pra viagem, mas... É, por que não?

Acertei em cheio.

Ele se vira para a garçonete e pede uma mesa para dois.

— Três — corrijo. — A Amber também tá vindo.

Ele hesita, como se estivesse pensando melhor, e me pergunto se interpretei tudo errado. Vai que o flerte que vi rolando entre eles não foi só efeito de cerveja demais e uma frustração mútua com relação a Ella? Vai que aquilo não teve nenhum significado?

Mas, já que estou aqui, o jeito é aproveitar.

— Cadê a Ella? — pergunto, embora saiba bem qual é a resposta, enquanto me sento na mesa indicada pela garçonete.

Ele se ajeita na cadeira.

— Com seu primo — responde, sem nem disfarçar a irritação.

Só que não deixa de ser interessante que Ella não esteja saindo com August em segredo, como algumas pessoas fariam. Está sendo honesta.

— Ah, é, tinha me esquecido.

— Eu, não — rebate ele. — Mas agora eu tô com você, então estamos quites.

Ele tenta dar um sorriso atraente, depois começa a prestar atenção na alça do meu biquíni.

Olha pro cardápio, babaca.

Ainda bem que Amber acertou quando disse que chegaria em cinco minutos.

— E aí, o que foi que eu perdi? — pergunta ela, se acomodando na cadeira ao meu lado.

O almoço gira em torno de umas conversas meio difíceis de interpretar. Tá na cara que Amber e Justin se dão bem. Os dois têm o mesmo senso de humor e a mesma arrogância, mas, depois de umas piadas aqui, outras ali, chegamos a um momento esquisito, como se um deles, ou de repente tanto um como o outro, preferisse estar em qualquer lugar, menos aqui.

Justin empurra a cadeira para trás e deixa o guardanapo de pano na mesa.

— Banheiro — diz, como se fosse uma espécie de ordem, e sai andando.

Quando ele se afasta, me viro para Amber.

— Desculpa, acho que foi uma péssima ideia.

Ela enfia uma garfada de salada na boca.

— O quê? Vir almoçar?

Dou um gole no café.

— Não, chamar o Justin pra almoçar com a gente.

— Ah — diz ela, meio surpresa.

— Não quero me intrometer, tá? Mas parece que vocês estão meio sem graça — continuo.

Na verdade, quero me intrometer, sim.

Ela ri.

— Não estamos sem graça, não. Ele só não tem educação suficiente pra manter uma conversa de adulto por mais de quinze minutos.

Abro um sorriso.

— Tá bom, se você diz.

— É isso — afirma ela, mas, como já vim até aqui, preciso ter certeza.

Pego o celular pré-pago na bolsa e, discretamente, digito meu próprio número.

Um segundo depois meu celular verdadeiro começa a tocar ao lado do café. Eu o pego, aviso a Amber que volto logo e deixo a bolsa em cima da mesa, onde o celular reserva vai pegar tudo o que ela e Justin conversarem.

Deixo a área externa do restaurante e vou para a calçada, longe deles, bem na hora em que Justin volta para a mesa. Coloco a chamada no mudo e começo a gravar, fingindo que estou atendendo uma ligação imaginária e mantendo as costas viradas para eles não acharem que estou de olho.

— Vai pra casa do Derek mais tarde? — pergunta Amber.

— Vou, claro — responde Justin. — Se eu não for ele me caça e me arrasta até lá que nem aqueles homens das cavernas. E você, vai também?

— Talvez — diz, e dá para ouvir ela dando de ombros. — Tô sempre a fim de uma briguinha com o Derek. Ou, de repente, só dar uma ofuscada na minha sósia que ele carrega de um lado para outro que nem uma bolsa.

Justin ri.

— Isso, sim, é engraçado.

— Só se for pra você. Pro Derek é, no mínimo, constrangedor. — Ando para lá e para cá na calçada, me perguntando se é melhor desligar e voltar para a mesa. Talvez eu tenha me enganado sobre a paquera. Só que é aí que a conversa começa a dar uma desacelerada. — Enfim, tá sendo bom... almoçarmos juntos — continua ela, mas ele responde apenas com um resmungo. — Que resposta maravilhosa, hein — diz, um segundo depois.

— O que você quer que eu diga?

— Sei lá. Qualquer coisa — rebate ela, a voz vacilando.

— Só tô tentando almoçar, Amber.

— Então para de deixar o clima estranho — diz. — A Mia já tá percebendo.

— Deixa ela perceber — responde Justin, indiferente.

— Bom, a última coisa de que preciso é ela contando tudo pra Ella.

— Contar o que pra Ella? Que a gente não sabe conversar direito no almoço? E daí? — diz ele, me fazendo mudar de ideia.

Tem alguma coisa rolando, sim, e não é paquera. Ela está insistindo demais e ele não para de dar respostas evasivas. Continuo andando na calçada.

— Eu me importo — diz ela.

— Então para de se importar. Porque eu não tô nem aí.

— Legal — rebate Amber, e dá para perceber que seu tom não tem nada a ver com orgulho; ela está incomodada de verdade. Dou uma olhada na mesa: Amber está mexendo na comida com o garfo, cada vez mais aborrecida, enquanto Justin continua indiferente. — Pode deixar esse seu silêncio grosso pro psicólogo, Justin, porque eu não vou ficar aqui conversando com a parede. Se eu perceber mais uma vez que a Mia tá reparando que tem alguma coisa errada, juro que eu mesma conto tudo pra Ella — ameaça, com um tom de desafio bem claro.

Sinto o estômago embrulhar e pressiono o celular com mais força na orelha, como se assim fosse conseguir escutar melhor.

— Larga de ser idiota — retruca Justin.

— Ah, olha só quem finalmente resolveu conversar.

— Não tem conversa nenhuma — diz ele, agora furioso. — A gente tava bêbado. Fim de papo.

Bingo! Olho rápido para eles mais uma vez e consigo ver a expressão desconfortável no rosto de Amber.

— Te garanto que a Ella não concordaria — dispara Amber.

— Porra, Amber. Por que você é tão insuportável? — solta ele, depois joga dinheiro na mesa. — Quer saber? Tô vazando.

— Que gracinha — diz Amber, mas, apesar de tentar ignorar a raiva, dá para ver que está magoada. — Mas não preciso do seu dinheiro.

Ele dá uma risada discreta.

— Vamos chamar de agradecimento pelos serviços prestados.

Cacete. Olho para Amber, que está com o olhar frio, como se fosse capaz de matá-lo e esconder o corpo na bolsa de tênis.

— Vai, sai correndo, continua com seu namoro de teatrinho com a garota perfeitinha — provoca ela, a voz ameaçadora. — Talvez ela nunca descubra que você é um traidor de merda, *ou talvez descubra*. Quem sabe?

— Sabe por que o Derek terminou contigo? — solta Justin, igualando a agressividade de Amber. — Porque você só presta pra transar, não pra namorar.

Ninguém vai com a sua cara. Nem a Ella. Então manda ver, conta o que você quiser. Não vai fazer diferença.

Ele vai embora, deixando Amber fuzilando suas costas com o olhar.

— Nossa — murmuro, sem fôlego.

Depois encerro a chamada falsa e digito uma mensagem para August.

Justin passa por mim bem quando clico em enviar.

— Foi mal, tenho que ir — diz, a grosseria agora substituída por um sorriso calculado que me deixa até arrepiada. Ele começa a andar de costas em direção ao carro. — Mas deixa que o almoço é por minha conta.

Ele abre a porta do motorista. Quando olho de volta para a mesa, Amber está pedindo a conta. Parece tensa, com os olhos marejados.

— Tá tudo bem? — pergunto, me aproximando.

— Tudo ótimo — diz, tentando esconder a tristeza com um gole de chá gelado. — Como sempre.

50
AUGUST

Depois de uma conversa rápida com Daisy, nos despedimos num clima amigável. Descobri que ela está namorando, e que o relacionamento é *saudável*. Começou até a cantar em eventos, o que é surpreendente, ainda mais considerando como era tímida na época em que a conheci, e também está se dando bem com os pais. Apesar de esse ter sido o pior momento possível para isso acontecer, no fundo estou feliz por termos nos esbarrado. Me lembrou por que fundamos a Amor de Verão em primeiro lugar. Às vezes é difícil conseguir visualizar sua própria vida com clareza. Eu que o diga: escondo as coisas melhor do que ninguém. Mas ter um amigo, mesmo que só por um tempo (como Tiny e eu fazemos), pode ser o empurrão que faz toda a diferença.

Volto ao corredor onde deixei Ella, mas ela não está mais ali. Na verdade, foi embora da loja. Dou duas voltas no lugar só para ter certeza, a ansiedade martela no peito, depois pego o celular para ligar para ela. Não iria embora, né? Mas, antes de clicar no botão para fazer a chamada, olho pela janela e a vejo encostada no Jeep com uma sacola plástica pendurada no braço.

Saio do clima fresco do ar-condicionado para encarar o sol escaldante da tarde, com o estômago embrulhado. Não tento explicar a questão do nome logo de cara: sei que, se me esforçar demais, vou acabar parecendo culpado.

— Tá aí, *Holden Jonah*, comprei tudo de que a gente precisa. De nada — diz, deixando bem claro o tom de "não caio nessa lorota".

Respira, August. Um deslize e você já era.

— Desculpa, não quis interromper o jogo.

— Jogo — repete ela, me olhando desconfiada. — Se é assim que você quer chamar... — Inclino a cabeça como se estivesse curioso, não para bancar o desentendido, mas porque meu coração está a mil e estou tentando me acalmar. Ela bufa. — No fim das contas, acho que eu tenho mais é que agradecê-la. Acabou de me mostrar que você não passa de um cara que inventa um nome pras garotas e depois desaparece com uma historinha de viagem pra Índia.

Já é o suficiente para a minha ansiedade sair totalmente do controle. Respiro fundo e uso a única tática que conheço para dar uma desacelerada na adrenalina.

— Nunca fiquei com a Daisy — digo, sem nem pensar duas vezes.

Ela arqueia a sobrancelha.

Aí explico tudo, dando a versão mais verdadeira possível.

— A Mia e eu passamos um tempo com a Daisy no verão do ano passado. Ela estava numa fase complicada, e meio que a gente apareceu num momento em que ela precisava de amigos. Por isso acabamos nos aproximando muito rápido. Mas nunca rolou nada. Nunca nem encostei na mão dela.

Não sei bem por quê, mas Ella fica vermelha e acaba desviando o olhar.

— Não ligo se você já ficou ou não com ela — rebate, e na mesma hora entendo por que ficou constrangida: acho que ela estava, sim, preocupada com isso, mas não queria que eu soubesse. — Só estava questionando a confusão com os nomes.

Por um segundo penso em contar meu nome verdadeiro. Mas convencê-la de que sou um mentiroso de marca maior vai acabar com a chance de ser o amigo de que ela está precisando neste momento. Então suspiro, frustrado.

— Pensa comigo. Se seu nome fosse Holden, você não usaria o nome do meio de vez em quando? — pergunto, e ela me encara. — E, bom, desde que meu pai saiu de casa, minha mãe entrou mesmo nessa onda de autoconhecimento espiritual. É cansativo. Vai pra Índia pra viver num templo, depois pra África pra construir escolas, embarca em viagens de iate. — Ergo a mão, como se entendesse ainda menos do que ela. — Só sei que a gente nunca fica muito tempo no mesmo lugar. É uma merda.

Apesar de já ter criado uma vida falsa para conseguir explicar os detalhes várias vezes, dessa vez eu me sinto desconfortável. Não quero ser Holden.

Nunca fui, na verdade. Tenho me comportado como August, só que com um nome falso e uns detalhes inúteis. E tudo em mim está gritando para contar a verdade.

— Hummm — murmura ela, recuando um pouco.

Aponto para a sacola plástica.

— Obrigado por ter comprado as coisas, viu? — digo. Ela me olha como se tentasse encontrar uma falha na minha postura. — Que foi?

— Nada — responde, abandonando o olhar de desconfiança. — Acho que faz sentido.

Mas não fico aliviado. Porque, se tudo der certo, em uma semana vou ter que dizer a ela que vou morar numa tenda na Mongólia; enquanto, na verdade, estarei a meia hora de distância me lamentando com meu gato.

Abro a porta do carona ao mesmo tempo em que ela estica a mão, e nossos dedos acabam se esbarrando. Ela me olha e logo desvia o olhar, agradece rapidamente e entra no carro.

Ao fechar a porta, sentindo o calor daquele toque acidental, olho para o céu e, em silêncio, pergunto o que tem de errado comigo.

Dou a volta no Jeep e entro no carro, dou partida e tento desesperadamente não pensar na constelação de sardas em suas bochechas ou nos seus lábios rosados. Ou no jeito como ela descansa os dedos na coxa...

— Você tá olhando pras minhas pernas? — pergunta, com a sobrancelha arqueada e uma entonação brincalhona.

Pigarreio.

— Só tava conferindo se você tá com o cinto de segurança.

— Ah, claro, Holden Jonah. Segurança em primeiro lugar.

Ela ri da minha desculpa podre.

Aperto o volante com força e manobro para fora do estacionamento como se precisasse manter todo o meu foco na estradinha de acesso ao local. Será que minhas mãos estão suadas?

Ella coloca de novo sua playlist, só que, dessa vez, três músicas se passam sem que ela cante uma única palavra. Só fica olhando a paisagem, como se estivesse pensando em um problema que não consegue decifrar.

— Posso ajudar? — ofereço, e, pelo visto, acabo a assustando.

— Ajudar?

— É, seja lá o que for que tá te deixando com a testa franzida desse jeito.

Mas ela continua olhando pela janela.

— Não tem como você ajudar. Você é o problema.

— Eita. Não fala assim comigo, Tai.

Ela me olha, rindo.

— Sério que você acabou de citar... *As patricinhas de Beverly Hills*?

Resmungo mentalmente por um segundo. Falei como August de novo, e não a versão reflexiva e misteriosa, mas meu lado nerd que usa pijama com estampa de Natal.

— Você ia me achar idiota se soubesse que já maratonei todas as comédias românticas dos anos oitenta e noventa? Porque, se for o caso, então pode apostar que não maratonei nada.

Quando paro num cruzamento, vejo que ela abriu um sorrisinho.

Nos entreolhamos e parece que rola alguma coisa, algo sutil e difícil de explicar, mas que os dois sentem, porque de repente parece que ela fica triste.

— Desculpa — digo, meio no automático.

— Pelo quê?

— Eu...

Jogo o cabelo para trás. O que eu estou fazendo? Por que não consigo seguir o roteiro e dar uma segurada no que sinto por essa garota? Eu devia ser amigo dela, nada mais.

— Eu sei — sussurra Ella. — Esse é o problema.

E, mesmo que ela não diga com todas as palavras, entendo exatamente do que está falando.

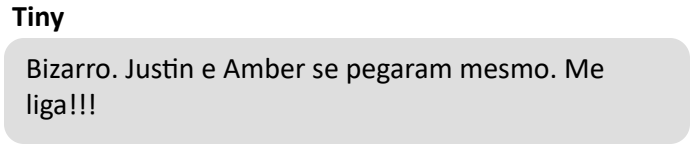
Respiro fundo, frustrado. Porque a verdade é que meus sentimentos não importam aqui, e sim o que ela precisa. E, nesse exato momento, ela precisa de um amigo. Então não comento nada sobre o que ficou subentendido.

Ella se vira para a janela aberta, mas, ao contrário de mim, não deixa isso para lá.

— Passar esse tempo com você tem sido meio... complicado. — Sinto meu coração acelerar. — A gente conversa... sobre tudo — continua. — Eu nem sabia como estava sentindo falta dessa sensação.

Abro e fecho a boca logo em seguida, sendo dominado por um conflito interno. Meu celular vibra com uma mensagem de Tiny e dou uma olhada

rápida na notificação. Depois guardo o aparelho no bolso.



Aí meus pensamentos, que já estavam uma bagunça, se embaralham de vez. Indignação por Ella. Nenhuma surpresa. Raiva por Justin não dar valor ao relacionamento incrível que tem. Em meio a tudo isso, a corda que amarrava meu autocontrole se rompe, e acabo dizendo tudo o que tinha jurado não dizer.

— Me fala o que você quer que eu faça, que eu faço. Só quero te ver feliz.

Ela me olha com a testa franzida, claramente confusa.

— Pois é, aí que tá — prossegue ela. — Detesto ter que dizer isso em voz alta, porque não queria admitir, mas conversar com você me fez perceber que o Justin não dá a mínima pras coisas que são importantes pra mim. Não me leva a mal, ele gosta de mim, mas...

— Mas gosta mais de si mesmo? — sugiro enquanto entro na garagem da casa dela, desejando que o trajeto fosse mais longo.

— Exatamente. Tudo gira em torno dele.

Você não faz ideia, penso, e a frustração toma conta ao me lembrar de que ela foi traída tanto pelo namorado como pela melhor amiga.

Estaciono em frente à casa dela e coloco o carro em ponto morto, sentindo meu corpo inteiro agitado.

— Se você quer a minha opinião... — digo, soltando o cinto de segurança que de repente parece sufocante.

— Quero.

— Você merece alguém que te ame.

Ela faz que sim, pensativa, e solta o cinto de segurança. Por um instante acho que vai embora sem responder, que acabei passando do limite.

— Que me ame como uma jujuba. Não como uma lágrima sexy.

Essa frase não devia me afetar tanto assim. Mas afeta. E, quando ela me encara e não desvia o olhar, essa sensação só aumenta. Cara, como ela é linda, como é inteligente. Fico imaginando, por um segundo, como deve ser segurar sua mão, sentir seus dedos finos entrelaçados nos meus. Imagino que estou

beijando seu pescoço, passando a mão de leve na pele macia do braço, deixando ela toda arrepiada só para depois beijar os arrepios um de cada vez. E ela me olha do mesmo jeito, com os lábios entreabertos e os olhos fixos na minha boca.

Sem perceber, nos aproximamos, um se inclinando na direção do outro como se fosse contar um segredo.

— Você me perguntou o que eu quero que você faça... o que me deixaria feliz — diz, quase num sussurro. — Quero que você continue ao meu lado.

Essa frase simples me faz esquecer o caso, Holden, tudo. E, como se ela fosse uma força mais potente que a gravidade, estendo a mão e, com o polegar, toco suavemente a constelação de estrelas na sua bochecha. Ela inclina o rosto na minha mão e, por um segundo, fecha os olhos. Estamos tão, mas tão perto, que consigo sentir seu hálito e o cheiro do gloss de pêssego na sua boca.

Até que, de repente, uma porta bate com força e na mesma hora a gente se afasta. Ali, parado ao lado do Porsche, está o pai dela.

— Merda — diz Ella, descendo do Jeep num pulo. Merda é pouco para descrever o que está acontecendo. — Melhor você ir embora — prossegue, depois fecha a porta sem nem olhar na minha cara.

Para piorar, seu pai está me encarando como se estivesse prestes a encomendar minha morte. Dou marcha à ré, querendo ficar mais tempo, mas sabendo que não tenho outra escolha.

51
VALENTINE

August está esparramado na minha cama, no meio de um monte de vestidos que experimentei e não gostei.

— E esse? — pergunto.

Ele se apoia em um dos cotovelos.

— Ficou ótimo.

— Você disse a mesma coisa dos outros três.

— Porque todos são ótimos.

— Aff, August, assim você não tá ajudando! Não quero só ótimo, quero causar. Tipo, deixar todo mundo de queixo caído. Os convidados já devem estar chegando.

— Você quer dizer o Bentley.

Lanço para ele um olhar como quem diz "não tô pra brincadeira".

— Nem começa com a implicância. Já tô uma pilha. Se ficar insistindo nisso, vou ter que te nocautear.

Ele dá um sorrisinho discreto, depois fica um instante em silêncio e solta um suspiro resignado.

— O branco com decote nas costas.

— Sério?

— Total.

— Tava torcendo pra você escolher esse.

Abro um sorrisão e pego o vestido da cadeira.

Vou para o banheiro me trocar e, quando volto, encontro ele jogado na cama, com as mãos atrás da cabeça, olhando para o nada, como se estivesse sonhando acordado.

— Tá pensando no caso, né? — pergunto.

Mas sei muito bem que ele está pensando em Ella. August não é de sonhar acordado. Nunca foi.

— Não acredito que você conseguiu gravar a Amber e o Justin conversando — diz.

Me sento de frente para a penteadeira e abro meu nécessaire.

— Pois é. Bizarro. Agora que achei o pote de ouro, virei um duende. Pena que, se a gente usar isso, a casa cai. Não tem como explicar essa gravação.

August solta um suspiro.

— Será que a Amber vai ter coragem de contar tudo pra Ella?

Chego mais perto do espelho para passar o delineador.

— Sei lá. Ah, talvez. A maioria das pessoas não se queimaria desse jeito. Mas, se ela estiver com muita raiva do Justin, talvez acabe jogando tudo no ventilador, sim, só de vingança. — August mantém os olhos fixos no teto, como se estivesse fazendo mil cálculos. — Agora, com um empurrãozinho, acho que a gente consegue arrancar essa confissão da Amber. Aí a gente conclui esse caso numa tacada só.

— Pode ser — concorda ele, mas não parece muito convicto.

— Você tá dizendo que pode ser, mas seu tom de voz diz o contrário — comento, olhando desconfiada para ele pelo espelho.

August ignora.

— Teve notícias da Leah ou da Amber?

Faço que não.

— Teve notícias da Ella?

— Nada de mais — diz.

— Alguma coisa que eu devia saber? — indago. Ele dá de ombros, mas fica todo vermelho. Por um segundo me sinto meio excluída. — Você sabe que nunca agiu assim num caso antes.

— Assim como?

— Sem me contar todos os detalhes. Você passou a tarde toda com ela e mal abriu a boca pra falar nada. Tá meio esquisito. Isso é um trabalho. E nós dois

somos colegas de trabalho.

Ele se senta, pensa um pouco, mas só diz:

— Não sei.

— Você pode conversar comigo sobre a Ella. Pode me contar o que tá sentindo — digo, tentando deixar meu incômodo de lado.

— Tiny — resmunga ele, visivelmente constrangido.

— Tô falando sério — insisto, mas August fica em silêncio. — Qual é o seu problema? Por que você não me conta mais as coisas?

— A gente se fala o tempo todo — rebate, como se eu estivesse inventando um problema que não existe.

Por que garotos são tão complicados, hein?

— Tá, então me diz uma coisa: te incomoda saber que a Ella é um caso nosso? Queria que ela não fosse?

Ele faz uma careta.

— Um pouco. — Depois suspira e diz: — Incomoda, sim. — Aí, um instante depois, acrescenta: — Acha que seria loucura se a gente...

Ele interrompe a frase no meio, como se não fosse capaz de terminar.

— Se a gente o quê?

August parece tão vulnerável que, por um segundo, nem o reconheço.

— Se a gente... contar pra Ella? — pergunta ele, baixinho.

— Contar o que pra Ella? Sobre o Justin? Você sabe que, se a gente fizer isso, vai acabar dando encrenca. Melhor deixa a Amber resolver. — Mas, pela sua expressão, percebo que não é o que ele quis dizer. Aí minha ficha cai. — Puta merda. Tá falando de *contar a verdade*?

Ele se levanta num pulo.

— Esquece. É besteira.

— Tá falando sério? Você quer jogar esse caso no lixo? — pergunto, chocada.

Já sabia que ele tinha uma quedinha por ela, mas nunca imaginei que fosse algo nesse nível, a ponto de querer colocar tudo a perder.

Ele fica vermelho na mesma hora.

— Vou lá ver se sua mãe tá precisando de ajuda — avisa, saindo do quarto antes que eu consiga abrir a boca. Fico totalmente sem reação.

A primeira coisa que passa pela minha cabeça é esperança. Esperança de que meu melhor amigo esteja finalmente sentindo algo genuíno e que talvez esse seja o sinal de que ele está começando a sair de trás da Muralha. Mas a segunda coisa que passa pela minha cabeça é ansiedade purinha. Não pelo caso que vamos perder — isso eu consigo superar —, mas pelo risco que August está correndo. Não consigo imaginar, de jeito nenhum, que, se ele contar a verdade, ela não passe a odiá-lo. Além do mais, o pai deixou bem claro que não é para beijar a filha dele. Se apaixonar pela garota está fora de cogitação. E se ele se abrir e acabar levando um fora? Um passo à frente e trinta e cinco para trás. Só isso.

52
AUGUST

Vou me sentar no deque com meu suco de limão. Estou de costas para as tendas cheias de gente conversando e, pela primeira vez na vida, só queria que esta festa acabasse. Tiny passou as últimas vinte e quatro horas tão ocupada que não consegui encontrar o momento certo para contar que, além de quase ter beijado Ella e estragado tudo, tenho certeza de que o pai dela também nos viu. Depois que isso aconteceu, fui direto para a casa dela contar tudo. Mas ela não estava, e, quando voltou, bem mais tarde, eu já estava quase me convencendo de que o pai de Ella não viu a gente, já que não ligou para me dar uma bronca. E, hoje de manhã, simplesmente não soube como abordar o assunto, como admitir em voz alta algo que eu mesmo ainda não aceitei: que seria capaz de colocar esse caso a perder só para ter a chance de beijá-la. Mas, se contasse isso para Tiny, também teria que confessar que minha poupança já era e que, sem a grana desse trabalho, não faço ideia de como vou pagar a faculdade em Berkeley. Então achei melhor esperar passar a festa, para ter tempo de pensar numa saída.

— Você tá perdendo a festa — diz Tiny, e o barulho dos saltos me traz de volta para a realidade.

— Tô só pegando um ar — respondo, ficando de pé.

Ela inclina a cabeça.

— A festa é do lado de fora. Tem ar de sobra. — Ela faz uma cara de quem está lendo meus pensamentos. — Tá com a cabeça a mil, né?

Dou uma aliviada na expressão, tentando levar na brincadeira.

— Acho que você quis dizer “filosofando”.

Ela dá um sorrisinho.

— Tipo pensando em coisas geniais? Nada disso. Você tava com a cabeça a mil do jeito clássico: um cara com cabelo maravilhoso franzindo as sobrancelhas enquanto suspira olhando para a água.

Sorrio.

— Cada um com seu charme.

Mas, pelo jeito que ela me encara, percebo que não vai deixar para lá.

— Sabe, de repente seria bom a gente conversar melhor sobre aquele lance da Ella. Pode dar merda, mas...

Antes que ela termine a frase, Bentley aparece com um blazer cáqui de linho e um sorriso igualmente patético.

Mas já entendi o recado: Tiny não se sente à vontade de contar a verdade para Ella. E tudo bem. Ia acabar com nossa empresa, além de ser fofoca garantida. Desvio o olhar, com o estômago embrulhado.

— Essa festa tá incrível — diz Bentley. — Já provou isso aqui? — pergunta, erguendo uma miniquiche com recheio de queijo de cabra e cebola caramelizada.

— É a favorita da mãe da Tiny — digo.

A intenção era só responder, mas acabo soando grosseiro e possessivo; meu humor péssimo consegue deixar tudo pior.

— Ela serve essas quiches em toda comemoração — explica Tiny, animada. — Teve um Natal em que August e eu usamos todo o queijo de cabra dela pra fazer uma “poção mágica”, e meio que acabamos arruinando a noite. Desde então ela compra oito a mais, só pra garantir.

Bentley passa o braço pela cintura de Tiny e a puxa para perto.

— Já posso me convidar pro Natal ou ainda é cedo demais?

— Cedo demais — respondo, no automático.

Tiny me olha de um jeito que deixa claro que a gente precisa conversar, mas finjo que não vejo. Ela sorri para Bentley.

— Nada disso. Seu nome já tá na lista.

Ele se inclina para beijá-la. Se tivesse um jeito de lidar com essa situação que não envolvesse jogar os dois no rio, eu tentaria. Não que fosse ficar triste em despachar o Bentley para a água.

Aí ele me encara, como quem diz "se quiser bancar o babaca, sem problema, consigo ficar beijando ela assim até de manhã". A mão continua na cintura de Tiny. Cerro os dentes. Esse cara não merecia nem estar respirando o mesmo ar que minha amiga, que dirá namorar com ela.

— Eu vou... — começo, tentando dar um jeito de sair dali sem perder a dignidade, mas Tiny me interrompe.

— August, sabia que o Bentley manda bem pra caramba na cozinha? — comenta.

Queria poder pedir para ela não fazer isso, só deixar a gente se odiar em paz pelo pouco tempo que vai durar esse namoro.

— Pois é, sabia, sim — respondo, e os dois me encaram. Ela inclina a cabeça, sem entender. — Ele vive falando disso no vestiário — explico.

Ela cai na risada.

— Peraí. Quer dizer que você fica *se gabando* por causa disso no vestiário?

Não fala nada, August. Deixa quieto.

Bentley parece meio indeciso.

— Acho que sim, um pouco.

Só dá o fora. Dá. O. Fora.

— Pelo visto essa cartada nunca falha com as garotas, né, Bentley?

Merda.

O dilema de Bentley se transforma em um olhar de aviso.

Tiny olha para ele, e dá para ver que está ficando vermelha.

— Meu Deus. Tá falando sério? Essa é a sua tática? Você usou sua *técnica infalível* comigo? — Mas logo o constrangimento dela dá lugar a algo mais pesado. Parece realmente magoada. — E eu aqui, pagando de idiota e falando disso como se fosse um negócio especial?

Por um instante, me sinto um bosta. Não tive a intenção de magoar a Tiny, mas não é melhor ela descobrir agora, antes de se apegar? Levanto o copo vazio como uma desculpa para sair dali, mesmo sabendo que nenhum dos dois está prestando atenção, e vou embora.

— Você sabe o que ele tá fazendo, né? — diz Bentley atrás de mim. — Só quer colocar a gente um contra o outro.

— Beleza, o August pode até ser meio superprotetor, sim, mas a gente é praticamente irmão, e isso não significa que você pode fugir da pergunta. Pacto

da honestidade, lembra? — diz ela, e fico me perguntando como Tiny acredita que esse cara é capaz de falar a verdade.

— Tudo bem — responde Bentley. — Às vezes eu cozinho, sim, pras garotas.

— Antes de levar pra cama?

Diminuo o passo.

— Você tá simplificando demais as coisas.

— É? E o que a Cassie diria se eu perguntasse pra ela? — questiona Tiny, se referindo à ex-namorada de Bentley.

— Você não é a Cassie — solta ele, mas a música acaba abafando a resposta.

Vou me enfiando na festa, que já está a todo vapor. Tem um monte de músicos famosos e está todo mundo bebendo champanhe. Sigo em direção a uma mesa e me sento na cadeira ao lado de onde está o xale de Tiny. Fico me sentindo péssimo por ter deixado minha amiga chateada. Só queria mostrar para o Bentley que sei o que ele faz por aí; que, mesmo que a gente não converse, fico sabendo de coisas que só me levam a uma conclusão: o cara é um merda.

Tiro o celular do bolso e começo a olhar minha troca de mensagens com Ella. Vejo a cara feia de Tiny do outro lado do gramado, e a briga deles só me faz ter mais certeza de que preciso contar toda a verdade para Ella, que, quando a gente esconde as coisas, não tem jeito, sempre dá errado. Jogo o cabelo para trás e apoio os cotovelos nos joelhos. Só preciso aguentar mais algumas horas até a festa acabar para, quem sabe, tentar convencer Tiny e bolar um plano que cause o mínimo possível de confusão.

Dou uma olhada no celular e começo a digitar uma mensagem para Ella.

Eu

Tá ocupada?

A resposta chega na mesma hora, e abro um sorriso.

Ella

Um pouquinho. Tô resolvendo um negócio. Posso falar com vc quando chegar em casa?

Eu

Claro.

Suspiro, torcendo para que não tenha nada a ver com Justin, mas, pela forma vaga como ela falou, acho que tem. *Penso nisso mais tarde*, digo a mim mesmo. Coloco o celular na mesa e arregaço as mangas da camisa, olhando para o rio e me perguntando se Tiny me mataria se eu saísse da festa para dar um mergulho. Tô precisando muito pensar.

Até que escuto alguém me chamar. E, por um segundo, fico achando que é coisa da minha cabeça, que estou com tanta vontade de ver Ella que comecei a delirar. Só que não, a pessoa não me chama pelo meu nome, e sim *Holden*.

Pego o celular da mesa e me levanto tão rápido que tenho sorte de não levar a cadeira junto. Lá está ela: o cabelo ondulado batendo nas costas, o vestido azul sem alça que fica perfeito no corpo e um sorrisão estampado no rosto. Simplesmente perfeita.

— Ella? — gaguejo.

Não tem como ela estar aqui, não tem como Tiny não saber que ela foi convidada. A lista de convidados foi fechada há meses. Não faz sentido.

Choque.

Boca seca.

Desespero completo.

— Você por *aqui*? — continuo, mal conseguindo juntar três palavras.

Só aí entendo o motivo da sua presença: os pais dela também estão aqui, no meio da multidão, pegando taças de champanhe.

Olho deles para Ella, me sentindo como se fosse um trem prestes a bater num muro.

— Idiota — solta ela, ainda com aquele sorrisão no rosto, e me dá um empurrão no braço. Só isso já faz meu estômago virar do avesso. — Você me viu chegando quando mandou aquela mensagem, né?

Quem sou eu? O que está acontecendo? Isso é real? *Se recompõe logo, antes que as coisas desandem de vez.*

Sorrio.

— Pode ser.

Ela faz uma careta que seria a coisa mais linda do mundo se eu não estivesse surtando.

— Não acredito que você tá aqui! — Ela olha ao redor. — Sério, que loucura. Incrível, né? A Amber ficou *uma fera* que meus pais não deixaram ela vir com a gente. Não vou mentir, até que foi meio satisfatório.

Fico socando as teclas do celular no bolso, tentando mandar uma mensagem para Tiny, mas não consigo desbloquear essa porcaria.

— Ah, sim, eu venho todo ano — digo, não para tentar me gabar, mas só porque não consigo pensar em nada além da verdade.

— Tá brincando? Fiz de tudo pra conseguir entrar na festa do ano passado. Pena que tive que vir com meus pais, mas fazer o quê? — comenta dando uma risadinha. Ouvir ela mencionar o pai faz minha cabeça dar um nó. Estou quase falando que Mia está lá perto da água só para ganhar tempo para pensar em alguma coisa, até que ela diz: — Então, aquilo que rolou antes... — Congelo na hora, mas a curiosidade me impede de sair dali. Ela me olha decidida. — Vou falar com o Justin. Contar a verdade.

— A verdade? — murmuro, sem a menor ideia do que ela quer dizer com isso, mas desesperado para descobrir.

Ella coloca uma mecha de cabelo atrás da orelha e me encara.

— Vou contar pra ele sobre o que a gente tava conversando mais cedo. Como é que eu vou tomar essas decisões imensas por causa de um cara em quem eu nem sinto segurança? Nunca achei que fosse esse tipo de garota. Tipo, eu não sou essa garota. E não sei mais se o Justin é o que eu quero.

Fico sem ar. Meu coração está prestes a sair pela boca e começar a rodopiar de alegria por aí. Ela vai terminar com o Justin. ELA VAI TERMINAR COM O JUSTIN. Preciso me segurar para não sair correndo e gritando isso pela festa. De repente, tenho certeza de que vai dar tudo certo. Ela vai contar a verdade para ele e eu vou contar a verdade para ela. Chega de enrolar. Chega de mentira.

— Passei o dia sem conseguir tirar isso da cabeça — continua, e eu fico parado, prestando atenção em cada palavra. — E, quando você tocou na minha bochecha, eu senti...

Mas ela deixa o resto da frase no ar, porque desvia o olhar para além de mim. Quando me viro, quase esbarro em Tiny, que está com uma expressão de

choque. Bentley ainda está longe, mas vindo na nossa direção, o que me dá a entender que ela saiu correndo.

— Ella? Não acredito! — diz Tiny, a voz animada demais, como se tivesse acabado de tomar um balde de açúcar com energético.

Ella abre um sorriso e diz:

— E eu achando que meu horóscopo tava péssimo pro dia de hoje. Geralmente não erro nessas coisas de lua cheia. — Aí minha ansiedade volta com tudo. A situação está por um fio. Nada pode dar errado antes de ela falar com Justin, nada, senão vai tudo por água abaixo. Isso significa que o objetivo agora é tirarmos Ella do jardim de Tiny, e rápido. — Holden me contou que vocês vêm todo ano — prossegue. — Sortudos, hein? Leio sobre essa festa nos blogs de fofoca desde os treze anos.

— Ah, sim — diz Tiny. — Mas não deixa o Holden te convencer de que ele consegue entrar por causa da popularidade, viu? A festa é organizada pelos nossos tios. — Isso explica perfeitamente nossas fotos espalhadas pela casa. *Você é um gênio, Tiny.* — Eles não têm filhos — continua. — Então Holden e eu descolamos todos os convites legais.

Ella inclina a cabeça como se tivesse umas sete perguntas diferentes para fazer, mas, antes que diga qualquer coisa, Bentley se aproxima.

— V... — começa ele.

— Ella, esse é o Bentley — interrompo antes que esse babaca pronuncie o nome da Valentine. — Ele tá com a *Mia*.

Bentley olha de mim (com meu tom de voz repentinamente simpático) para Tiny, que sorri como se nada estivesse acontecendo.

Eu, por outro lado, lanço um olhar ameaçador para ele. *Te afogo no mar se você estragar isso aqui, Bentley.*

— Prazer — diz.

Solto um suspiro de alívio.

— Pode pegar alguma coisinha pra eu comer, Bentley? — pede Tiny. — Tô morrendo de fome.

— Claro, *Mia* — responde ele, meio hesitante.

Antes de sair, olha para nós dois.

Ella articula um "que gato" com os lábios para Tiny enquanto ele se afasta, e fico torcendo para ele tropeçar numa cadeira e desaparecer da face da Terra.

— Né?! — responde Tiny, entrelaçando o braço no dela. — Que tal eu te mostrar um pouco da festa, hein? Te apresentar pra umas pessoas?

— Fechado — aceita Ella.

Tiny me olha como quem diz: *Se você não achar os pais dela e dar um jeito nisso, não vai ser só o Bentley que vai parar na água.*

Mas nem preciso ir atrás dos pais dela, porque estão bem perto, e com os piores acompanhantes possíveis: os pais de Tiny. *Vira*, grito mentalmente para eles. *Dá o fora antes que isso aqui vire uma confusão!* Mas já virou uma confusão. Se eu tivesse tendência a desmaiar, cairia duro no chão agora.

— Nossa filha... Ella — diz a mãe, apresentando a família e estendendo a mão para os pais de Tiny.

Mas a voz e o sorriso desaparecem assim que ela reconhece a gente.

Os pais de Ella parecem meio atordoados, como se tivessem levado um flash de câmera na cara.

Mas o pai de Tiny segue tranquilamente.

— Ella, né? — diz. — Seja bem-vinda. Me chamo Prem, e essa é Piper, minha esposa.

— Prazer em conhecer vocês — responde Ella, educada.

Pelas expressões de tensão dos pais de Ella, dá para ver que estamos todos sem saber onde enfiar a cara.

— A gente tava indo dar uma volta com ela — digo, tentando dar uma controlada na situação.

Tiny dá um passo em direção ao deque para mostrar como está empolgada, na esperança de que Ella a acompanhe, mas não dá certo.

O pai de Tiny continua:

— Pelo visto vocês já se conheceram...

— Sim, total! Tá tudo tranquilo por aqui — interrompe Tiny antes que ele mencione seu nome ou diga que ela é sua filha.

A mãe de Tiny franze a testa como se tivesse percebido que tem alguma coisa errada acontecendo, mas não soubesse exatamente o quê.

Olho para os pais de Ella como quem diz "socorro".

Por sorte, o pai começa a falar:

— Prem, queria que você me apresentasse a algumas pessoas enquanto estou aqui.

Ele nos dá as costas como se todos tivéssemos combinado que a conversa acabou.

— Vem — chama Tiny.

Quando Ella vai atrás, solto um suspiro alto de alívio.

Mas não as acompanho até o deque. Pego o celular e fico de olho, ao longe, nos pais de Ella e de Tiny.

Vou explicar o que está acontecendo e eles vão tirá-la daqui, digo a mim mesmo. Vai dar tudo certo. Tem que dar.

53
VALENTINE

Meu coração está a mil, e saber que August gosta mesmo dessa garota faz eu sentir que estou carregando um peso enorme nas costas.

— É aqui que o Holden e eu nadávamos todo verão quando a gente era pequeno — conto para Ella, tentando mantê-la distraída. — Não sei por que, mas a gente sempre preferiu o rio ao mar. Parecia que era um esconderijo só nosso.

— Dá pra imaginar — responde Ella enquanto seguimos pelo píer iluminado por luzinhas brancas. A festa foi se espalhando em direção à água, e acabamos tendo que desviar das pessoas. — Bem aconchegante aqui. Fofo demais. Vocês ficavam muito aqui quando eram pequenos?

Alguma coisa na voz dela me deixa com uma sensação esquisita. É como se estivesse desconfiada.

Faço que sim, torcendo para que meu entusiasmo afaste suas dúvidas.

— É, mais ou menos. A mãe do Holden tava sempre numa viagem diferente e meus pais vivem trabalhando.

— Mas agora você mora perto de mim — continua Ella, como se estivesse tentando entender. — Qual é a rua mesmo?

— Ah, sim, Spring Street — respondo, começando a ficar meio desconfortável com o rumo da conversa.

— Engraçado — diz. — Eu tenho um amigo que mora bem nessa rua. Qual é a casa?

Apesar de sempre me preparar para perguntas como essa antes de cada caso, o momento que ela escolheu para esses questionamentos está me deixando enjoada.

— A azul com moldura branca na fachada. Pode aparecer quando quiser — comento, com uma confiança que não tem nada a ver com o que estou sentindo. Mas ela não diz nada, só fica mordendo o interior da bochecha e olhando para a água. — E aí, quem você quer que eu te apresente primeiro?

Ela me encara, franzindo a testa.

— Valentine — responde, e sinto o sangue desaparecer do rosto. — Eu ia amar conhecer a Valentine.

— Valentine? — repito, meu nome entalado na garganta.

— Então, Prem e Piper têm uma filha com esse nome — explica Ella, e sinto um aperto no peito. — Vi num blog de fofoca.

Engulo em seco. Só teve *uma* matéria no ano passado que mencionou meu nome, e, apesar de eu ter adorado, não posso dizer o mesmo dos meus pais. Pediram para o nome ser retirado, e, no final, acabou só ficando no ar por quarenta e oito horas.

— Como é que você se lembra disso? — pergunto, chocada.

— Eu te disse, meus amigos e eu éramos doidos pra vir nessa festa — comenta ela, e vejo tudo girar.

Eles devem ter me visto como uma oportunidade para descolar um convite para a festa. Isto é, se conseguissem me achar e fazer amizade comigo.

— Ella... — começo, mas ela me corta.

— Você se parece muito com a Piper — diz.

— Nossa família toda se parece — digo num esforço colossal de seguir o roteiro. — Ah, menos o Holden. Ninguém sabe de onde ele puxou...

— Quer dizer o *Jonah,* né? — pergunta ela.

Fico sem reação.

54
AUGUST

— *Se soubéssemos* o sobrenome da Valentine, nunca teríamos aparecido. Mas vocês insistiram em passar só o primeiro nome — diz o pai de Ella, furioso.

Apesar de ele não ter falado nada sobre o beijo, o olhar de desprezo com que me encara parece um anúncio no megafone.

— Peço desculpas, senhor — digo, porque, honestamente, eu também estou irritado com essa situação.

— Vocês não têm culpa de nada — diz a mãe de Ella. — Não estávamos na lista de convidados. Acabaram nos incluindo de última hora.

Mas o pai não consegue se controlar.

— Claro que é culpa del...

A mãe toca o braço do marido e ele resmunga, mas para de falar no meio da frase.

Olho em direção à água.

— Vou avisar a Ella que vocês a estão procurando — falo, louco para encerrar essa conversa e ir até as duas.

— Faz isso, sim, por favor — diz a mãe de Ella. — Vou lá pegar nossas coisas.

Corro para o deque assim que ela acaba de falar, sentindo, lá no fundo, que a gente vai conseguir sair dessa. Mas basta me aproximar das duas para perceber que tem alguma coisa errada. Estão com uma postura tensa e Tiny parece nervosa.

— Quando você comentou que Prem e Piper não tinham filhos, acabei nem me tocando. Mas, quando vi todos vocês juntos, reparei em como você e sua mãe se parecem — acusa Ella, e quase tropeço. — Então o que eu quero saber é o seguinte: por que você e Jonah não param de inventar histórias sobre quem são de verdade?

Jonah. A ficha cai pesada, que nem quando você leva um caixote e fica sem fôlego.

Ella me encara, o olhar carregado de decepção.

E, de repente, tudo que fizemos de errado fica bem nítido. Se eu não tivesse ido com Ella à loja de arte. Se Daisy não tivesse aparecido. Se tivéssemos conversado mais com seus pais. Se eles não tivessem conseguido um convite de última hora. Se, se, se.

— O lance é que... — começa Tiny, provavelmente tentando mudar o rumo da conversa.

— August — interrompo. Agora já era. — Meu nome é August.

Tiny engole em seco.

— *August?* — A raiva de Ella só piora. — Quer dizer que você mentiu sobre o seu nome não só uma, mas duas vezes? E sobre estar morando na minha cidade, sobre... Meu Deus, foi tudo *mentira*?

Fico parado olhando para ela, tentando pensar num jeito de contar a história toda, sem rodeios. Mas tudo soa esquisito: *Então, a gente é tipo, sei lá, detetive de relacionamentos, e seus pais até fizeram bem em contratar a gente porque descobrimos que, na real, seu namorado tá te traindo.*

Tiny me olha como quem diz, *fala logo. Vai.*

Abro a boca, mas acabo sendo interrompido.

— Filha, desculpa, mas a gente vai ter que ir embora — diz a mãe, se aproximando ao lado do pai de Ella.

— A gente acabou de chegar — reclama Ella, visivelmente irritada.

— Tenho um trabalho urgente pra fazer, com prazo apertado — explica o pai.

— Podem ir, então — rebate Ella, sem tirar os olhos de mim. — Eu peço um carro de aplicativo.

— Não! — exclama a mãe.

Ella encara os pais, a testa franzida.

— Só um minuto, por favor. — Sua voz triste me corta o coração, e na mesma hora seus pais se viram para mim, como se eu pudesse explicar o que está acontecendo. Só que Ella repara. — Peraí. O que tá rolando? Por que vocês estão olhando assim pro Hold... August?

— Não estamos olhando de jeito nenhum — solta a mãe rapidamente, fazendo minha vergonha aumentar.

Aí Ella ergue as mãos.

— Calma aí. Para tudo — diz, tentando entender. — Por que vocês não falaram nada quando eu disse o nome real dele?

Mas, dessa vez, quem responde não são seus pais. Sou eu, de novo.

— Eles contrataram a gente.

Minhas palavras caem como uma bomba. Fica todo mundo sem reação.

Ella me encara, sem conseguir acreditar.

— Como assim, eles contrat...

— Eles contrataram a gente pra separar você do Justin — completa Tiny.

Fico aliviado. Se isso saísse da minha boca, seria muito pior. Mas ela fala com firmeza, o queixo erguido, como se estivesse resignada com a situação, embora odeie ter que fazer isso.

— *Quê?!* — exclama Ella. — O que vocês... Não, impossível. Mãe? — chama, e seu olhar implora por uma resposta.

A mãe empalidece. O pai fica vermelho.

— O Justin tá te traindo — continua Tiny, tomando as rédeas da conversa e deixando a família toda boquiaberta. Sei que Tiny precisava dizer isso. Sei que, se não falasse, essa confusão só aproximaria ainda mais Ella de Justin. — Sinto muito. Não era pra você descobrir desse jeito.

— *Descobrir desse jeito?* Descobrir desse... — gagueja Ella, apontando para a gente. — Como vocês tiveram *coragem* de fazer isso? Eu não tô *acreditando*... — Balança a cabeça, a voz oscilando entre ódio e tristeza. — Vão todos vocês para o inferno!

Ela me empurra e sai, furiosa.

Vou atrás.

— Ella, espera — peço, mas ela não desacelera. — Ella, por favor, deixa...

— Sai de perto de mim! — grita ela, cuspindo as palavras.

— Por favor, deixa eu explic...

— Explicar o quê? — berra, se virando para mim no meio da pista de dança. — Conta, o que é que você quer explicar, *August*? — Ela pronuncia meu nome como se fosse uma maldição. — Que tudo o que saiu da sua boca era uma *mentira*? Que você é um canalha manipulador e que eu nunca devia ter confiado em você?

— Não é tão simples assim...

Mas ela ainda não terminou.

— Ah, não? Não é tão simples porque você e Valentine bancaram os amiguinhos? Porque me fizeram confiar em vocês enquanto passaram o tempo todo mentindo na minha cara? Eu te contei sobre a minha avó... Eu... Sério, chega. Seja lá o que você tem pra dizer, eu *não* quero ouvir!

Ela enxuga uma lágrima com força da bochecha.

A multidão assiste a tudo.

— Eu sei que você tá se sentindo traída — digo, desesperado para consertar as coisas. — Juro que nunca tive a intenção de te magoar. Só queria ajudar...

Ela ri, amarga.

— *Ajudar?* Qualquer coisa que o Justin tenha feito, você conseguiu fazer *mil vezes pior*. E não vou nem entrar na conversa que tive contigo hoje. Não acredito que eu quase... — Ela balança a cabeça. — Nunca mais quero te ver na minha frente.

E é isso. A mágoa estampada nos olhos dela. O peso daquelas palavras. A sensação sufocante de vê-la indo embora. A muralha que ergui anos atrás ao redor dos meus sentimentos ameaça rachar, como uma represa prestes a explodir.

O ar sumiu. Não tem mais nada.

Não lembro como saí dali.

Não lembro se os pais dela falaram alguma coisa.

Não lembro o que Tiny fez.

Não lembro se minha mãe veio atrás de mim ou me chamou enquanto eu subia a escada. Irritada. Ou chateada. Sei lá. Como eu disse, não lembro.

Só sei que agora estou trancando a porta do meu quarto.

Trancando a janela.

Trancando o mundo inteiro lá fora.

55
VALENTINE

— Tem certeza de que ele tá traindo minha filha? — pergunta o sr. Becker, os olhos frios de tanta raiva.

— Absoluta — respondo, com uma voz carregada com o peso de tudo que está acontecendo. — Tenho uma gravação.

O sr. Becker solta um longo suspiro.

— Ótimo. Quando você me manda?

Mas está tudo errado. Não era para a gente apunhalar Ella pelas costas e forçá-la a terminar por causa de uma gravação do namorado com a melhor amiga, muito menos dar essa gravação para os pais dela. A ideia era ser uma coisa leve. Era para ela sair dessa história de cabeça erguida, confiante, pronta para ir estudar jornalismo em Londres.

— Tenho certeza de que eles vão terminar sem precisar disso — rebato.

Parece que o pai dela está a um passo de explodir.

— Quer dizer que você não vai me dar a gravação? — indaga ele. Como não falo nada, ele acrescenta: — Então imagino que você não faça questão de ser paga.

— Amor — interrompe a mãe de Ella, na tentativa de acalmar o marido.

Não tô nem aí para dinheiro nesse momento, mas mesmo assim esse comentário me tira do sério. Ele ofereceu pagar o triplo e agora está usando isso como ameaça. Adoraria poder dizer *beleza, então não paga*, mas não posso fazer isso com o August. Acabo dizendo apenas:

— Se eles terminarem, significa que cumprimos nossa parte do trabalho.

— Não, não cumpriram — rebate ele, furioso. — Vocês me prometeram que minha filha ia ficar bem e sem saber de nada. E me garantiram que não teria *beijo*.

Sou pega de surpresa, sem entender nada.

— Beijo?

— Eu vi seu colega passando a mão na minha filha no carro ontem!

— Jim — diz a mãe de Ella, firme. — Já te falei pra *deixar isso pra lá*.

— É, mas não tinha como — diz ele, olhando com raiva para onde todos os olhos da festa estão virados: a briga de Ella com August.

Não tento interferir nem me despeço quando os pais de Ella vão embora, porque só consigo pensar que August beijou a menina mesmo depois de ter me prometido que não faria isso. Pior, não me contou.

Fico sem palavras, com a raiva fervendo dentro de mim. Bentley me chama, mas não respondo. Não estou conseguindo nem pensar direito. Só vejo Ella gritar, August ir embora e tudo desmoronando. Para piorar, minha mãe está vindo na minha direção com um olhar fulminante.

— Valentine Sharma. Sobe, *agora* — diz num tom que eu não escutava desde os onze anos, quando perdi sem querer o colar da avó dela. — Bentley, você me desculpa, mas minha filha não está mais disponível nem vai estar por um bom tempo.

Vou atrás da minha mãe, com seu vestido brilhante que ela passou a semana inteira escolhendo para estar impecável hoje à noite. Ela anda pisando firme, cortando caminho pela multidão em direção à nossa casa. Até seu coque parece furioso. Mas nada disso se compara à sua expressão calma e paralisante quando ela fecha a porta do meu quarto. Por um bom tempo, não diz nada, só fica me observando.

— Você consegue imaginar minha cara quando a sra. Becker pediu desculpas por ter que sair correndo porque não sabia que éramos pais da Valentine, a mesma Valentine que ela contratou para acabar com o namoro da filha? — Ela faz uma pausa, olhando no fundo dos meus olhos. — Se fosse outra situação, eu teria colocado a mulher no lugar dela, diria que estava enganada, porque a *minha* Valentine trabalha num bufê. Afinal de contas, eu devia saber, né? Eu a vejo saindo todo dia de casa com o uniforme. E, acima de tudo, a *minha* filha não mente. Mas não consegui falar nada, porque ela saiu

correndo atrás de você pelo jardim enquanto outras pessoas faziam um escarcéu no *evento de trabalho mais importante do seu pai*.

Engulo em seco, me sentindo pior do que há dez minutos (o que achei que fosse impossível).

— Eu tenho uma boa explicação pra tudo isso, juro — começo.

Vejo que não foi uma boa ideia, porque ela começa a fazer uma careta.

— Uma explicação pra você ter mentido pra gente por...

Ela faz um gesto na minha direção, me forçando a completar a frase.

É difícil falar.

— Dois anos.

— Dois an...

Ela coloca a mão no peito como se eu a tivesse ferido.

— Mãe — tento, mas ela só balança a cabeça.

— Acho que nunca me decepcionei tanto com você. — Pronto. Golpe de misericórdia. — Você vai explicar tudo, sim, tim-tim por tim-tim. Mas não vai ser agora — diz. — Tô muito irritada. E seu pai... Olha, se eu fosse você, passava esse tempo pensando na melhor desculpa da sua vida.

56
AUGUST

Swee empurra minha mão com sua cabecinha achatada, e eu começo a fazer carinho nele. A luz fraca da manhã se infiltra por baixo da cortina, mas me viro de costas, abraço meu gato e puxo o cobertor para cima da gente. Passei a noite em claro e ainda não estou pronto para encarar o dia. Então fecho os olhos.

Depois de sei lá quantas horas, minha mãe bate à porta.

— August, fala comigo — pede. Dá para perceber que está encostada do lado de fora. Mas permaneço em silêncio. — Vou deixar comida pra você, ouviu? Preciso ir pro trabalho.

Ela espera um pouco antes de sair e, logo depois, escuto o barulho de seus passos pelo corredor. Enfio a cabeça debaixo do travesseiro.

A manhã se arrasta. Passo metade do tempo tentando ler e a outra metade só encarando o nada. Por fim, acabo comendo a refeição que minha mãe preparou, mas mal sinto o gosto. Tudo parece sem graça, sem vida.

Sentado na cadeira da escrivaninha, olho para minha calça que joguei no chão ontem à noite, com o celular no bolso. Ainda não tive coragem de olhar: recebi mil mensagens de Tiny e nenhuma de Ella.

Só de pensar no seu nome sinto um bolo na garganta.

Parece até que o celular leu meus pensamentos, porque na mesma hora começa a vibrar no tapete. E, por um segundo, me pergunto: e se for a Ella? E se ela tiver me mandado alguma coisa?

Pego a calça e enfio a mão no bolso, mas, para minha surpresa, encontro não um, mas dois celulares pretos. Franzo a testa, tentando entender o que foi

que aconteceu. Um é meu, com certeza, só que, quando o desbloqueio, não vejo as mil notificações de mensagens da Tiny. Na verdade, não tem notificação alguma. Vai ver ela também não sabe o que dizer? O outro é idêntico, apesar de um pouco mais surrado. Esse, sim, está cheio de mensagens de Tiny, só que com o nome salvo como Valentine. Só aí minha ficha cai. Como o celular do Bentley veio parar aqui?

Tento me lembrar da festa, do momento em que peguei o celular na mesa. Tenho certeza de que só peguei um. Mas aí lembro que tentei mandar uma mensagem para Tiny com o aparelho no bolso e não consegui.

Fico encarando o celular do Bentley, com o nome de Valentine no topo da tela de bloqueio, perguntando se ele está recebendo as mensagens. Logo abaixo tem uma mensagem do Charlie perguntando se o Bentley pegou alguma artista gata. Penso em jogar o aparelho da janela e acabar logo com isso, mas, por algum motivo, continuo rolando as notificações. Não é como se eu estivesse fuçando as conversas, só estou olhando a tela de bloqueio. Qualquer um faria isso para descobrir de quem é o celular.

Quando já estou quase deixando para lá e mandando uma mensagem para Tiny avisando que estou com o aparelho, vejo uma notificação da Cassie, ex do Bentley, perguntando se ainda vão se encontrar mais tarde, junto com um emoji de coraçãozinho nos olhos e outro de beijo.

Aperto o celular com mais força.

É lógico que ele vai ver a ex. Como eu disse: o cara é um babaca. Então tiro uma foto da tela. Fico meio na dúvida se devo fazer isso; não sou de me meter nos namoros da Tiny, mas, agora que vi, não dá para simplesmente ignorar.

Vou só devolver o celular para ela, e, se ela não notar a mensagem sozinha ou se o namoro deles não desandar naturalmente nos próximos dias, mostro a foto. Imagino que os pais vão colocá-la de castigo, o que significa nada de festa nem praia por um bom tempo. Duvido que o Bentley aguente tudo isso. Na verdade, aposto que em uma semana ele já vai estar pegando alguma garota de biquíni e postando nas redes sociais. Não tem necessidade de chatear a Tiny antes da hora.

Mas só de pensar nisso já fico incomodado pela minha melhor amiga estar passando por essa situação. Aquele merda do Bentley... Jogo o celular dele na escrivaninha e desbloqueio o meu.

Eu

Tô com o celular do Bentley. Acabei pegando sem querer ontem à noite. Vou deixar aí na varanda da sua casa.

Antes de me levantar, chega a resposta.

Tiny

Ah, beleza.

Ela começa a digitar alguma coisa, mas apaga e tenta de novo.

Tiny

Tá tudo bem?

É uma mensagem bem mais contida do que eu esperava, o que só confirma que ela também não faz ideia de como resolver essa confusão.

Eu

Não sei. E você?

Tiny

PÉSSIMA.

Eu

Foi mal, T.

Ficamos um tempo sem dizer nada.

Tiny

Não tem como você devolver o celular direto pro Bentley?

Franzo o cenho ao lembrar que, se fizer isso, ela não vai ver a mensagem da Cassie.

Eu

Prefiro deixar com você.

Tiny

Eu tô em casa hoje. Tenho que falar com meus pais. Não vou ver o Bentley.

Não tem o *por favorzinho* de sempre, nem *August, da linhagem de homens com cabelo maravilhoso*, nem aquele jeitinho fofo de falar. Será que Tiny está irritada?

Eu

Beleza.

Mando uma mensagem rápida falando que, antes daquela confusão, Ella me disse que ia terminar com Justin, mas não faço ideia se ela realmente chegou a fazer isso. Vejo os três pontinhos aparecerem e sumirem, mas, no fim das contas, Tiny acaba não respondendo. Não mando mais nada. Sei que nós dois estamos de mau humor e que não há muito a ser dito.

Fico de pé, doido para esquecer toda essa história, incluindo Bentley. Estico a mão para a calça, mas mudo de ideia e pego a sunga, torcendo para conseguir distrair um pouco a cabeça na água.

57
VALENTINE

Não consigo parar de pensar nos mil desastres de ontem à noite e na impossibilidade de consertá-los enquanto eu estiver aqui, enfiada na cama. Jogo as pernas para fora do edredom macio, pego meu roupão e volto a ler, pela centésima vez, a conversa de ontem com o sr. Becker, tentando pensar num jeito de sair dessa.

Sr. Becker

Vou pedir de novo: me envie a gravação que prova que Justin está traindo a minha filha.

Eu

Desculpa, mas não tenho como mandar. Confia em mim, eles vão terminar sem que isso seja necessário.

Sr. Becker

Não esqueça que contratei vocês para um serviço que até agora não fizeram.

Liguei para ele duas vezes mais cedo, mas ele não atendeu. Aí mandei isso:

Eu

Estou disponível para conversar sobre isso, se quiser. Pode ficar à vontade para retornar a ligação.

Mas não deu em nada. Ainda não contei para August porque, sendo bem sincera, estou irritada demais para falar com ele agora.

Quando Bentley pegou o celular de volta, me perguntou se eu estava a fim de conversar. Ainda não respondi. Não chegamos a resolver direito aquele bate-boca de ontem, mas acho que decidimos ignorar a questão, pelo menos por enquanto. Tenho problemas maiores do que Bentley se gabando no vestiário, coisa que, no fim das contas, não tem nada a ver comigo nem com o nosso relacionamento. Ele jurou que nunca falou nada sobre mim nesse tom, e, por pior que pareça, não é lá tão diferente do que eu e August falamos sobre a habilidade de beijo do pessoal com quem eu já saí. Acabei ficando com o orgulho ferido e, na verdade, estava tão preocupada em controlar cada detalhe da interação entre Bentley e August que fiquei na defensiva. Mas, depois de pensar um pouco, vi que não tem nada de mais: todo mundo fala sobre namoros e ficadas com os amigos, e essas conversas nem sempre parecem legais fora de contexto.

Vou até o topo da escada e paro para verificar se meus pais estão por perto, tentando decidir se desço ou fico aqui em cima. Sei que não posso viver trancada no quarto, mas também não estou pronta para encarar a decepção deles.

Sinto cheiro de rolinhos de canela recém-saídos do forno. Meu estômago começa a roncar então acabo cedendo.

— Mãe? Pai? — chamo quando chego ao primeiro andar.

— Oi, Valentine — responde minha mãe da sala, onde está sentada no sofá com uma xícara de chá quente ao lado do meu pai.

Entro na sala me arrastando, me jogo na poltrona e abraço os joelhos.

Meu pai fecha o livro que estava lendo.

Minha mãe sopra o chá.

— Acho que está na hora de a gente ter uma conversa. Queria ouvir aquela sua explicação.

Faço que sim, os joelhos encostados no queixo, tentando decidir o que dizer primeiro e chegando à conclusão de que eles só vão entender se eu contar como foi que tudo começou.

— Quando Des morreu, eu não tinha ideia do que fazer — começo, contando sobre como August se fechou, como parecia impossível interagir com

ele, como bolei o plano da Amor de Verão e como pensei que isso pudesse ajudá-lo.

Também explico como fiquei aliviada quando deu certo e como me dediquei à empresa.

— E você acha que esse projeto tem ajudado o August a superar o que aconteceu? — pergunta minha mãe, mantendo aquele tom de autoridade que deixa bem claro quem é que manda.

— Acho, sim — digo. — Tem ajudado muita gente, na verdade. Ajudamos várias famílias, grupos de amigos... Até ontem à noite, que... Enfim, vocês viram o que aconteceu.

— Vimos. E todos os meus colegas também — diz meu pai.

— Desculpa, pai, de verdade — digo, me sentindo mal de verdade. — Sei que fiz besteira. E que a festa era importante pra vocês.

— Isso sem contar a imprensa — acrescenta ele. Abraço os joelhos com mais força. No meio de toda a confusão, esqueci que também havia repórteres aqui. — Imagino que logo, logo comecem a divulgar tudo, e, depois da bagunça que você causou, não vou me surpreender se mencionarem seu nome — continua.

Fico encolhida.

— Mas você vai...

— Não — rebate. — Você tem dezoito anos. Não posso mais pedir para tirarem o seu nome.

Pego o celular da mesa de centro, desesperada para pesquisar sobre o que estão falando, mas minha mãe me olha de um jeito que me faz largá-lo na mesma hora. Mesmo que a imprensa tenha tirado fotos da confusão, não tem como eles fazerem nenhuma conexão com a Amor de Verão, né? O máximo que viram foi uma briga dramática... Talvez só escrevam uma ou duas linhas sobre um namoro adolescente que deu errado.

— E esse monte de mentira... — prossegue minha mãe, me puxando de volta para a conversa.

— Não foi assim que a gente te criou — completa meu pai.

Dói ouvir isso. Talvez porque eu não me veja como uma pessoa mentirosa ou porque tenha me convencido de que meus motivos compensavam o erro.

— Eu sei — digo.

— Dois anos... — fala minha mãe.

— Como vamos confiar em você daqui pra frente? — questiona meu pai.

Apesar de fazer sentido, a pergunta me magoa. Já pedi desculpa. Estou me sentindo péssima. Mas ainda continuo sendo a mesma Valentine, filha deles. Eles me conhecem. Sem conseguir me controlar, acabo soltando:

— Do mesmo jeito que eu confio em vocês mesmo sabendo que estão escondendo alguma coisa de mim.

Eles trocam um olhar rápido. A expressão de surpresa dos dois confirma minhas suspeitas, mas o silêncio que vem depois é mais desconfortável do que eu tinha imaginado.

Minha mãe dá mais um gole no chá e responde apenas:

— Tudo bem.

— Tudo bem? — repito, olhando de um para o outro, mas meu pai está nitidamente deixando a decisão por conta da minha mãe.

— Vamos conversar sobre seu castigo — prossegue minha mãe. — Depois te avisamos o que achamos melhor.

— Só isso?

— Só isso — confirma ela.

— Mas e...

— Isso não é conversa pra hoje — interrompe meu pai.

Solto as pernas e deixo meus pés descalços tocarem o tapete macio, com raiva do castigo que ainda nem sei qual é, da falta de resposta deles e da bagunça em que minha vida se transformou.

— Quer dizer que eu tenho que ser honesta, mas vocês não?

— Valentine — diz meu pai, a voz soando como um aviso.

Minha mãe balança a cabeça.

— Você não sabe do que está falando.

É uma resposta que me deixa ansiosa, e agora não tem como deixar para lá.

— Não, não sei. Só sei que faz semanas que vocês estão estranhos.

Os dois ficam em silêncio.

— Maravilha. Silêncio. Zero hipocrisia — digo.

— Valentine Sharma — explode meu pai, e vejo que fui longe demais. — Você perdeu o direito de usar seu celular.

Sinto que estou perdendo o controle. A raiva e a frustração parecem tomar conta de mim. Olho para a minha mãe e me lembro do comentário de Bentley sobre terapia de casal e casos extraconjugais.

— Podem me castigar do jeito que quiserem, mas eu tô certa. Podem se irritar com a minha mentira, mas também se irritem com o exemplo que vocês tão dando.

Eles arregalam os olhos, chocados. Depois vem um silêncio tão pesado que sinto dificuldade em respirar. Ficamos parados por tanto tempo que tenho certeza de que vou ficar de castigo pelo resto do verão.

Ajeito as costas na poltrona.

— Eu tô grávida — diz minha mãe.

Fico completamente sem reação. De repente estou de pé e indo até ela sem nem me lembrar de ter levantado.

— *Quê?!?* Mas vocês... *Não é possível.*

Coloco as mãos nas têmporas, sem conseguir entender o que está acontecendo. Eu tenho dezoito anos. Ela tem quarenta e seis e, além do mais, seus problemas de fertilidade eram tão graves quando tinha vinte e poucos que, depois que nasci, o médico disse que ela nunca engravidaria novamente. Eles foram a especialistas em Boston, passaram três anos investigando as causas da infertilidade e gastaram boa parte das economias em tratamentos, mas nunca deu em nada.

Minha mãe abre a boca, mas a interrompo, pulando no sofá para ficar do lado dela.

— É um milagre...

— Espera, Valentine — diz num tom que me faz paralisar a mão no ar antes de tocar sua barriga. — A gente ainda não sabe se tá tudo... A gente não queria te contar antes de ter certeza.

Meu coração dispara.

— Certeza de quê?

Mas é meu pai quem responde:

— Os médicos ainda não sabem se a gravidez vai ter complicações — explica, e dá para ver que está escolhendo bem as palavras. — Fizemos alguns exames e estamos aguardando o resultado.

Chego para trás, depois olho para os dois e vejo o medo da perda estampado no rosto deles.

— Não estou entendendo.

Mas entendi, sim. Depois que a Des morreu, perguntei para minha mãe por que ela nunca teve outro filho. Foi aí que ela me contou sobre os hormônios intermináveis e os dois abortos espontâneos.

Minha mãe morde os lábios.

— Vamos ter mais detalhes na semana que vem.

Embora isso não seja exatamente uma resposta, percebo que ela não consegue estender mais o assunto. A tensão entre os meus pais não tinha nada a ver com um possível divórcio. Tinha a ver com o medo de se empolgarem com uma gravidez que ela não estava esperando e que nem sabe se o corpo vai aguentar.

— Vamos tomar café? — propõe meu pai, respirando fundo e confiscando meu celular da mesa de centro.

Apesar de ainda ter um milhão de perguntas, sei que ele está mudando de assunto por causa dela. Sei que minha mãe não consegue mais falar sobre isso.

— Vamos, sim — murmuro.

Meu pai vai para a cozinha e minha mãe sobe com a xícara de chá. Fico no sofá, atordoada, sem saber o que fazer, me sentindo culpada por ter sido tão agressiva e ter ficado tão incomodada por não me contarem antes. Deito nas almofadas e tampo os olhos com as mãos.

Por favor, por favor, que minha mãe e o bebê fiquem bem.

58
AUGUST

Já se passaram dois dias desde a briga com Ella. Fico olhando para o celular, abrindo e fechando as mensagens. Não tem nada que ela vá querer ouvir, mas, mesmo assim, penso em mandar outro pedido de desculpas. Chego a digitar, depois fico paralisado, com o dedo suspenso sobre o botão de enviar. Só que, antes de conseguir tomar qualquer atitude, recebo uma mensagem de Daisy.

Penso em ignorar até ler a prévia, que diz: *Hummm... Então quer dizer que seu nome é AUGUST?!*, seguido de um link. Me levanto tão rápido que Swee resmunga. Clico na mesma hora e, quando a página carrega, o título da matéria me dá um choque de adrenalina tão pesado que minha visão fica embaçada.

OS CÚPIDOS ÀS AVESSAS:
CRIANDO INTRIGAS NO MUNDO DOS RICOS E FAMOSOS

A surpresa da famosa Festa de Verão da Bright Records, organizada por Prem Sharma, não foi a lista de convidados nem quem bebeu demais, mas sua própria filha, Valentine Sharma, e o amigo August Mariani, donos do negócio mais comentado dos últimos tempos: Amor de Verão S.A., um site anônimo onde amigos e familiares preocupados preenchem um formulário sobre o relacionamento problemático de alguém na esperança de contratar os dois para promover um término. É isso mesmo que você leu: os dois são exterminadores de relacionamentos. Para deixar tudo ainda mais

interessante, a mira atual da dupla é a filha de James Becker, dono do maior fundo de investimentos de Boston. Ou pelo menos esse era o alvo até serem publicamente desmascarados. Conseguimos filmar a confusão que aconteceu depois.

Mando uma mensagem desesperada para Tiny, mas só depois me lembro do e-mail que ela enviou para dizer que o pai a deixou sem celular. Então encaminho a matéria por e-mail.

Deixo o telefone de lado e passo as mãos no rosto. *Tragédia. Um pesadelo completo.* Mas depois pego o aparelho de novo, porque é impossível resistir. Leio rapidamente o restante da matéria, que explica o funcionamento do site e nossas promessas de sucesso. E é aí que vejo uma declaração do pai de Ella:

Embora as coisas não tenham acontecido exatamente como o planejado, a Amor de Verão S.A. conseguiu uma gravação que comprova que o namorado da nossa filha a estava traindo.

— Puta que pariu!

Fico de pé na mesma hora e jogo o celular na cama. Estou tão fora de mim que mal consigo raciocinar. O pai dela deu uma *declaração*? De repente a ficha cai que nem um soco no estômago, e fico enjoado.

Tiny nunca daria essa gravação para ele. Por outro lado, ele queria garantir que Ella terminasse, mas não confiava na gente para isso. Então foi lá e acusou Justin publicamente; ele sabia que, desse jeito, Ella não teria como ignorar. Que golpe baixo contra a própria filha. Estou tão revoltado que poderia explodir a qualquer momento.

Pego o celular e ligo para Ella. Mas ela não atende. Quando cai na caixa postal, a gravação diz que o limite de armazenamento foi atingido. Cato uma roupa qualquer, visto uma camiseta e passo a mão no cabelo, que está todo desgrenhado. Desço correndo a escada, mas paro ao lembrar que minha mãe está no trabalho e Tiny, de castigo dentro de casa. E eu estou sem carro.

Peço um carro de aplicativo e fico andando de um lado para outro na frente de casa durante os sete minutos que ele leva para chegar. Quando o Nissan azul finalmente aparece, entro rápido no banco de trás e passo os trinta e três minutos de viagem até a casa de Ella tamborilando os dedos no apoio de braço. Ao chegar, sigo correndo pela longa entrada e começo a socar a porta.

Depois de cinco segundos insuportáveis, a porta se entreabre e o rosto da empregada aparece na fresta.

— Oi! — exclamo, e, pela cara dela, sei que devo parecer meio doido. — A Ella está?

— Sinto muito, mas o sr. e a sra. Becker não estão em casa — diz.

— Se eu pudesse só trocar uma palavrinha com a Ella...

— Sinto muito — repete, fechando a porta.

Dou meia-volta, ando dois passos e, quando já estou prestes a pegar o celular para mandar outra mensagem para Ella, me lembro da história sobre a sacada do quarto. Se eu pelo menos soubesse qual é a janela dela, poderia tentar gritar. Olho para a fachada da casa, mas não tem nenhuma sacada aqui. Então vou até o portão de madeira que leva ao quintal e o abro antes que eu chegue à conclusão de que essa é uma péssima ideia.

Depois de toda a maré de azar que tive, finalmente alguma coisa dá certo. Quando chego ao quintal, vejo Ella sentada numa varandinha ao lado de uma janela no terceiro andar.

— Ella? — chamo, correndo até a grama. Ela passa a mão no rosto, tentando disfarçar o fato de estar chorando. Seus olhos se arregalam. — Ella, me desculpa — continuo. Desvio o olhar para a treliça na lateral da casa, que talvez eu consiga escalar. — Eu sou um... Sou um babaca. Pior que babaca. Eu tinha que ter te contado a verdade. Você tem todo o direito de me odiar. Mas só quero que você saiba... — hesito, o peso de tudo que sinto entala minha garganta.

Mas ela não responde. Só volta para o quarto, fecha a porta e puxa a cortina.

Então fico ali, no meio do quintal, com um peso no peito enquanto encaro a sacada vazia.

59
VALENTINE

Domingo: sétimo dia de um castigo que, tecnicamente, não é um castigo, mas dá na mesma. Fiquei até ontem sem celular. Confiscaram o Jeep e não me deixaram sair com os meus amigos. Meus pais estão chamando isso de um período de reflexão. Já eu chamo de inferno silencioso. Para piorar, hoje era o prazo final do caso de Ella. Meu pai me devolveu o celular ontem à noite, mas ainda não tive nem coragem de ligar o aparelho. Não depois daquela matéria que acabou com a Amor de Verão.

Sentada à mesa da cozinha, olho desanimada para meu chá e cutuco a borda de um doce.

Em menos de vinte e quatro horas meu e-mail se transformou num caos: mensagens de amigos, pais de clientes antigos, jornalistas atrás de uma declaração... Mas meu pai já avisou que nem pensar: se eu falar qualquer coisa, fico sem o notebook. Só que não faz a menor diferença, porque agora o estrago já foi feito. Nosso negócio já era. As pessoas estão revoltadas. E, segundo minha mãe, a cidade toda só fala disso.

E além de tudo isso tem a gravidez da minha mãe. Só de pensar no assunto já fico com vontade de chorar. Ela está se esforçando para agir como se estivesse tudo bem, sem ser ríspida nem ficar suspirando, mas ontem à noite a ouvi chorando no banheiro quando achou que ninguém estava por perto. Meu pai só repete que a gente tem que aguardar os resultados do especialista. Mas parece que isso não é suficiente. Fico com a impressão de que estamos falhando feio com ela.

Como se não bastasse, August e eu não estamos nos falando direito. Mandei um e-mail para ele faz uns dias, só para saber como ele está, e tudo que recebi foi uma resposta curtíssima dizendo que está bem e perguntando como eu estou. Mas, como não queria responder a essa pergunta, deixei por isso mesmo. Já que ele também não mandou mais nada, acho que ficou bem claro para mim que nós dois somos péssimos quando se trata de comunicação.

Espio pela janela e o vejo lá fora, no "escritório", sentado no deque com a caneca do Snoopy. Só pelos ombros caídos já dá para perceber que está remoendo alguma coisa.

— Pois é — murmuro, desviando o olhar para a casa de Bentley, a única pessoa com quem ainda converso direito.

Ele não me pressionou para explicar nada. Não perguntou sobre as fofocas. Só tem sido compreensivo, paciente e o refúgio perfeito para escapar de toda a confusão na minha cabeça.

Parece até que sentiu que eu estava pensando nele, porque abre a porta de tela e começa a ir em direção aos halteres. Mas para no meio do caminho e olha para August.

— Melhor não — aviso. — August vai te devorar vivo se você tentar se aproximar agora.

Pelo visto Bentley concorda, mesmo sem ter conseguido me escutar, porque desvia o olhar do deque e joga a toalha no ombro. Só que, antes de eu conseguir relaxar de verdade, encara August mais uma vez e começa a ir até ele.

Fico de pé na hora, fazendo a cadeira arranhar o piso. E aí finalmente ligo o celular, corro para a janela e abro o mais rápido que consigo.

Ignoro as milhares de notificações e digito uma mensagem de alerta para Bentley, dizendo para dar o fora porque o humor de August está péssimo. Mas pelo jeito ele não está com o celular.

Apoio as mãos e a testa na janela. Se eu for até lá, com certeza meu castigo vai ser estendido. Mas, se não for, eles vão acabar se matando que nem dois hamsters furiosos.

— E aí, cara? — diz Bentley. — Valeu por devolver o celular.

August dá um gole no café, sem tirar os olhos da água.

— Tranquilo.

Não tá vendo que ele tá te ignorando? Dá o fora daí, Bentley. Se afasta dessa zona de perigo e vai lá malhar os músculos.

Mas Bentley não se dá por vencido.

— Doideira o que aconteceu na festa, hein? Sinto muito pela garota, cara.

August se vira e, mesmo de perfil, dá para ver que vai dar ruim.

— Corta o papo-furado. Se veio aqui perguntar alguma coisa, fala de uma vez — diz, parecendo exausto.

Bentley fica meio tenso, mas pelo visto resolve ignorar a resposta.

— Não, tudo bem. Eu entendo. Deve estar sendo difícil. A Valentine comentou que você gosta mesmo da menina.

Dá para perceber que ele está tentando ser legal, apesar do mau humor de August, mas não está funcionando.

August desvia os olhos para a minha casa, e, quando me vê imprensada na janela que nem um inseto esmagado, sei que está furioso. Já imagino o motivo: acha que falei da vida dele para Bentley. O que eu realmente fiz.

— Acabou? — pergunta August, ficando de pé.

— Ah, sim. Vou te deixar sozinho aí, fica à vontade — diz Bentley, fazendo um gesto em direção ao rio.

— Boa — responde August. — Agora dá o fora.

Então a paciência de Bentley acaba de vez.

— Que escroto, hein, cara.

O olhar de August fica sombrio.

— Ah, entendi — diz. — Quer dizer que você vem com esse papinho furado e eu que sou o escroto? Para de fingir que veio saber como eu tô. Chega. Pergunta logo o que você quer perguntar. Se eu li a mensagem? Sim, eu li.

Meu coração vai parar na boca. Que mensagem?

Bentley fica confuso no início, mas então parece compreender o que August está dizendo.

— Peraí... *Você hackeou meu celular?*

— Você se acha pra caralho, né? Só olhei a tela de bloqueio e em dois segundos vi que você é exatamente o que eu tinha imaginado.

Ai, não.

Quando vejo a expressão de August, sei que, se eu não for lá agora, o negócio vai ficar feio. Corro para a porta da varanda e, por um instante, fico ali

parada, sem saber o que fazer.

— Desculpa, pai! É uma emergência! — grito e saio correndo, sem nem me preocupar em pegar o chinelo.

Piso descalça no deque de madeira bem na hora em que August diz, quase rosnando:

— Já falei pra *dar o fora*.

Mas Bentley responde no mesmo tom primitivo:

— Quero ver me tirar daqui.

— Dá pra parar com essa palhaçada, vocês dois? — solto, já sem paciência, e eles me olham surpresos.

— Achei que você ainda estivesse de castigo... — começa Bentley.

Aí August murmura, quase para si mesmo:

— Ainda bem que a Cassie tava livre.

Bentley explode:

— Que merda você quer dizer com isso?

August o encara com um olhar cheio de desdém.

Franzo o cenho.

— Cassie? — pergunto, sem entender nada.

Olho para Bentley em busca de uma explicação. Mas ele não está olhando para mim.

— Só porque você não consegue pegar ninguém sem fingir ser outra pessoa, não significa que pode sair descontando sua frustração na Valentine. Não é à toa que a Ella não quer mais nem olhar na sua cara. Quem ia querer?

Encolho os ombros.

— Bentley, não — digo, em tom de alerta. Não quero nem saber quem está certo e quem está errado, nem do fato de eu estar irritada com August. O negócio é que ele não precisa ouvir isso agora. — Tá passando do limite.

Bentley olha para nós dois e balança a cabeça.

— Não acredito que vim aqui pra saber como ele tá. Com vocês dois, eu nunca saio ganhando.

Por um segundo, me sinto mal.

August solta um riso debochado.

— Sério? Então vai, conta a verdade pra Tiny, Bentley. Você só veio aqui pra saber se eu tinha visto a mensagem da Cassie e se eu ia te dedurar.

— Alguém pode me explicar que merda de mensagem da Cassie é essa? — pergunto, já de saco cheio.

Bentley não é o único que está se sentindo encurralado aqui.

— Nada de mais — responde ele, o que só serve para me deixar mais desconfiada.

— August? — chamo.

Bentley me olha com decepção, mas não tenho tempo para encarar uma conversa longa e tranquila agora. Fico surpresa que meu pai ainda não tenha vindo atrás de mim.

August aperta a ponte do nariz.

— Tinha uma mensagem da Cassie na tela de bloqueio do celular dele, perguntando se o encontro ainda tava de pé, com um coração e uma carinha de beijo.

Levanto os ombros, tentando me controlar. Olho para Bentley, esperando uma explicação, mas ele não fala nada.

— Você... se encontrou com ela? — pergunto, insegura.

Ele hesita, cerrando os dentes.

— Encontrei.

A resposta é que nem uma picada de abelha: rápida, afiada, e ainda vai doer muito mais depois.

Ficamos todos paralisados, presos nesse instante tenso e interminável.

Até que Bentley se vira para August, com a expressão carregada de culpa.

— Agora é sua vez de dar o fora e me deixar arrumar a bagunça que você causou.

— Que eu causei? — rebate August. — Se toca. Você não merece a Tiny, nunca mereceu. Mete o pé daqui.

— Olha quem diz. Um cara que é pago para ferrar com a vida amorosa dos outros — dispara Bentley. — Posso até ser um babaca às vezes, mas pelo menos nunca me vendi.

— Tá certo — diz August. — Você destrói a vida dos outros sem cobrar nada.

Apesar de estar ouvindo tudo, minha reação é meio lenta e desnorteada.

Bentley cerra os punhos.

— Chega...

Mas ele acaba sendo interrompido pelo meu pai.

— Acabou — diz da varanda sem nem levantar a voz, mas com aquele tom de autoridade que faz todo mundo parar. — Bentley, vai pra casa. August, você também. Valentine, entra. *Agora*.

60
AUGUST

Bato com tudo a porta dos fundos, na esperança de que Tiny finalmente mande Bentley catar coquinho. Mas paro assim que entro em casa. Porque ali, sentado à mesa da cozinha, está o meu pai, e eu fico...

Completamente atordoado.

Minha boca seca, começo a ver tudo embaçado. Cogito dar meia-volta e sair.

— Obrigado, Ruth — diz meu pai enquanto minha mãe lhe serve uma xícara de café. — Bom te ver, August.

Bom me ver? Foi isso mesmo que ele disse?

A raiva que eu estava sentindo de Bentley fica mil vezes mais forte. Mas é aquele tipo de raiva que queima por dentro e você não pode extravasar porque, se fizer isso, vai destruir tudo ao redor.

— Mãe? — chamo, esperando uma explicação.

Ela se recosta na bancada da cozinha, o cabelo preso no alto da cabeça, usando a chemise jeans longa, sua roupa favorita, com a gola levantada. Está de batom, apesar de nunca usar maquiagem. Entendo o desejo de se arrumar para esta ocasião específica, seja lá qual for, mas isso só me deixa mais irritado.

— Fui eu que chamei seu pai — diz ela.

Fico ainda mais confuso.

— Quê? Por quê? — pergunto, ainda sem nem olhar na direção dele.

— Porque... — Ela desvia o olhar para ele. — Você precisa conversar com alguém, e não quer conversar comigo.

Só consigo pensar: *QUÊ? Quê???*

— E você achou que eu ia conversar com *ele*?

Minha voz ainda está calma, mas a raiva já está começando a escapar.

Minha mãe respira fundo.

— Esperava que vocês conversassem, sim.

Meu pai faz aquele gesto de compreensão com a cabeça, o mesmo que sempre achei tão adulto.

— Que tal a gente bater um papo? — sugere, como se fosse algo muito natural. — Vai que eu te ajudo a entender o que tá acontecendo? Sua mãe me disse que você se envolveu numa briga.

Mas não consigo ouvir nada além da falsa oferta de ajuda que interrompe totalmente meu raciocínio.

— Não — digo, tenso.

Ele suspira.

— Olha, sei que andei meio sumido nos últimos anos. E que as coisas não foram... Bom, não aconteceram como a gente queria.

Pisco várias vezes. Ele só pode estar de brincadeira.

— Não te vejo desde que a Des morreu.

— Eu sei — responde. — Sinto muito por isso.

— Não posso dizer o mesmo — disparo.

— Sei que você tá irritado — diz.

Mas o interrompo porque não, ele não sabe de nada.

— Irritado pra caralho.

— August, olha a língua — repreende minha mãe.

Esta é, sem dúvida, a parte mais ridícula da conversa.

— Tá tudo bem ficar irritado — comenta ele.

É a gota d'água. Quem ele pensa que é para ficar me dando permissão para sentir alguma coisa?

— Vou deixar uma coisa bem clara pra você poder se mandar de uma vez pra Connecticut: não vou ficar sentado aqui caindo nesse papinho de que você se importa com o que tá acontecendo nessa porr... nessa bosta. — Estou sempre querendo tranquilizar a minha mãe. Mesmo agora. — Não vou fingir que você se importa com a gente. E não vou ter conversa séria nenhuma com você. Na verdade, se você nunca mais dirigir a palavra a mim, melhor ainda.

Atravesso a cozinha, passo pela sala e saio pela porta da frente.

Até ver o carro dele, um conversível novíssimo, estacionado na garagem. Meu sangue ferve de ódio.

— August, espera um pouco — pede meu pai, tentando me alcançar.

Dou meia-volta de repente.

— Que nem você esperou quando foi embora? — solto sem nem pensar.

Fico arrependido na mesma hora. Minha voz acabou soando infantil e magoada, e não era o que eu queria.

Ele fica sério, como se eu tivesse lhe dado um tapa.

— O motivo de eu ter ido embora não teve nada a ver com você.

Olho para o céu, tentando controlar a respiração.

— Como eu disse, não quero continuar essa conversa.

Minha mãe está encostada no batente da porta, com uma expressão preocupada.

— Eu sei — responde ele, mais baixo. — Você sempre foi assim. Fechado. — Ele faz uma pausa. Fico parado, a mandíbula cerrada. — Des não. Ela era diferente... Vivia expressando tudo o que sentia. Sempre achei que era por isso que vocês se davam tão bem...

— Chega! Acabou! — grito, tão alto que fico surpreso. — Nem *ouse* falar dela.

Ele franze as sobrancelhas. E balança mais uma vez a cabeça, fazendo cara de quem entende.

— Sei que sua irmã era...

Na mesma hora alguma coisa racha dentro de mim, e a emoção que eu estava me esforçando tanto para controlar acaba saindo de controle.

— Chega! Para de forçar a barra! Para de fingir que se importa! Você não tava aqui quando a gente precisou. Minha mãe ficou na merda. Você não fez porra nenhuma. A Des *morreu*. Você não ajudou em nada. Nunca perguntou sobre o monte de dívida que não para de acumular, nunca quis saber como é que a gente tá se virando. Você sabia que torrei minha poupança da faculdade pra não tomarem a casa? Não, claro que não sabia. Você não sabe *nada* da nossa vida, e, se sabe, aí eu realmente te odeio, porque mais uma vez lavou as mãos. Então entra na merda do carro e dá o fora. Faz o que tá acostumado a

fazer: fingir que a gente não existe. Porque, sendo bem sincero, o que eu mais queria era que você não existisse.

E, exatamente como eu temia, tudo ao meu redor se despedaça. Fecho a boca, me sentindo exausto e sem forças. Com os braços pendendo na lateral do corpo, dou meia-volta. Minha mãe me chama, mas não respondo. Só sigo pela calçada, vou embora e desapareço entre as árvores.

61
VALENTINE

Desabo na cama, com a cara enfiada no travesseiro. Só consigo pensar que August estava certo, que sou só mais uma na fila de trouxas que caíram no charme de Bentley Cavendish. Passei esse tempo todo elogiando o cara, pedindo para o August dar uma chance para ele e, no fim, foi só eu entrar nesse castigo disfarçado de "período de reflexão" que o cara voltou correndo para a ex. Mas meu celular vibra e acaba interrompendo meu raciocínio. Ergo a cabeça e vejo que Bentley está tentando fazer uma videochamada comigo.

— Oi?

Atendo, mesmo sabendo que devia esperar um pouco e que estou irritada demais para isso agora, mas quem disse que consigo?

Assim como eu, ele está sentado na cama.

— Posso explicar?

— Depende. — Minha garganta queima de raiva. A gente conversou tanto essa semana que sei até de coisas como o dia em que ele lavou roupa e a meia que perdeu. E aí, sei lá por quê, ele acabou se esquecendo de me contar que encontrou a ex? — Você ficou com a Cassie?

— Não — solta, mas sem firmeza.

Ele hesita. E, pra mim, isso já é resposta suficiente.

O restinho de esperança que eu tinha desaparece.

Aconteceu alguma coisa. Dá para sentir. E, sendo bem sincera, nem sei se quero saber. Não tenho força para encarar mais uma decepção. August estava certo: eu não devia ter me aproximado de alguém como Bentley. E o que mais

me irrita é que ele me fez acreditar que a gente tinha uma coisa especial, que me esperou esse tempo todo para ter um relacionamento de verdade. Só de pensar nisso sinto vergonha.

Então eu faço algo que jamais fiz: desligo. Quando ele tenta duas vezes retornar a ligação, bloqueio. Depois enfio a cara no travesseiro e choro tanto que parece que nunca mais vou conseguir parar.

62
AUGUST

Meus braços estão exaustos, meus ombros ardem e, assim que saio do mar, desabo na areia para tentar recuperar o fôlego. A pele arrepia pelo choque entre o calor e a água gelada. Mas, conforme meu coração desacelera, a angústia volta com tudo, e dessa vez é sufocante. Então corro de volta para o mar e mergulho, deixando o marulho me acalmar.

O negócio é que nem a correnteza me faz esquecer a conversa com meu pai. Assim que penso nele, aquelas formas e linhas voltam a aparecer, e fico tão fora de mim que mergulho mais fundo e nado mais rápido.



Volto à tona, ofegante.

— Chega! — grito em direção ao vento salgado, socando a água, mas não adianta.

Ella estava errada. Esses desenhos não são uma forma de me reconectar com Des. São uma maldição, um lembrete constante de que nunca mais vou poder entregar um deles para minha irmã. Que ela nunca mais vai gritar de alegria. Que a gente nunca mais vai rir junto. E que nada mais vai ser como antes.

63
VALENTINE

Já se passaram dois dias desde a confusão no deque. Ter que olhar direto para a janela do quarto do Bentley já é uma droga, mas agora ele resolveu malhar no quintal, bem de frente para a minha sala, enquanto janto com a minha família.

— Quer conversar sobre isso? — pergunta minha mãe ao ver que só estou empurrando a comida de um lado para outro.

A última coisa de que ela precisa agora é esquentar a cabeça com o desastre amoroso que foi a minha história com Bentley.

— Não — respondo. — Posso comer no quarto?

— Achei que você odiasse seu quarto, ou pelo menos foi o que você disse outro dia — comenta meu pai, tentando dar uma descontraída.

Entre ter que lidar comigo e com a mamãe, a semana dele foi bem complicada.

Dou de ombros.

— Mudei de ideia.

— Tudo bem — diz minha mãe enquanto eu me levanto. — E se a gente te dissesse que você já cumpriu seu período de reflexão? Ainda ia querer ficar no quarto?

Sei que devia ficar contente, mas não parece uma boa notícia, só uma pressão absurda para começar a lidar com mil desastres ao mesmo tempo.

— Ia, sim — respondo, indo em direção à escada.

Deixo o prato na mesinha de cabeceira e me jogo na cama. Vou passar o restante da noite no quarto e assistir a algum filme até pegar no sono. De

manhã vejo o que faço.

Mas acabo me levantando depois de catorze minutos encarando o teto. Meus pensamentos estão me consumindo, então me rendo e decido ir falar com August.

— Ah, que se dane — digo.

Não sei se estou fazendo a coisa certa, mas vou ficar maluca se passar mais um minuto aqui no quarto.

Troco o pijama por um short e uma regata e desço a escada. Ao me aproximar da cozinha, escuto meus pais brigando.

— E como vamos contar isso pra Valentine? — questiona meu pai.

— Não vamos contar nada — responde minha mãe, a voz tensa.

— E se o médico estiver certo e você estiver correndo risco de vida? E se você morrer? — diz meu pai, e sinto uma pontada no peito. — Como você acha que ela vai se sentir sabendo que não contamos o que estava acontecendo?

— Prem — diz minha mãe, firme. — Não vou entrar nesse assunto agora. Vamos esperar pra ter certeza.

O medo e a náusea se misturam, fazendo meu estômago embrulhar. Penso em ir até eles, começar a gritar e pedir para ela se cuidar. Mas minha mãe cai no choro, e é tudo tão doloroso que, com os olhos marejados, paro antes de chegar na cozinha e sigo em direção à porta, que fecho com cuidado depois de sair.

Na varanda, respiro fundo, me esforçando para não desabar, e vou até a casa de August. Subo a escada e entro pela janela do quarto dele. Meus pés acabam fazendo barulho ao encostar no chão.

Ele está na cama, lendo.

— Oi — digo, mas acaba soando mais como uma provocação do que como um cumprimento.

Ele nem me olha.

— Não tô a fim de brigar.

— Quê? — pergunto, num tom meio duvidoso. — Não vim aqui pra isso.

— Veio, sim — rebate, finalmente tirando os olhos da página, mas sem fechar o livro. — E tô avisando que não quero.

Ele volta a ler, e por algum motivo isso me tira do sério. Vim aqui para desabafar, mas ele está tão preso na própria bolha que nem percebeu. Estou

quase saindo pela janela quando paro no meio do caminho.

A frustração toma conta de mim.

— Você não é o único que tá passando por problemas, sabia? Já parou pra pensar que talvez a minha vida também não esteja um mar de rosas? Lógico que não. — Ele estreita os olhos, mas continua concentrado no livro. Uma parte de mim sabe que eu devia ficar quieta, mas a outra não está nem aí. — Exatamente. Nenhuma pergunta pra saber se eu tô bem, se tem algo errado, por que andei tão calada nos últimos dias. Enquanto isso, tô *há anos* fazendo de tudo pra te ajudar. Cada briga, cada merda que acontecia, lá estava eu. A fiel Valentine. — Ele não fala uma única palavra. A raiva ferve descontrolada dentro de mim. — Mas quer saber? Tô fora. Porque adivinha só, August, *eu não quero ir pra Berkeley*. E o pior é que teve um momento em que eu só queria ir por causa de *você*. Mas chega. Pode ir sozinho pra Califórnia!

Agora, sim, ele bota o livro de lado. Mas tudo o que diz, baixinho, é:

— Se é isso que você quer.

— É! — disparo.

Saio batendo os pés porta afora, porque não confio em mim mesma para encarar a escada lateral neste momento.

64
AUGUST

É meia-noite e meia e o deque está completamente silencioso. As luzes das casas vizinhas estão apagadas, incluindo a do quarto de Tiny. Mesmo assim fico parado na varanda da casa dela, olhando para a porta dos fundos e pensando se devo entrar, com tudo que ela disse martelando na minha cabeça.

Eu podia mandar uma mensagem a chamando para vir aqui fora, se estiver acordada. Mas acho que nossa briga foi séria demais para isso. Então giro a maçaneta. A real é que faz anos que não entro no quarto dela desse jeito, o que só confirma o que ela disse sobre nossa amizade ser uma via de mão única.

Subo a escada na ponta dos pés. Mas nem precisava me preocupar tanto com isso, porque a casa dela é reformada e não faz aqueles estalos que nem a minha. Além disso, o ar-condicionado central faz um ruído que ajuda a disfarçar qualquer barulho. Paro na porta do quarto, me perguntando se essa é mesmo uma boa ideia. Mas sinto que, se não fizer isso, posso acabar perdendo minha amiga. E isso não pode acontecer de jeito nenhum.

Bato de leve à porta, no mesmo ritmo de quando a gente era criança, e entro.

Ela se senta na cama assim que fecho a porta.

— August? — diz, a voz rouca, e não sei se a acordei ou se ela estava chorando.

Me sento na ponta da cama e fico encarando as minhas mãos no escuro.

— Você tá certa — digo. — Não ando fazendo por você o que você sempre fez por mim.

— Não foi o que eu quis...

— Foi, sim. E tudo bem — digo. — Nem passou pela minha cabeça te perguntar por que você anda tão calada. Fiquei pensando nisso, tentando entender como foi que não percebi que você tava mal. E a única explicação idiota que achei foi essa ideia de que a sua vida é perfeita.

Ela dá uma risadinha irônica.

— É, não tem nada de perfeita.

— Desculpa por ter sido um babaca, por não ter te apoiado. Fui egoísta pra cacete.

Ela hesita e encara o abajur da mesinha de cabeceira, mas decide não acender.

— Minha mãe tá grávida e meu pai acha que ela pode morrer por conta de algumas complicações.

Levanto a cabeça na mesma hora.

— *Quê?* Putz, Tiny. Ela tá bem?

— Não sei — diz, erguendo as mãos e as deixando cair de novo no edredom. — A gente tá esperando o resultado dos exames. Mas aconteceu alguma coisa, alguma coisa que deixou eles preocupados. Não me contaram o que foi, e tô morrendo de medo de perguntar.

A voz dela vacila.

Chego mais perto e a abraço sem nem pensar duas vezes.

— Ei... — murmuro, sentindo seu corpo estremecer.

— E você não é egoísta — diz, a respiração meio entrecortada. — Só é cabeça-dura pra caramba.

— É, isso também — concordo. Quando percebo que sua respiração está voltando ao normal, digo: — Me fala sobre a sua mãe.

E é o que ela faz. Conta como está preocupada, fala sobre as brigas que escutou na última semana, como não se sente mais em casa no próprio lar e como seus pais estão diferentes. Escuto tudo, tentando dar os melhores conselhos possíveis e dizendo que vou estar ao lado dela para o que der e vier.

Aí Tiny pergunta por que ando tão distante. Conto sobre a tentativa fracassada de conversar com Ella e sobre a visita inesperada do meu pai.

— Meu Deus, August. Eu não fazia ideia.

Balanço a cabeça.

— Fazer o quê, né?!

— Você acha que ele vai voltar?

— Meu pai? Nada — digo. — Vai voltar, não.

— Nunca?

— Não se ele tiver outra opção — digo.

Tiny franze o cenho e abre a boca para perguntar mais alguma coisa, mas acaba deixando para lá.

Ficamos um bom tempo em silêncio, até que ela balança a cabeça como se tivesse achado melhor não prolongar o assunto.

— Então quer dizer que você beijou a Ella.

Ouvir isso em voz alta deixa meu coração apertado.

— Não. Mas eu queria. — Ela fica esperando eu continuar. — Eu só... — começo, mas não consigo encontrar as palavras certas.

— Tá gostando dela? — sugere.

Desvio o olhar, surpreso ao perceber como machuca ouvir isso.

— Eu devia ter te contado sobre esse quase beijo.

— Devia — diz Tiny. — Você me deixou ser pega de surpresa pelo sr. Becker. — Suspiro, me sentindo ainda mais culpado. Mas, antes que eu consiga pensar no que dizer, ela também suspira. — Mas acho que, se por um lado você escondeu demais, por outro eu acabei contando demais. Não tinha nada que ter falado pro Bentley que você gosta da Ella. E sinto muito que ele tenha jogado isso na sua cara.

Olho para ela, aliviado pela trégua.

— Obrigado. — É tudo que consigo dizer, e, pelo visto, ela entende. Aproveito para mudar de assunto. — Já deu uma olhada nos e-mails que a gente recebeu na Amor de Verão?

Ela coloca o cabelo atrás da orelha.

— Dei. Uma loucura.

Nos entreolhamos e, mesmo na penumbra, sabemos muito bem que a empresa já era. Que a Amor de Verão não tem mais volta, mas ninguém tem coragem de dizer isso.

Depois de uns segundos num silêncio pesado, ela balança as mãos como se estivesse espantando a melancolia.

— Sabe do que a gente precisa? De milk-shake e batata frita da Lanchonete do Bob.

Dou uma olhada no relógio na mesinha de cabeceira.

— É uma da manhã.

— E eles só fecham às duas, então dá tempo.

Ela sai da cama, pega um moletom e veste por cima do pijama.

Abro a boca para retrucar, mas desisto.

— Beleza, bora.

Ela ri.

— Gostei desse August que dá o braço a torcer, viu? Será que dá pra você errar mais vezes?

— É, não.

Ela arqueia a sobrancelha.

— E se eu sugerisse de a gente usar roupinhas combinando?

— Eu diria que tá na hora de você adotar um cachorro.

— Ou quem sabe... — continua ela, soltando uma série de ideias ridículas que nunca vão acontecer.

Mas acabo sorrindo, porque a Tiny sabe ser engraçada.



Saímos da Lanchonete do Bob empanturrados de sorvete e fritura, mas surpreendentemente mais tranquilos do que estivemos em muito tempo.

— Deixa que eu dirijo — diz Tiny, estendendo a mão para pegar a chave.

— Você nunca quer dirigir.

— É, mas a noite tá tão bonita, e eu tô me sentindo... diferente. Então por que não dar uma variada?

— Se você tá dizendo...

Conversamos mais um pouco lá na lanchonete sobre a confusão dos últimos dias, mas evitamos falar sobre Berkeley. Melhor não arriscar outra briga. Só não sei se ela evitou o assunto porque não teve intenção de dizer aquilo ou porque teve.

Quando entramos no Jeep, ela tira o chinelo e coloca o pé esquerdo na saída de ar de um jeito que só ela acha confortável.

— Tô orgulhosa de você — diz, dando partida no carro e abaixando o volume da música. — Pela forma como agiu com a Ella. Por ter conseguido se abrir assim.

— Não adiantou nada.

Saímos do estacionamento.

— Mesmo assim foi corajoso. E romântico. E bem longe do que eu esperaria de você. — Dou de ombros, olhando pela janela. — De repente eu posso te ajudar a pensar num jeito de...

— Tiny, ela me odeia.

Ela fica um segundo em silêncio, me olhando daquele jeito que deixa claro que não vai desistir tão fácil. Quando estamos quase passando pela rua onde Des sofreu o acidente, baixo o olhar para as mãos, evitando encarar o lado de fora.

Tiny percebe e, em vez de suspirar ou fingir que não viu, pisa no freio de repente.

Levanto a cabeça. Ela está apertando o volante com mais força do que o necessário. Dá para ver que está tensa. Mas, em vez de seguir reto, faz uma curva.

Finalmente entendo o que está fazendo. Olho para ela, chocado.

Mas Tiny não retribui o olhar. Só segue pela rua sem saída, com o campo de futebol de um lado e o bosque do outro, até parar *bem em frente* à árvore com a marca do carro de Kyle.

Sinto meu coração acelerar e, mesmo com as janelas abertas, fico sem fôlego.

— Não tem graça — disparo.

— Não, não tem — responde Tiny, tão baixo que quase não consigo ouvir. — Mas a gente não pode continuar fingindo que isso não aconteceu.

Fico olhando para ela, sem conseguir acreditar.

— Você acha que eu não sei que a *minha irmã morreu*? Você acha que consigo passar um dia ou, sei lá, uma hora sem pensar nisso?

— Não acho, não. Mas, mesmo depois de a gente ter falado agora há pouco sobre um monte de coisas pessoais, em nenhum momento mencionamos a

Des. No começo, achei que tudo bem. Só fiquei feliz por a gente ter feito as pazes. Voltei a me sentir a melhor amiga do mundo que tá sempre do seu lado. Foi aí que me caiu a ficha de que não, não sou nada disso. Porque nunca toco no assunto que mais te machuca.

— E, por mim, tudo bem — digo num tom mais controlado possível. — Porque *eu* não quero falar sobre isso.

— Sobre a Des — corrige Tiny, com um olhar triste. — Você não consegue nem dizer o nome dela. Acho que acabou se convencendo de que, se não falar sobre ela, o passado vai deixar de existir. Mas não vai.

— Eu não...

Minha cabeça está tão acelerada que chego a ficar tonto. Mas não consigo terminar a frase, porque sei que vai ser mentira.

— Você nem chorou, August. Não chorou na noite do acidente. Não chorou no velório. Pra falar a verdade, eu nunca te vi chorando por causa disso. Nem uma vez.

— E daí, cara?

— E daí que eu te amo — rebate ela, me deixando mais frustrado. — E a Des também te amava. Mais do que qualquer coisa. E sei que ia odiar ver você se destruindo desse jeito. Na verdade, aposto que ela faria de tudo pra impedir. Mas como quem tá aqui sou eu, e não ela, agora isso é comigo.

— Chega — digo, abrindo a porta do carro e saindo para o ar abafado da noite.

Mas, dois segundos depois, vejo Tiny parada na minha frente, no meio da rua vazia.

— Lembra quando seu pai foi embora e sua mãe se trancou no quarto? — diz, com a voz embargada e o queixo tremendo. — Lembra que a Des te deixou dormir na cama dela todas as noites por meses? Posava pros seus quadros, preparava seu lanche pra escola? Ela sempre nos estendeu a mão. Sempre. Sempre. — Mordo os lábios e balanço a cabeça, não porque eu não me lembre (até porque nunca vou esquecer), mas porque essa conversa é uma bobagem. — A Des foi a melhor irmã mais velha do mundo. O que ela sentia por você era mais do que amor de irmão; ela cuidava de você como se fosse sua mãe e seu pai, tudo ao mesmo tempo. E sei que perder a Des virou sua vida do avesso, que você sempre vai ter um pedacinho faltando aí dentro. Mas isso de

nunca falar sobre ela? Não... Chega. E isso de eu ficar deixando você se esconder? Acabou. Porque, como acabei de falar, eu te amo, e o que vim fazendo até agora não é amor de verdade.

— *Tiny* — digo em tom de aviso, mas parece mais um sussurro.

Ela ergue os braços e inclina a cabeça para o céu.

— Des, eu te amo! — grita. — Te amo tanto, tanto que chega a doer. Dói saber que você não tá mais aqui quando a gente volta da escola, que não posso mais te pedir conselhos de relacionamento, que você nunca chegou a ver a empresa maneira que eu montei com seu irmão. Sabia que a gente só começou por sua causa? — Fico imóvel, sem conseguir pensar, sem conseguir respirar. — Você passou por uma perda insuportável, August, uma dor que ninguém nunca devia sentir. E eu só tô tentando te pedir pra... *liberar um pouco desse peso*. Só dessa vez, divide esse fardo comigo — pede ela, a voz falhando. — *Por favor*. Deixa eu te ajudar.

— Não tem como você me ajudar — digo, a voz não passando de um sussurro.

— Deixa eu chorar com você. Deixa eu lembrar de histórias da Des e rir com você. Qualquer coisa, menos isso que a gente tá fazendo agora. Você acha que, se deixar essa dor bem escondida atrás da Muralha, ela vai desaparecer. Mas não vai. Ela precisa sair e, se você continuar a mantendo presa desse jeito, isso só vai *acabar com você*.

Estou tremendo, mas não de frio. Fico encarando Tiny, e o chão debaixo dos meus pés já nem parece mais real.

— E daí? — rebato, com a voz entalada na garganta. — É isso que eu mereço.

Ela para por um instante, surpresa.

— Quê? Você *não merece* isso. Nunca mais repete uma coisa...

— A culpa é minha — explodo.

— Não é sua...

— Se lembra daquela noite? — digo, meio gritando, meio engolindo em seco. — Aquela noite em que eu fui até o quarto dela pra dar boa-noite e *escutei a conversa dos dois*? Eu *sabia* que eles estavam bebendo. *Sabia* que a Des tinha brigado feio com a minha mãe mais cedo e não tava bem. E também

sabia que, se eu batesse na porta, ela ia dizer *não* pro Kyle e ia ficar em casa. Mas eu não bati. *Só virei as costas*.

Tiny me encara.

— Por quê? — indaga, na mesma intensidade que eu. — Por que você deu as costas?

— Porque eu não queria atrapalhar — digo, frustrado. — Não queria dar razão ao Kyle, que vivia dizendo que eu era o caçula carente...

— Porque você *amava* sua irmã — interrompe ela. — Como é que você tem coragem de se culpar por causa disso, August Mariani? O que aconteceu não foi sua culpa. Você era uma criança que queria dar boa-noite pra irmã mais velha e achou melhor não atrapalhar porque, depois de um dia cheio, acreditou que ela merecia se divertir um pouco. Você não fez *nada* de errado. — Balanço a cabeça. Não é assim que eu enxergo as coisas. — Olha pra mim — diz Tiny. — Se fosse o contrário, se a minha mãe tivesse morrido, você ia jogar a culpa em mim?

— Não é a mesma coisa.

— Claro que é. Ia ou não ia jogar a culpa em mim? — pressiona ela.

Passo as mãos no rosto.

— Isso é perda de tempo, Tiny. Vou pra casa.

Mas ela me dá um empurrão.

— *Ia ou não ia* jogar a culpa em mim se fosse o contrário?

— Não — grito. — Beleza? Tá feliz agora? Não!

— Isso! — rebate ela. — Grita! — Cerro os dentes. — Grita, August. Olha pra aquela árvore ali e grita!

— Eu não vou...

— Das duas, uma: ou você grita pra aquela árvore e pra sua irmã ou eu vou passar o resto da vida nessa conversa contigo. E *para* de uma vez por todas de se culpar.

Pressiono as sobrancelhas com a palma das mãos, desesperado para estar em qualquer lugar, menos aqui. Mas ela agarra meu pulso, me leva até a árvore e põe minha mão sobre a marca que o carro de Kyle deixou no tronco.

Meu instinto me diz para eu me afastar, tirar a mão dali e dar o fora, mas não consigo. Fico sem saber o que fazer, a mão tocando a casca fria retorcida por causa do impacto do para-choque. Até que, de repente, algo começa a

mudar dentro de mim: a rachadura que se formou enquanto eu discutia com meu pai se expande, estilhaçando meu autocontrole e *minha Muralha*, como Tiny falou. Aí eu grito. Grito o nome de Des num berro longo e cheio de dor. Grito até a garganta arder e as lágrimas começarem a rolar pelas bochechas. Até não sobrar mais nada dentro de mim.

65
VALENTINE

Passamos o restante da noite gritando para Des e para a árvore. Quando não nos aguentamos mais de pé, desabamos na grama, ofegantes. Depois, aos poucos, já quase sem voz, começamos a conversar e a contar histórias: sobre a Des, sobre nossa infância e sobre tudo que aconteceu depois que ela se foi.

Dizer que a gente a amava é tão óbvio quanto afirmar que o sol é amarelo. A verdade é que a gente idolatrava a Des, ia atrás dela para tudo quanto era canto. E ela era aquele tipo de irmã mais velha que deixava, que não fazia a gente se sentir inferior ou idiota por causa disso. Pelo contrário, só colocava o braço no nosso ombro e dizia coisas como "Seus geniozinhos malandros. Juro, se quando crescer eu conseguir ser metade do que vocês são de engraçados e interessantes, já posso dizer que venci na vida". E a admiração era recíproca, porque a Des era muito mais do que qualquer um podia explicar. Era uma luz no fim do túnel. Fazia você se sentir bem com um simples sorriso e compreendido com apenas um gesto. O pessoal brincava que ela era a prefeita da cidade, mas, no fundo, era uma grande verdade.

O sol nasce devagar, com uma linha vermelha brilhante começando a se estender sobre as árvores. Ficamos mais uma vez em silêncio, deitados na grama fria da manhã.

— Obrigado — murmura August, os olhos fixos no céu que se ilumina.

Pego na mão dele, que nem a gente fazia quando criança, e ele aperta. De repente, somos Tiny e August de novo, os extraordinários melhores amigos

prontos para enfrentar o mundo um ao lado do outro. Sem Muralha, sem silêncio. Só nós dois.

66
VALENTINE

Alguma coisa sacode meu braço e dou um resmungo.

— Valentine — chama minha mãe.

— Ainda não sou um ser humano funcional — murmuro. — Preciso de pelo menos mais quatro horas de sono.

Mandei uma mensagem (várias, na verdade) para eles ontem à noite avisando onde eu estava e pedindo desculpa por ficar fora até tão tarde. Não sou idiota: literalmente acabei de sair do meu "período de reflexão" ou sei lá como chamam.

— Valentine, a gente acabou de voltar da consulta — diz minha mãe.

Ergo o corpo tão rápido que o quarto parece balançar.

— Quê? Agora? O que a médica falou? — Ela se senta na cama enquanto meu pai fica de pé no tapete branco. — Por favor, me diz que tá tudo bem com você — falo antes que ela consiga abrir a boca.

Minha mãe afasta uma mecha de cabelo dos meus olhos.

— Não dá pra garantir que essa gravidez não vai ser complicada, mas a médica disse que os exames estão bons. Que eu e o bebê estamos saudáveis.

— Essa é a melhor notícia do mundo — acrescenta meu pai.

Por um segundo fico só olhando para eles, tentando assimilar o que estão falando. *Minha mãe tá bem*, repito mentalmente. E, na hora que a ficha cai, tento engolir o choro, mas não consigo conter as lágrimas.

— Ô, meu amor — murmura minha mãe, me puxando para um abraço apertado. — Eu sei, é coisa demais pra absorver.

— Não é isso — digo, chorando no ombro dela. — Eu achei que você fosse morrer. Achei que tivesse acontecido alguma coisa...

Mas não consigo terminar a frase, porque só de pensar nisso dói demais.

— De onde foi que você tirou isso? — pergunta minha mãe, ainda me abraçando, mas dá para sentir ela virando a cabeça para o meu pai.

— Eu ouvi vocês discutindo — digo, tentando recuperar o fôlego.

Ela fica um segundo em silêncio, provavelmente tentando entender o que eu ouvi.

— Escuta — diz, se afastando com cuidado e olhando bem nos meus olhos. — Isso foi um erro nosso. A gente discutiu porque estava com medo de algo que nem era concreto, só uma preocupação com o que poderia acontecer no futuro. Não precisava internalizar nada do que a gente disse. Acima de tudo, nós somos os seus pais. Esse é o melhor trabalho da nossa vida, e a gente leva isso muito a sério. Eu não vou a lugar algum.

Mesmo sabendo que agora já não faz mais diferença, eu precisava ouvir isso.

Enxugo as lágrimas e volto a esconder o rosto no ombro da minha mãe. Ela me abraça com força e eu fico ouvindo seu coração bater, que nem fazia quando era criança.

— Bom, já que tirei o dia de folga, que tal umas panquecas de chocolate com mirtilo pra comemorar? — pergunta meu pai alguns minutos depois.

Minha mãe e eu concordamos, animadas.

— Vou só tomar um banho rápido — digo, revigorada. — Desço em dez minutinhos.

Assim que meus pais saem do quarto, pego o celular e mando um monte de mensagens empolgadas para August contando sobre o bebê Sharma.

Mas, no caminho para o banheiro, passo pela penteadeira e meus olhos se fixam bem onde ficava meu adesivo da Berkeley. Dou uma murchada na mesma hora. Agora, mais do que nunca, sinto que não posso ir para a Califórnia. E, por mais que eu não queira conversar sobre isso, sei que não dá para ficar evitando.

Depois do nosso café da manhã de comemoração, coloco meus pratos na lava-louça e percebo que, se não tomar coragem agora, não vou fazer isso nunca.

— August — digo, como se falar seu nome me desse forças.

Enrolo mais um pouco e faço um café para ele como um gesto de paz.

Quando finalmente ponho os pés na varanda, hesito. August não comentou nada sobre Berkeley ontem à noite, e a única explicação em que consigo pensar é que ele deve ter pensado que falei aquilo da boca para fora, que eu nunca abriria mão do nosso plano.

Enquanto ainda estou pensando no que fazer, a porta da casa de Bentley se abre. E, pelo visto, esse é o empurrão de que eu precisava. Saio correndo da varanda para o quintal de August.

Subo até o quarto dele e o encontro deitado, apoiado nos cotovelos e com os olhos semicerrados por conta da luz do início da tarde.

— Ah, ótimo. Tá acordado. Não vou precisar te arrastar da cama pelos pés.

Tento soar descontraída, mas meu nervosismo acaba atrapalhando.

Ele passa as mãos no rosto e me agradece pelo café.

Depois fica me observando com aquela expressão irritante de melhor amigo que consegue ler meus pensamentos.

— Tá tudo bem?

— Tá. Se bem que... não. Sei lá. Tô confusa.

Começo a andar de um lado para outro, mas as palavras não saem como eu tinha planejado. Fico completamente calada.

— Tiny?

Jogo o cabelo para trás e respiro fundo.

— Cara, eu só... nem sei como te dizer isso. Mas tô tentando. Tá vendo, né?

Abro e fecho a boca, tentando pensar num jeito de não colocar a perder a conexão que a gente teve ontem à noite.

— Beleza, é sobre Berkeley — deduz, como se já tivesse entendido.

Tem alguma coisa na voz dele, uma tensão que me deixa com a boca seca e o estômago embrulhado. Não consigo nem olhar para ele.

— É — digo. August não fala nada, e, quando finalmente olho de novo, ele só está encarando o café. — Berkeley é uma faculdade incrível, mas... é um objetivo que a gente traçou lá na quinta série, quando pensava que viver num lugar onde faz calor o ano inteiro seria a coisa mais legal do mundo. Só que agora... — Paro de falar e começo a mexer nas unhas que acabei de pintar. Silêncio. Sinto meu estômago se revirando. — Não sei se a Califórnia é pra mim. E minha mãe vai ter o bebê, então...

— Tiny — murmura August, e, apesar de ele falar baixo, fico paralisada. — Você já tinha decidido isso antes de saber do bebê. Já tem semanas que tirou o adesivo da faculdade do espelho.

— É, mas acho que o bebê acabou deixando as coisas mais concretas...

Ele balança a cabeça como se não estivesse convencido do que eu disse.

— Fala que você não quer ir, mas não vem dizer que é porque esse é um objetivo antigo. Você pesquisou todas as melhores faculdades de negócios do país no ano passado e todas as vezes chegou à mesma conclusão, que Berkeley era a melhor de todas. Não é só a melhor do país, porque isso vive mudando, mas a melhor pra você — diz ele. Mordo os lábios para não acabar choramingando sobre como ele está certo e como me conhece bem. — No inverno do ano passado, você literalmente passou três dias montando uma planilha com todas as coisas que a gente poderia fazer na Califórnia e que não existem aqui. Isso sem contar que, no dia em que ficamos sabendo da nossa aprovação, você cancelou a noite de filme só pra poder escolher as matérias.

Franzo o cenho.

— Tá bom. Você tem razão. Eu só não quero mais ir.

— Se eu acreditasse nisso, não ia nem discutir. Mas você tá agindo que nem as pessoas dos nossos casos; tá deixando o medo te impedir de fazer o que você realmente quer.

Meus olhos se viram rapidamente para ele.

— Esse comentário foi bem escroto.

— Beleza, então me dá uma razão de verdade pra você não querer mais ir. E nada de desculpa esfarrapada. Algo que realmente faça sentido.

Abro a boca achando que vou dar a melhor explicação, mas só fico gaguejando.

— É longe demais.

— Tá, e o que é que tem?

— É isso, August. Eu adoro nossa cidade e a verdade é que não passo de uma bairrista chata. Pronto. Tá feliz agora?

— Eu entendo que você adora a cidade — diz. — Mas...

— Não, não entende. Você tá há séculos tentando dar o fora daqui. Você não gosta de ficar em casa. Vive puto com a sua mãe. Não fala com quase ninguém além de mim. A real é que você desistiu completamente da cidade

depois que a Des morreu. — Paro de repente, arrependida. A gente mal começou a falar dela e já estou estragando tudo. Desvio o olhar. — Desculpa. Não queria ter dito isso.

Ele fica em silêncio por um tempo, olhando pela janela, como se estivesse prestando atenção em algo longe daqui. Quando finalmente fala, diz algo que nunca imaginei escutar:

— Tudo que você disse é verdade. Mas tá errada se acha que eu não entendo por que você ama este lugar. Entendo, sim, e mesmo assim isso não é motivo suficiente.

Fico irritada.

— Você, melhor do que ninguém, devia saber que não tem o direito de decidir a vida dos outros. Me acusa de estar agindo que nem as pessoas dos nossos casos. Bom, pro seu governo, você tá fazendo a mesma coisa, só que no papel do namorado babaca.

— Valentine — diz, e fico chocada quando o ouço dizer meu nome de batismo. Ele respira fundo, provavelmente tentando se controlar para não ser ríspido comigo. — Ontem à noite você fez uma coisa importante para mim. Me fez enfrentar uma parte minha que eu tinha deixado enterrada. Quando cheguei em casa e me deitei, foi a primeira vez em muito tempo que não senti ansiedade, que não comecei a desenhar meus medos no teto do quarto...

— Desenhar seus medos? — pergunto, olhando para o teto.

— Desenhos imaginários — explica. — Já tem meses que esses rabiscos começaram a surgir na minha cabeça. Mas nas últimas semanas ficaram mais insistentes. Não conseguia me livrar deles. Era como se eu estivesse sendo perturbado pelas partes da minha personalidade que tranquei a sete chaves.

— Por que você não me disse nada? — pergunto, a voz mais baixa.

— Porque não queria que fosse verdade. Eu me sentia fracassado, como se não conseguisse fazer nem uma coisa simples como deixar a arte de lado pela minha irmã.

Arregalo os olhos.

— A Des *jamais* ia querer que você deixasse a arte de lado por causa dela.

— Eu sei — diz, pensativo. — Mas parecia que eu precisava fazer isso. E agora que tô aqui olhando pra você, a melhor pessoa que conheço, não quero que cometa os mesmos erros que eu. Se você não quer ir pra Berkeley, se

mudou mesmo de ideia, tudo bem, tô contigo. Você sabe disso. Agora, se você tá pensando em não ir porque tá com medo, aí eu vou lutar por você assim como você lutou por mim.

Respiro fundo e me jogo na cadeira da escrivaninha, olhando desconfiada para ele. Quem é esse August tão aberto, tão expressivo?

— Não é medo — explico. — Só tô preocupada.

Ele pensa um pouco antes de responder:

— Bom, eu tô com medo — diz, com tanta honestidade que acho que não ouvi direito.

— Não, não tá.

— Tô, sim. Tô com medo de nunca mais pintar. E medo de voltar a pintar. Medo de não conseguir pagar a faculdade, da minha mãe não ficar bem sozinha. Tô sempre com medo de alguma coisa, Tiny.

Mordo os lábios e mexo nas minhas pulseiras de néon.

Ele fica me olhando, na expectativa.

— Me diz com o que você tá preocupada.

Respiro fundo.

— Eu não... — Interrompo a frase no meio, tentando organizar melhor meus pensamentos. — É que ir embora parece tão definitivo, sabe?

— Como se você não pudesse voltar?

— Isso — digo. — Quer dizer, eu sei que fisicamente vou poder voltar. Ninguém vai me impedir. Mas me preocupa saber que posso mudar, que você pode mudar, que tudo pode ser diferente.

— A gente vai mudar — diz ele, e fico com um bolo na garganta. — Mas tá tudo bem.

— E se não estiver tudo bem?

— Lembra quando você decidiu cortar a franja? — pergunta August.

— Valeu aí pelo apoio, hein.

Ele dá um sorrisinho.

— Você ficou desesperada, implorou pros seus pais te deixarem colocar um aplique.

— E eles não deixaram porque são uns monstros sem coração.

— Porque, como a sua mãe disse, não dá pra voltar no tempo. A única maneira de enfrentar as coisas, principalmente as coisas difíceis, é seguindo em

frente — diz. — O que eu tô tentando dizer é que, se você continuar aqui, vai mudar de qualquer maneira. Por mais que a gente queira, as coisas não continuam as mesmas pra sempre.

Fico mordendo o lábio, olhando para meus joelhos.

— Queria tanto que a gente pudesse recomeçar do zero... Ter uma segunda chance na Amor de Verão, aproveitar mais um pouco, sabe?

— Eu não — rebate ele, e, por algum motivo, isso é o que mais me pega de surpresa em toda a conversa. — Porque se as coisas não tivessem acontecido exatamente como aconteceram, eu nunca teria tido aquela conversa com você ontem à noite. E, mesmo que eu tivesse conseguido ficar com a Ella, não ia dar certo porque eu ainda estaria me fechando para o mundo.

Paro para pensar no que ele disse e só aí reparo que talvez esteja presa a uma ideia romantizada do passado, como se estivesse tentando congelar um momento que já passou. Só que, mesmo entendendo isso, não consigo parar de sentir que, ao ir embora, vou deixar algo enorme para trás.

— E outra, você adora inventar negócios. E ama Berkeley, talvez até demais. Tem certeza de que não vai se arrepender se nem tentar?

Franzo o cenho, irritada, porque ele tá certo. Muito certo, na verdade.

— Talvez — admito.

— Isso quer dizer que você vai pelo menos pensar um pouco no que eu disse?

— Vou pensar, sim — digo.

Apesar de ainda não ter muita certeza, fico feliz por ele deixar eu me decidir no meu próprio tempo. Se eu estivesse no lugar dele, talvez não fizesse o mesmo.

Recebo uma notificação no celular e pego para ver. Mas aí o celular de August também apita, e já sei o que é sem nem precisar olhar: uma mensagem no e-mail da empresa.

A gente se olha e, sem dizer nada, concorda em mudar de assunto.

— Você chegou a falar com algum cliente? — pergunta ele.

— Não, e você?

Ele balança a cabeça.

— Mas acho que tá na hora.

Deixo escapar um suspiro. Pelo visto, hoje é dia de consertar as cagadas. E quer saber? Eu topo. As coisas já ficaram fora de controle por tempo demais.

— Tá, vamos lá. Primeiro a gente precisa mandar um e-mail explicando tudo e dizendo que estamos à disposição pra conversar.

— Também seria uma boa ligar pra alguns clientes, pelo menos os que viram aquela matéria.

— Total. Vamos fazer uma lista — digo, me mexendo na cadeira dele para pegar um caderno.

Só que, quando me viro, meu pé prende numa sacola embaixo da mesa. Me inclino para tirar a alça da sandália e acabo vendo a logomarca da loja de arte. Não resisto e dou uma olhada.

— Alguma coisa interessante aí? — pergunta ele, se aproximando de mim.

Levanto a cabeça tão rápido que bato na beira da mesa e solto uns palavrões.

Ele dá uma risadinha.

— Não tem graça — reclamo, esfregando a cabeça.

— Tem razão. O carma nunca tem graça.

— Isso são as...

— É, são as coisas que comprei naquele dia com a Ella. E não, não joguei fora por sentimentalismo.

— Tá, já chega. Quem é você e o que você fez com meu melhor amigo rabugento e misterioso?

— Acho que gritei tanto que botei ele pra correr — diz, sem um pingo de sarcasmo.

Percebo que estou tendo um vislumbre do August de antes... antes de Des morrer.

Pressiono um pouco, só para ver se ele é real.

— Tá com saudade da Ella, né?

— Mais do que eu gostaria de admitir.

Meu Deus, é ele. O August de antes. O August pintor, que se aconchegava com a Des, que *conversava*.

— Como eu posso ajudar? — pergunto.

Enquanto August e eu resolvemos as consequências dos casos anteriores, o restante do dia passa num piscar de olhos. A boa notícia é que a maioria é de casos antigos que já se encaminharam para coisas melhores. Daisy chegou até a dizer que ficou feliz de saber que as melhores amigas contrataram a gente. Claro, também tivemos que lidar com algumas frustrações, mas faz parte. No geral, as pessoas estão sendo compreensivas, o que só me deixa ainda mais triste por termos perdido a Amor de Verão. Depois de resolver os piores pepinos (exceto o problema com Ella, lógico), damos uma passada no centro da cidade para jantar no nosso restaurante favorito, aquele que serve pizza de forno a lenha com bordinha crocante e um queijo delicioso.

— Cardápio? — oferece a garçonete quando nos sentamos à mesa perto da janela.

— A gente já sabe o que vai pedir — dizemos em uníssono.

— Ah, maravilha.

August faz um gesto com a mão, e eu começo a fazer o pedido. Mas, quando paro de falar, ele está olhando pela janela, o rosto sério.

— Ella? — pergunto, porque sei que August está o dia inteiro pensando nisso. Ele balança a cabeça. — Seu pai? — tento de novo.

— Berkeley — confessa.

Fico confusa. Sei que a gente não resolveu completamente a conversa sobre a faculdade, mas achei que ele fosse me dar mais tempo antes de voltar a tocar no assunto.

— Eu falei que vou pensar — digo.

— Não é isso — diz. Então faz uma pausa demorada. — Tem uma coisa que eu não te contei.

Faço um gesto para ele falar logo.

— Você sabe que eu odeio suspense.

— O problema é que... — Ele fica mexendo nos cubos de gelo com o canudo. — Não tenho grana pra pagar a faculdade.

Não entendo nada.

— Ué, mas e a poupança...

— Gastei tudo pra ajudar minha mãe com as dívidas.

— *Tudo?*

Engasgo, e ele faz que sim.

Não acredito que tudo que a gente conquistou foi para o ralo. E agora fechamos o negócio e nosso último cliente se recusa a pagar.

— Eu te empresto...

— Não.

Ele me interrompe num tom que deixa bem claro que esse assunto não tem discussão.

— Bolsa de estudo — digo. — Tenho certeza de que você conseguiria.

— Eu tentei. Mas só cobre cinco mil.

— E um empréstimo? — sugiro, mas fico com um bolo na garganta. Se ele pegar um empréstimo, vai passar o resto da vida endividado. E seria injusto demais depois de todo o esforço que fez. — A gente também pode começar um novo negócio e...

— Não tem como a gente colocar uma empresa pra funcionar tão rápido e você sabe disso. Mas, sim, tô dando uma olhada em empréstimos. Só queria te contar.

— Mesmo que a gente não consiga colocar o negócio pra funcionar a tempo de cobrir as despesas do primeiro ano, com certeza vai ajudar nos outros três — digo, determinada a encontrar uma solução.

A preocupação no rosto dele suaviza um pouco, mas imediatamente percebo meu erro.

— Quer dizer que você decidiu ir?

A esperança na sua voz faz eu me sentir mal.

— Então... — digo, desviando os olhos e me sentindo uma idiota.

— Desculpa, não quis te...

Mas o interrompo, porque não sei se consigo lidar com a culpa por ele estar sendo tão compreensivo.

— Sei que não.

Ele faz que sim e fico encarando meu copo de água, me sentindo péssima.

A garçonete traz refrigerante e pãezinhos de alho, mas nem presto atenção. A única coisa que me faz erguer o olhar é August perguntando se quero a comida para viagem.

Olho meio desconfiada para ele.

— Ué, por quê...

Mas aí sigo seu olhar para a janela.

Vejo Bentley na calçada. O pior é que ele não está só passando na rua, e sim vindo em direção ao restaurante.

Fico vermelha e meu humor, que já não estava dos melhores, piora.

— Ele só pode estar de brincadeira.

August me olha, e dá para ver que está em dúvida.

— Quer que eu fale com ele?

— Não, vou fazer de conta que não vi e pronto.

Seria até uma ótima solução, só que agora Bentley está na recepção e a garçonete está prestes a levá-lo para uma mesa, a única disponível, que fica a duas da nossa. Ele se senta de costas para a gente, acho que nem percebeu que estamos aqui. É uma mesa para dois. E só consigo pensar que deve estar esperando alguém para um encontro romântico. Que daqui a pouco uma garota vai entrar, talvez até Cassie, e minha cabeça começa a pegar fogo.

Depois de uns quatro minutos que mais parecem quatro horas, perco a paciência. Fico de pé e jogo o guardanapo na cadeira.

— Vou matar esse cara, August — murmuro, cheia de ódio. — E você vai me tirar da cadeia. Ouviu? — Aí vou até Bentley que nem o Hulk. Aponto para ele. — Você sabe muito bem que esse é o meu restaurante favorito — digo, determinada, mas furiosa.

Não consigo sair de casa sem ver Bentley com os irmãos, levantando peso ou pulando no rio, e, por mais que eu queira ignorar tudo e seguir em frente, não consigo. Ele significava muito para mim. E estou puta que ele tenha destruído tudo.

— Valentine — diz, como se estivesse aliviado.

É uma reação tão inesperada que paro na hora.

Quando olho para a cadeira vazia da mesa dele, parece que levei um chute no estômago.

— Sério, não acredito que você...

Ele arregala os olhos.

— Isso aqui não é um en... Ninguém vai sentar aqui. Tô sozinho — diz, gaguejando, como se tivesse lido meus pensamentos.

— É? E por que você veio aqui sozin... — começo a dizer, mas paro no meio. — Meu Deus, você me *seguiu* até aqui?

Ele levanta as mãos como se estivesse se rendendo.

— Claro que não — diz rapidamente. — Não estava te seguindo. Só estava indo pra loja de ferramentas e aí... — Ele vai perdendo o foco e olha para as mãos. Quando me encara de novo, parece totalmente envergonhado. — Eu estava passando e acabei vendo você e o August pela janela. Você tava com aquela cara que só faz quando tá puta da vida. E aí, sei lá, fiquei com vontade de ver se você tava bem. Ia ficar só um minuto pra ver... — Sua voz vai sumindo mais uma vez, e ele dá uma risadinha triste. — Em voz alta, parece ridículo. Foi uma decisão de última hora, nem pensei direito. — Ele empurra a cadeira para trás e se levanta, parecendo constrangido. — Quero conversar com você. Quero muito. Mas não quero te forçar a nada. Estava tentando respeitar seu espaço, eu só... Enfim, desculpa. De novo.

Ele vai embora de cabeça baixa. Olho para August, que está distraído com o canudo, o que dá a entender que ouviu tudo. Bentley abre a porta para sair, mas continuo parada diante da mesa dele, sem saber o que fazer.

Acho que ele ficou preocupado que eu estivesse triste, e, quando penso nisso, parte de mim acaba dando uma amolecida. Aff. Chega. Eu *estou* triste. E ele devia mesmo se sentir mal. Mordo os lábios, tentando me convencer a voltar para August, mas sigo imóvel. Quando Bentley some de vista, fico com o coração apertado, como se aquele fio invisível que nos unia estivesse me puxando na direção dele. E aí, que nem uma idiota, vou até a porta e saio para a calçada.

O ar abafado tem cheiro de açúcar e canela da loja de rosquinhas ao lado, e todo aquele clima de felicidade me dá nos nervos. Levo um segundo para ver Bentley virando a esquina, não em direção à loja de ferramentas, como ele disse, mas saindo do centro da cidade.

Acelero o passo para alcançá-lo, e ele parece tão satisfeito com isso que acabo fechando a cara.

— Você veio atrás de mim — diz baixinho, como se fosse me afastar se falasse mais alto. Dá para perceber como ele me deseja, e é tão intenso que parece um ímã. Observo as copas das árvores lá no alto como se houvesse uma resposta escondida entre os galhos. Eu não tinha nada que ter vindo atrás dele. Droga, por que achei que era uma boa ideia? — Você nem me deixou explicar — continua Bentley, baixinho. — Só desligou na minha cara.

As palavras dele me provocam, então finalmente decido falar:

— Porque você mentiu pra mim.

Ele suspira.

— Tem razão. Menti.

Meu coração fica apertado novamente.

— Olha, não tô aqui pra ouvir desculpa esfarrapada nem promessa de que vai melhorar. Nosso pacto de honestidade, que era a única coisa que me fazia confiar em você, foi destruído. Agora não tem mais volta.

— Eu mereço isso — diz ele, o que só serve para me deixar mais irritada.

— Lógico que merece — concordo.

Ficamos os dois num silêncio estranho. Como discutir com alguém que nem tenta se defender?

— Mas você nem sabe direito por que tá com raiva.

— Sei o suficiente.

— Tem certeza? — pergunta ele.

Duvido de mim mesma por um segundo.

— Você ficou ou não ficou com a Cassie?

— Não fiquei.

— Você hesitou no telefone. Eu sei que...

Só que, dessa vez, ele me corta.

— Ela me chamou pra dar um pulo lá. Eu disse não. Só que no dia seguinte ela me ligou chorando, desesperada. — Fico olhando desconfiada para ele. — Era alguma coisa com os pais dela... Não vou entrar em detalhes, mas os dois são horríveis. E ela tava precisando de um amigo. Então foi o que eu fiz: fui um amigo. *Só* isso.

Sinto o estômago embrulhar. Será que Cassie é a garota dos pais problemáticos daquele caso que ele tinha me contado?

— E aí?

— E aí ela tentou me beijar.

Lógico.

— E conseguiu?

Ele balança a cabeça.

— Não. Juro. Na mesma hora eu parei, fui embora e não falei mais com ela.

Abro a boca, mas paro no meio.

— Se foi isso mesmo, então por que você não me contou no mesmo dia? Você descreveu aquele dia nos mínimos detalhes pra mim, me contou até o que os gêmeos comeram de almoço, e deixou de fora o detalhe da Cassie tentando enfiar a língua na sua goela abaixo?

Ele balança a cabeça, como se já tivesse se perguntado isso um milhão de vezes.

— Porque eu sou um babaca — diz. — E porque eu gosto de você. De verdade.

— Para, vai. Isso não tem nada a ver com você gostar de mim. E sim com a sua capacidade de mentir na minha cara.

— Você tem razão. Aquilo que você disse sobre eu só ter relacionamentos curtos é verdade. Fiquei com isso na cabeça e tentei tanto não estragar tudo que acabei estragando. Não tô acostumado a... me importar tanto assim. E, sendo bem sincero, isso me dá um medo do cacete. — Ele abre um sorriso triste. — Tô há dias sem conseguir dormir direito. Sem surfar. Nada. Tô um caco... Só consigo pensar em você.

Mordo os lábios, sem saber direito como reagir. Fiquei com tanta raiva por achar que ele tinha me traído que, agora que sei que isso não aconteceu, estou meio perdida.

— Olha — começa ele, deixando escapar um suspiro. — Eu sei que quebrei a sua confiança em mim.

— É.

— Mas, se você me der uma chance, quero tentar consertar isso.

Olho no fundo dos olhos dele.

— Tá confiante, hein?

— Tô... Tenho que estar. Senão nunca mais vou conseguir dormir direito. — Ele faz uma pausa. — O negócio é o seguinte, Valentine: eu preciso de você na minha vida. E, por mais que não queira ouvir isso, você me faz ser uma pessoa melhor. Gosto mais de quem eu sou quando tô com você.

— "Precisar" é meio forte demais.

— Eu sei — rebate ele. Ficamos nos entreolhando por um tempo, e ele me encara com um olhar tão esperançoso que começo a baixar a guarda. — Pensei em aparecer debaixo da sua janela com um cartaz gigante — admite. — Os gêmeos até me ajudaram.

— Tá brincando — digo, a voz menos indiferente.

— Tô falando sério. Escrevi VALENTINE SHARMA, POR FAVOR, ME DEIXA EXPLICAR, tudo em letra maiúscula, com a foto de um cachorrinho triste embaixo.

Não consigo segurar o riso.

— Você sabe que isso é ridículo, né?

— Situações desesperadoras pedem... — diz, com um sorrisinho que me derrete.

Balanço a cabeça, tentando manter a pose de brava, mas não dá certo.

— Para de me olhar desse jeito.

Ele sorri mais ainda, e juro que acabo dando um passo à frente sem nem perceber.

— Que jeito?

Faço um gesto vago com a mão, quase encostando na camiseta dele; ou melhor, naquele peitoral lindo que ele tem.

— Você sabe muito bem.

— Não é culpa minha se você também tá sorrindo — rebate, como se tivesse passado a vida inteira só esperando por esse momento.

Por mais que eu tente me segurar, minha raiva começa a evaporar aos poucos no calor do verão.

Ergo as mãos, então depois as deixo cair novamente.

— Tá, tá bom.

— Tá bom? — repete, cheio de esperança, e aí acabo cedendo de vez.

— *Talvez* a gente possa sair amanhã.

Ele levanta os braços, pronto para me pegar no colo e me girar, mas para no último segundo.

— Tá falando sério?

— Tô.

— UHUL! — grita, dando um soquinho no ar.

— Agora vaza — digo, me forçando a conter o sorriso.

A verdade é que eu estava, sim, com saudade dele. Morrendo de saudade, pra ser sincera. Se isso tivesse acontecido em qualquer outra semana, eu teria conversado com ele para entender melhor o que tinha acontecido antes de simplesmente me afastar. Mas esta semana foi um caos. Me sugou de tudo

quanto foi jeito, embaralhou tudo na minha cabeça até eu não conseguir mais entender nada. Só conseguia pensar em chutar o balde.

— Tô indo nessa — confirma, recuando devagar, como se quisesse ficar mais tempo me olhando.

Ao voltar para o restaurante, vejo August me encarando pela janela. Ele balança a cabeça, como quem diz *lá vamos nós de novo*. Mas, por algum motivo, isso não me afeta mais tanto assim. As coisas estão diferentes com August agora. E de um jeito bom.

67
AUGUST

O sol da manhã entra pela janela e o vento carregado de maresia balança a cortina para lá e para cá. Meu quarto perdeu aquela sensação sufocante de antes, está mais leve, mais arejado. E eu também estou mais leve, como se tivesse reencontrado uma parte de mim que estava esquecida há muito tempo. Ando até com mais energia, como se reprimir quem eu sou de verdade tivesse me esgotado sem que eu nem percebesse. Ainda é cedo, mas não tento dormir de novo. Respiro fundo e fico curtindo esse novo August no novo quarto, cheio de formas diferentes de enxergar as coisas.

As conversas que eu e Tiny tivemos ontem com clientes antigos não saem da minha cabeça. Foi estranho, mas ao mesmo tempo reconfortante, ver como a vida de todo mundo mudou para melhor, e o fato de fazer isso como August tornou tudo mais legal ainda. Mas ainda preciso resolver as coisas com uma pessoa: Ella.

Só de pensar nela já solto um suspiro pesado. O sr. Becker ainda não retornou as ligações e telefonar para ela não vai adiantar. Mesmo que Ella me atenda, não quero ter essa conversa por telefone.

Meus olhos vão parar na sacola com materiais de artesanato embaixo da mesa. Apesar de saber que completar aquele desafio de arte não resolve nada, talvez possa ser um começo. Pego a sacola, abro e dou uma olhada. Só que, meio escondido sob o tecido, vejo algo que não estava esperando. Meu coração dispara, minha respiração acelera. *Ella comprou lápis de desenho pra mim?*

A ficha cai pesada. Talvez porque, sem querer, ela tenha comprado meu tipo favorito de lápis. Ou porque isso me faz lembrar de algo que a Des faria. E, apesar de tudo ainda estar tão incerto com a Ella, só consigo pensar em uma coisa: se Bentley consegue fazer um cartaz com um cachorrinho triste, eu posso fazer muito melhor. Jogo os materiais na mesa e começo a trabalhar.

O ato de criar algo é relaxante, quase uma meditação, e me proporciona exatamente aquilo de que eu precisava: pensar. Mas a conclusão a que chego (ou melhor, a ideia que passa pela minha cabeça) é bem doida.

— O que você acha, Swee? — pergunto.

Ele lambe a patinha, como quem diz "Não conte comigo para nada que envolva sair dessa cama".

Depois de meia hora andando de um lado para outro sem conseguir pensar em nada melhor, desisto e troco de roupa. Mando uma mensagem para Tiny dizendo que vou dar um pulo na casa dela e desço.

Pego uma caneca do armário e, quando já estou quase servindo o café, minha mãe entra na cozinha.

— August? — diz, como se não tivesse certeza se sou eu de verdade.

Para ser bem sincero, passei quase a semana toda sem sair direito do quarto.

— Não era pra você estar no trabalho? — pergunto, também meio inseguro.

— Hoje é sábado — responde. — Tava só dando uma olhada nas minhas obras.

— Ah, sim.

É tudo que consigo dizer.

— Recebi uma ligação da diretora da galeria. Vai começar uma nova exposição e ela quer incluir algumas das minhas obras.

Sem aquele entusiasmo típico, dizendo coisas tipo "até o fim do verão a gente tá milionário". Está bem na dela.

— Que ótimo — comento, e estou sendo sincero.

Já faz quase dez anos que minha mãe expôs alguma coisa. E os turistas movimentam bem a galeria da cidade. Embora isso não resolva todos os nossos problemas, com certeza vai ajudar bastante.

— É, sim — diz, mais uma vez sem muita animação. — A gente pode conversar?

Hesito um pouco.

— Hum...

— Não foi bem um pedido — explica, fazendo um gesto em direção à mesa redonda da cozinha.

Meio de má vontade, acabo me sentando.

Ela puxa uma cadeira e se senta ao meu lado, depois fica um bom tempo em silêncio antes de falar:

— Sei que esses últimos anos não têm sido fáceis...

— Não mesmo... — digo no automático, tentando minimizar a situação.

— Deixa eu terminar — prossegue ela, e fico quieto. — Sei que você tem lidado com muito estresse, tanto por questões financeiras como por outros problemas, e sei que a culpa é minha. Mas quero que você saiba que as coisas vão mudar por aqui. Já estão mudando — fala ela numa voz tranquila e equilibrada.

— Tudo bem — digo, sem entender muito bem o que isso significa.

— Seu pai...

— Mãe, de verdade, não quero falar sobre ele.

Ela balança a cabeça.

— Eu não pedi pra ele vir aqui conversar com você, nem sei por que falei aquilo. Claro, eu tinha esperança de que isso acontecesse, sim, mas não foi por isso que liguei pra ele. — Desvio o olhar para a porta, lamentando não ter pulado pela janela para fugir dessa conversa. — Liguei pra dizer que ele tem duas opções: ou ele paga o que te deve de pensão, incluindo as despesas com o velório da Des, ou vou acionar a justiça.

Fico olhando para a minha mãe. Des tentou várias vezes convencê-la a correr atrás da pensão, mas ela não queria nem falar sobre isso.

— E ele concordou?

— Bom, concordou quando eu falei que não ia pensar duas vezes em contar umas coisinhas... pra atual noiva dele.

Nem pergunto o que quer dizer com isso, e ela também não explica.

— Peraí. Você ameaçou ele?

Pela primeira vez nessa conversa, meu tom de voz fica mais leve.

— "Ameaçar" é uma palavra muito forte. Digamos que persuadi seu pai a fazer a coisa certa.

Ela se levanta e vai até a bancada, pegando alguma coisa da pilha de contas. Estende a mão e me mostra um cheque.

Mas, quando vejo o nome do destinatário, quase caio da cadeira.

— Como assim... Deixa eu ver isso — digo, me levantando. — O cheque tá no *meu nome*?

Ela abre um sorriso.

— Não chega nem perto do que você merece, mas já é um começo.

Fico olhando para ela sem conseguir acreditar.

— Mas as...

Desvio o olhar para as contas.

— Fica tranquilo. Com os Kellerman e a galeria, vou conseguir segurar as pontas por um tempo.

— Nem sei o que dizer.

Depois de olhar o cheque mais duas vezes só para ter certeza de que é real, faço algo raro: dou um abraço na minha mãe.

Ela fica radiante, me puxa para mais perto e me envolve com os braços. Tem um cheiro familiar, uma mistura de tela de pintura e lavanda que me faz lembrar de todas as vezes em que me sentava no colo dela, ainda criança, e a observava pintar. Por um momento penso em me afastar, mas algo lá dentro de mim não quer fazer isso: aquela parte que se libertou no momento em que gritei para a árvore. Então, em vez disso, relaxo e encosto a bochecha no seu cabelo. Nesse momento reparo nas manchas de tinta no chão da cozinha, as mesmas que minha mãe jurou que sairiam, mas nunca saíram.

— Vai! Joga a tinta na tela! — exclamou ela, empolgada.

— E se eu não acertar? — perguntei, olhando a cozinha limpinha e pensando no que meu pai faria se pegasse a gente fazendo bagunça.

— Acontece. Um pouco de bagunça faz parte da vida, August, não tem como evitar.

— Mas e o meu pai? — perguntei. — Ele nunca bagunça nada.

Minha mãe ficou me observando.

— Seu pai é daquele tipo de pessoa que acha que, se fizer tudo certinho, vai conseguir controlar a bagunça. Igual a essas pessoas que acham que, se correrem atrás da felicidade do jeito certo, vão achar uma solução mágica pra evitar o sofrimento. Mas não é assim que funciona. A bagunça é o que dá forma à ordem. E

o sofrimento é o que dá forma à felicidade. Não dá pra ter uma coisa sem a outra. Eu? Eu adoro uma bagunça. Convido ela pra dentro de casa, porque, de vez em quando, é maravilhoso tê-la por perto.

Ela passou o dedo na tinta e piscou para mim. Fiz o mesmo, e a gente atacou a tela. Passamos a mão, jogamos mais tinta e rimos até não aguentar mais.

— Obrigado, mãe — digo, e ela me solta. — De verdade.

— E olha só, August — fala, prendendo um fio de cabelo de volta no coque —, não precisa se sentir pressionado a falar com seu pai por causa disso. Essa é uma escolha sua, de mais ninguém.

— Obrigado, mesmo.

E é bom para caramba não ter que lidar com nenhum tipo de cobrança.

Pego meu café e vou até a porta, mas, antes de sair, olho para trás.

— Você vai arrebentar lá na galeria, mãe. Tô muito orgulhoso de você.

Quando fecho a porta, ela está com um sorrisão de orelha a orelha.

Sou invadido por uma onda de alívio. Minha mãe realmente comprou essa briga por mim. Fico com uma sensação estranha, que não sinto há tanto tempo que nem sei direito como chamar... Conforto, talvez? Uma palavra que sempre associei à vida de Tiny, nunca à minha.

Não porque Tiny tem dinheiro e uma casa legal. É porque ela tem aquela segurança de saber, quando acorda e quando vai dormir, que está tudo bem. Que a mãe não vai se esquecer de pagar a conta de luz ou deixar avisos de despejo colados na porta. Que seus pais não vão dormir sem saber se ela jantou. Que tem gente ali cuidando dela. E esse tipo de coisa dá a ela uma confiança que eu nunca senti.

Vou até a varanda de Tiny, que está largada num sofá com um sorriso bobo enquanto mexe no celular.

— Bentley? — pergunto, embora a resposta seja óbvia.

Ela deixa o celular no sofá.

— Olha só quem resolveu acordar cedo.

Quando subo a escada da varanda, o vento faz meu cabelo cair no rosto, então o jogo para trás.

— Tive uma ideia... — começo, mas na mesma hora a porta de Bentley se abre.

— E aí, galera! — grita do outro lado do quintal, com uma calça xadrez de pijama, sem camisa (como sempre). — Novidade, hein: jantar hoje aqui em casa.

— Isso aí tá me dando um déjà-vu... dos ruins — digo para Tiny.

— Não consegui ouvir o que você falou, August — continua Bentley. — Mas, sim, vão ter narvais infláveis pra gente nadar depois.

Tiny cai na risada e olha para mim.

— Vai ser legal — diz baixo o suficiente para Bentley não escutar.

Por mais que eu tenha prometido a mim mesmo que ia ficar de olho nele, dá para ver que isso é uma tentativa de se reaproximar.

— Vai, sim — respondo, e seus olhos chegam a brilhar.

— Fechado! — grita ela.

Bentley dá um soquinho no ar, então os irmãos o chamam e ele volta para dentro de casa. Sei que vai continuar me irritando pelo resto da vida, mas também entendo que ele é importante para Tiny. E isso faz toda a diferença.

Ela fica me olhando enquanto me sento na poltrona.

— Que foi?

— Nada... — diz, mas logo muda de ideia. — Tá, na verdade eu estava pensando que, de algum jeito muito esquisito, a Amor de Verão mudou a gente.

Concordo com a cabeça, porque também sinto isso. Tudo mudou. Aquela tensão que me fazia afastar a Tiny, que me fazia perder a cabeça sem motivo ou sair no soco com Kyle no meio da rua, desapareceu. E, embora eu ainda ache que ele é um babaca, não estou mais remoendo aquele ódio e aquela culpa que tanto me consumiam.

Ela se ajeita no sofá e segura as almofadas.

— Beleza, August paz e amor, tá a fim de sair pra comer alguma coisa? — propõe ela. Fico em dúvida. — Antes que você comece a inventar desculpa, lembra que batata rosti é a melhor coisa do mundo e não tem aqui em casa.

— Não, não é isso. É que... — Coço a nuca. — Meio que tava pensando em falar com a Ella.

— Sério? — pergunta Tiny, animada.

— Sério, e vou precisar da sua ajuda.

Ela se inclina para a frente, curiosa.

— Lógico, nem precisa pedir. Desembucha.



Pela primeira vez em muito tempo, não desvio o olhar quando a gente passa pela rua com a árvore amassada. Tiny não finge que não viu. E não ficamos naquele silêncio constrangedor.

Em vez disso, ela canta junto com a música, com o braço para fora da janela e brincando com o vento enquanto seguimos até a cidade de Ella. Durante o trajeto, fico revisando meu plano na cabeça, mas a viagem acaba passando num piscar de olhos.

De vez em quando Tiny olha para mim e cai na gargalhada.

Lanço um olhar para ela, como quem diz "se liga".

— Foi mal. É que nem acredito que isso tá acontecendo de verdade. — Ela aponta para a minha roupa, quase idêntica ao traje de cavaleiro de Leonardo DiCaprio naquela versão dos anos 1990 de *Romeu e Julieta*, feita com nossas fantasias antigas de Halloween e coisas do brechó. Arranjamos até uma ombreira e uma espada de mentira. Ela tira uma foto. — Fala sério, essa é a ideia mais épica do mundo. Você, meu amigo, é um gênio. O aluno acabou virando o mestre. A lagarta August se transformou numa borboleta. O...

— Você sabe que muito provavelmente a Ella vai me dar um fora, né?

— Se ela fizer isso, é porque não tem coração.

O Jeep vai diminuindo a velocidade enquanto entro na garagem e estaciono. Fico tão enjoado que coloco a mão na barriga para ver se está tudo bem.

— É agora ou nunca — anuncia Tiny.

— Ou, pelo menos, agora vai a minha dignidade.

Tiny sai do carro e me dá uma piscadinha.

— Mando uma mensagem quando as coisas estiverem mais tranquilas. E boa sorte!

Ela vai em direção à casa de Ella e eu fico ali, recostado no banco, tentando me acalmar.

A viagem até que foi rápida, mas esperar o sinal de Tiny parece uma eternidade.

Tiny

Tô aqui falando com os pais. A Ella tá lá em cima. VAI LÁ BUSCAR ELA, ROMEU!

Saio do carro e vou na ponta dos pés até o portão dos fundos. Levanto a tranca e ando devagar até o pátio, onde aqueles janelões da sala dão para a piscina. Tiny e os pais de Ella estão conversando nos sofás enormes lá dentro e, embora não estejam olhando para as janelas, ainda estou no campo de visão deles, então provavelmente perceberiam se um cara com uma armadura esquisita aparecesse no quintal.

Eu

Tô no quintal. Distrai eles aí.

Tiny olha o celular, mas faz questão de não desviar os olhos para a janela nem agir de um jeito que possa parecer suspeito. Depois fala alguma coisa para os pais de Ella e, apesar de eu não saber o que é, dá para ver que chama a atenção, porque na mesma hora eles viram a cabeça para ouvir melhor. É minha deixa para correr o mais rápido possível com essa armadura até o outro lado do quintal.

Paro bem embaixo da sacada de Ella, pego um saquinho e dou uma olhada para ver se vou conseguir acertar. Jogo o saco na janela dela e, mesmo leve, ele faz um barulho considerável ao bater no vidro. Fico esperando.

Enquanto os segundos se passam, começo a me perguntar se Tiny não se enganou sobre Ella estar no quarto.

Até a janela abrir e eu ver seu rosto confuso. Está com o cabelo preso num coque bagunçado, com short de pijama e regata. Quando vê o saquinho, vai até a sacada para pegar. Mas, ao me avistar no quintal, fica pálida. A raiva aparece, e sei que tenho menos de um segundo antes de ela me mandar embora. Na verdade, já está até virando as costas.

Então começo a recitar Shakespeare.

Levanto a mão dramaticamente.

— Mas, silêncio! Que luz que irrompe daquela janela? É o leste, e Julieta é o sol.

— Que merda é essa? — murmura Ella, a confusão tomando o lugar da raiva quando ela repara na minha roupa.

Pulo uns versos e coloco a mão no peito, dizendo tudo que não consegui falar da última vez que a vi.

— É a minha mulher, ó, é o meu amor! Ó, se ela soubesse que é ela!

Ela abre a boca e me olha como se eu tivesse pirado.

Penso na minha mãe e na tela cheia de tinta, em como gritei para a árvore, no que Des faria se estivesse aqui. Começo a falar mais alto, a voz cada vez mais cheia de emoção:

— Ela fala, mas não diz nada. O que fazer? O olhar dela fala alguma coisa, e eu vou responder.

Vou até a treliça perto da sacada, me agarro com força e torço para a estrutura não se descolar da parede.

— O que você tá fazendo aí? Desce agora! — grita o sr. Becker atrás de mim.

Mas não paro. Não dá para parar. Preciso que Ella veja que isso aqui importa, que *ela* importa. Vou recitando enquanto subo, completamente imerso nas palavras.

— Assim como o dia faz com a lâmpada, seus olhos no céu brilhariam tão forte que os pássaros cantariam pensando que a noite ainda não tinha chegado.

Agarro a grade da sacada e subo.

Ella me encara como se não soubesse se está chocada ou impressionada... Provavelmente as duas coisas. Os pais estão discutindo lá embaixo, mas nem ligo, só me preocupo com ela.

— Desculpa, Ella. De verdade. Sinto muito, do fundo do coração, por ter te magoado — digo antes que ela consiga se recuperar do choque e lembrar que me odeia. — Sei que isso não vai consertar o que eu fiz, mas, por favor, deixa eu explicar o motivo de ter feito aquilo.

Ela fica mordendo a bochecha, pensando, com os olhos fixos nos pais e em Tiny.

Depois do que parece uma eternidade, suspira.

— Tudo bem — diz. — Mas, se eu decidir que não quero nunca mais falar com você, vai ter que aceitar e me deixar em paz sem questionar.

— Combinado — respondo.

— Deixa comigo — grita ela para os pais lá embaixo.

O pai parece bravo, mas a mãe diz alguma coisa e ele acaba entrando em casa de má vontade.

Volto a olhar para Ella e de repente percebo como essa sacada é apertada e como a gente está perto um do outro. Dá até para sentir o cheiro de baunilha do xampu dela.

— Tem umas coisas que eu falei que não eram verdade.

— Tudo, você quer dizer — interrompe ela, a voz afiada.

— Não tudo. Meu nome, minha mãe ter um iate e eu gostar de mocassins... Isso, com certeza, era mentira. Mas todo o resto era verdade: o que contei sobre a minha irmã e sobre minhas pinturas, por exemplo — digo. Ela cruza os braços, deixando bem claro que preciso me explicar melhor. — Mas vou te contar tudo que você não sabe: minha mãe é uma ótima pintora, mas vive sem trabalho. Não somos ricos. Não viajamos o mundo nem temos uma mansão. A real é que a gente mal tem um carro velho. E, quando meu pai foi embora, minha mãe desmoronou. Parou de pagar as contas, parou de fazer comida, parou com tudo. Foi aí que a Des, minha irmã, tomou as rédeas da situação. Preparava meu lanche pra escola, fazia piada quando as coisas ficavam pesadas e, quando eu tinha pesadelo, deitava comigo até eu pegar no sono. — Faço uma pausa. — Ela era tudo pra mim.

Ella não parece muita convencida, mas pelo menos não está me chutando da sacada.

Olho para as minhas mãos e retomo de onde parei.

— Até que a Des conheceu aquele tal de Kyle. Era carismático pra cacete. Egoísta. Muito parecido com o Justin. — Ela me observa como se estivesse decidindo se vale a pena se irritar. — Todo mundo amava ele, incluindo eu... Até que ele começou a fazer a Des se sentir obrigada a mudar, a "desencanar", a fazer coisas que ela não estava acostumada a fazer: beber, mentir, sair escondida de casa. — Sei que Ella sacou a comparação, mas não diz nada. — Enfim, Kyle tinha um carrão que usava pra correr numa rua sem saída perto de casa. — Ela franze o cenho, claramente preocupada. — Uma noite a gente recebeu a

notícia de um acidente. Quando chegamos, o carro estava destruído depois de bater num carvalho. Kyle disse que um cervo apareceu na frente e eles acabaram perdendo o controle tentando desviar. Não sei — digo, e só aí me dou conta de que é a primeira vez que conto essa história para outra pessoa. — Só sei que minha irmã, a pessoa que eu mais amava no mundo, morreu. Fiquei completamente sem chão. — Ela respira fundo, e talvez seja coisa da minha cabeça, mas seus olhos parecem mais suaves. — Tiny é o único motivo pra eu ter... Ela me salvou. Com uma ideia. De que talvez a gente pudesse ajudar outras pessoas que estivessem tomando decisões prejudiciais porque estavam presas em relacionamentos ruins. Ela teve a ideia de criar uma empresa. E entendo que você deve estar puta com a existência dessa empresa, principalmente com o fato de ter sido forçada a fazer parte disso, mas eu não tô. Não me arrependo de nenhum caso em que a gente trabalhou, nem do seu. Eu não pude salvar a minha irmã, não sabia como ajudá-la, mas vou fazer tudo que puder para ajudar outras pessoas. Mesmo que eu acabe me apaixonando pela garota que estiver precisando de ajuda. Mesmo que ela decida nunca mais olhar na minha cara.

— Não preciso que você me salve — rebate ela.

— Eu também pensava assim, mas não tenho mais tanta certeza. Acho que todo mundo precisa de alguém que dê uma força nos momentos críticos, que divida um pouco do fardo com a gente. Às vezes as coisas são pesadas demais pra carregarmos sozinhos, e tudo bem, faz parte. — Respiro fundo. — Eu não tenho problema em admitir que preciso da Tiny. Ela já me salvou várias vezes. Faz isso todo dia quando entra pela minha janela com uma ideia maluca na cabeça e uma xícara de café na mão. E, sendo bem sincero, você também me salvou.

— Eu? — pergunta, meio incrédula.

— Eu te contei um monte de coisa que jurei que nunca mais falaria. Você me fez querer ir à loja de artesanato em que prometi nunca mais colocar os pés. Mais do que isso, me fez sentir algo que eu nem sabia que era capaz de sentir.

— O quê? — pergunta, como se não quisesse saber, mas também não conseguisse evitar.

— Você fez eu me sentir eu mesmo... Ou melhor, me fez voltar a ser aquela versão que não tinha medo de se importar com outra pessoa. Uma versão que

se importa com você.

Ela solta um suspiro irritado.

— Porra, August. — Meu coração dispara quando ouço meu nome real saindo da boca de Ella. Soa muito melhor na sua voz. Ela passa a mão no rosto. — Eu quero te odiar. Quero muito. Então para com isso, vai. — Eu a encaro, sem entender, e ela faz um gesto na minha direção. — Essa explicação... Sei lá, essa sinceridade.

— Você quer que eu pare de ser sincero?

— Sim, quero que você seja exatamente o idiota que imaginei pra eu poder jogar dardos num alvo com a sua cara e postar uns insultos disfarçados de indiretas sobre você no meu blog — diz de uma tacada só.

Por mais que tente ficar brava, a raiva sumiu da sua voz.

— Se quiser eu ajudo com os insultos. Mereço todos eles.

— Cala a boca, vai — diz, tentando se manter irritada. — Me fala uma coisa: você jogou aquele café em mim de propósito? — pergunta. Coço a sobrancelha, com a expressão culpada. — Meu Deus! — exclama, surpresa. — Sério, não acredito que gostei de um cara que jogou café em mim *de propósito*.

— Gostou? — repito, sentindo um frio na barriga.

Ela fica vermelha.

— É. No passado. *G-O-S-T-E-I*.

Não consigo segurar o sorriso.

— O tempo é uma ilusão. Passado e futuro são a mesma coisa.

— Por isso que você tá com esse look medieval?

— Seu filme favorito é *Romeu e Julieta*...

— É, não me esqueci disso — rebate, sem baixar a guarda.

— Olha, antes de te conhecer, eu com certeza bateria no peito pra dizer que o Romeu é um banana emocionado.

Ela arqueia a sobrancelha, curiosa.

— Ah, é? Quer dizer que de repente você mudou de ideia?

Sustento seu olhar.

— Ele enfrenta tudo e todos pela pessoa que ama.

Ela fica completamente imóvel por um segundo.

— O que você quer dizer com isso?

— Tô dizendo que quase te beijar foi uma das melhores coisas que já me aconteceram.

Ela morde os lábios, como se estivesse pensando.

— Vou pra Londres estudar jornalismo — fala, baixinho. — Consegui a vaga antes de o prazo acabar.

Abro um sorriso de orelha a orelha.

— Que incrível!

Ela me encara com aquele ar de entrevistadora.

— Ué, se quase ter me beijado foi tão importante pra você, como é que você pode achar incrível? Não era pra você estar me convencendo a ficar?

— Eu nunca faria isso — digo. — Aliás, se algum dia eu sugerir que você coloque os meus desejos acima dos seus sonhos, pode me jogar dessa sacada sem nem pensar duas vezes.

Ella me encara como se estivesse questionando a si mesma. Depois de alguns segundos, concorda com a cabeça, como se tivesse tomado uma decisão. Ela ergue o saquinho.

— Que isso?

— Abre.

Ela puxa a cordinha e tira de dentro um tecido com o bordado de uma cabeça de leão e, no fundo, o símbolo do signo de escorpião. Tem alfinetes nas bordas e, no leão, umas miçangas em homenagem a Des. Ela passa os dedos sobre o bordado meio tosco e me olha com uma expressão suave.

— Você que fez? — pergunta, surpresa.

Coço a nuca, meio sem graça, e recito, baixinho, outro verso de Shakespeare:

— Meu coração já amou antes? Juro que não, visão. Pois nunca tinha visto beleza de verdade até essa noite. — Depois volto ao normal e acrescento: — Tô me apaixonando por você, escorpiana.

Ela fica toda vermelha e, sem querer, meus olhos vão até seus lábios.

— Percebi — diz, me pegando no flagra, mas não parece uma crítica. — E tudo o que eu tô dizendo é... talvez.

Meu coração dispara na hora, e engulo em seco.

— Talvez?

— É sua palavra favorita — responde. — Descobre aí.

Tô sorrindo tanto que minha mandíbula chega a doer. Toco de leve na constelação de sardas no seu rosto, depois ergo um pouco seu queixo. Quando ela dá um sorrisinho, beijo devagar seus lábios, provocando e sentindo seu hálito quente se misturar com o meu. Minha mão desliza pelo pescoço e pelas costas dela, decorando o gosto do gloss de pêssego e o jeito como sua boca se move no mesmo ritmo que a minha. Ela fica na ponta dos pés, entrelaça os dedos no meu cabelo e, quando nossos corpos se tocam, sou tomado por um calor forte. Sinto ela sorrir no meio do beijo, e aí tudo se transforma e fica mais urgente. Antes que eu me dê conta, a puxo para cima, ela enrosca as pernas na minha cintura e, por um instante, me pergunto se existe alguma coisa melhor que isso no mundo.

Vai ver Tiny estava certa o tempo todo: talvez esse negócio de amor seja mesmo bom demais.

68
VALENTINE

Encho um potinho com rabanada recheada de cream cheese para dividir com August. Minha mãe anda tendo uns desejos bizarros, e tô aproveitando sem a menor vergonha na cara.

Passei a última hora contando para os meus pais a jogada de mestre de August para conquistar Ella e como eu bati de frente com os pais dela: no fim das contas, não só pediram desculpa por ter exposto nosso site para a imprensa, como também concordaram que talvez não fosse o fim do mundo se August e Ella ficassem juntos. Conto que os Becker reconheceram que foi sacanagem tentar manipular a gente com dinheiro e que eu respondi na lata que a gente não queria nem um centavo daqueles dois.

— Sei que o August não ia aceitar isso — digo. — E entendo, lógico. Mas *talvez* tenham topado bancar anonimamente a faculdade dele depois que eu joguei na cara deles que a gente colocou a Ella de volta nos trilhos enquanto eles ferraram a nossa empresa e atrapalharam os nossos sonhos.

— Você sabe que a gente pode ajudar, né? — diz minha mãe, dando um gole no chá de limão. — Mesmo que eles não topem contribuir com a faculdade. O August faz parte da nossa família.

Abro um sorriso.

— Acho que ele não aceitaria de primeira, mas, se fosse um apê fora do campus onde ele pudesse levar o Swee, talvez acabasse cedendo — comento, e já vejo minha mãe bolando um plano. — Vai saber... de repente a Ella amolece o coração dele. Vocês tinham que ter visto ele vestido de Romeu. Fiquei

morrendo de vontade de filmar. — É bom poder falar da Amor de Verão com meus pais, assim, sem rodeios. Guardo a comida na bolsa, passo o dedo num monte de chantilly e depois lambo tudo. — Beleza, vou levar isso pro August antes que esfrie e perca a graça.

Saio pela porta dos fundos e pulo os degraus da varanda. Bentley já está lá fora malhando sem camisa e acabo hesitando um pouco, mas prometo a mim mesma que vai ser só uma paradinha rápida.

— Não liga pra mim, não, só vim jogar conversa fora enquanto finjo que não tô encarando seu tanquinho — digo, repetindo a piada dele de um mês atrás.

— Finalmente! — Ele ri, como se eu tivesse de fato cedido. — O que acha de pegar uma praia, hein, Valentine? Nós dois, ondas, areia, eu fingindo que tropecei só pra poder encostar em você...?

— Sei não... tava pensando em deixar você sofrer mais um pouquinho.

— Acredita em mim, já sofri pra caramba. Pode perguntar pros gêmeos.

— Também tem o detalhe de que o verão passa rápido. E que logo, logo vou pra Califórnia, então a gente devia aproveitar.

— Exatamente — concorda. Ele estende a mão, esperando minha resposta. Quando abro um sorriso, ele pega na minha cintura e me puxa para a frente. — Não tem hora melhor do que agora.

Dou risada, lanço um olhar brincalhão para ele e encosto de leve no seu peitoral. Nossas bocas estão a centímetros de distância.

— Você tá perigosamente perto de mim — provoco.

Ele dá um sorrisinho.

— É meu jeito, só gosto de falar se for bem pertinho. Faço isso com todo mundo.

Arqueio as sobrancelhas.

— Ah, é?

— Isso aí.

— Até com seus professores e aquele cara de nariz peludo do mercado?

— Principalmente com eles. — Dou risada, e ele me encara com tanta intensidade que fico tonta. — E sobre a Califórnia... — diz, baixinho. — Ouvi dizer que as ondas são boas, viu? Quem sabe eu não monto um acampamento de surfe por lá?

Meu coração martela no peito, e, no impulso, acabo passando o dedo no seu lábio inferior. Ele prende a respiração, me olha de um jeito que me faz perder o controle e eu o beijo cheia de vontade e urgência.

— Beleza — digo, empurrando o peitoral dele e tentando recuperar a compostura. — Vou indo nessa. — Dou um passo para trás. — Mas te encontro daqui a pouco.

Ele desaba na grama como se tivesse sido atingido por uma flecha.

Faço o maior esforço para me virar e ando com um sorriso de orelha a orelha até a casa de August.

Subo a escada e entro pela janela.

— Bora acordar, Romeu... — digo, mas só encontro Swee na cama bagunçada, roncando de barriga para cima.

Vou até o corredor e começo a ir em direção à escada, até ouvir um barulho vindo do quarto de Des. Por um segundo, acho que é coisa da minha cabeça.

— August? — chamo, parando no meio do caminho.

— Tô aqui — responde ele, e sua voz abafada me dá um susto.

Abro a porta com cuidado, o coração disparado. Mas não sou recebida por aquele cheiro de ar estagnado; pelo contrário, o que sinto é uma brisa fresca entrando pelas janelas abertas. A vela acesa na mesinha de cabeceira exala um cheiro tão familiar que quase espero encontrar Des na cama, lendo poesia enquanto faz as unhas.

August está sentado no chão, rodeado por álbuns de fotos.

— Desculpa — digo, sentindo que invadi algo pessoal demais. — Não quis atrapalhar. É que a minha mãe pediu comida pra você e...

— Não tá atrapalhando, não — diz, erguendo o olhar para mim. — Só pensei em dar uma organizada nessas coisas. De repente pegar minhas tintas de volta?

— Sério? — pergunto, com um bolo na garganta. — Ah, maravilha. Faz isso, sim.

— Se quiser, pode...

— Quero! — exclamo antes mesmo de ele terminar a frase. — Quero, sim.

Ele abre um sorriso enquanto me sento de frente para ele no tapete, um lugar que ocupamos desde que éramos crianças. Des nunca se incomodava com a gente colado nela o tempo inteiro. Na verdade, até curtia: falava que se sentia

a capitã de um time maneiro. Lembranças de infância começam a pipocar na minha cabeça, como se eu estivesse assistindo a um filme antigo. Estico a mão para o ponto onde, aos dez anos, eu rolava de costas, rindo até ficar sem ar, inventando mais um projeto maluco com meu melhor amigo e sonhando com um futuro repleto de ideias doidas.

De repente me pego olhando para August, e a emoção daquela lembrança aumenta mais ainda o bolo na minha garganta.

— Quando você disse que não ia voltar pra casa nas férias, você tava falando sério?

Não sei por quê, mas tenho a impressão de que essa é a pergunta mais importante que já fiz, como se aquelas nossas versões felizes da infância estivessem em jogo.

Ele levanta a cabeça e pensa um pouco.

— Não — diz, depois olha para baixo, a vulnerabilidade deixando suas bochechas vermelhas. — Eu sentiria muita saudade daqui.

Essa simples confissão me atinge de um jeito que eu não esperava. Saber que ele também sente uma conexão com este lugar me dá um conforto imenso, tipo um abraço que eu não sabia que estava precisando. Faço que sim rapidamente, erguendo o queixo para tentar controlar a emoção. Aí vejo nós dois, desta vez não mais como duas crianças, mas como estudantes universitários usando nossos moletons da faculdade, ainda rindo, ainda pensando em novas ideias. Só que agora isso não parece mais tão distante quanto antes. Nosso escritório no deque e a janelinha que dá no quarto de August não são só lembranças: estão bem aqui, fazem parte de quem a gente é.

Quando ele vê a minha expressão, fica paralisado por um segundo, como se estivesse com uma dúvida na ponta da língua. Mas tudo que diz é:

— Tiny?

— Bom, espero que você não esteja achando que vou te deixar curtir essa vida de verão eterno e aulas de negócios sem mim. Porque não vou.

A ideia é que soe de um jeito descontraído, mas as palavras acabam saindo sérias demais. É uma confissão de que, embora eu vá ter saudade de casa, sinto que, se não for, vou acabar deixando algo muito maior para trás.

Ele faz que sim. Sem ironia, sem reclamar do tempo que demorei para decidir. Só abre um sorriso tão sincero que preciso desviar os olhos para não

chorar. August e Tiny. Tiny e August. Juntos em mais uma aventura.

— Vou sair com o Bentley mais tarde — aviso. Pela primeira vez, não me sinto estranha por tocar nesse assunto. — E você? Vai se encontrar com a Ella?

Ele sorri.

— Ela vai vir aqui em casa.

— Aqui? — pergunto, pega totalmente de surpresa.

Não sei qual foi a última vez que August convidou alguém pra casa dele. Nem eu sou convidada. Só apareço.

— A gente vai na galeria lá no centro da cidade ver as artes da minha mãe. Depois, sei lá, acho que dar um pulo na Lanchonete do Bob e pegar uma praia — diz. Fico tão boquiaberta que meu queixo quase bate no chão. — Você e Bentley podem vir, se quiserem — oferece, e fico completamente sem palavras.

— Peraí. Eu desmaiei? Tô acordada? — pergunto, porque não sei mesmo.

Ele cai na risada e eu também. Falo que não perderia por nada a tão esperada estreia dele como August do Cabelo Maravilhoso e pergunto se ele topa usar looks combinando para a nossa saída em casal, mas ele não responde. Mesmo assim, não consigo tirar o sorriso do rosto. Não sei se o Bentley vai para a Califórnia ou se August e Ella vão conseguir lidar com a distância, mas, sinceramente, não tem a menor importância agora, porque estamos no verão e, como já diz o nome da nossa empresa, o verão foi feito para curtir o amor.

August volta a atenção para o álbum de fotos e aproveito para dar uma espiada numa das caixas que ele pegou. Dentro dela tem uma pilha de pinturas em aquarela. A primeira é um retrato da Des no deque, com os cabelos esvoaçando e um olhar tranquilo. Depois, ela deitada na grama cobrindo os olhos com o braço. E outra dela olhando pela janela, sentada na escrivaninha. E assim por diante. São várias, cada uma capturando tão bem a essência da Des que fico com o coração apertado. Será que foi isso que ele ficou fazendo depois que ela morreu? Colocando as memórias na tela? Não foi à toa que parou de pintar.

Mordo os lábios, tentando me segurar para não ficar emocionada e fazer ele se arrepender de ter me chamado aqui.

Quando finalmente ergo os olhos, August pega algo da mesa de cabeceira: o diário da Des, que ele já deixou bem claro que a gente nunca iria ler. Meu

coração começa a acelerar e fico com medo de me mexer, como se qualquer coisa pudesse destruir a magia do momento.

69
AUGUST

Dou um gole no café e, ao colocar a xícara na mesinha de cabeceira de Des, acabo esbarrando no diário dela. Mas, em vez de afastar a mão, fico parado, com a palma sobre a capa em relevo. Por fim, acabo pegando. Está bem pesado, cheio de Polaroids e ingressos de shows. Quase na mesma hora minha mente começa a fazer desenhos. Dessa vez surge não apenas uma, mas várias imagens: um retrato de Des, de como ela estava na última vez em que a vi escrevendo no diário, toda curvada no chão do quarto, numa posição parecida com a minha agora. Desenho o cheiro das panquecas de chocolate que ela fazia, o som da sua risada. E, à medida que os desenhos vão se formando, sorrio para eles, prometendo, pela primeira vez, que não vão viver apenas dentro da minha cabeça. Ella tinha razão; de alguma maneira, minha arte sempre foi uma conversa com a minha irmã, com o mundo, um jeito de me comunicar quando eu ainda não tinha a menor ideia de como fazer isso.

Passo os dedos pela capa do diário e abro na página marcada pelo fitilho. Sempre pensei que abri-lo seria uma invasão de privacidade. E talvez seja mesmo. Mas, caramba, sinto tanta saudade da minha irmã que a vontade de ler algo que ela escreveu acaba superando todo o resto.

Pigarreio e começo a ler em voz alta.



É a última sexta-feira antes da volta às aulas, mas não tô nem aí. Vou sentir saudade do verão, claro, mas também já tô sonhando com os suéteres de outono, chocolate quente com especiarias e uma viagem superlegal que tô planejando fazer com o August e a Tiny pra New Hampshire, pra tomarmos sorvete caseiro e ver as folhas mudarem de cor. Dá até pra ouvir eles rindo no quarto do August agora. Ou melhor, quase tendo um troço de tanto gargalhar. Fico tão feliz que ele tenha a Tiny. Sei que vivo escrevendo isso, mas esses últimos anos com a minha mãe estão sendo bem complicados. Pra ser bem sincera, fico muito feliz que eu tenha eles dois. *Eles nem sabem, mas é a alegria deles que me mantém de pé.*

Olho para Tiny, que está com os olhos marejados e sorrio, grato pelo tempo que passei com a minha irmã e por todos os dias que ainda compartilho com a minha amiga.

Talvez Tiny tivesse razão naquela época em que dizia que deve ter um monte de gente como nós por aí, vários Augusts e Tinys fazendo amizade pela vida afora. Agora eu secretamente espero que isso seja verdade. Ela nunca desistiu de mim e nunca, nem por um segundo, me julgou complicado ou

difícil demais. Perder a Des quase me destruiu, mas agora vejo que ainda tenho alguém em quem confiar, que não estou sozinho. A verdade é que todo mundo merece uma melhor amiga como a Tiny.

AGRADECIMENTOS

Livros são uma coisa mágica. Começam como uma ideia meio vaga, quase como uma fumacinha sem forma, mas, quando você alimenta essa ideia, ela se transforma numa fogueira, algo lindo que pode ser compartilhado com todo mundo. Claro, isso só acontece com o trabalho e a dedicação de muita gente. Para mim, tudo começa em casa — com o amor de Wolf, Pirate, Sasi, Nonno e Kit, minha família que sempre me dá forças e cria espaços acolhedores para eu continuar criando. Nem sei como tive tanta sorte.

Também não posso deixar de mencionar minha querida agente, Ro, que é minha família no trabalho. Ela sempre me dá apoio incondicional e tem um coração enorme. Só o fato de a ter por perto já torna tudo mais brilhante.

Fico muito feliz por poder contar com a equipe maravilhosa da Blackstone, que trouxe toda a sua criatividade e o seu amor para este livro — Dan Ehrenhaft, Lydia Rogue, Josie Woodbridge, Sarah Riedlinger, Rebecca Malzahn, Tatiana Radujkovic, Francie Crawford, Nikki Carrero, Brianna Jones, Katrina Tan, David Baker, Amy Craig e Riam Griswold.

Thug je che na (muito obrigada) a Geshe Dorji Dumdal-la por ter traduzido a citação do *Bodhisattvacharyavatara*, de Shantideva. Ele sempre foi extremamente paciente e gentil comigo ao longo dos anos, sempre disposto a responder minhas perguntas filosóficas e me incentivando a olhar para o mundo a partir de perspectivas diferentes. Conhecê-lo é uma verdadeira bênção.

Meus parceiros maravilhosos de crítica — Kerry Kletter, Jennifer Niven, Lana Harper, Jilly Gagnon, Chelsea Sedoti e Jeff Zentner —, que estão sempre

ali, na linha de frente, lendo meus livros antes de todo mundo e comemorando quando finalmente são publicados. Vocês são o máximo!

Também agradeço demais ao meu médico, dr. Effi Hochberg, por ter salvado a minha vida, ter me dado uma segunda chance e transformado cada dia em um momento especial, fazendo com que viver se tornasse, para mim, a melhor das aventuras.

Por último, mas nunca menos importante, a todos os meus queridos leitores e membros da FAMB. Eu valorizo cada um de vocês. Vocês significam muito mais do que imaginam. Amo todos vocês.

Título original
THE BREAKUP ARTISTS

Copyright © 2024 *by* Adriana Mather

Ilustrações: Booboo Stewart

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, armazenada em sistema, ou transmitida, sob qualquer forma ou meio, sem a autorização prévia, por escrito, do editor, não podendo, de outro modo, circular em qualquer formato de impressão ou capa diferente daquela que foi publicada, tampouco pode ser utilizada ou reproduzida de qualquer forma para o treinamento, desenvolvimento ou operação de tecnologias ou sistemas de inteligência artificial (IA), incluindo tecnologias de IA generativa; sem as condições similares, que, inclusive, deverão ser impostas ao comprador subsequente.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
NINA LUA

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Edição digital: outubro, 2025.

Os personagens e acontecimentos neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência, sem haver nenhuma intenção da autora de retratá-las como real.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M378c
Mather, Adriana
Cupidos às avessas [recurso eletrônico] / Adriana Mather ; ilustração Booboo Stewart ; tradução Isabel Rodrigues. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2025.
recurso digital

Tradução de: The breakup artists
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5595-395-4 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Stewart, Booboo. II. Rodrigues, Isabel. III. Título.

25-99551.0 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643
30/07/2025 01/08/2025

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A AUTORA

Adriana Mather é autora best-seller do *New York Times* das séries *How to Hang a Witch* e *Killing November*, que remetem a Sleepy Hollow, aos julgamentos das bruxas de Salém e ao Titanic. Mais recentemente, ela se jogou de cabeça em seu amor por romances com *Cupidos às avessas.* Também é atriz e produtora audiovisual, além de coproprietária da Zombot Pictures, uma produtora de longas-metragens.

Índice

Capa
Folha de rosto
Dedicatória
Sumário
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26

Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62

Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68
Capítulo 69
Agradecimentos
Créditos
A Autora



Com um pouco de sorte

Meyer, Marissa
9786555952971
336

Compre agora e leia (Publicidade)

Maquinando nas sombras de uma misteriosa e esquecida taverna (ou seja, a empoeirada loja de discos da família), o poderoso mago (quer dizer, o grandecíssimo nerd) Jude Barnett planeja sua próxima aventura. Na verdade, ele rascunha mais uma de suas campanhas de Dungeons & Dragons enquanto cuida do caixa. Aquela noite de microfone aberto, organizada pela sua melhor amiga e extraordinária barda Araceli, a Magnífica, não prometia ser das mais surpreendentes, mas não seria a primeira vez que a sorte ali na Ventures Vinyl resolveria dar uma forcinha ao destino.

Quando menos espera, Jude se vê numa inexplicável maré de sorte. É como se só rolasse vinte no seu D20! Trabalhos de escola esquecidos passam impunes. Gafes sociais viram piadas épicas. Até a linda e popular Maya Livingstone, por quem Jude é apaixonado desde que se entende por gente, de repente parece interessada em seu jogo de D&D...

Com tanta sorte dando sopa, é claro que ele não perderia a oportunidade perfeita de chamar Maya para sair. Mas a cada segundo que passa, ele não consegue deixar de se perguntar: e se essa sorte toda na verdade se tornar uma falha crítica? Será que ele ainda terá a coragem de enfrentar o próprio coração e se provar digno de conseguir o que quer?

Compre agora e leia (Publicidade)



O imperador da Felicidade

Vuong, Ocean
9786555953985
400

Compre agora e leia (Publicidade)

"Porque lembrar era preencher o presente com o passado, o que significava que o custo de se lembrar de qualquer coisa,

fosse o que fosse, era a própria vida. Nós nos matamos, ele pensou, ao lembrar."

Numa noite chuvosa de fim de verão, um jovem imigrante está prestes a se jogar de uma ponte na Felicidade do Leste, uma cidadezinha esquecida no interior de Connecticut. Do outro lado do rio, porém, uma voz o impede — é Grazina, uma viúva lutando contra o avanço da demência. Essa conexão improvável entre duas pessoas à deriva dá início a uma relação que, ao longo de um ano, se transforma em um frágil pacto de sobrevivência mútua.

O imperador da Felicidade é uma história sobre aqueles que vivem à margem da sociedade — jovens, velhos, imigrantes, pobres, viciados —, descartados pelo sonho americano e relegados aos bastidores do progresso. Ocean Vuong transforma esses esquecidos em protagonistas de beleza pungente, capturando momentos de conexão humana em meio ao colapso econômico, à rotina esmagadora do trabalho, às minúsculas perdas diárias e à insistência em, apesar de tudo, continuar vivendo.

Com sua prosa precisa e lírica, Vuong revela como a dor compartilhada pode abrir espaço para ternura e pertencimento, mesmo entre aqueles que o mundo insiste em esquecer. Aqui, não há idealizações, apenas a verdade crua e bela do que significa seguir em frente. Uma história sobre segundas chances — não como milagres, mas como mínimos atos de coragem cotidiana.

"Impressionante… Uma análise profunda e impactante daqueles que vivem à margem da sociedade e dos singulares desafios que enfrentam para sobreviver e prosperar." **– Oprah Winfrey**

"O romance transborda de sentimento por figuras que, embora desprezadas pela sociedade, ainda assim vivem e sobrevivem

nela." **– The New Yorker**

"Ocean Vuong mistura luto, cura e resiliência em uma narrativa poderosa e poética." **– PBS NewsHour**

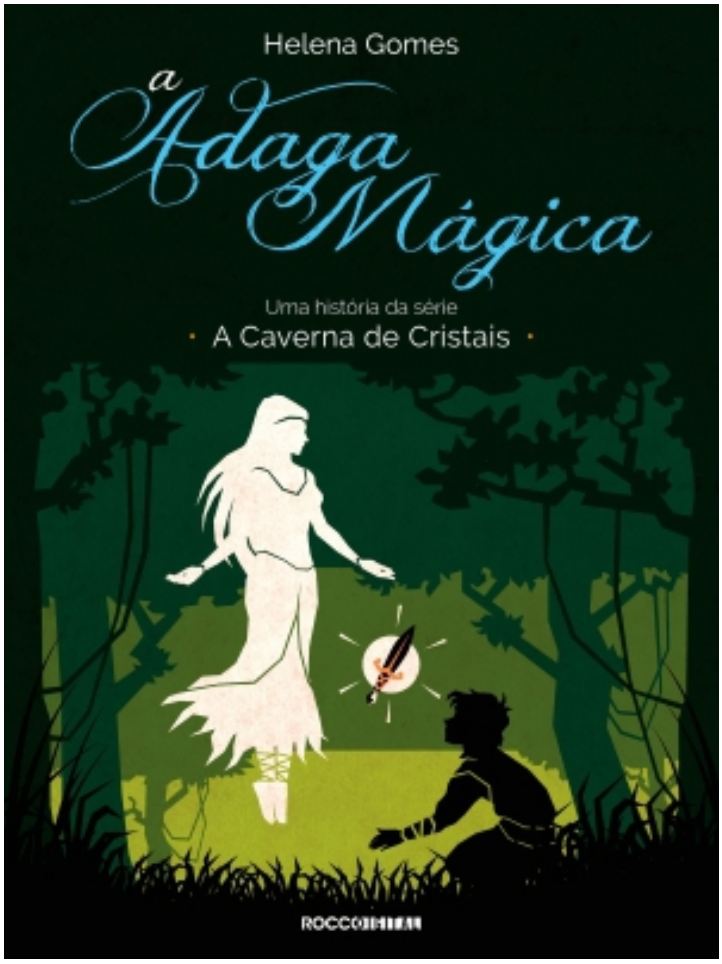
"Emocionante e comovente, mas nada sentimental, e de um humor selvagem, tudo ao mesmo tempo." **– The Guardian**

"Vuong desafia categorizações fáceis. Seus livros tendem a vasculhar as pequenas intimidades da vida em busca das verdades profundas da conexão humana." **– NPR**

"Explorando temas de guerra e trabalho — o sofrimento, a dignidade —, o romance épico de Vuong é uma homenagem vigorosa à comunidade, às relações e a personagens que, tendo somente uns aos outros, têm muito." **– Booklist**

"Uma abordagem sui generis sobre as maneiras surpreendentes e cruéis como a violência é transmitida de geração em geração." **– Kirkus**

Compre agora e leia (Publicidade)



A adaga mágica

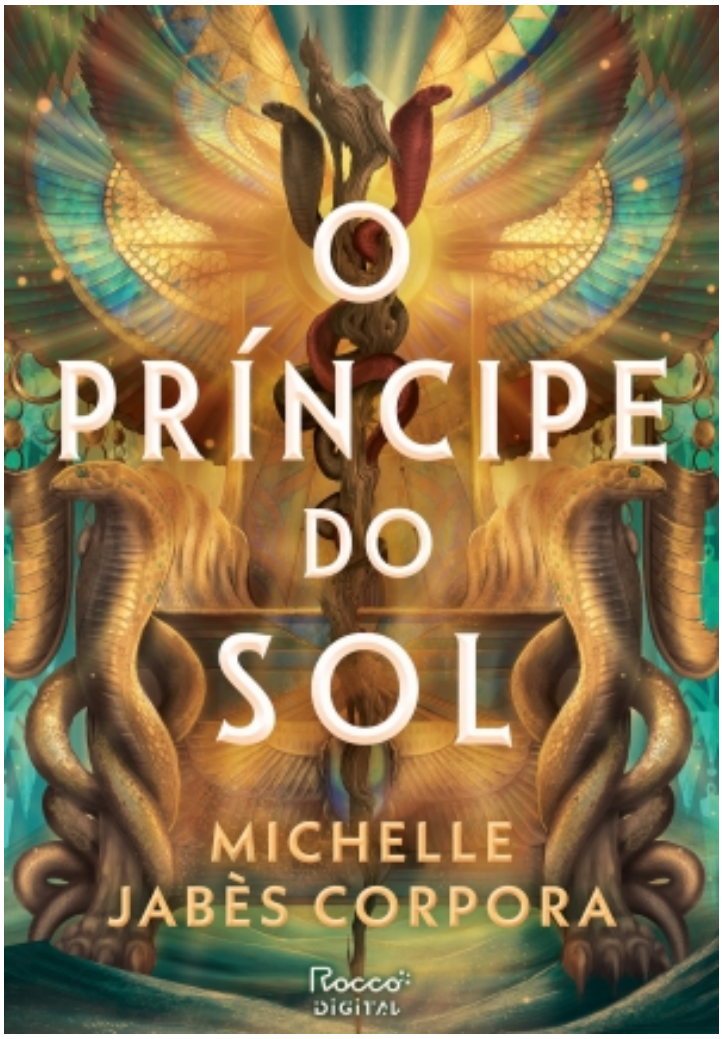
Gomes, Helena
9788581225265
42

Compre agora e leia (Publicidade)

Depois de passar seis anos trancafiado no mundo dos elfos, Razeel ganha o melhor presente de aniversário de Lyriel: a liberdade, mesmo que temporária. Porém, sua aventura se torna bem mais complexa e reveladora do que ele podia imaginar. Ele é levado ao

passado para salvar a vida de Drake, mas acaba diante de uma antiga paixão que poderá tirá-lo novamente dos eixos. *A adaga mágica,* sequência de *O primeiro guerreiro,* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de trinta obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia (Publicidade)



O príncipe do sol

Corpora, Michelle Jabès
9786555954050
480

Compre agora e leia (Publicidade)

Épica e vibrante, *O príncipe do sol* é uma fantasia ricamente inspirada no Antigo Egito.

As tensões estão cada vez mais acirradas no grande reino de Khetara. Rumores sobre a misteriosa doença do faraó se espalham e, com eles, os sussurros de rebelião. Enquanto isso, no silêncio do deserto, um oráculo há muito esquecido começa a se revelar, desencadeando uma profecia sombria e reunindo quatro desconhecidos em um enigma milenar.

A princesa Sita vive na opulência do palácio e, em um momento de fraqueza, acaba revelando uma traição que colocará sua vida — e a de toda a corte — em grave perigo.

Neff, uma sacerdotisa em treinamento, luta para entender as intensas visões que recebe dos deuses, embora a magia deles não seja a única em ação no grande templo.

Filha de um fazendeiro, Rae sabe o quanto os homens do faraó tiraram de sua terra e de seu povo. Ainda assim, quem ousará enfrentar o todo-poderoso soberano?

Karim foi criado entre as Terras Vermelhas e saqueia tumbas para sobreviver, usufruindo da riqueza que os mortos deixaram para trás.

Mas, entre os espólios, um mal ancestral aguarda ansioso para despertar…

Agora, o derramamento de sangue se aproxima, e apenas juntos os quatro terão a chance de salvar o reino da destruição. Mas, quando a areia escaldante do deserto baixar, quem restará no trono de Khetara?

"Uma fantasia ousada e opulenta, que brilha com magia e intrigas!" **— Emily Thiede, autora de *Uma virtude mortal***

"Um mundo mágico que combina mitologia egípcia com intrigas políticas e romance, em uma narrativa cinematográfica… Uma leitura imperdível e envolvente." **— Publishers Weekly**

Compre agora e leia (Publicidade)



A herança da bruxa

Gomes, Helena
9788581224022
20

Compre agora e leia (Publicidade)

Décadas antes do nascimento do arqueiro Thomas, a jovem e inexperiente bruxa Couchet luta para sobreviver em Britanya, um reino dominado pelo preconceito e pela ignorância. Com a ajuda do elfo Razeel, a última bruxa da Ilha Média terá de se tornar a mestra

de um poderoso guerreiro, peça-chave na luta desesperada que os aguarda no futuro contra os temidos nergals. *A herança da bruxa* é uma história da série **A Caverna de Cristais,** uma das sagas de fantasia/ficção científica pioneiras dentro da promissora literatura fantástica brasileira. Helena Gomes já tem mais de vinte obras publicadas, algumas delas selecionadas para programas de leitura como o PNBE, e recebeu distinções importantes, como o selo Altamente Recomendável da FNLIJ.

Compre agora e leia (Publicidade)
